

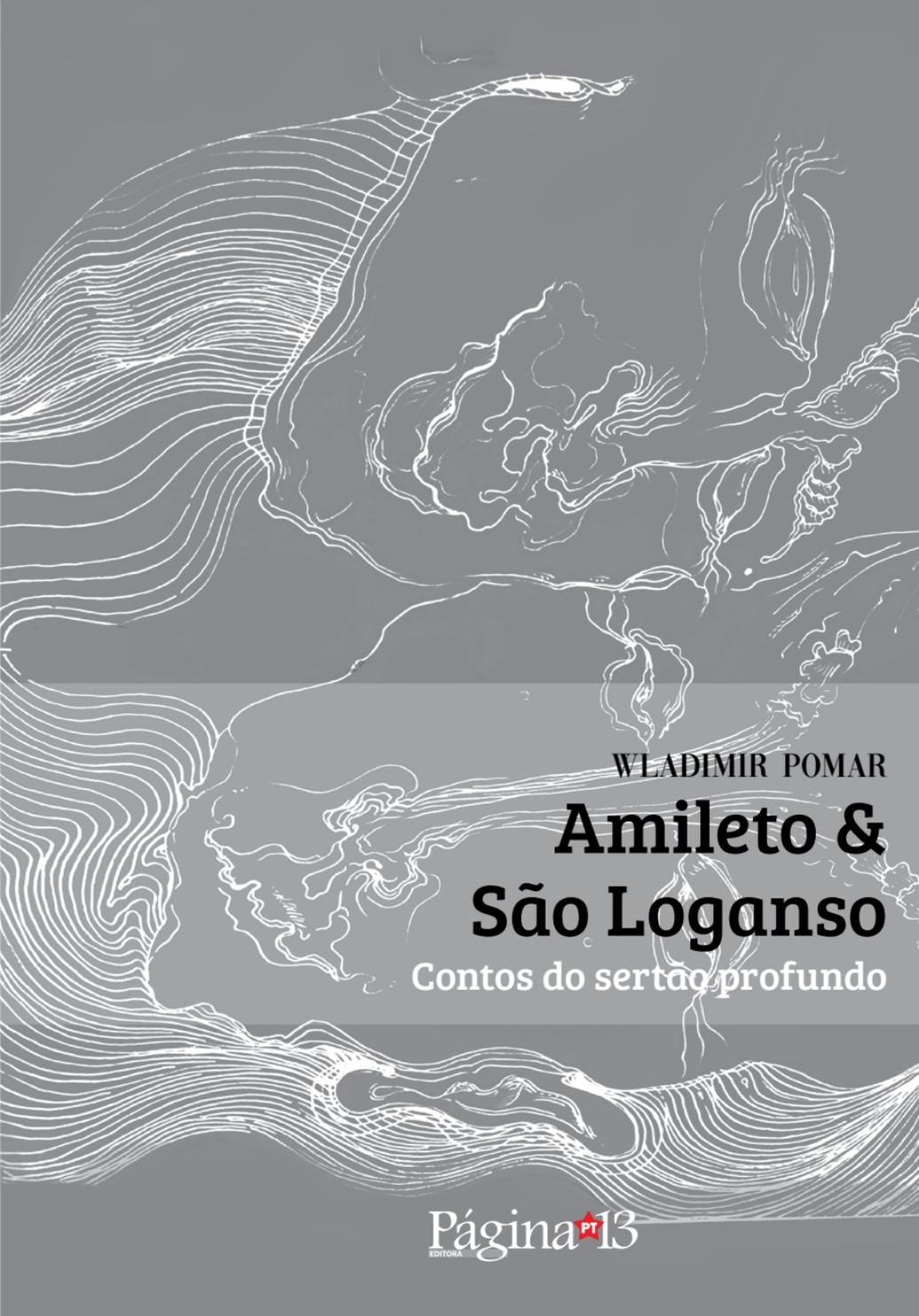
WLADIMIR POMAR

# Amileto & São Loganso

Contos do sertão profundo

Página <sup>PT</sup> 13  
EDITORA





WLADIMIR POMAR

# Amileto & São Loganso

Contos do sertão profundo

**2019, Ed., Página 13**

**AMILETO E SÃO LOGANSO**  
Contos do Sertão Profundo  
**Wladimir Pomar**

*Coordenação editorial*  
**Valter Pomar**

*Diagramação*  
**Emílio Font**

*Capa*  
**Amanda Pomar**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pomar, Wladimir.

Amileto e São Loganso, Contos do Sertão Profundo  
/ Wladimir Pomar. – São Paulo : Editora Página 13,  
2019

268 p. ; 12 cm.

ISBN 978-85-62508-40-0

1.Brasil. 2.Question agrária. 3.cooperativismo.  
4.Igreja. I.Título II Autor

**2019**

**Página<sup>PT</sup>13**  
EDITORA

[www.pagina13.org.br](http://www.pagina13.org.br)  
Rua Silveira Martins, 147, cj. 11. Sé, São Paulo, SP. CEP 01.019-000  
CNPJ 10.445.600/0001-17

# CONTEÚDO

AMILETO E SÃO LOGANSO.....	7
----------------------------	---

## Contos do Sertão Profundo

Prefácio .....	7
----------------	---

AMILETO .....	15
---------------	----

## O sertão das posses

SÃO LOGANSO .....	115
-------------------	-----

## Relatório Preliminar

Advertência.....	115
Lembranças.....	115
Um povoado antigo.....	123
São Losango passa à Igreja.....	125
Regime Cooperativista.....	127
Insucesso.....	129
Um novo caminho .....	130
As mulheres lutam.....	132
A primeira batalha .....	134
Tomada de consciência.....	136
Novas atividades .....	138
Vitória.....	139
Dissabores e fracassos.....	141
Propostas finais .....	143

SÃO LOGANSO .....	147
-------------------	-----

## **Um sertão serrano**

Advertência.....	147
Lembranças.....	147
A Serra.....	151
A Cooperativa.....	162
Os mutirões.....	175
A lei da Cooperativa.....	184
Pensando no futuro.....	205
A falação e a romaria.....	217
Mais falação.....	229
Avaliando o avaliado.....	246

AMILETO E SÃO LOGANSO

## Contos do Sertão Profundo

### Prefácio

Durante boa parte da segunda metade dos anos 1960 vivi a vida de posseiro e pequeno agricultor no norte de Goiás (hoje Tocantins). Convivi com outros agricultores similares e com um número crescente de lavradores oriundos principalmente do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia e Minas. Tudo coincidindo com a modernização conservadora do atrasado sistema latifundiário existente no Brasil, implantada pela ditadura militar.

Essa modernização foi conservadora porque não fez a reforma agrária e porque manteve os latifúndios, financiando-os, através do Banco do Brasil, para utilizarem máquinas e equipamentos, assim como técnicas agronômicas modernas. Paralelamente, também através do incentivo daqueles investimentos, tal modernização contou com a participação de inúmeras empresas industriais, comerciais e de serviços que investiram em antigas terras devolutas, principalmente na criação de gado e em plantações comerciais intensivas voltadas para o mercado internacional de *commodities* agrícolas.

Paralelamente, tal modernização reduziu brutalmente a necessidade de mão-de-obra para as atividades na produção agrícola, promovendo intensa expulsão de pequenos agri-

cultores que, até então, trabalhavam como agregados, parceiros, rendeiros, foreiros, meeiros, terceiros, obrigados ou não ao cambão, nos latifúndios daqueles e de outros estados brasileiros. Esses expulsos de antigos latifúndios se deslocaram tanto para cidades em processo de industrialização, principalmente para a grande São Paulo, quanto para zonas rurais com muitas áreas devolutas, a exemplo do centro e norte de Goiás e sul do Pará. De tal modo que, em pouco mais de 20 anos, a população rural brasileira caiu de 64% para 16% do total.

Foi seguindo esses deslocamentos que me deparei não só com pequenos agricultores tradicionais, proprietários de seus nacos de chão, quanto com uma maioria de lavradores-possesores, que amansavam terras devolutas e que, sem possuir sua propriedade efetiva, viviam instados a mudar, ameaçados pela ação dos novos investidores agrícolas, quase sempre com o apoio explícito das autoridades e das tropas policiais, ou pela ação direta de *bate-paus* ou *jagunços* a seu serviço.

Essa situação só se tornou nacionalmente pública no final dos anos 1970, quando a ditadura militar entrou em processo de retirada estratégica e a imprensa começou a se ver livre da censura, podendo publicar relatos a respeito, como pequenos grãos daquela realidade.

Por exemplo, no Boletim CPT, em jan./fev.76, um lavrador desabafa:

– “Somos um povo de desmatadores. Desmatamos primeiro Minas. Quando terminou a destoca, o fazendeiro não precisou mais de nós: tocou capim e boi e comprou máquina. Daí, nós viemos pro Norte, caçando serviço, jeito de viver com a família. Agora já desmatamos essa parte sul de Goiás e não tem mais precisão de nós por aqui. Querem que a gente toque pro Norte, para continuar nossa tarefa: desmatar.”

No mesmo Boletim, outro lavrador, de nome José Rodrigues Vieira, conta:

– “Eu sou do Maranhão, de um povoado perto de Carolina. Minha herancinha era pouca lá, então eu saí procurando um lugar mais liberto pra trabalhar...Quando chegamos aqui não tinha dono, não tinha picada, não tinha marco, não tinha placa, não tinha nada e tinha até moradores antigos, já de casas velhas. Isso, quando eu cheguei foi em 1964 e só lá pra 1972 é que chegaram esses Abdalla falando que era dono. Mas vê bem, quando o pessoal começou o patrimônio, começou a botar roça aqui, tem mais de 20 anos e era sertão bruto sem dono. Como é que apareceu dono só depois de ter a cidade, ter os serviços?”

Um morador de Xinguara, no Pará, conta à revista Isto É, de 08/03/78:

– “Cheguei como agrimensor que veio abrir a estrada. Plantei milho, feijão, mandioca e banana. Quando a roça já estava dando bem, veio um tal de INTERPA<sup>11</sup> dizendo que ia destruir 20 mil lotes. Invadiram minha roça, queimaram minha plantação e venderam as terras. Nunca me indenizaram nenhum tostão”.

Norman Gall, numa reportagem intitulada “Caminho para Rondônia”, relata, em “O Estado de S Paulo” de 26/02/78:

– “As empresas chegam à selva com aviões, agrônomos, advogados, ligações políticas, dinheiro do governo e criminosos de aluguel, conhecidos como capangas, cuja função será impedir a invasão de terras em litígio por novos posseiros e expulsar famílias das terras reivindicadas pela empresa.”

– “As empresas compram, a baixo preço, grandes áreas de florestas em que talvez haja já posseiros, vivendo... Às vezes os posseiros recebem algum dinheiro para abandonar a terra; ou-

---

<sup>1</sup> ITERPA: Instituto de Terras do Pará

tras têm as coisas incendiadas pelos capangas e os pequenos lotes de agricultura de subsistência semeados com capim de pasto por aviões da empresa, para impedi-los de plantar mais. Algumas vezes são os capangas que aleijam ou matam posseiros recalitrantes; outras são estes que armam emboscadas aos capangas e conseguem resistir à expulsão”.

– “É a lei da selva. Há gente aqui que aceita matar por Cr\$ 400,00.”

Murilo de Carvalho, em reportagem no Jornal Movimento no 160, de 24/07/78, intitulada “Violência no Rio das Mortes”, retoma o depoimento do posseiro José Rodrigues Vieira:

– “Aqui é muito longe do mundo, lugar ainda meio sertão, desbravado por nós mesmos, gente fraca, que veio morar há muitos anos, desafiando as feras, o mato bravo, os índios bravos. Cada estradinha dessa foi nós que construímos, o patrimônio, as ruas, até o aeroporto nós fizemos de mutirão, todo ano limpamos a pista do mato. Mas agora a gente nem sabe mais, chegaram esses Abdalla, gente rica de São Paulo, e vieram oprimir o povo, jogar a polícia, jogar pistoleiros em nós, mandando embora, falando que a terra é deles.

– “Se as autoridades não providenciar, logo não vai ter mais onde nós, os posseiros, trabalhar, onde ir. Então nós vamos revoltar, porque ninguém vai deixar os filhos morrer de fome”.

No jornal “O Liberal”, de Belém, os posseiros da fazenda Capaz, em Vila Rondon – PA, contam sobre o que o americano John Davis fazia:

– “Ele mandava queimar os barracos, cercou todas as águas existentes na área, furava lata dos que tentavam

arranjar água, espancava homens e mulheres e impedia a passagem da gente com piquetes e cercas.”

Na Revista “Isto É”, de 08/03/78), um morador de Xinguara, no Pará, pergunta:

– “Aonde vamos agora? Lá pro céu? Nasci no Maranhão e de lá corri o mundo. Pará, Mato Grosso, Goiás. Meu destino é percorrer Estado. Eu chego, planto e vem o dono e diz que é dele, me bota pra fora. Eu vou mais longe, lá aonde a estrada não chegou”.

Depois, nos primeiros anos da década de 1970, já longe da realidade trágica das áreas de posseiros, utilizando o nome de José (ou Zé) Alves, me vi compelido a trabalhar como técnico numa experiência rural totalmente diferente da vivenciada no norte de Goiás. As terras, localizadas na Matriz de São Gonçalo, na serra da Ibiapaba, na divisa do Ceará com o Piauí, pertenciam à Diocese de Crateús. Haviam sido doadas a ela, ainda no século 19, pelos antigos donatários portugueses proprietários dos latifúndios serranos. Porém, seguindo o padrão latifundiário vigente, tais terras eram arrendadas para alguns poucos endinheirados, que as subarrendavam aos desprovidos de recursos fundiários e monetários, de acordo com uma lei de ferro: pagar o arrendamento, ou foro, por uma porcentagem fixa da produção natural, independentemente da produção real obtida.

Com isso, os arrendatários, ou rendeiros, pagavam o foro devido à diocese, enquanto mantinham endividados e subordinados os lavradores reais. A partir de meados dos anos 1960, porém, tal situação passou a incomodar terrivelmente Dom Frágoso, o bispo deslocado para a nova Diocese de Crateús.

Por um lado, ele podia romper os contratos da diocese com os arrendatários. Por outro, isso não solucionaria o processo desumano de exploração pelo subarrendamento das terras de cultivo que legalmente pertenciam à diocese. Os lavradores reais não tinham condições de sobrevivência para realizar por conta própria os trabalhos de plantio, trato cultural, colheita e comercialização das safras.

Essa constatação o levou, com a ajuda de técnicos da Universidade do Ceará, a elaborar um projeto de cooperativismo agrícola. Ele, assim como os técnicos que transformaram seus desejos em projeto, acreditavam que o cooperativismo e o trabalho comunitário forneceriam as condições para que os subarrendantes da Matriz se libertassem da necessidade de sobreviver através da subordinação aos antigos arrendatários.

Foi no curso da implantação desse projeto que vivenciei parte da experiência e dos acontecimentos que, no final das contas, geraram resultados não previstos nas teorias dos técnicos e nas esperanças de Dom Frágoso. Algo que só pude constatar de forma mais consistente em meados dos anos 1980, quando voltei à Matriz de São Gonçalo para, a pedido do bispo, realizar uma pesquisa sobre os resultados reais do projeto de cooperativismo e fazer um relatório a respeito.

Antes disso, porém, no final dos anos 1970 fui preso pela repressão ditatorial e, durante o período da prisão, pude reler, entre outras coisas, os dramas shakespearianos. Por incrível que possa parecer, a leitura de Hamlet transportou meus pensamentos e meus sentimentos para a vida dos posseiros com os quais havia convivido em Colinas de Goiás. Foi esse transporte de sentimentos que me levou, ainda na

prisão, a escrever os primeiros rascunhos de Amileto, rascunhos que nunca completei apesar de, de vez em quando, voltar a eles nos anos posteriores.

Em 1983, o passado para o qual realmente retornei foi o da Matriz de São Gonçalo, de modo a realizar a pesquisa e o relatório pedidos por Dom Frágoso. *Relatório* que, numa primeira versão, teve o formato comum de qualquer relatório, e que consta desta publicação com o título **São Loganso – Relatório Preliminar**. A segunda versão, **São Loganso – Um Sertão Serrano**, a pedido do próprio bispo, teve o formato de um conto sobre as andanças, pesquisas, reuniões e descobertas de um tal Valdir, ou Zé Alves, no aglomerado populacional de *Matariz de São Loganso*, situado na serra de *Ibipeba*. Ambas as versões assinei como Ventura Torres.

O “conto relatório”, que procurou ser fiel à forma da população local se expressar, permaneceu engavetado até 1997. Nessa ocasião, veio à luz na edição 16 dos “Cadernos Fazendo a Nossa História”, da Diocese de Crateús, sob o título “São Loganso – Alguns passos de uma trajetória”, para comemorar o que Dom Frágoso chamou de “25 Anos de Caminhada pelos Sertões de Crateús e dos Inhamuns”. Caminhada através da qual ele e seus “companheiros de caminhada” haviam partilhado um “grande mutirão de solidariedade”.

Mais de 20 anos depois, neste final da década de 2010, revendo textos novos e antigos, redescobri o Relatório Preliminar e o Caderno 16, com a história de São Loganso, assim como os rascunhos do Amileto, ambos tendo a terra de lavradio e de criação como objeto de sobrevivência, assim como idênticos lavradores e criadores rurais no papel

de principais atores, embora em situações aparentemente díspares.

Na verdade, ambas as estórias são pálidos retratos de realidades de uma mesma natureza idêntica, embora de formas diferenciadas. Em ambos os casos, tais realidades são muito mais trágicas do que qualquer ficção. E fazem parte de histórias e estórias que alguns pretendem esconder sob o manto do mitológico “agro”, como se o agronegócio fosse “tudo” e não houvesse sido implantado sobre milhões de seres humanos expropriados de terras, instrumentos de trabalho e, em muitos casos, da própria vida. O que me levou a revisá-los e a sugerir sua publicação conjunta.

Em ambos os casos, os leitores podem estranhar, especialmente no São Loganso, termos que parecem da língua portuguesa arcaica, mas continuavam presentes na vida local.

## AMILETO

# O sertão das posses

*Adaptação livre de “Hamlet”, de W. Shakespeare.*

### **ATO I** **CENA 1**

---

Arena e plateia de um circo mambembe, típico desses que percorrem o interior. Entra o Mestre de cerimônias e passa a apresentar os números, que se sucedem, rapidamente, mas dão uma visão do que é realmente um mambembe: palhaços com piadas grossas e gastas, crianças contorcionistas, o homem “borracha” e etc. O grande forte do mambembe é o drama, o “Drama de Amileto”, que o Mestre de Cerimônias apresenta de modo empolado, carregando ainda mais no sotaque estrangeiro forçado:

MESTRE DE CERIMÔNIAS – E agora, mui distinto público, meus señores e mi señoras, el gran circo mambembe tem la honra de presentar el gran espetáculo de la noche: el “Drama de Amileto”, el moço que vingou o assassinato de su padre, cometido pelo próprio tio. Uma história de amor e sangue, de adultério e traiçon, ambiciones e ódios, adonde los que han tramado los males acabaram caindo em las próprias armadilhas que armaram. E, agora, el drama!!!

Sai o Mestre. Na arena aparece um caminho no meio da mata. Lua de estrelas; os pirilampos alumiam Francisco, espingarda às costas, acorado no centro do caminho. Mas

surge um vulto: é Bernardo que se dirige em direção a Francisco, sem ainda o haver notado. Leva também espingarda e sacola a tiracolo. Assusta-se quando vê o vulto acocorado.

BERNARDO – Francisco? É mecê?

FRANCISCO – Eu mesmo, compadre. Vamo se achegar.

BERNARDO – Faz tempo que o compadre tai?

FRANCISCO – Faz não! Não deu nem pra enrolar o fuminho.

BERNARDO – A noite tá boa pra espera. Lua nova, os muruci estão caindo, é cada piseiro de se ver.

FRANCISCO – Só o que não está valendo é a tal aparição. Espanta o bicharedo. Rog'a Deus que deixe a gente em paz.

Ouvm-se passos. Bernardo e Francisco estremezem. Surgem dois vultos, espingardas e sacolas a tiracolo.

FRANCISCO – Que é? É gente?

BERNARDO – Lá vêm Horácio e Marcelo.

FRANCISCO – (Após os dois chegarem) B'as noite! Cumé, prontos pra dormi no mutá?

MARCELO – Hum, dorme quem tem sono ou está em falso pisador. Bernardo disse que vosmicê encontrou uma ceva de primeira.

FRANCISCO – É verdade. Um cafezinho antes de seguir? Não sei pitar sem fazer uma boquinha.

Acaba de enrolar o fumo, tira uma térmica e vai servindo a todos em pequenos canecos.

HORÁCIO – E a tal aparição?

MARCELO – Horácio tá pensando que é impressão da gente. Não acredita em visagem. Mas eu quero ver é hoje, se ela aparecê, como vão ficar os fundilhos dele. Só porque foi

estudar fora não acredita mais em coisas do mato.

HORÁCIO – Ora! ... Não vai surgir aparição nenhuma.

BERNARDO – Não perde por esperar. A espera do mutá pode ficar pra mais tarde. E enquanto aguardamos, deixe que lhe conte o acontecido.

HORÁCIO – Sou todo ouvidos.

BERNARDO – A última noite, quando aquela estrela, que tá por riba do poente, já estava pra sumir, como agora, Marcelo, Francisco e eu ...

Surge a visagem, vestida como um fazendeiro meio antiquado, com um “papo-amarelo” – Winchester 44 – na mão direita. Todos tremem.

MARCELO – Psiu! Pára um pouco! ... É ela outra vez, ali!

BERNARDO – Parece o finado Amileto!

FRANCISCO – Já que vosmicê é estudado, fale com ele, Horácio. Espírito respeita gente letrada.

MARCELO – Não se parece com o defunto, Horácio? Olha bem.

HORÁCIO – Demais É mesmo de dar tremedeira.

BERNARDO – Olha, tá com jeito de quem quer ser falado.

MARCELO – Anda, Horácio, fala com ele.

HORÁCIO – Quem és, que vens perturbar a noite de pacíficos caçadores? Por que estás armado, como se preparasses uma tocaia? Fala, pelos céus, eu te ordeno.

MARCELO – Ofendeu-se!

BERNARDO – Está indo embora.

HORÁCIO – Fala! Fala!

A visagem desaparece.

FRANCISCO – Ele se foi. Não quer responder.

BERNARDO – Então, Horácio, que brancura é essa? Vosmicê virou vara-verde? Se esmoreceu? Ainda acha que a gente estava vendo assombração que não existia?

HORÁCIO – Bem sabe Deus, eu não podia acreditar. Faltava a garantia da visão dos meus olhos.

MARCELO – Não é mesmo igual ao velho Amileto?

HORÁCIO – Como és igual a ti. Assim era a roupa que ele usava e a carabina que levava quando andava nestas terras que inda vão comer meus olhos. É estranho...

FRANCISCO – Exatamente nessa mesma hora morta, desse mesmo jeitim, já por duas vezes ele passou junto a nós.

HORÁCIO – Não sei em que rumo botar meu pensamento, mas se não estou enganado, isso é prenúncio de coisa ruim.

MARCELO – Me responda por favor aquele que souber qual o motivo de tanta zanzeira que está acontecendo neste lugar. É gente dormindo e vigiando as roças; é gente afiando os facões e azeitando as bocas-de-fogo; é gente mandando comprar caroço-de-chumbo dez léguas abaixo. Ninguém tira mais o domingo pra jogar o joguinho de bola: só se vê gente cochichando e ninguém mais dorme sossegado. Alguém pode me informar o que está se tramando?

HORÁCIO – Eu posso; ao menos é o que se diz à boca pequena que corre por aí. Faz muitos anos, o velho Amileto, cuja visão há pouco nos apareceu, veio fugido da seca do Nordeste bater com os costados aqui. Isto aqui era um mundo sem gente e sem dono. Tudo devoluto. Só mata e bicho. Pois bem, o velho naqueles tempos era moço, casadinho de novo. O pai tinha dado pra ele uma fazendola. Tinha umas

cabeças de gado, muita miuçalha, plantava um bocado de tarefas de algodão e mamona e tirava bastante alqueires de feijão e farinha. Era o que lá se chama um abastado. Mas trabalhava também, que a terra não dava pra ter muito agregado como os proprietários maiores. Esses é que vivem no bem-bom, comerciando na cidade, recebendo a renda dos moradores. Mas o velho Amileto, com a seca, se viu no maior aperreio e achou melhor vender tudo, pegar a mulherzinha e mais uns parentes e agregados e se mandar pra cá. Como ele soube desse lugar eu não sei; só sei que chegou, se botou com os agregados a derribar a mata, queimou, fez força, se arranchou. Com o dinheirinho que a seca não comeu, botou comércio para aviar o pessoal e pouco a pouco se tornou o maioral do lugar. Não era ruim, sem ser bom.

BERNARDO – Lugar que não tem caça, até tatu-peba vira paca.

HORÁCIO – Cobrava de meia dos agregados, mesmo não tendo título das terras. E os mantimentos que aviava fiado, cobrava com juro dobrado. Ninguém era de todo feliz, a não ser o mesmo Amileto, mas também não se morria de fome. Sempre havia o recurso de muita caça e muito peixe: as antas, os queixadas e as pacas chegavam neste lugar mesmo onde a gente conversa. O que mais levava para o campo santo eram as febres.

FRANCISCO – Meu pai contava que matou muita caça da porta lá de casa.

HORÁCIO – Pois bem, sem ser proprietário, já que nunca ninguém se incomodou com título de posse – bastava estar assentado no lugar, com roça e o mais – o velho Amileto era o dono. Todas essas redondezas eram da Fazenda Boqueirão.

Mas o velho era ladino, não queria briga; sabia que quanto mais gente viesse fazer roça pra cá, melhor pro comércio dele. Por isso, quando vinha alguém que tinha algum recurso e se abancava como posseiro, ele não fazia pendenga. Os agregados também não tinham sujeição, eram mais por dívida do aviamento, pois tinha muita terra pra quem quisesse. O velho vivia e deixava viver. Foi assim que isso aqui foi se enchendo de posseiros e de negociantes de toda laia.

MARCELO – Mas o velho não fazia muito empenho, ou porque já era velho ou porque já havia enricado demais.

HORÁCIO – Não sei. A verdade é que ele morreu tempos depois de aparecer o Dr. Fortimbrás. Esse seu doutor é dono de comércio e indústria no Sul e chegou por aqui dizendo ter comprado todas as terras, as da Fazenda Boqueirão e mais o resto das terras de Vila Esperança e parece que mais outro tanto. Comprado do governo, que ninguém aqui tinha título, nem o velho Amileto. E o Dr. Fortimbrás veio carregado de papelada, malas e ainda trouxe de contrapeso uma cambada de jagunços e pistoleiros de aluguel, gente que apaga um por qualquer dois mil-réis. Construiu aquela sede bonita de se ver, contratou peonada, começou a estender a cerca – 4 fios, não é brinquedo! – a plantar capim e a botar gado. E foi tomando conta de tudo. Não tolera posseiro e não respeita nem mesmo as terras do velho Amileto, que agora são do irmão e não do filho, como todo mundo pensava que haveria de ser. Com a força que a capangada lhe dá, o Dr. Fortimbrás quer transformar isso tudo em terra de gado. Diz que isso é progresso. E a gente que se mude, que vá buscar outro meio de vida. A razão principal de andarmos em apuros, a origem de todo esse desassossego, é essa, afirmo eu.

BERNARDO – Também acho. Na certa é por isso que a alma do velho Amileto anda vagando por aí, armado como se fosse pra guerra. Mas cá entre nós, o irmão dele não está só defendendo o que o velho deixou. Parece que aprendeu com o Dr. Fortimbrás: também anda cercando tudo, queimando casa e expulsando posseiro com família e tudo. Ele também aprendeu o progresso; dizem até que já arranjou dinheiro no banco pra aprumar a fazenda.

HORÁCIO – Os grandes brigam e quem apanha são os pequenos. Mas o que a visagem do velho querará afinal? Os antigos contam que já aconteceu, quando coisas terríveis estavam por vir, dos defuntos deixarem as covas e suas almas penadas vagarem por aí anunciando o Juízo final. O Padre Cícero do Juazeiro fez muitas profecias pros nossos tempos e elas parecem que começam a acontecer.

Reaparece a visagem. Todos se assustam.

HORÁCIO - Quietos! Olhem, lá vem ele novamente. Vou tomar coragem e me pôr no seu caminho, mesmo que me cague todo.

Estende os braços, mas seu corpo treme.

HORÁCIO - Para, ó visagem! Se podes causar som ou usar a voz, fala alguma coisa! Se existe alguma boa ação a ser cumprida, que te dê repouso e a mim merecimento, diz qual é: se sabes que desgraça pende sobre teu povo e se o conhecimento a pode evitar, fala! Se durante tua vida na face da terra acumulaste uma fortuna extorquida – motivo porque as almas voltam errantes, segundo dizem – revela se é isso! Se queres que mande rezar uma missa para acabar teu sofrimento, é só dizer!

Um galo canta, outros respondem.

HORÁCIO - Ei, para e fala! Vê se o seguras, Marcelo!

Marcelo não sabe o que fazer.

MARCELO – Bonito discurso! Devo dar-lhe um tiro de chumbo? Te soverte, alma danada!

HORÁCIO – Se não parar, dá-lhe uma porretada.

BERNARDO – Está aqui!

FRANCISCO – Aqui!

HORÁCIO – Aqui!

MARCELO – Sumiu!

Desaparece a visagem.

MARCELO - Ficou intrigado com a gente porque quisemos forçar que falasse. Ele é como o ar e nossos golpes só fazem vento.

HORÁCIO – Ia falar no instante que o galo cantou.

BERNARDO – Então foi sobressalto de ser culposo. Ouvi dizer dos antigos que o galo acorda o Sol com seu canto esganiçado e que, quando dá esse aviso, todos os espíritos que vagam por aí, pelo fogo, pelo ar, no mar ou na terra, todos voltam correndo pro seu lugar. E pelo que se viu parece que essa é uma verdade verdadeira.

MARCELO – Quando o galo cantou, ele se desmanchou. Dizem que na época do Natal, quando a gente comemora o nascimento de Cristo, o galo canta a noite toda pra não deixar espírito nenhum sair e pra tudo correr na santa paz do Senhor.

HORÁCIO – Também ouvi dizer e em parte creio nisso. Mas olhem, o nascente já está clareando. E nossa espera de caça virou espera de alma do outro mundo. Essa caçada tem que ficar pra outro dia. Acho que a gente devia falar com

Amileto... o filho, sobre o que vimos esta noite. Certo que a visagem falará com ele. Concordam? Ele é nosso amigo.

MARCELO – Façamos isso. Sei o lugar onde podemos encontrar com ele mais de jeito agora cedo.

Levantam-se e saem.

## **ATO I**

### **CENA 2**

---

Em frente à casa de Cláudio. Este sai, olha o nascer do Sol. Respira fundo. Vem uma empregada e lhe entrega uma caneca cheia de leite; entra e volta a sair com uma cadeira de espaldar, onde se senta Cláudio. A empregada volta a entrar, enquanto sai Raimunda, também carregando uma cadeira.

Da casa ao lado sai Apolinário, vê Cláudio e Raimunda, volta a entrar e a sair, agora trazendo uma cadeira: seguem-no Laertes e Ofélia, Valtemiro e Cornélio, todos vestidos com cores vivas e levando bancos ou cadeiras, e dirigem-se para a frente da casa de Cláudio. Cumprimentam respeitosamente a este e a Raimunda, antes de sentar-se. Faz-se um círculo.

Surge Amileto, todo de negro, sem cadeira. Olhos baixos, mal cumprimenta os presentes.

CLÁUDIO – Se bem que ainda esteja fresca em nossa lembrança o passamento de nosso caro irmão Amileto, e embora a gente traga o coração magoado, o continuamento da vida mostrou que é preciso pensar nele com tristeza sensata sem, todavia, porém, deslembrar de nós. Portanto, a nossa antiga irmã e cunhada, hoje viúva dona desta fazenda que meu mano, seu pranteado esposo, construiu

com a força de sua vontade, o suor de seu rosto e meu modesto auxílio, resolveu aceitar meus bons propósitos e os bons conselhos de vosmicês, se tornando minha esposa. Tocar esta fazenda não era tarefa pra uma mulher e, assim, tendo um olho brilhoso e o outro lacrimoso, em risos num saimento e em réquiem numas bodas, pondo a balança a fio com prazer e dor, fizemos com que tudo ficasse na família. Muito obrigado!

Alguns mostram contentamento e outros nada denotam.

CLÁUDIO - E agora vamos ao que mais interessa: como sabem o Dr. Fortimbrás, fazendo fraca ideia do que valemos, ou julgando que morto o nosso irmão — que Deus o tenha em paz! --- nossa família estivesse desconjuntada e desunida, coligou-se com o sonho de que se avanta. E, assim, vem nos importunando com avisos e positivos, para que lhe entreguemos as terras que por direito de primazia, uso e usufruto, são nossas. Não contente com isso, vai estendendo suas cercas para o nascente e pro poente, pra cima e pra baixo, e ocupando o que nos pertence. Por isso é que mando vosmicês, Valtemiro e Cornélio, pra capital e pras autoridades com essas cartas em que exponho a situação e peço providências, já que foi lá que o Dr. Fortimbrás conseguiu aqueles títulos e o papelório que lhe permite contar com o consentimento da polícia para manter sua própria força e fazer os desmandos que vem fazendo. Com as autoridades vosmicês devem tratar só disso. E no banco, com o gerente, tratar do empréstimo já pedido e providenciar o envio do arame e dos outros trens que Apolinário já deve lhes ter falado.

Apolinário acena afirmativamente com a cabeça.

CORNÉLIO – Estamos cientes.

VALTEMIRO – Faremos tudo à risca.

CLÁUDIO – Não duvido. E agora é bom se apressar senão vosmicês perdem a condução.

Valtemiro e Cornélio levantam-se, cumprimentam todos e saem, levando suas cadeiras para a casa de Apolinário.

CLÁUDIO - E tu, Laertes, que contas de novo? Disseste que querias um favor? Qual, Laertes, que me pediste até hoje que eu não tenha atendido? Ao coração não é a cabeça mais chegada, a própria mão não dá mais assistência à boca do que nós a teu pai, nosso bom capataz e amigo. Que queres, Laertes?

LAERTES – Vim pedir-lhe para retornar à capital, já que o senhor pretendia que eu ficasse aqui para ajudar meu pai no trato da fazenda, agora que os serviços aumentaram muito. Vim ao seu casamento de moto próprio pra demonstrar meus respeitos, mas devo confessar que, cumprido esse dever, meus pensamentos e desejos se voltam para a capital, onde pretendo continuar os estudos.

CLÁUDIO – Agradeço tua atenção. Nosso desejo era que ficasses aqui, ganhando experiência para substituir teu pai, que mais cedo ou mais tarde a Dolorosa o levará, como levará a todos nós. Mas tua vontade é tua vontade. Que dizes, Apolinário?

APOLINÁRIO – Ele arrancou de mim, seu Cláudio, o meu consentimento, que não adianta ele ficar aqui contra a vontade. Vamos ter que pensar em outra pessoa.

CLÁUDIO – Que se há de fazer? Que ele faça bom proveito

de seu tempo. E tu, que és meu parente e meu filho, Amileto? Também pretendes nos abandonar?

AMILETO – (À parte) Algo mais do que parente e menos do que filho.

CLÁUDIO – Então, ainda há peso sobre ti?

AMILETO – Não, meu tio, despojaram-me de tudo.

RAIMUNDA – Meu bom Amileto, põe de lado essa cara de mau presságio. Faz com que teus olhos olhem com amizade para teu tio. Não procura na poeira, com as pálpebras descidas, teu bom pai – que Deus o tenha na santa paz – a todas as horas e a cada momento. Sabes que o vivo há de morrer – é lei geral – passando pelo atual rumo ao outro mundo.

AMILETO – Sim, é geral, minha mãe.

RAIMUNDA – Logo, se é geral, por que te parece uma questão pessoal?

AMILETO – Parece! Não senhora! Não sei o que é “parece”. Minha mãe, não só minha vestimenta como tinha as roupas costumeiras de solene preto, cortadas de suspiros na respiração forçada. Oh não, nem transbordante rio dos meus olhos, nem aparência deprimida do meu rosto, a par dos modos, ares, vestes, dolorosos, que me revelam de verdade. Isso parece, pois é conduta possível de afetar. Porém, eu tenho isto que sinto cá dentro de mim, e excede o aspecto, e as vestes e hábitos de dor.

CLÁUDIO – Amileto, meu filho, mostras um traço meigo e de louvar, quando rendes a teu pai – que Deus o tenha – tributos fúnebres. Mas sabes muito bem que teu pai perdeu um pai e que esse pai perdido perda igual já tinha sofrido, e que o sobrevivente teve, por dever filial, que carregar luto

por algum tempo. Mas persistir em desconsolo obstinado é agir com teimosia destinada e revelar mágoa imprópria de homem macho, tem como um ânimo que não se submete à vontade de Deus. Denota um coração sem fortaleza, inteligência intolerante, entendimento pouco e má educação. Por que deixar que nos afete profundamente, em nossa tola posição, o que sabemos que há de ser e é tão comum para os sentidos como qualquer coisa vulgar? Não! ... É pecado contra os céus, pecado contra os que morreram. É pecado contra os sentimentos naturais e absurdo ante a natureza, pois a morte é tão natural quanto a vida. “É assim que tem de ser...”. Nós te rogamos; joga por terra essa mágoa inútil e cogita em nós como num pai. Pois disso fique ciente o mundo: tu és o herdeiro de tudo que nos pertence. E a afeição que te dedico é a mais nobre, em nada inferior à que o pai mais extremoso dedica a seu filho. É por isso que não concordamos com teu intento de retornar à faculdade nas atuais condições em que te encontras. Continua aqui, filho nosso, onde tua mãe e eu podemos te confortar e animar.

RAIMUNDA – Que meus rogos não sejam perdidos, Amileto filho meu. Fica entre nós, não parte.

AMILETO – Eu obedecerei, minha mãe. O mais que possa.

CLÁUDIO – Aí está uma resposta meiga e afetuosa. Esse “sim” de Amileto pôs meu coração a rir de alegria. Hoje, tudo que beber, beberei à sua saúde e tudo será motivo de satisfação: o trabalho será mais livre. E por falar em trabalho, vamos que o dia já vai alto. Estejas em casa, Amileto.

Saem todos, menos Amileto.

AMILETO – Oh, se esta carne, muito, muito mancha-

da, pudesse se derreter e se transformar em água. Ah, se pudesse virar orvalho! Ou não fosse contra Deus cometer suicídio! ... Ó Deus, meu Deus, que fatigantes, insípidas, monótonas e sem proveito as práticas do mundo me parecem! Todas! Que nojeira o mundo, essa plantação de ervas más que crescem até dar semente! Como cobrem coisas de luxuriante e rude natureza!... Chegar a este ponto! Morto só há dois meses, nem tanto, nem há dois; tão bom marido e pai que era, perto do atual, o Sol junto de uma estrela apagada. Tão dedicado à minha mãe... nem consentia que carregasse peso ou trabalhasse. Ó céus! Devo recordar-me? Por que pensar? Fragilidade, tu te chamas mulher! Um mês... Antes de envelhecerem os sapatos com os quais ela seguia o corpo de meu pai à sua última morada. Era outra, em lágrimas... Sim, ela, a mesma. Um animal, meu Deus, sem raciocínio, teria erguido seus lamentos por mais tempo. Casou-se com outro, sim, o irmão de meu pai. Mas que tem menos semelhança com meu pai do que com São Benedito... Num mês, antes mesmo que as lágrimas insinceras secassem sobre seus olhos, ela se casou. Oh, pressa despudorada, atirar-se com tamanho desembaraço nos lençóis do adultério. Isso não é bom, nem pode redundar em bem; mas, arreventa coração! Tenho de calar-me.

Aparecem Horácio, Marcelo, Bernardo e Francisco.

HORÁCIO – Oi, Amileto! Bons dias!

AMILETO – Oi! Oh, então és tu, Horácio!

HORÁCIO – O próprio; o amigo de sempre.

AMILETO – E bom amigo. (Apertam-se as mãos). O que te trouxe a Vila Esperança? Marcelo... (Estende a mão) Bom dia, amigos!

MARCELO – Como vai?

Amileto conduz Horácio à parte.

AMILETO -- Mas, com efeito, o que te trouxe até aqui?

HORÁCIO – O simples desejo de aproveitar as férias junto aos meus.

AMILETO – Já tão cedo? Tuas aulas já terminaram?

HORÁCIO – Vim mais cedo para assistir ao enterro de teu pai.

AMILETO – Não brinca comigo, eu te peço, meu colega. Acho que vieste para ver o casamento de minha mãe.

HORÁCIO – De fato um sucedeu-se ao outro.

AMILETO – Economia, economia! Serviram-se os pastéis do enterro, mesmo frios, nas mesas do casamento. Eu antes desejara topar na mata com a onça mais brava do que ter visto semelhante dia, Horácio. Parece que estou vendo meu pai: sim, meu pai.

HORÁCIO – Onde, amigo?

AMILETO – Com o olhar do pensamento, Horácio.

HORÁCIO – Eu o vi algumas vezes, parecia um bom homem.

AMILETO – Sim, era no conjunto um verdadeiro homem. Jamais encontrei, jamais, o seu igual.

HORÁCIO – Ainda o vês com os olhos extremados do filho. Acho que o vi na última noite.

AMILETO – Quem?

HORÁCIO – Seu Amileto, teu pai.

AMILETO – O meu pai!?!?

HORÁCIO – Contém o teu espanto e ouve-me atentamente durante alguns momentos para que eu possa contar

o acontecido. E aqui estão estes amigos que não me deixam mentir.

AMILETO – Pelo amor de Deus, conta logo!

HORÁCIO – Bem sabes que Marcelo, Bernardo e Francisco, além de gente séria e trabalhadora, são dados a caçar de espera. E duas noites em seguida, quando a madrugada já ia em meio, toparam com uma figura parecida com teu pai. Apareceu diante deles, armada de carabina, andando de um lado para o outro, com lentidão, enquanto eles, apavorados, tremendo como geleia, ficaram grudados no mesmo lugar e mudos, sem conseguir dizer uma palavra. Contaram-me logo, por ser amigo deles e por saber-me teu amigo, mas guardaram segredo para os outros. E ontem fui com eles a uma espera e pude comprovar que era certo o que me contaram. A aparição veio tal qual haviam dito e reconheci teu pai; não, estas mãos não são mais parecidas entre si.

AMILETO – Mas onde foi isso?

HORÁCIO – No caminho que vai pra aguada.

AMILETO – E não falaste com ele?

HORÁCIO – Falei, mas ele não me deu resposta. Contudo, tive a impressão, em certo momento, que ele erguera a cabeça e ia fazer um gesto, como se quisesse falar-me. Porém, então cantou o galo da alvorada e, a esse canto, ele partiu a toda pressa, esfumaçando-se de nossa vista.

AMILETO – É bem estranho.

HORÁCIO – É tão verdade como é certo eu estar vivo. Pensamos que seria nosso dever contar-te.

AMILETO – Certo, amigos, certo! Mas estou confuso. Vocês topariam fazer nova espera esta noite?

TODOS - Sem dúvida.

AMILETO – Vocês dizem que ele estava armado?

TODOS – Sim, armado.

AMILETO – De espingarda ou carabina?

HORÁCIO – Carabina papo-amarelo.

AMILETO – E seu rosto, como estava?

HORÁCIO – De cenho carregado, parecendo ter mais mágoa que raiva.

AMILETO – E estava pálido ou vermelho?

HORÁCIO – Muito pálido.

AMILETO – Fixava o olhar em vocês?

HORÁCIO – Sim, sem desviar.

AMILETO – Quem me dera estar lá!

HORÁCIO – Também baterias a passarinha como nós.

AMILETO- É provável, bem provável. E demorou-se muito?

HORÁCIO – O tempo suficiente para contar de um a cem, devagar.

MARCELO – Não! Demorou mais, bem mais.

BERNARDO E FRANCISCO – É, bem mais.

HORÁCIO – Não quando eu o vi.

AMILETO – Barba grisalha, não?

HORÁCIO – Como se não se barbeasse há uma semana.

AMILETO – Hei de vigiar hoje à noite; ele talvez apareça de novo.

HORÁCIO – Estou certo disso.

AMILETO – Se assumir a aparência de meu pai eu lhe falarei mesmo que o inferno escancarado ordene que eu me

cale. Peço que vocês mantenham o segredo da visão, como até agora o guardaram. E, o que hoje à noite acontecer, façam por entender sem usar a língua. Eu ficarei muito agradecido e vocês podem contar com um amigo certo de minha parte.

**BERNARDO** – A gente sempre anda preparado pra assombração e não há do que temer. Basta o sinal da cruz e um naco de fumo em rolo forte que ela não faz mal pra gente. Mas, de qualquer jeito, os joelhos sempre se visitam nessa hora.

**AMILETO** – Sei disso e também não sou curado contra essa doença. Encontro vocês das onze e meia pra meia noite no caminho da aguada. Obrigado e até mais, meus bons amigos.

**TODOS** – Até mais.

Todos saem, menos Amileto.

**AMILETO** – O espírito de meu pai, armado! Não, as coisas não estão bem. Suspeito alguma traição. Tomara que a noite chegue logo. Mas até lá, preciso ficar calmo. Inda que a terra inteira os haja de esconder, os atos vis no fim terão que aparecer.

Entra na casa.

## **ATO I**

### **CENA 3**

---

Em frente à casa de Apolinário, conversam Ofélia e Laertes.

**LAERTES**-Minha bagagem já está pronta. Não esquece de me escrever toda vez que houver portador, hein mana.

**OFÉLIA**-Claro que não!

LAERTES- E quanto a Amileto e suas conversas, está na moda os patrões namorarem as filhas de seus empregados. Não passa de um capricho, mais enganoso que uma rosa: perfume gostoso, mas vida curta e espinhos pontudos. E nada mais.

OFÉLIA - Só isso, nada mais?

LAERTES – Assim é. Quando o homem cresce, ele não cresce apenas em forma e corpo: amplia-se também o ofício da mente e da alma. Talvez ele esteja gostando de ti e seus propósitos sejam de homem direito. Mas, quem sabe ao certo? Se ele afirma que te ama, toma tenção e eleva a guarda, pois se não for da mente e da verdade, ou ele não puder mudar o dito em feito, tua honra é que vai sofrer. E, mesmo que não sofra a honra, manchada fica a reputação. Então, cuidado mana: faz ouvidos moucos para as canções que ele sussurra, não entrega o coração, nem lhe abras o segredo de teu tesouro. Coloca-te longe dos riscos do desejo. A virgem mais arisca concede muito quando permite que a lua banhe a sua formosura. Nem a virtude escapa aos golpes da calúnia; em regra, é antes de o botão se abrir que o verme ataca. Toma cautela e vive no temor... Essa a melhor segurança, pois mesmo só, contra sua vontade, a mocidade arde em desejo.

OFÉLIA- Guardarei em meu coração teus bons conselhos. Mas, meu bom irmão, não faças como o monge que vive a colocar espinhos no caminho dos outros, ao passo que ele próprio segue conselhos diferentes dos que diz, na trilha do pecado e da libertinagem...

Aparece Apolinário.

LAERTES-Não te arreceies. Mas, olha aí o papai. Benção,

meu pai!

Inclina levemente a cabeça.

APOLINÁRIO - Anda, anda, Laertes, que a condução te espera. Deus esteja contigo. Vai com a minha benção.

Coloca a mão sobre a cabeça de Laertes.

APOLINÁRIO - E guarda bem estes preceitos na cabeça: não dá língua aos pensamentos, nem transforma em ação os pensamentos impensados; procura ser amável, mas não vulgar; com laço firme amarra no coração os amigos de amizade provada, mas não calejes tua mão dando guarida a qualquer um; receia entrar em discussão mas, se entrares, que o teu contrário te arreceie. Ouve o que todos dizem, mas dá tua opinião para poucos; atenta para o que achem, mas reserva o juízo. Compra roupas caras, dentro do possível, mas que não deem na vista: ricas, não berrantes, que muitas vezes o hábito revela o homem. E, na capital, os de mais alta classe e posição sabem vestir-se e, se queres fazer carreira, é entre eles que debes fazer tuas amizades. Não tomes emprestado e tampouco emprestes, que o empréstimo nos faz perder dinheiro e amigo. Mas, sobretudo, sê leal contigo mesmo e, tal como a noite segue o dia, não poderás ser falso com os outros. Adeus, que minha benção faça madurar em teu espírito os conselhos que te dei.

LAERTES – Obrigado, meu pai. Adeus, Ofélia, e não esqueças do que te disse.

Abraça o pai e a irmã.

OFÉLIA – Tranquei tuas palavras na memória. Mas sei que elas não servem para ti.

LAERTES – Adeus.

Sai.

APOLINÁRIO – Que te disse ele, Ofélia?

OFÉLIA – Algumas coisas de Amileto, pai.

APOLINÁRIO – Bem lembrado. Já andaram me contando que ele tem te procurado diversas vezes e que tens gasto bastante do teu tempo com ele. Se isso for verdade, quero saber o que existe entre vocês. A um empregado, mesmo de confiança, é difícil cobrar do patrão a honra que o filho roubou de sua filha.

OFÉLIA – Ora pai, somos só amigos. Ele se tem feito oferecimento de sua afeição, nada mais.

APOLINÁRIO – Ora, afeição! Falas que nem menina boba e inexperiente dos perigos deste caso. Acreditas nesses oferecimentos?

OFÉLIA – Por que não haveria de acreditar?

APOLINÁRIO – Pois bem, vou te ensinar. És ainda uma criança e tomaste esses oferecimentos por moeda boa, quando não são. Se queres te oferecer, oferece-te bem mais cara ou logo, logo, me aparecerás com um bebê, isso sim.

OFÉLIA – Ele me fez juras de amor, pai, mas de modo honesto.

APOLINÁRIO – Modo, que modo? Isso é moda dessa rapaziada de hoje. Vamos, vamos!...

OFÉLIA – Por que tomas todos por Laertes? Amileto tem boas intenções.

APOLINÁRIO – Laços para apanhar franguinhas. Eu sei de que maneira se empresta juramentos à língua quando o sangue ferve. Não, filha, não toma por fogo esse clarão que dá mais luz que calor e que se apaga, mera promessa, quando

nem chegou a acender. Daqui por diante sê mais cuidadosa com teu recato e te guarda de andar por aí, pelos cantos. Amileto é moço e pode andar de rédea solta, mas tu não. Não ouças nem dêš crédito a seus juramentos alcoviteiros que procuram favores nada santos, piando como cobra que encanta o passarinho para melhor engoli-lo. Numa palavra, e claramente, é meu desejo que não percas teu tempo dando trela a Amileto. Cedo ou tarde ele volta para os estudos e para as farras e gostaria bem de levar o que por dever deverás oferecer a teu marido na noite do casamento. Ele bem que gostaria de contar para os colegas como é uma tabaroa na cama, rindo-se do teu engano. Ouves bem o que te digo?

OFÉLIA – Ouço, meu pai.

Saem.

## **ATO I**

### **CENA 4**

---

Noite.

Horácio, Marcelo, Bernardo e Francisco estão acordados no caminho da aguada.

Amileto se aproxima.

AMILETO – Boa noite! Que friagem danada!

TODOS – Boa!

HORÁCIO – No Sul é mais frio, mas a friagem da mata também é de entrar nos ossos.

AMILETO – Que horas são?

HORÁCIO – Ainda não deu meia-noite.

MARCELO – Não, já bateu.

AMILETO – Bateu? Então está chegando a hora da visa-

gem aparecer. Quase que não chego a tempo. Meu tio juntou um bocado de gente para beber e não queria me deixar sair. Está num porre danado.

HORÁCIO – Teu tio é chegado numa garrafa, não é?

AMILETO – Fica que nem mucura. E com isso todo mundo nos tacha de beberrões e a maledicência corre solta. Essa mancha se espalha pra toda a família e não adiantam os feitos bons se a fama é de má reputação. Assim acontece com alguns homens: mesmo que tenham boas atitudes, não conseguem formar bom juízo entre os outros, seja por força da nascença, seja pelo humor ou pelo hábito, seja por possuírem marca natural viciosa. E olhe que disso não têm culpa – que a natureza não escolhe a própria origem. A marca do defeito ofusca suas virtudes. Uma pitada de ruindade apaga, muitas vezes, toda a pureza da bondade; uma pequena jaça acarreta o desconcerto de qualquer gema.

Aparece a visagem.

HORÁCIO - Olha, Amileto, está aparecendo.

AMILETO – Valha-me Deus, nosso Senhor! Sejam teus intentos bons ou maus, contigo tragas ventos do céu ou rajadas do inferno, espírito ou demônio condenado, estás com a aparência que quero te falar. Se chamar teu nome certo terás que me responder, e eu te chamo de Amileto, meu pai, dono da fazenda Boqueirão. Responde! Não me deixes na ignorância. Por que teus ossos consagrados romperam a mortalha dentro de tua cova? Por que a tumba onde te vimos colocado em paz abriu suas entranhas para te devolver? O que é que significa isso de assim armado, ó corpo morto, vires visitar os raios do luar, tornando a noite pavorosa e nos fazendo a nós – nós que da natureza somos ilusão –

sacudir horrorizados a nossa mente com pensamentos que a nossa alma não atinge? Qual motivo disso? Para quê? Que devemos fazer?

A visagem acena.

HORÁCIO – Está te acenando para que o sigas, como se quisesse ter um particular contigo.

MARCELO – Parece um convite amigo para ir a um lugar mais afastado. Mas não é bom ir.

FRANCISCO – Vamos repetir o sinal da cruz. Se for demônio, vai soltar algum grito e não poderá fazer mal pra gente.

Fazem o sinal da cruz. Nada acontece: a visagem continua acenando.

AMILETO – Então tudo bem, irei com ele, senão não falará.

HORÁCIO – Não debes ir.

AMILETO – Por quê? Não há razão alguma para medo. Um alfinete vale mais do que a minha vida e, quanto à minha alma, que perigo há para ela, se é algo imortal, tão imortal como ele? Está me acenando novamente. Vou com ele.

HORÁCIO – E se te atrair para as matas profundas, ou para as profundezas das águas, se for feitiço de caipora ou de mãe d'água? Pode te fazer perder a razão e com isso perdes o rumo e o destino.

AMILETO – Não para de acenar-me.

AMILETO (Para a visagem) - Vai, que irei contigo.

MARCELO – Não, não debes ir.

AMILETO – Distância com as mãos!

HORÁCIO – Sê razoável, não vai.

BERNARDO E FRANCISCO – Já pegou o encantamento.

AMILETO – Minha razão manda que eu vá. Soltem-me, que ele está me chamando.

Desembaraça-se deles e puxa um punhal.

AMILETO - Por Deus, farei defunto quem quiser impedir-me. Deixem-me, estou dizendo. Vai, que irei contigo!

A visagem se afasta no rumo de aguada e Amileto a segue.

HORÁCIO – Já não está bem da cabeça.

MARCELO – Vamos atrás. Não devemos obedecer.

HORÁCIO – Vamos, vamos. Em que acabará tudo isso?

MARCELO – Existe alguma cabeça de burro enterrada aqui em Vila Esperança, alguma coisa podre...

FRANCISCO – O céu guiará tudo.

MARCELO – Não, vamos segui-lo.

## **ATO I**

### **CENA 5**

---

Caminho da aguada, bem afastado do ponto em que estavam anteriormente. Amileto faz uma cruz de gravetos e carrega diante de si.. Encontra-se com a visagem.

AMILETO – Aonde queres me levar? Fala ou não irei mais longe.  
VISAGEM – Escuta

AMILETO – Estou à espera.

VISAGEM – É quase hora de voltar pras profundas do inferno. Mas não tenhas pena de mim, ouve só o que tenho pra te revelar.

AMILETO – Estou pronto para ouvir.

VISAGEM – E, quando ouvires, estarás pronto para te vingar?

AMILETO – Quê?

VISAGEM – Eu sou a alma penada de teu pai. Fui condenado a vagar pelas noites e, de dia, a jejuar no fogo até que este consuma as faltas que cometi durante o tempo que estive no mundo dos vivos. Se não estivesse proibido de revelar segredos de onde estou preso, eu te faria algum relato. E, então, teu sangue viraria água, teus olhos iam se esbugalhar e teus cabelos ficariam iguais aos do porco-espinho. Mas eu não posso e é melhor assim. Escuta! Se algum dia amaste teu pai...

AMILETO – Oh Deus!

VISAGEM – Vinga-lhe o assassínio traiçoeiro.

AMILETO – Assassínio?

VISAGEM – Sim, traiçoeiro, e torpe, pois sempre o é. Foi muito mais que torpe, estranho e monstruoso.

AMILETO – Conta logo, para que com as asas rápidas, como as do pensamento ou as do amor inquieto, eu me atire à vingança.

VISAGEM – Pareces disposto. Serias mais parado do que o cevado que no chiqueiro se corrompe em ócio, se não agisses; mas agora escuta, Amileto. Fizera crer que uma cascavel me picou quando eu estava adormecido na varanda. E assim, forjando essa história de minha morte, enganaram todo mundo. Mas fica sabendo que a cobra que tirou a vida de teu pai hoje dorme no regaço de tua mãe.

AMILETO – Oh meu Deus! Meu tio então?

VISAGEM – É! Esse animal que não honrou o próprio pai, valendo-se de sua lábia e de presentes – lábia e presentes que possuem o dom de seduzir – vergou os apetites de minha mulher, na aparência casta, perante o vergonhoso cio que a tomava. Que despudor, Amileto! Meu amor era tão digno que seguia mão na mão, guardando o voto que eu fizera ao me casar. Ela, porém, caiu, cedendo a um miserável cujos dons naturais eram bem pobres em face dos que eu tinha. Assim é: se a virtuosa não se move nunca, ainda que o desregramento venha tentá-la com roupagens belas, já os calores do desejo se enfadam de um leito puro e pastam no esterco.

A visagem se conteve. Algo a preocupava.

VISAGEM - Quietos! Penso que farejo o ar da manhã. Devo ser breve. Como era meu costume, eu dormia uma tarde na varanda lá de casa; teu tio, aproveitando a hora morta, despejou em meu ouvido um veneno tirado da peçonha da surucucu e que só os índios conhecem o segredo. Como a própria picada da surucucu, esse veneno corre ligeiro os caminhos do corpo e coagula e talha o sangue. Assim fez ele ao meu. Como se eu fosse um lazarento, meu corpo se cobriu com uma crosta nojenta. Estava eu pois dormindo quando a mão que deveria ser fraterna me privou da vida, das propriedades e da mulher. Cortou-me em plena floração de meus pecados, sem que eu tivesse recebido a eucaristia, sem estar preparado, sem extrema-unção; sem haver me confessado e me arrependido de minhas faltas, que não foram poucas, Amileto! Desse modo eu fui mandado a prestar contas... Pavoroso, pavoroso! Mas, qualquer que seja tua ação, não manches teu espírito nem deixes que tua alma trame coisa nenhuma contra tua mãe. Entrega-a ao céu,

como aos espinhos que ela traz no peito. Adeus agora: a luz do vaga-lume já vai perdendo o efeito e isso mostra que a manhã vem perto. Adeus, adeus, recorda-te de mim.

A visagem desaparece. Amileto, perturbado, cai de joelhos.

AMILETO – Firme, firme, não me atrações, coração! Rijas, pernas tremedeiras! Fiquem de pé! (Ergue-se) Lembrar de ti? ... Como poderia esquecer-te, fantasma de meu pai? Apagarei tudo o mais que houver na minha memória, tudo o que nela copiaram juventude e observação. Teu mandamento, e apenas ele, há de dirigir meu pensamento, sem se misturar com matéria menos alta. Pelos céus! Mulher nociva! Vilão, vilão risonho, mas vilão maldito! Juro, juro que não descansarei enquanto não cumprir essa vingança.

Ajoelha-se e reza.

Aproximam-se Horácio e Marcelo, tateando no escuro.

HORÁCIO – Amileto! Amileto!

MARCELO – Amileto!

HORÁCIO – Que os céus o guardem!

AMILETO – (à parte) Assim seja. (Levanta-se)

MARCELO – Ei, ei, espera aí, Amileto.

AMILETO – Ei, ei, estou aqui!

Ambos veêm Amileto.

MARCELO – Então, tudo bem?

HORÁCIO – Como foi?

AMILETO – Não dá nem pra acreditar.

HORÁCIO – Conta, pelo menos.

AMILETO – Não, que vocês vão espalhar a notícia.

HORÁCIO – Que é isso, não me conheces?

MARCELO – Não confias em nós?

AMILETO – Que é que vocês pensam de tudo? Alguém acreditaria? Não existe um vilão em todo este sertão que não seja um patife, sem tirar nem pôr.

HORÁCIO – Pra nos dizer isso não carecia que algum fantasma abandonasse a sepultura.

AMILETO – É certo. Mas acho melhor que a gente se despeça. Cada um para o seu trabalho ou desejo, que não há quem não possua trabalho ou desejo. De minha parte, vou rezar.

HORÁCIO – Estás tantã? O que houve?

AMILETO – Sinceramente, não te intrigues comigo. Por minha fé, perdoem se ofendi vocês.

HORÁCIO – Não houve ofensa.

AMILETO – Houve sim, por São Patrício, Horácio, e ofensa grande. A aparição é de se confiar, mas peço que me entendam e me deixem esfriar a cabeça. Até lá não contem nada a ninguém. E peçam aos outros dois amigos que continuem a guardar segredo.

HORÁCIO – Certo! Estão mais adiante esperando.

Dirigem-se para lá.

AMILETO – Amigos, seria demais lhes pedir que jurassem segredo sobre o acontecido esta noite?

BERNARDO – As juras, seu Amileto, são palavras que o vento que passa não guarda. Só valem quando a gente empenha a honra. E a honra a gente só empenha quando sabe pra modo de quê.

AMILETO – Por mais longe que voe o nosso pensamento, há muito mistério no mundo que ele não pode explicar. A

aparição da visagem do meu pai é uma. E o que ela me disse, mais ainda. O desejo de um morto é sagrado. Eu preciso que vocês guardem segredo.

HORÁCIO – O desejo dos mortos só tem valor quando combinam com o dos vivos, Amileto. Se eles deixam esperanças, não faz mal que entrem no Inferno.

BERNARDO – Os mortos, pra descansar, já têm os sete palmos. Pior somos nós, os vivos, que pra viver não querem deixar palmo nenhum. Se vosmicê tá pensando que a alma penada de seu falecido pai – Deus se alembre da alma dele – só descansará se for vingado de alguma tramóia, vosmicê tá enganado.

AMILETO – O que você sabe? Você ouviu? ...

BERNARDO – Não, seu Amileto, não ouvi nem não sei de nada. Mas alma penada só fica vagando nesses causos. E o espírito do finado Amileto só vai sossegar se vosmicê fizer uma coisa de Valença, se vosmicê desmanchar tudo de errado que seu pai fez em vida e que seu tio piorou mais.

AMILETO – Não falem de meu tio! É um patife! Estou confuso...

BERNARDO – Há gente que morre como passou pela vida; sem fazer bulha. E há morte que serve pra acordar, pra dar vida. Vosmicê tá sendo acordado pela morte do finado seu pai, mas inda tá meio drumindo. Pra acordar de tudo vosmicê precisa ouvir o sofrimento e a voz de seus vizinhos, que mal ou bem tinham poucas queixas do velho Amileto. O que ele fez errado é fácil desfazer. Mas porém difícil é pra modo de desmanchar o que seu Cláudio tá armando num lado e seu Dr. Fortimbrás do outro. Vosmicê precisa é ajudar esse seu povo – mecê é o herdeiro legítimo – e vai ver como

a alma de seu pai vai ter sossego.

AMILETO – Não sei... Estou perturbado... Mas eu lhes peço, de qualquer modo, guardem segredo, mesmo que me vejam fora do meu juízo. Sinto que vocês são meus amigos e também quero ser amigo de vocês. Mas... vamos, vamos antes que alguém nos veja.

## **ATO II**

### **CENA 6**

---

Casa de Apolinário: Apolinário e Reinaldo conversam.

APOLINÁRIO – Entrega pra ele esse dinheiro e essas cartas.

REINALDO – Sim senhor.

APOLINÁRIO – Mas antes porém é preciso se informar do comportamento dele. E pra isso tens que agir com perspicácia... Sabes o que é perspicácia?

Reinaldo faz gesto negativo.

APOLINÁRIO - Perspicácia é ser como o raposão que vê no escuro ou como a onça que, quanto te vê, finge que vai simbora mas dá é um arrodeio pra te pegar de tocaia mais adiante. Pra te informares sobre o comportamento dela tens que fazer um rodeio.

REINALDO – Assim mesmo que eu pensava.

APOLINÁRIO – Pois bem, procura primeiro o povo de Vila Esperança que mora por lá. Conheces alguns e outros podes conhecer por apresentação. Leva a conversa com jeito até chegares em meu filho. Mas não vai direto sobre ele: finge que conheces ele por alto. Vai dizendo: “É, eu conheço o pai e os companheiros dele, e até ele próprio, assim, assim”.

Estás ouvindo?

REINALDO – Estou.

APOLINÁRIO – “Assim, assim”. E vais entrando devagar: “Conheço de vista, mas porém se for quem eu estou pensando, é um moço muito livre, e tal e coisa”. E então pergunta o que de melhor te ocorrer, mas nada de maior que o possa desonrar. Cuidado com isso. Descarrega sobre ele esses pecados comuns, de licenciosidade ou desregramento, coisas de gente moça.

REINALDO – Como mulheres, seu Apolinário?

APOLINÁRIO – Correto. Ou a bebida ou mesmo as farras. Mas modera a acusação, faz a coisa com arte...

REINALDO – Mas, seu Apolinário...

APOLINÁRIO – Pra que tudo isso, não é?

REINALDO – É, careço de saber.

APOLINÁRIO – Pois essa é a minha intenção e sou de pensar que é o expediente mais seguro: lanças sobre meu filho essas manchinhas, como aquelas que as mãos deixam às vezes nas roupas e qualquer sabão tira. Ora bem, a pessoa pode ter visto o moço praticar uma das suas e concordará contigo, na certa falando “Seu moço” ou coisa que o valha, ou bem então “amigo” ou “meu senhor”, ou outra forma qualquer de tratar as pessoas com quem se conversa.

REINALDO – É isso mesmo.

APOLINÁRIO – E nesse ponto ele... ele... que é mesmo que eu ia dizer? Pela santa missa, eu ia dizer alguma coisa: onde foi que parei?

REINALDO – Em “na certa falando ‘seu moço’, ou ‘amigo’ ou ‘meu senhor’, ou coisa assim”.

APOLINÁRIO – Isso. Pois bem, dirás que conheces Lartes e contarás os acontecidos com ele nas vezes que lhe viu. Desse jeito, usando a isca da mentira, pegamos o peixe da verdade; rodeando a caça, pisando leve e enxergando longe, colhemos as diretivas que queremos. Deus também chega ao certo escrevendo torto. Assim descobrirás tudo o que for sobre o meu filho. Me entendeste bem?

REINALDO – Entendi.

APOLINÁRIO – Com esse mesmo jeitim quero que te informes sobre as terras. A sublevação está armada: o Dr. Fortimbrás reclama os seus direitos, o seu Cláudio os dele. E os posseiros também dizem ter direitos. No meio estamos nós, tu e eu, empregados. Se a gente não souber em que pé as coisas estão, acabamos feito cana em moenda: só bagaço. Procura o seu Antônio, aquele funcionário que veio aqui e mais os outros que estão na lista; vais almoçar com eles, pagas as contas e, conversa vai conversa vem, vais arrancando o que é de interesse. Perspicácia... Perspicácia...

REINALDO – Não se avexe que vou me informar de tudo.

APOLINÁRIO – Então vai e boa viagem. Que Deus te proteja.

REINALDO – Obrigado. Bença! Até mais.

Sai.

Entra Ofélia, agitada.

APOLINÁRIO – Que houve?

OFÉLIA – Amileto... Parece que não está bem... Apareceu aqui todo pálido, tremendo, meio descomposto, completamente areado.

APOLINÁRIO – Será que ficou leso?

OFÉLIA – Não sei, mas a situação dele é de dar pena.

APOLINÁRIO – E que te disse ele?

OFÉLIA – Pegou meu pulso e segurou firme; depois, recuando até a distância de meu braço e colocando assim a outra mão na testa, começou a olhar o meu rosto com tanto tento como se fosse fazer um retrato dele. E ficou assim um tempão. Depois, sacudiu um pouco o braço, moveu por três vezes a cabeça pra cima e pra baixo e deu um suspiro tão fundo que o corpo inteiro tremeu. Por fim, me deixou livre e saiu pela porta, andando de costas, sem despregar os olhos de mim.

APOLINÁRIO – Fazia tempo que não falavas com ele?

OFÉLIA – Nem tanto. Mas estava mais fria com ele, pra não ter pega com o senhor.

APOLINÁRIO – Será que ele era mesmo sincero quando dizia que te amava? Praga de suspeita! Em nossa idade – pelo céu! – é tão normal exagerarmos por enchança de cautela como é por demais comum que a discrição falte aos mais moços.

OFÉLIA – Como também quem está acostumado a agir errado sempre pensa que os outros lhe são iguais.

APOLINÁRIO – Isso não vem ao caso. O diabo é que nesses assuntos do coração os causos podem dar nos piores resultados. O tal amor é uma paixão que pode destruir como qualquer outra. Pode enlouquecer a mais normal das criaturas. Preciso falar com seu Cláudio.

OFÉLIA – Já era tempo de deixarem que cada um escolhesse o seu destino. O seu Cláudio, como o senhor, não só quer mandar no gado e na lavoura, como quer que os filhos sigam todas as suas vontades e desejos. Eu só segui o meu

conselho, meu pai, porque não estava certa dos sentimentos de Amileto. Mas não creio que seu amor por mim seja a única causa de sua perturbação.

APOLINÁRIO – De qualquer modo vou falar com seu Cláudio. Calar será pior.

## **ATO II**

### **CENA 7**

---

Casa de Cláudio: Valtemiro e Cornélio entram. Chegam também Apolinário e Raimunda.

CLÁUDIO —Bons dias! Como foram de viagem? Andem... Sentem... Sentem... Contem logo as novidades.

VALTEMIRO - Fizemos tudo como o senhor traçou. Falamos com o diretor do Instituto das Terras e ele disse que ia mandar sustar o processo do Dr Fortimbrás. Estava na certeza de que as terras eram devolutas de lei e de gente, conforme tinha dito o Dr Fortimbrás. Agora não está mais. Disse que não tem gente pra mandar fazer a discriminação e a demarcação, mas que vai ser preciso fazer um acordo com o Dr Fortimbrás porque o que está feito, feito está!.

CLÁUDIO —Com isso vou perder metade do que é meu, deixado por meu irmão. E sobre os posseiros, o que foi que ele falou?

VALTEMIRO - Que era melhor fazer tudo pacificamente, procurando acordo e pagando alguma coisa pelas benfeitorias deles. Se começar a haver muita reclamação, vai ficar mais difícil pra resolver a situação como o senhor quer.

CLÁUDIO – É porque ele não conhece a praga da teimosia dessa gente. Não querem indenização ou, quando querem,

é um mundão de dinheiro como se fossem os donos verdadeiros das terras. Que mais?

VALTEMIRO – O mais que ele faz questão é que o senhor e o Dr. Fortimbrás façam um concorde, pois se continuarem brigando e, juntando mais o caso dos posseiros, aí vai ficar tudo mais embrulhado e ele não sabe o que pode acontecer.

APOLINÁRIO – Como se fosse fácil fazer acordo com o Dr. Fortimbrás. Onde já se viu onça faminta dividir carniça?

CLÁUDIO – É, não vai ser fácil... E no banco, tudo bem?

VALTEMIRO – Nem tanto. Conversar com gerente de banco é mais difícil que pegar muçum com as mãos. Promessa é muita, mas dinheiro que é bom... E diz que agora há aperto no crédito, que os projetos têm que ser examinados melhor, e mais um monte de conversa pra mode de dizer que só podia liberar uma parcela. Os pedidos vieram todos, mas a sobra foi nenhuma.

CLÁUDIO – Tá bom, é assim mesmo. Quem não chora não mama. É melhor vocês irem descansar. Mais tarde conversamos melhor.

Valtemiro e Cornélio saem.

APOLINÁRIO – Não vejo onde isso vai dar... Bem, seu Cláudio e Dona Mundinha, querer saber por que o dia é dia, a noite é noite, e o tempo é tempo, seria o mesmo que perder o dia, a noite e o tempo. Logo, se a brevidade é a alma do bom senso, direi logo qual é o caso: o vosso filho endoideceu. Doido, digo eu, pois não vejo como haveria de definir a insânia. A insânia é alguém estar insano. É, é isso mesmo.

RAIMUNDA – Mais sustança e menos confeito, cumprade.

APOLINÁRIO – Juro, Dona Mundinha, não tenho a arte por ofício. Ele está doido, é bem verdade; e é bem verdade que é pena; e é pena ser verdade. Eu lhe vi descomposto e descobri essa carta...

Tira um papel do bolso, e continua:

... que escreveu pra minha filha. E sou de pensar que aqui está a causa desse efeito. Ou melhor, a causa do defeito, porque esse efeito que é defeito há de ter causa.

Lê: “Ao ídolo de minha alma, à celestial Ofélia”.

A minha ciência é que seu Amileto escrevia coisas diferentes, mas ouçam:

Lê: “Em seu superiormente alvo seio estas...”

RAIMUNDA – Foi Amileto que enviou isso a ela?

APOLINÁRIO – No fim está o positivo dele:

Lê: “O mundo é infinito? O homem descende do macaco? Podes duvidar dessas coisas, suspeita que a verdade esteja a nos lograr, mas de que te amo não duvides um momento. Querida Ofélia, não sou hábil na rima, não tenho arte para medir os meus gemidos, mas acredita que meu amor por ti é insuperável, ó minha insuperável amada. Adeus. Teu para sempre. Amileto”.

CLÁUDIO – E daí? Mesmo que ele esteja assim enrabiado, não quer dizer que esteja doido.

APOLINÁRIO – Vosmicê me conhece bem. Se assim penso é porque Ofélia viu Amileto esquisito e bastante areado. Eu tinha lhe proibido de aceitar o namoro de Amileto porque desconfiei que era coisa dessa mocidade de hoje. Não é mais como antigamente, que namoro era coisa séria. E eu não queria que a gente ficasse a perigo de se intrigar por

causa de fogo de cabrito novo. Mas porém agora, depois do que está acontecendo, parece que os sentimentos do moço eram de valença e ele ficou perturbado.

CLÁUDIO – Será isso?

RAIMUNDA – Pode ser; acontece.

APOLINÁRIO – Já se deu o caso de eu ter dito “É assim”, quando era de outro jeito?

CLÁUDIO – Que eu saiba, não.

APOLINÁRIO – Pois então o melhor era a gente pegar a certeza do caso.

CLÁUDIO – Mas como se haverá de ter certeza se essa mocidade toda anda meio maluca?

APOLINÁRIO – Isso lá é verdade. Também não se respeitam mais os velhos. Não adianta nem lhe dizer que vou desobrigar Ofélia da proibição porque hoje quase me passou uma carraspana, parecendo ela o pai e eu a filha.

RAIMUNDA – Não diga!

APOLINÁRIO – Digo sim. Não bastam os posseiros pra nos apoquentar, nem a capangada do Dr. Fortimbrás, e ainda por cima os filhos...

Amileto aparece, olhar perdido.

RAIMUNDA – Olha o Amileto.

APOLINÁRIO – Deixem eu falar com ele. Pode ser que comigo, que não sou da família, ele se abra.

Cláudio e Raimunda saem. Apolinário aproxima-se de Amileto.

APOLINÁRIO – Como vais, Amileto?

AMILETO – Bem, Deus lhe pague.

APOLINÁRIO – Amileto, não me reconheces?

AMILETO – Claro, és o dono da zona.

APOLINÁRIO – Eu? Não senhor!

AMILETO - Quem dera que fosses homem de tanta virtude.

APOLINÁRIO - De virtude?

AMILETO --Sim! Ter virtude, no jeito em que está o mundo, é ser único entre os cem mil.

APOLINÁRIO --Isso lá é certo.

AMILETO --Pois a terra que é boa para uns, nem sempre é pros outros...Tens uma filha?

APOLINÁRIO --Tenho!

AMILETO-- Não a deixes andar ao sol. O sol faz a terra parir e, então, é uma benção; mas se fizer tua filha parir, o que será? Cuidado com isso, amigo.

Alheia-se.

APOLINÁRIO (para o público) - Que acham disso? Sempre insistindo em minha filha, embora não me tivesse reconhecido; imaginem, disse que eu era dono da zona. A doidice já vai longe, bem longe; pra dizer a verdade, eu também passei muitos extremos por amor em minha mocidade, bem próximos deste ...Vou falar de novo com ele. Que estás pensando, Amileto?

AMILETO - Palavras, palavras, palavras.

APOLINÁRIO - Qual a questão?

AMILETO - Entre quem?

APOLINÁRIO - Quero dizer, a questão sobre o que estás pensando.

AMILETO - (Avançando sobre Apolinário, que recua) - Calúnias, amigo, calúnias; penso que os velhos têm barbas

grisalhas, faces enrugadas, olhos que choram leite grosso da seringueira e goma de maniva; mas não sabem discernir nada de nada, além de possuírem pernas frouxas. Apesar de eu estar pensando em tudo isso, não me parece bem dizê-lo, pois tu mesmo, meu velho, haverás de chegar à minha idade...se puderes andar como um caranguejo.

APOLINÁRIO (para o público) - É doidice, mas há método nela. Não queres sair desse ar?

AMILETO - Quando estiver na cova.

APOLINÁRIO (para o público) - Com efeito, será sair do ar. A doidice às vezes voa por onde a razão e a lucidez não chegam. Em que pensas mais?

AMILETO - Na cova... na cova grande que uns vermes que se consideram gigantes estão cavando para si. Pois, se não fosse assim, por que quererias tanta terra? Pra aumentar os puteiros?

APOLINÁRIO - Quem quer terra? Eu?

AMILETO - Não és meu tio? Quantos quilômetros já tem tua cerca? Estás ao menos dando cova aos que moravam em cima e enxotaste desse mundo?

APOLINÁRIO - Amileto, estás me confundindo com teu tio Cláudio. Eu sou Apolinário...

AMILETO - Ah, é verdade! Mas são tão parecidos. Tu tramas, ele aceita; ele manda, tu fazes; tu fazes, ele encobre. Dois irmãos... Tu eras irmão de meu pai?

APOLINÁRIO - Não! (à parte) Está doido varrido.

AMILETO - É, é verdade. De meu pai não eras, mas de meu tio és. Se fizeres bem, ficarás iço como ele: basta preparar direito a rede e a cova.

APOLINÁRIO – Amileto, vou andando; tomo a liberdade de retirar-me.

AMILETO – De mim não podes tomar nada de que eu não me separe de boa vontade: menos a minha vida, menos a minha vida.

APOLINÁRIO – (Saindo) Até logo!

AMILETO – Velho ambicioso e fofoqueiro! Se puder, mata o patrão e toma tudo, como aquele tomou do irmão.

## **ATO II**

### **CENA 8**

---

À caminho da aguada, Amileto encontra-se com Ofélia.

AMILETO – (Fala sozinho) Ser ou não ser, lutar ou não lutar. O que será mais nobre: sofrer passivamente todos os azares da vida ou insurgir-me contra a maré das privações e, em luta, dar-lhes fim? Morrer... dormir: nada mais. Bastaria um sono e todas as angústias e as mil pelejas naturais – herança do homem – estariam acabadas: morrer para dormir... é um fim que muita gente deseja com fervor. Dormir... talvez sonhar. Mas aí é que está o obstáculo: quando nos libertarmos da barafunda desta existência, os sonhos que vamos ter no repouso da morte nos fazem hesitar. E é essa suspeita que impõe tão longa vida aos nossos infortúnios. Quem sofreria os relhos e as afrontas do mundo, o agravo do opressor, o desprezo do orgulhoso, toda a dor do malfadado amor, a insolência oficial, as transgressões da lei, as mediocridades que o mérito paciente tem de suportar dos nulos – quem o sofreria quando pudesse quitar tudo com a ponta de um punhal? Quem carregaria fardos, gemendo e suando sob

a vida fatigante, quem se deixaria expulsar de suas terras, vendo seu rancho ser queimado e sua roça destruída, se o receio da morte – essa região desconhecida cujas divisas jamais viajante algum atravessou de volta – não nos fizesse fraquejar a resolução, nem nos fizesse tolerar os nossos males de preferência a voar para outros não sabidos? O pensar assim nos acovarda e assim é que a decisão vacila e a pele se cobre com a brancura pálida da melancolia. Pior, desde que a gente se enrede em tais pensares, não há empresa, por maior que seja, que não mude de rumo e não cesse até mesmo de se chamar ação... Quietos, lá vem Ofélia!

OFÉLIA – Amileto! Onde vais?

AMILETO – Por aí. E tu, que fazes?

OFÉLIA – Estou voltando da Baixa. Tem mais um curso de alfabetização lá.

AMILETO – E em ti, tu pensas?

OFÉLIA – Como?... Que pergunta!!! Cada um pensa em si, mas quem muito exagera nesse sentido, não vive. O que vale a nossa vida se não doamos um pouco dela em benefício dos outros, mais ainda dos que sofrem?

AMILETO – Eu sofro. E o que fazes por mim?

OFÉLIA – Só recebe quem também sabe dar. Tu por acaso sabes? Tu só queres para ti, só te preocupas com os teus problemas, mesmo que o mundo à tua volta esteja em chamas.

AMILETO – É verdade. Melhor fôra se minha mãe não me houvesse trazido ao mundo; sou demasiado soberbo, vingativo, ambicioso, com mais crimes ao meu dispor do que pensamento para abrigá-los, imaginação para dar-lhes forma ou tempo para cometê-los. Que adiantam indivíduos

como eu entre o céu e a terra? Somos todos uns patifes rematados.

OFÉLIA – De que adianta se flagelar. Estás no mundo, queiras ou não, e às vezes não é tão fácil sair dele. Dizem que andas doido, mas eu não acredito. Que há contigo? Por que não abres teu coração? De que valeram nossas juras? Nossas promessas, onde andam?

AMILETO – Não acreditas, não acreditas... mas no que acreditas? No meu amor? Não devias. Se casares, te darei esta praga como presente: sejas tão casta como a indiferença, tão pura como a gema do diamante, não escaparás à calúnia.

Anda de um lado para o outro.

AMILETO - Ou, se tiveres que casar, casa com um desses tabaréus que costumam ajudar, pois um homem avisado logo descobrirá o chifre que colocarás nele.

OFÉLIA – Queres me ofender, mas bem sei que isso é encenado e não vem dentro de ti. Olha, Amileto, desconfio que coisa muito séria e pesada vai em teu coração, mas acho errado que te amargures desse jeito e não procures consolo e conselho com aqueles que podem te ajudar por serem teus amigos. Quando uma coisa assim vai na alma da gente, o perigo é deixar que fique encubada e, ao sair da casca, vire fúria ou loucura. Por que deixar que toda essa força exploda dentro de ti, quando a podes usar em tanta coisa útil? Tu bem sabes o que os posseiros estão sofrendo, o padecimento das famílias, gente sendo expulsa a ponta-pé e a golpe de facão, e nada fazes quando poderias muito.

AMILETO (perturbado) - Também tenho ouvido falar, e muito, de como te pintas e andas saracoteando por aí, na

casa de uns e de outros com essa história de ajudar aos que necessitam. Vives por aí imitando as crianças, apelidando as criaturas de Deus e fazendo tua malícia passar por ignorância. Foi isso que os padres e as freiras te ensinaram? Vamos, chega, foi isso que me pôs maluco. Digo-te, não mais teremos casamentos. Hão de viver os já casados – todos, exceto um – os restantes permanecerão como se encontram. Vai, vai cuidar de tua vida!

Continua seu caminho, gesticulando. Ofélia, muda, parece desconsolada.

Amileto continua andando e se encontra com Horácio.

HORÁCIO – Ei! Onde vais? Estás sentindo alguma coisa?

AMILETO – O mesmo de sempre. Digo o que não sinto e firo a quem não devo. Todo meu ser é um só e dolorido nervo e basta um senão para que eu perca o domínio de mim próprio.

HORÁCIO – Teus olhos estão voltados para dentro e só vêem teus sofrimentos. Por que não olhas para fora?

AMILETO – Encontraste Ofélia?

HORÁCIO – Não. Por quê?

AMILETO – Dizes o mesmo que ela. Não te disse nada?

HORÁCIO – Por que diria? As verdades gerais não têm dono; são ditas por muitos das formas mais diversas.

AMILETO – Mas que queres que eu faça se o sofrimento encobre minha vista e turva meus sentidos?

HORÁCIO – Já te disse: olha para fora. Não precisas olhar muito longe, basta reparar à tua volta. O que mais vale aqui? O homem ou o boi? O pobre veio para cá, suou pra amansar a terra e a mata. Quantos dos seus enterrou

nessa mesma terra que planta? Quanta dor não sentiu de cansaço, de estrepada, de colheita ruim, de picada de cobra, de tremura de tersã, de febre braba? E olha que essa dor vem de longe, sempre renovada, e mais renovada e reforçada quando, depois de tanta trabalhadeira, é enxotado da terra como bicho danado...

AMILETO – Mas sempre foi assim...

HORÁCIO - É, sempre foi. Dês que Deus criou os ricos e os pobres, uns pra ter as coisas e os outros pra servir, pra trabalhar, não é assim?

AMILETO - ...???

HORÁCIO - Mas eu pergunto quem deu essas terras pra teu tio e pro Dr Fortimbrás? Teu tio pegou o que era de teu pai, que por direito não passava de um posseiro como os outros. Era mais rico, é verdade, mas direito mesmo não tinha mais do que ninguém, pois isso tudo era e é terra devoluta. E agora teu tio vai lançando a cerca, cercando tudo com arame, do mesmo jeito que o Dr. Fortimbrás. E, quem resiste, eles apertam, cada um a seu modo, como a gente aperta semente de cacau para tirar a polpa. Lembras do Chico da Zefa, aquele cabra trabalhador como quê? Hoje está enterrado com 3 tiros nas costelas e a mulher e os filhos estão no mundo, com a casa queimada, sem ter nenhum arrimo. E quantos não estão assim porque dois tocos da peste, ruins que nem desgraça ou bosta de porco, resolveram que essa terra toda é deles? E tu... Olha, vem gente.

AMILETO --Quem são?

HORÁCIO – Espera! É Bernardo e outros... São amigos. Bernardo e os outros se aproximam.

BERNARDO - Boas tardes.

AMILETO e HORÁCIO - Boas

OS OUTROS - Boas

HORÁCIO - Tudo bem, Bernardo? Alguma novidade?

Acocoram-se todos.

BERNARDO - O de sempre. Estamos voltando da casa do Filipe. A jagunçada do seu Dr. Fortimbrás foi lá amedrontar ele pra sair de cuia vazia, mas nós fomos falar pra ele agüentar que nós estamos com ele.

HORÁCIO - E se eles continuarem a queimar as casas e as roças? Como é que fica?

BERNARDO - A coisa tá difícil. O mais fácil pro corpo é a sepultura e nem essa pra nós querem dar direito. Mas porém agora a gente arresolveu resistir e a maior fraqueza é desistir da coisa começada. Seu Cláudio e o seu Dr Fortimbrás querem ser donos de tudo sobre a terra, mas isso ninguém pode ser. Deus fez a terra para os homens e os animais; não deu pruns poucos os títulos, pros outros o cativoiro, que quem não tem terra é o mesmo que ser escravo. Quando a gente chegou aqui tudo era mato bruto. Derribamos a mata, fizemos o roçado, situamos a mandioca, o bananal e as fruteiras; se a gente fosse caboclo sem talento não tinha nada disso não. Agora querem tocar a gente, mandam derribar nossos cercados pro gado deles comer a maniva, o legume, tudo... A gente veio de longe pra fugir do cativoiro e quando espera lá vem ele de novo. Parece que não tem mais terra pra cristão viver... Já tamos cansados de ser que nem jumento de tropeiro que apanha, trabalha, sofre que faz dó, mas na hora que o dono balança a cuia de milho, desaba abanando o rabo.

AMILETO - Por que vocês não vão pra mais longe? Para um lugar onde não haja essa disputa toda?

BERNARDO - Pra acontecer tudo de novo? E pra modo de que a gente tem que sair fugindo feito cão danado, se fomos nós que amansamos tudo aqui? Pra modo de que sempre nós é que precisamos viver como retirantes, sempre tocados, sem terra? Adespois que está tudo limpo, situado, chegam os ricos e carimbam a terra com a bosta do boi. Pronto, a terra é deles e a gente é que tem de se tocar. Que diferença faz com o tempo do cativo? Também naqueles tempos a nossa vida não valia nada, era como uma vela acesa: um sopro, pronto, acabava. Mas porém a gente morria como cristão, enterrado no chão santo e com uma cruz em riba da cova ... Agora, matam o posseiro de tocaia, estrepam na ponta dum pau e quando é encontrado já tá com os olhos furados pelos urubus e a carne podre. Vida safada essa!

FRANCISCO - Eles tão derrubando o resto da mata, vão derrubando e tomando devagarinho as colocações e cercando tudo. A posseirada procura os seus direitos e não acha. O que a gente quer é possuir um pedacinho de terra e não ser sujeito a ninguém, não dever obrigação. A terra tem que ser certa porque não adianta a gente vivermos numa terra assombrados. A gente precisamos viver também, precisa ter terra pra viver sossegado. Porque não adianta chegar num local, fazer uma benfeitoria, botar roçado, tanto o homem como a mulher, plantar macaxeira, milho, ter criação de galinha, de porco, pra depois botarem a gente pra fora da colocação.

OUTRO - Da terra a gente tira o de comer, o de vestir, o remédio, tudo. Mas os homens chegam e dizem que a terra é deles. E quando a gente procura os direitos, dizem que a justiça da terra deles é eles mesmo. E quem já viu justiça

pobre? Gente desse sertão vive e morre sem ser lembrado. Então a gente achou que os pobres mesmo é que precisam se lembrar deles e acabar com esse esmorecimento que bate no povo quando chega a capangada pra tocar a gente. Por isso, é que agora tá todo esse burburim.

## **ATO II**

### **CENA 9**

---

Casa de Cláudio. Cláudio e Apolinário conversam.

APOLINÁRIO – Não há como duvidar: Amileto está doído. Está esquisito. Fala atrapalhado, mas não perdeu o senso; não parece ter perdido a moral, o que não seria perder muito; e, o mais estranho, não perdeu o ânimo, com o que perderia tudo. É uma doídice diferente, com certa lógica. Só pode ser mal do coração.

CLÁUDIO – Pensei que os moços de hoje não tivessem mais disso. Amor! Ele não é disso. Algo lhe vai na alma, algum secreto que pode se tornar perigoso ao virar notícia. Algum mau pensar criou raiz no seu espírito e a cabeça, sempre martelando a mesma coisa, o tira da conduta usual. Que lhe parece?

APOLINÁRIO – Ainda acredito que o amor desenhado foi o começo e a origem do que lhe acontece. Vosmicê deve agir conforme o seu agrado. Seria conveniente que Dona MUNDINHA falasse com ele sem rodeios para que ele revelasse o que lhe atormenta. Se ele não se abrir, seria bom que fosse mandado pra qualquer sítio onde a prudência indicasse. Já é muita coisa ter esses posseiros e o Dr. Fortimbrás para azucrinar a vida da gente.

CLÁUDIO – Pois seja. É bom que faça isso. Não estou apreciando nada o jeito dele. Nem é seguro pra nós que nessa loucura fique vagando à solta, com tudo o que está acontecendo por aí.

APOLINÁRIO – Sim senhor.

Sai. Cláudio fica só, andando de um lado para outro.

CLÁUDIO – Meu crime já tresanda aos céus. Já sinto sobre mim a maldição primeira, a mais antiga, a de matar o próprio irmão! Não consigo rezar: a culpa é ainda mais forte que o desejo. Ainda que o sangue fraterno aumentasse ao dobro esta maldita mão, haverá chuva nos céus para lavá-la e deixá-la sem manchas? Qual é a serventia da misericórdia, senão a de encarar o crime? E que há na prece, além do duplo poder de prevenir para que não caiamos, e de nos perdoar, quando caídos? Erguerei, portanto, os olhos. A minha falta é coisa passada; mas que forma de oração é a melhor que me cabe? “Perdoai o infame crime cometido?” Não pode ser: estou de posse de tudo pelo qual matei: terras, propriedades, ostentação, mulher. Terá perdão quem guarda o que alcançou por crime? O curso deste mundo está podre: o delito, quando o dinheiro vai na frente da mão, quase sempre afasta a justiça. É comum o prêmio da maldade comprar a lei. Porém lá em cima não é assim. Não há escapatória; lá o efeito é recebido segundo a sua verdadeira natureza. Somos então forçados a depor em frente às nossas próprias faltas... Que fazer? Que resta? Provar a força do arrependimento. Porém, o que é que pode se alguém não consegue se arrepender? Arrependimento, consolo tardio dos fracos... Miserável situação! Danada de alma que quanto mais luta para fugir, mais presa fica! E os posseiros que mandei dar cabo? Mas

esses não contam... valei-me meu Senhor, pra que eu tente!  
Verguem-se joelhos endurecidos! Coração de espinhos de tucum, fica suave como as carnes de algum recém-nascido!  
Tudo pode arranjar-se ainda.

Ajoelha-se.

Amileto entra e vê Cláudio ajoelhado.

AMILETO – Eu poderia agir agora, é o momento, agora que ele está rezando: - e vou agir.

Tira um punhal.

AMILETO - Vou mandar esse peste para o outro mundo e assim fazer vingança. Mas... espera! É preciso que isso seja ponderado: um patife me assassina o pai; por causa disso, eu, filho único, despacho esse miserável... Não, isso é refrigério e paga, não vingança. Ele colheu meu pai farto de pão, impuro, quando floriam plenamente os seus pecados, com o vigor da primavera... E quem, exceto o céu, sabe como ele está na prestação de contas? Pesado deve ser seu castigo. Por acaso estarei vingado se colher este aqui enquanto ele purga a alma, quando está pronto e preparado para o transe? Não!

Guarda o punhal.

De volta, lâmina! Sentirás o mais negro punho quando ele estiver na zonzeira da bebida ou empolgado pela fúria do desejo, ou no prazer pecaminoso de seu leito; ou no jogo, blasfemando ou cometendo um ato que não enseje salvação. Derruba-o então de pernas para o ar e de alma negra e condenada como o inferno onde cairá. Essa tua reza é um remédio que te serve unicamente para alongar um pouco essa existência doente.

Encosta-se à parede.

CLÁUDIO – (Erguendo-se) Minhas palavras voam, os pensamentos não; sem pensamento as preces não vão para o céu.

Sai sem ver Amileto, que começa a andar de um lado para o outro.

Entra Raimunda.

RAIMUNDA – Ó Amileto! Eu te procurava.

AMILETO – Então, mãe, de que se trata?

RAIMUNDA – Tu ofendeste muito o teu pai, Amileto.

AMILETO – Ó minha mãe, muito ofendeste meu pai.

RAIMUNDA – Vamos, vamos, com língua doida repon-des.

AMILETO – Ora, ora, com língua má me acusas.

RAIMUNDA – Que dizes?

AMILETO – De que se trata agora?

RAIMUNDA – Esqueceste quem eu sou?

AMILETO – Não, por Jesus, não: és a dona da casa, a esposa do teu cunhado e – antes não fosses – és minha mãe.

RAIMUNDA – Pois vou trazer então quem possa falar contigo.

Tenta sair. Amileto a segura pelo braço.

AMILETO – Vamos, vamos, senta. Não te moverás, não sairás daqui sem que eu ponha na tua frente um espelho onde vejas o fundo de tua alma.

RAIMUNDA – Que queres fazer? Estás doido? Vou chamar teu pai.

Solta-se com um gesto brusco e sai.

Amileto fica só.

AMILETO – Terá que ser agora.

Ouve-se passos. Amileto arranca seu punhal e esconde-se ao lado da porta.

Entram Raimunda e Apolinário.

AMILETO - Como? Um rato? Um rato! Um mi-réis que ele vai morrer.

Amileto dá uma estocada em Apolinário.

APOLINÁRIO – Oh! Estou morto!

RAIMUNDA – Ai de mim! Que fizeste?

AMILETO – E que sei eu? Não teu marido?

Amileto vira Apolinário de frente.

RAIMUNDA – Que feito impensado, que ação sangrenta. Oh, Amileto, por que fizeste isso?

AMILETO – Sangrenta, sim. Quase tão má, boa mãe, como matar um pai e desposar um irmão.

RAIMUNDA – Matar foi o que eu disse.

AMILETO (Para Apolinário) - Adeus, tolo intrometido e temerário. Te tomei por alguém maior; aceita a sorte. Bem vêes que há perigo em ser xereta.

AMILETO (vira-se para a mãe) - Ora, para de torcer as mãos; calma, senta. E deixa-me ouvir teu coração. Eu o conseguirei se ele ainda não se tornou de ferro, impenetrável aos sentimentos.

RAIMUNDA – O que fiz eu para levatares a voz e ofensas a mim?

AMILETO – O que fizeste? Um ato, só um ato que mancha a graça da vergonha, que chama de falsa a virtude, que torna os votos do casamento perjuro como um jogador de dados. Um ato que arranca a própria alma do corpo do consórcio e

faz da religião mais meiga um palavreado sem sentido. Sim, um ato perante o qual se afogueia o Céu, e a Terra treme de aflição como na expectativa do Juízo Final.

RAIMUNDA – Ai de mim, que ato?

AMILETO leva-a para junto dos retratos na parede.

AMILETO - Olha aqui, nestas fotos, a representação fiel de dois irmãos. Vê a inteireza deste rosto, sua fronte altiva, o olhar imperioso e ameaçador, uma atitude igual à de uma águia quando pousa na castanheira que beija o céu. Tudo afixando que ali estava um homem. Este era teu marido. Olha agora o outro. Aqui está teu marido, espiga carunchada mirando o irmão sadio. Tens vista? Deixaste de te avigorar neste belo maná para engordar nesta secura? Ah! Tens vista? Não podes dizer que é amor: em tua idade a excitação do sangue é dócil, faz-se humilde, serve ao bom senso. E que bom senso trocaria um pelo outro? Claro, tens sensações, ou não terias desejos. Mas a convulsão colheu-te os sentidos, pois o alheamento não era assim, nem os sentidos são escravos tão cegos da loucura: guardam algum senso para servi-los em tamanha diferença. Que diabo: assim te iludiu na cabra-cega? Os olhos sem o tato; o tato sem a vista; o ouvido sem as mãos e a vista; o olfato só. Ou só parte, doente, de um sentido veraz. Não poderiam extraviar-se desse modo. Vergonha! Onde é que está a vergonha? Inferno rebelde, se podes te revoltar pelos ossos de uma matrona, deixa que a castidade seja cera para a juventude fogosa e se derreta nesse fogo. Publica a inexistência de qualquer afronte quando os desejos da mocidade atacam: o próprio orvalho também queima ativamente e até a razão se torna alcoviteira da libertinagem.

RAIMUNDA – Não! Não fales mais. Fazes que eu volte o meu olhar para o interior de minha própria alma, onde diviso manchas negras que não sairão jamais.

AMILETO – E isso para viver no suor malcheiroso de um leito ensebado, onde fazes o amor...

RAIMUNDA – Chega! Chega! Essas palavras entram pelos meus ouvidos como punhais. Basta, Amileto querido, basta!

AMILETO – Um assassino e pulha, um vigarista que não vale um vigésimo do dízimo de meu pai, um bobo entre os bobos, um ladrão de gado, de bens e mando que roubou do armário as escrituras de posse e colocou no bolso...

RAIMUNDA – Oh, basta! ...

AMILETO – Um traficante...

Amileto olha espantado como se estivesse vendo o fantasma.

AMILETO - Valei-me anjo dos céus!

RAIMUNDA – Ai! Está doido!

AMILETO – Como te sentes, mãe?

RAIMUNDA – Ai! Como te sentes? Isto sim. Fixas o olhar no ar e falas com ele; teus olhos vigiam como se vissem algo; teus cabelos se levantam e ficam em pé como se ganhassem vida. Aonde olhas?

AMILETO – Para ele, para ele! Olha o seu brilho pálido! Para o ar. Não, não me fites com esse olhar de piedade. Acabarás transformando as minhas duras intenções: então aquilo que preciso consumir não apresentará seu aspecto verdadeiro, as lágrimas acabarão substituindo o sangue.

RAIMUNDA – Com quem falas?

AMILETO – Não vês nada?

RAIMUNDA – Nada, embora veja tudo quanto existe.

AMILETO – Não ouviste nada?

RAIMUNDA – Nada, a não ser a tua voz.

AMILETO – Pois vê, olha aí, olha como ele se retira! Meu pai, nas vestes que trazia quando vivo, vê como ele sai, agora.

RAIMUNDA – É tua cabeça que cria essa ilusão; a insânia é hábil em criar formas vazias.

AMILETO – Insânia! Não, meu pulso bate compassado e faz, tal como o teu, boa música. Na foi loucura o que eu disse. Põe-me à prova e eu te repetirei tudo, palavra por palavra, coisa de que a loucura fugiria aos saltos. Mãe, pelo amor de Deus, não esfregues tua alma com esse unguento enganoso de crer que é minha insânia que fala, em vez de tua falta; isso somente cobriria levemente a ferida, enquanto tudo seria minado por baixo, arruinando-a sem ser vista. Confessa-te ao céu, arrepende-te do passado, evita pecar no futuro. Não espalhes estrume sobre as ervas más, o que as faria mais exuberantes. Perdoa à minha retidão estas palavras: na gordura em que ofegam estes nossos tempos, a honestidade tem que pedir desculpa à corrupção, curvar-se e pedir permissão para fazer-lhe o bem.

RAIMUNDA – Ó Amileto, partiste em dois meu coração.

AMILETO – Põe fora a parte pior: vive mais pura com a outra metade. Aquilo que prejudica é melhor se botar para fora. Boa noite. E não tornes ao leito de meu tio: se não és virtuosa, fazas por ser. O hábito é um monstro que nos devora a percepção dos maus costumes, mas é também um anjo que nos permite a prática dos atos bons. Ainda uma vez,

boa noite! Quanto a este senhor, estou arrependido. (Mostra Apolinário) Mas foi o céu que assim dispôs, para punir-me por meio dele, e a ele com o que eu lhe fiz. Vou escondê-lo e dar total satisfação por essa morte. Assim, mais uma vez boa noite. Isto começa mal e pior será o restante.

Amileto vai saindo, mas volta.

AMILETO - Uma palavra mais, mamãe.

RAIMUNDA – Que farei?

AMILETO – Nada daquilo que eu disse. Deixa que o inchado te atraia ao leito, bandalho te belisque a face e ao te chamar “Minha gatinha” por um par de beijos imundos, ele faça com que lhe reveles tudo: que eu realmente não estou louco, mas apenas dissimulo. Seria bom que lhe disseses isso. Pois quem – tirante uma princesa, bela casta e prudente das histórias da carochinha – esconderia tal coisa vital de um sapo, de um morcego, de um chopim? Quem faria isso? Não, malgrado o bom-senso e a puridade, entra na cesta para ver em que dá isso. E rebenta a nuca na queda...

RAIMUNDA – Fica tranqüilo...

AMILETO – Sabes que querem me mandar para algum lugar longe do mundo?

RAIMUNDA – Ai! Sim, sim. Mas não é bem isso.

AMILETO – Veremos se não é uma cilada. Este homem vai fazer com que eu me mova rápido com meus pertences. Vou arrastar suas vísceras para o outro quarto. Mãe, boa noite de verdade. Enquanto vivo, como este capataz era falador e avoado: e ei-lo bem grave, bem discreto, bem calado... Vamos, senhor, pôr um final em seu caso. Boa noite, mãe.

Sai arrastando o corpo; Raimunda cai em prantos.

## **ATO II**

### **CENA 10**

---

Casa de Cláudio. Raimunda continua soluçando, caída. Entram Cláudio, Rosemiro e Gaudêncio.

CLÁUDIO – (Erguendo Raimunda) Que aconteceu? Tuas lágrimas são sentidas, devem ter motivos profundos que merecem explicação. Que é de teu filho?

RAIMUNDA – Deixem a gente sozinhos por um instante. (Saem Rosemiro e Gaudêncio)

RAIMUNDA - Oh, foi horrível!

CLÁUDIO – O que foi, Mundinha? Como está Amileto?

RAIMUNDA – Louco, tal como o vento e a castanheira lutando para ver qual o mais forte. Num acesso desgovernado, ao ver Apolinário entrar grita: “Um rato, um rato!” E assim pensando puxa a faca e mata o bom velho sem o ver.

CLÁUDIO – Terrível! Se fosse eu que tivesse entrado, seria o mesmo. Livre, ele ameaça a nós todos: a ti, a nós, a cada qual. Como iremos prestar contas desse crime? Vão nos culpar, pois já devíamos ter aprisionado e colocado fora de nosso caminho o jovem doido. Mas nós o amávamos tanto que não queríamos saber o que convinha. Do mesmo jeito o portador da doença malsã: pra manter secreta a doença ele deixa que ela lhe roa até a medula da existência. Onde está ele?

RAIMUNDA – Foi colocar o corpo do infeliz nalgum retiro. Sua loucura é tão pura como o ouro no meio da ganga, pois ele chora o sucedido.

CLÁUDIO – Ora vamos, Mundinha. Tão logo toque o Sol no topo das árvores, vamos fazer com que bote o pé na

estrada. É preciso que fique escondido por algum tempo, até acharmos uma solução para o feito. Temos que desculpar seu crime pela doidice. Ei, Gaudêncio!

Entram Rosemiro e Gaudêncio.

CLÁUDIO - Amigos, peguem algum auxílio e vão procurar Amileto. Em sua leseira, matou Apolinário e depois saiu puxando o corpo por aí. Vão atrás dele, falem macio com ele e tragam o corpo para a capela.

Rosemiro e Gaudêncio saem.

CLÁUDIO - Vamos, Mundinha, procurar os amigos que têm algum siso para que saibam o que pretendemos e nos aconselhem nessa hora precisa. Minha cabeça está confusa.

Antes que saíssem, chegam várias pessoas. Cláudio fala com todos e, depois, pede que a maioria se retire, só permanecendo 3 de mais idade, parecendo comerciantes e funcionários.

CLÁUDIO - Já íamos procurá-los... Amileto está doido, maluco mesmo, e acabou matando Apolinário, pensando matar um rato. Mandeí que o buscassem e procurassem o corpo. É muito perigoso que Amileto ande solto por aí. Mas não convém lhe impormos o rigor da lei, pois ele é querido pela população, que não estima com o juízo, mas com os olhos. E quando é assim, o que preocupa é o relho no culpado e não o crime. Para bem levar as coisas é melhor que ele suma no oco do mundo até as coisas amansarem. Para aliviar enfermidade desesperada temos que usar mezinha desesperada. Outra não há.

Entram Rosemiro, Gaudêncio e outros.

CLÁUDIO - Então? Que aconteceu?

ROSEMIRO --Não conseguimos que contasse onde escondeu o corpo.

CLÁUDIO - Sim, e ele, onde está?

ROSEMIRO - Ai fora, e bem guardado.

CLÁUDIO - Tragam, tragam ele logo para dentro.

ROSEMIRO --Ei! Tragam Amileto.

Amileto entra, escoltado.

CLÁUDIO - Vamos, Amileto: onde está Apolinário?

AMILETO - Num repasto.

CLÁUDIO - Num repasto? Onde?

AMILETO - Não onde come, mas onde é comido. Certa reunião de vermes está com ele agora: o verme é o único rei. Fazemos com que todos os peões comam para trabalhar e trabalhem para nos cevar. E nós nos cevamos a nós mesmos para as larvas... O fazendeiro gordo e o mendigo esquelético são apenas comidas diferentes, dois pratos diversos, mas destinados a uma só mesa: este é o final.

CLÁUDIO - Que lástima! Que lástima!

AMILETO - É possível que alguém pesque com o verme que comeu o fazendeiro e depois coma o peixe que engoliu o verme.

CLÁUDIO - Que queres dizer com isso?

AMILETO - Nada, apenas mostrar como um fazendeiro pode viajar pelas entranhas de um mendigo.

CLÁUDIO - Onde está Apolinário?

AMILETO - No céu - manda ver, já que lá não podes entrar. E se te disseram que lá não está, vai tu mesmo procurar no outro paradeiro. Mas se realmente não o encontrares dentro de um mês, haverás de descobri-lo pelo olfato ao

passares em frente da despensa.

CLÁUDIO – Vão buscar.

AMILETO – Não se apressem. Ele ficará esperando até que vocês cheguem.

Saem.

CLÁUDIO – Embora o que fizeste nos magoe, para tua própria segurança terás que te afastar daqui hoje mesmo. Prepara-te para ir para a quinta do compadre Argileu, no rio do Peixe.

AMILETO – No rio do Peixe? É uma boa caminhada.

CLÁUDIO – Certo. E terás que ir de canoa e de a-pé. Sai-rás logo à noitinha, com Rosemiro e Gaudêncio.

AMILETO – Bom.

CLÁUDIO – É o que acharias se soubesses a nossa in-tenção.

AMILETO – Tenho um anjo da guarda que sabe. Vamos, porém! Para o compadre Argileu! Adeus querida mãe.

CLÁUDIO – Teu extremoso pai, Amileto.

AMILETO – Minha mãe – pai e mãe são marido e mulher; marido e mulher, uma só carne; logo, minha mãe.

CLÁUDIO – (Para Rosemiro e Gaudêncio antes de acom-panharem Amileto): Sigam-no bem de perto. Não dá para levar os animais. Assim, partam logo que a tarde cair. E levem essa carta para entregar em mãos do compadre.

Saem todos, exceto Cláudio.

CLÁUDIO – Se nalguma coisa prezas minha amizade, compadre Argileu – e posso, à força, te mostrar o que ela vale – não negligenciarás no mandato que seguiu na carta. Prepara uma tocaia bem feita, e tira Amileto do nosso cami-

inho. Não esmoreças, Argileu, que esse rapaz é como a sezão que ataca meu sangue e me enfraquece a cada tremedeira. Suceda o que de bom me possa acontecer, minha alegria não retornará enquanto eu não souber cumprido esse mandato.

Sai.

### **ATO III**

#### **CENA 11**

---

Um caminho. Amileto, Rosemiro e Gaudêncio seguem por ele, o dia já claro. Encontram uma cerca onde trabalham alguns peões.

AMILETO – Bons dias. Já cedo no trabalho, hein!

UM PEÃO – Bons dias. É a necessidade que faz o galo cantar mais cedo e tirar a gente da rede.

AMILETO – Que mal pergunto, de quem é essa cerca?

O PEÃO – É do seu Dr. Fortimbrás, sim senhor.

AMILETO – Fortimbrás? Até aqui ele anda cercando?

O PEÃO – É cerca de não acabar mais. Nós fizemos uma empeleita pra modo de esticar umas 6 mil braças de cerca de 4 fios de arame. O seu Dr. Fortimbrás quer plantar capim em tudo e jogar o gado aí dentro logo, logo. Diz que é também pra não deixar roubar as madeiras de lei.

AMILETO – E os posseiros das beiras? Vai ficar tudo dentro da cerca?

O PEÃO – Fica não senhor. O gerente do seu Dr. Fortimbrás já mandou aviso que é pra modo deles desocuparem os sítios. Tem uns que se assentaram faz pouco e queriam arrendar, mas é tudo mesmo só pra gado. Nada de agregado nem reideiro, que o homem só quer pasto. Mas têm uns aí

dizendo que não saem não.

AMILETO – Quer dizer que vão brigar?

O PEÃO – É... tá parecendo. Não vai ser coisa fácil não. O seu Dr. Fortimbrás tem muito homens e o gerente diz que também tem os soldados pra ajudar a arrancar os moradores. Ter terra hoje tá a maior dificuldade. O que sobra é trabalhar de pião rodado e ainda corre o risco de levar chumbo em vez de receber o pagamento.

AMILETO – Mas não são vocês mesmo que ajudam a pôr fogo na casa dos moradores?

O PEÃO – Somos não. Isso é coisa da jagunçada contratada só pra modo desse serviço. É gente da pior. São eles também que ficam vigiando a gente pra não fugir. Nós tudo fomos ajustados por um “gato” com as maiores promessas. Tudo era pra ser do melhor: salário, alojamento, comida, tudo... Mas porém quando a gente chegou aqui a conversa foi outra. A mentira só aturou mesmo o tempo que levou pra verdade chegar: a comida é repunante; os alojamentos são uns trastes sem serventia, quando chove é uma goteirada que ninguém consegue tirar um sono; o salário a gente nunca vê. Inté hoje ainda tamos devendo a viagem e o armazém faz as dívidas crescerem que nem mato ruim. É que nem ser cativo. E se a gente tenta fugir, a jagunçada tá aí mesmo...

AMILETO – E por que vocês saíram da terra de vocês? Lá não estava bom?

O PEÃO – Como era de não sair de lá se não havia mais terra pra plantar nem trabalho pra arrumar o de cumer? Nem de alugado tava dando mais; os homens tão virando tudo em pasto pra botar boi, ou então trabalhando só com máquina. Pra eles é muito bom que dá mais dinheiro. Mas

porém pra pobreza só é perdição: quem tem terra pouca é apertado inté vender; quem era morador tem que sair que patrão nenhum quer mais rendeiro por lá. O jeito que tinha era ficar de bóia-fria pegando o serviço que aparecesse ou então se mandar pra esse oco de mundo onde sempre haverá de aparecer uma posse ou umas empeleitas boas de se juntar algum dinheiro. A gente nunca que ia maldar que a coisa era preta desse jeito: posseiro tá é levando ferro em brasa e pião tem que andar sem se espritar senão a coisa fica feia pro lado dele.

AMILETO – Quantas almas e quanto esforço para alimentar a ambição de uns. Isso é um tumor que vai reben-tando por dentro. E por fora não mostra qual a causa do rompimento. Mas não há de ser nada: Deus está velando por nós.

O PEÃO - Tomara, seu moço. Às vezes a gente inté duvida que Deus teja se alebrando: é tanta miséria, tanto crime, tanta perdição. A gente entra aqui na fazenda como gente, mas só sai fugido, como se fosse assassino. Eles botam os pistoleiros atrás e matam mesmo. Só mesmo no desespero, quando a maleita bate firme e o remédio que sobra é a fuga. Porque peão não é atendido nem na segunda fala.. A primeira é quando a gente se queixa da doença e depois da segunda é a terceira: não fala mais. O Quelé veio comigo do Maranhão: não tinha nem 18 anos, queria fazer a vida, enricar. Aí deu uma febre danada e ele ficou postado na mata. Então foram na sede chamar o gerente pra buscar ele lá, na camioneta. Mas o gerente disse que a camioneta estava desmantelada e não mandou buscar o menino na mata. O

Quelé ficou lá no mato morrendo e o gerente não quis fa-

zer nada. Ele diz que não tem obrigação, não assina carteira nem nada pra não ter essa obrigação. O Quelé morreu antes de a gente conseguir chegar com ele no povoado. Trouxemos na rede presa na vara se revezando. Inté que o pobrezinho não pesava muito. E pra terminar, não pagaram nem o salário da derriba, que era pra gente mandar pra família dele.

AMILETO - É, Deus precisa mesmo se lembrar deste mundo. Vamos chegando que a caminhada é longa. Obrigado pela atenção. Bom dia para todos. Até mais.

PEÕES - Bom dia. Siga na paz do Senhor.

Rosemiro e Gaudêncio seguem adiante.

AMILETO - Como falam contra mim os incidentes, como me agrilhoam a desafronta tardia! Que é um homem, se apenas dormir e alimentar-se são o seu bem mais alto e o preço do seu tempo? Um animal, nada mais. Certo, aquele que nos fez com o dom do raciocínio, de tão longo alcance que vê atrás e adiante, não nos presenteou essa capacidade ou a razão divina para mofar sem uso. Deve ser, portanto, esquecimento bestial, ou alguma hesitação covarde de meditar com precisão nas consequências, que eu viva só para dizer “Devo fazer tal coisa”, pois possuo razões, vontade, força e meios para consumá-la... Essa meditação, se for dividida, há de mostrar uma parte de juízo e três de covardia. E tudo me ferroa. Aqueles peões são testemunhas. Alugados por um ambicioso que faz muxoxo às consequências desconhecidas, expõem o que é mortal e não seguro àquilo que a fortuna, a morte e o risco se abalançam por uma casca de ovo. Por uma nesga de terra que por maior que seja jamais vai faltar seu apetite, eles cercam a si próprios e aos seus, quase sem se darem conta. Mas os outros são grandes na

defesa de seus sítios... Se deveras grande não é mover-se sem possuir grandes motivos. É com grandeza achar razão de briga numa simples ninharia se a dignidade está em jogo. Como é que fico eu, pois, eu cujo pai foi morto e aviltada a mãe, estímulos de sobra para a razão e o sangue, e deixo tudo em paz. Ao passo que descubro, para minha vergonha, a morte ameaçando inúmeras famílias que caminham para a tumba. Lutam por uma nesga onde sequer conseguem tirar o sustento e que talvez nem lhes sirva de abrigo para recebê-los depois da morte. Será sangrento o que pensar daqui por diante, ou tudo o que eu pensar será sem valor.

### **ATO III**

#### **CENA 12**

---

Num caminho, Horácio encontra-se com Bernardo, Marcelo e outros.

**HORÁCIO** – As coisas andam ainda mais confusas na vila. Laertes voltou e quer vingar a morte do pai. A filha do velho Apolinário ficou tantã e anda por aí fraca do juízo.

**BERNARDO** – É pena. Era a única que prestava na família. Dava o maior apoio aos pobres.

**OS OUTROS** – É sim!

**HORÁCIO** – Pois é. Não sei se ela está assim pelo pai ou pelo Amileto. Ou pelos dois.

**BERNARDO** – Seja o que for, as coisas só vão piorar. É bem capaz que a gente do Dr. Fortimbrás aproveite isso tudo pra modo de aumentar o fuxico e entrar por dentro das terras do seu Cláudio. Os homens dele continuam expulsando o pessoal sem pagar nem indenização e eu já soube que

estão planejando cercar a aguada. O que eu não sei é se o seu Cláudio vai topar isso. Porque, pra fechar, só se for os dois conjuminados. E eles andam brigando que nem cachorro e onça acuada.

HORÁCIO – Cercar a aguada? E como é que vai ficar o povo todo pra apanhar água? E os animais?

MARCELO – É o jeito melhor pra tocar a gente. Essa é a única aguada boa que se tem pra tirar água de beber e de fazer comida. Sem essa água o pessoal não pode trabalhar, e sem trabalho não se vive.

Aproxima-se um peão.

PEÃO – Boas! Que mal pergunto, onde é que eu encontro um seu Horácio?

BERNARDO – Pra modo de que é que vosmicê quer falar com ele?

PEÃO – Pra entregar uma carta do seu Amileto. (Mostra a carta)

BERNARDO – Foi ele mesmo que te mandou?

PEÃO – O próprio. E mandou também duas cartas prum seu Cláudio. É esse mesmo o caminho?

HORÁCIO – É esse mesmo. A do Horácio pode entregar que a gente dá pra ele. (Recebe a carta) Obrigado! Na vila tem pouso e o de-comer.

PEÃO – Inté mais pra vosmicês.

TODOS – Inté!

HORÁCIO – (Abre a carta e lê em voz alta) “Horácio, muita coisa aconteceu desde que saí daí. Por tudo isso que te contarei quando nos encontrarmos, resolvi voltar. Estou seguindo com um circo que vai ser armado aí. O que tenho

para dizer te fará perder a voz. Agora é que as coisas vão feder. Do teu amigo, Amileto”.

### **ATO III**

#### **CENA 13**

---

Casa de Cláudio. Este e Laertes conversam.

CLÁUDIO – Agora que sabes a verdade deves me considerar novamente como o amigo que sempre fui. Ouviste bem que quem matou teu pai queria a minha vida.

LAERTES – Claro. Mas diga uma coisa: por que não agiu contra esses malfeitos?

CLÁUDIO – Por dois motivos que talvez sejam fracos para ti, mas que são fortes para mim. Vive Mundinha, mãe que é de Amileto, quase tão triste só de olhá-lo. E ela, para ventura ou desgraça minha, é tão importante para mim que não posso magoá-la. O outro motivo por que não pude entregá-lo para prestar contas à justiça é a amizade que lhe devota o Zé-povinho. Este, mergulhando em seu afeto as faltas dele, tal como o boto volta ao rio depois de desencaminhar as moças, converteria em ornamento as cordas com que o amarrássemos. São, como as minhas flechas de madeira, leves para aguentar vento tão forte, voltariam ao meu próprio arco, sem chegarem ao seu alvo.

LAERTES – E assim me encontro com o pai morto e a irmã apalermada. Que posso fazer a não ser vingar-me?

CLÁUDIO – Não deixes que isso te tire o sono. Não penses que somos de matéria bronca e mole, a ponto do perigo nos puxar os cabelos e ainda acharmos divertido. Logo teremos boas notícias. Teu pai me era caro; e eu também o sou. E isso,

ao que espero, te dará a entender...

Entra o peão portador das cartas.

CLÁUDIO - Que há? Que queres?

PEÃO – Cartas pro seu Cláudio. É vosmicê? São de seu Amileto. Diz que uma é pra mãe dele.

CLÁUDIO – De Amileto? Quem trouxe?

PEÃO – Eu mesmo, nhô sim!

CLÁUDIO – Muito bem, dá aqui. (Pega as cartas) Já se arranchou? Vai lá pra cozinha e fala com as mulheres.

Sai o peão.

CLÁUDIO - Ouve o que ele manda dizer, Laertes. (Lê) “Senhor. Por esta ficará sabendo que eu amanhã chegarei em casa. E aí chegando, relatarei o motivo de meu regresso inesperado e, mais que inesperado, estranho. Amileto”.

CLÁUDIO - Que dizer disto? Voltaram Rosemiro e Gaudêncio? Ou, simples impostura, nada disso existe?

LAERTES – Reconhece a letra?

CLÁUDIO – Sim: de Amileto. “Nu...” e no canto aqui diz: “Sozinho num circo”. Tens explicação?

LAERTES – Estou confuso, mas que venha! Me dá conforto ao coração dolorido o fato de eu viver para atirar-lhe ao rosto: “Olha o que tu fizeste”.

CLÁUDIO – Sendo assim, Laertes, deixa que eu te conduza.

LAERTES – À vontade, contanto que não queira impedir a desforra.

CLÁUDIO – Se ele voltou de fato, abandonando a viagem, vamos fazer com que se meta numa empreita já madura em meu juízo e onde ele terá que cair. Por essa morte não

soprará um simples vento de censura. Até a mãe dele não desconfiará de nada, falando em acidente.

LAERTES – Às ordens, seu Cláudio. E ainda melhor se planejar de forma que eu seja o executor.

CLÁUDIO – É verdade que teu pai te era caro? Ou és como a pintura de uma dor – rosto convulso, porém sem coração?

LAERTES – Por que pergunta?

CLÁUDIO – Não que eu suponha que não amavas teu pai. Mas sei que o amor é criado pelas circunstâncias. E, vejo em ocorrências que me dão a prova, que o tempo lhe esmorece o fagulhar e as chamas. Há por dentro da própria chama da afeição uma espécie de torcida ou de mecha que a abranda. Não perdura em igual bem-estar, pois o que é bom em demasia morre de excesso. O que queremos consumir devemos consumir no instante em que o queremos. Pois muda esse “queremos”, a sofrer quedas e tantos adiamentos quanto são os rios, e são as mãos e os acidentes. O “devemos” é, nessa altura, como uma lágrima de sangue que dói para derramar. Mas indo ao vivo da ferida: Amileto voltou. Que tencionas fazer para demonstrar, mais com atos que com falas, que és filho do teu pai?

LAERTES – Cortar-lhe a goela em plena Igreja.

CLÁUDIO – O crime, com efeito, não deveria achar asilo sagrado onde quer que fosse, nem vingança conhecer quaisquer fronteiras. Mas, bom Laertes, é melhor agir assim: fica em tua casa. Amileto será inteirado de teu regresso, mas lhe diremos que estás conformado e tudo esquecido. Armaremos alguma coisa onde haja muita gente e lá, com punhal de ponta envenenada e golpe traiçoeiro, sem que ninguém note, lhe darás a paga pela morte de teu pai. Bastará um

arranhão um pouco mais fundo.

LAERTES – É o que farei. Mas vamos pensar em mais alguma coisa, pois se este fracassa, teremos que ter outro.

CLÁUDIO – É verdade. Se a má execução nos deixa o monde à mostra, melhor é não tentar. Logo, este projeto deve ter às costas um outro para o caso de necessidade. Calma, vamos ver. Faremos tudo numa discussão com os posseiros. Amileto às vezes quer tomar o partido deles, esquecendo que se eles vencem, também ele perde. O mesmo fazia tua irmã. Bem, mas isso não vem ao caso. Vamos aproveitar a situação para acertar as contas com Amileto e, também, com os posseiros. Se falhar o plano do punhal envenenado, armamos uma confusão onde uma bala achará o rumo de Amileto. Disso te encarregarás e nosso intuito se consumará... Mas, quieto, vem alguém aí.

Entra Raimunda, chorando.

CLÁUDIO - Mundinha, o que tens, que aconteceu?

RAIMUNDA – Um infortúnio sempre segue ao calcanhar de outro, tal a pressa com que se seguem. Tua irmã se afogou, Laertes.

LAERTES – Como? Afogou-se! Onde?

RAIMUNDA – Onde há um chorão, pra baixo da guarda. O igarapé havia tomado água e ela resolveu atravessar assim mesmo. A correnteza carregou com ela que acabou presa nos ramos do chorão. Quem viu diz que ela não fez força nenhuma pra se salvar.

LAERTES – Mas, afogou-se, então?

RAIMUNDA – Afogou-se, afogou-se.

LAERTES – Pobre Ofélia! De que vale chorar, se tens

excesso de água? Todavia, é humano, persiste a natureza em sustentar seu hábito, diga a vergonha o que quiser. Cessando o pranto, terá findado em mim a parte feminina. Já vou. (Vai saindo)

CLÁUDIO – Vamos juntos. Vamos, Mundinha. Tive o que fazer para acalmar-lhe a raiva! E veio outra desgraça. Temo que a cólera retorne. Vamos juntos, vamos.

Seguem Laertes.

## **ATO IV**

### **CENA 14**

---

Cemitério. Coveiros conversam.

COVEIRO 1 - Deve ser enterrada em sepultura cristã aquela que por própria conta acha a sua salvação?

COVEIRO 2 - E que outro tipo de sepultura existe? O padre disse que vai encomendar sua alma. Portanto, abre logo a cova.

COVEIRO 1 - Como pode isso, a menos que ela tenha se afogado em defesa própria?

COVEIRO 2 - Ora, decidiram que assim foi.

COVEIRO 1 - Deve ser se ofendendo, não pode ser de outra forma. Este é o ponto: se me afogo por conta própria, isso mostra um ato, e um ato tem 3 partes, a saber: pensar, fazer, consumir. Logo, ela se afogou por conta própria.

COVEIRO 2 - Não, ouve bem, mestre coveiro.

COVEIRO 1 - Com licença. Aqui está a água, bem aqui... E aqui está o homem, certo? Se o homem vai à água e se afoga, de qualquer modo, queira ou não queira, ele vai prestar atenção nisso. Mas se a água vai a ele e o afoga, ele não se

afoja. Logo, aquele que não é culpado de sua própria morte não abrevia sua própria vida..

COVEIRO 2 - Mas é essa a lei?

COVEIRO 1 - Sim, por certo que é.

COVEIRO 2 - Queres saber a verdade? Se ela não fosse filha de gerente de fazendeiro, não teria enterro cristão.

COVEIRO 1 - Ora, tu disseste, e é uma lástima que os grandes tenham neste mundo o privilégio de se afogar ou se enforcar mais do que os seus irmãos em Cristo... Vamos, minha pá! Não há gente fina mais antiga do que os jardineiros, escavadores e coveiros que continuam o ofício de Adão.

Entra na cova aberta.

COVEIRO 2 - E Adão era gente fina?

COVEIRO 1 - Foi o primeiro a andar armado.

COVEIRO 2 - Ora, não trazia nenhuma arma.

COVEIRO 1 - O que? És pagão? Como entendes as Escrituras? As Escrituras dizem que Adão cavou: podia ele cavar sem estar armado de braços? Vou te fazer outra pergunta. Se não me responderes certo, confessa que és um asno.

COVEIRO 2 - Vamos a ela.

COVEIRO 1 - Quem é que constrói mais maciço que o pedreiro, o fazedor de barcos, o carapina?

COVEIRO 2 - O construtor de cadeias, pois essa construção dura mais do que mil ocupantes.

COVEIRO 1 - Aprecio a tua sabedoria. Vai bem a cadeia, mas vai bem como? Vai bem para aqueles que vão mal. Ora, vais mal dizendo que a cadeia é mais maciça do que a Igreja. Logo, a cadeia pode ir bem para ti. Outra vez, vamos.

COVEIRO 2 - Quem constrói mais maciço que o pedrei-

ro? O fazedor de barcos, o carapina?

COVEIRO 1 - Sim, responde e encerra essa canseira.

COVEIRO 2 - Claro, agora sei dizer.

COVEIRO 1 - Diz, então.

COVEIRO 2 - Por Deus, não sei..

COVEIRO 1 - Deixa de malhar a cabeça por causa disso, pois o burro teimoso não anda mais depressa por força das pancadas. E quando fizerem outra vez essa pergunta, responde: “o coveiro”. As moradas que ele faz duram até o Juízo Final. Vamos, vai até o boteco e traz um caneco de cachaça.

Sai o Coveiro 2. Amileto e Horácio se aproximam.

COVEIRO 1 – (Cava e canta)

Quando eu amava, amava, e jovem era eu,

Parecia excelente

Fazer os dias curtos em proveito meu

Oh, não me parecia conveniente.

AMILETO – Esse tipo não tem consciência de seu trabalho? Olha como canta abrindo a cova!

HORÁCIO – O hábito lhe deu a isso um caráter indiferente.

AMILETO – É isso mesmo. A mão que pouco trabalha tem o tato mais delicado.

COVEIRO 1 – (Canta)

Porém a idade, com passos ocultos,

Em sua garra me colheu;

E para a terra me embarcou,

Como se assim jamais tivesse sido eu.

Joga uma caveira.

AMILETO – Essa caveira possuía língua e antigamente podia cantar! Como esse cara a atira ao solo, como se fosse a queixada de Caim, que cometeu o primeiro assassinato! Essa pode ter sido a cabeça de um enganador, que esse asno agora sobrepuja; ou de alguém que teria gostado de enganar a Deus, não pode?

HORÁCIO – Pode.

AMILETO – Ou de sacristão, capaz de dizer: “Bom dia, caro senhor! Como está, estimado senhor?” Este pode ter sido o fazendeiro fulano, que desdenhava o cavalo do fazendeiro sicrano quanto tinha intenção de comprá-lo barato, não pode?

HORÁCIO – Pode.

AMILETO – Ora, é isso mesmo. E agora pertence à senhora Vermina, desqueixado e golpeado no cocoruto com a pá de um coveiro; eis uma bela mudança. Quem dera pudéssemos vê-la! Custou tão pouco a formação desses ossos, que servem apenas para fazer farinha? Só de pensar nisso os meus me doem.

COVEIRO 1 – (Canta)

Uma enxada, uma pá, uma pá

E também a envolvente mortalha:

Oh uma cova se fará,

Que tal a tal hóspede bem calha.

Joga outra caveira.

AMILETO – Olha outra. Não será – quem sabe – a caveira de um advogado? Onde estão agora suas distinções, suas chicanas, seus processos, seus direitos de posse e suas tramadas? Como é que suporta que esse coveiro rude lhe aplique

cacholetas com uma pá imunda, e não lhe fala num processo por lesões corporais?

Pega a caveira e continua:

Hum! Esse indivíduo talvez tenha sido em seu tempo um “grileiro”, com seus títulos patrimoniais ou cartas de doação forjadas para transformar em seu domínio pleno a propriedade pública e a dos outros. É este o final de tais “rolos” e o resultado de tantas vigarices? Ficar com o crânio cheio de pura sujeira? As próprias escrituras de suas terras dificilmente caberão nesta caixa (bate na caveira) e o próprio dono não possui mais terras do que cabe nela, não?

HORÁCIO – Nem mais um grão que seja.

AMILETO – O papel não é feito da celulose das árvores?

HORÁCIO – Sim, e de outros vegetais.

AMILETO – São estúpidos como árvores e vegetais os que põem no papel a sua segurança. A lei não vale nada contra a morte. Vou falar com esse cara. (Adianta-se) De quem é a sepultura, amigo?

COVEIRO 1 – Minha.

(Canta: Oh, uma cova se fará

Que a tal hóspede bem calha.

AMILETO – Penso que é tua, realmente, pois estás nela.

COVEIRO 1 – Estás fora dela, portanto não é tua. Por minha parte, não estou fazendo nela, e todavia é minha.

AMILETO – Mentas ao dizer que é tua por estares nela. É para o morto, não para o vivo, portanto mentas.

COVEIRO 1 – É um vivo desmentido; logo, voltará de mim para ti.

AMILETO – Para que homem a cavas?

COVEIRO 1 – Para homem nenhum.

AMILETO – Então para que mulher?

COVEIRO 1 – Para nenhuma tampouco.

AMILETO – Quem é que vai ser enterrado nela?

COVEIRO 1 – Alguém, que era mulher, mas... paz à sua alma.... está morta.

AMILETO – Que preciso é este sujeito! Temos que falar direito senão o duplo sentido nos perderá. Por Deus, tomei nota disto nestes último 3 anos, Horácio: o tempo se fez tão agudo, que o pé de um camponês se aproxima do calcanhar de um fazendeiro a ponto de esfolar-lhe a frieira... Há quanto tempo és coveiro?

COVEIRO 1 – Entre todos os dias do ano, comecei neste serviço aquele dia em que o seu Dr. Fortimbrás pisou a primeira vez nessas matas dizendo que as terras devolutas eram dele. A partir daí o serviço só vem em aumento.

AMILETO – E quanto tempo faz isso?

COVEIRO 1 – Não sabes? Qualquer bobo sabe. Foi 6 meses antes do dia em que o velho Amileto morreu. E agora, pelo que dizem, o filho ficou louco e foi mandado de volta para o Sul.

AMILETO – Sim, com efeito; por que o enviaram para o Sul?

COVEIRO 1 – Ora, porque estava louco. Lá ele ficará bom do juízo ou, se não ficar, lá isso não tem muita importância.

AMILETO – Por que?

COVEIRO 1 – Não perceberão a loucura dele; lá todos são tão loucos como ele.

AMILETO – Como foi que ficou louco?

COVEIRO 1 – De modo muito estranho, dizem.

AMILETO – Estranho como?

COVEIRO 1 – Por fé, perdendo o juízo.

AMILETO – E que deu lugar a isso?

COVEIRO 1 – Lugar? Endoideceu aqui mesmo. Há 10 anos que moro aqui.

AMILETO – Que tempo leva um homem para apodrecer na terra?

COVEIRO 1 – Por fé, se não estiver podre antes de morrer – pois hoje em dia temos muitos cadáveres engalicados que mal resistem ao sepultamento – durará uns 8 ou 9 anos. Um curtidor durará 9 anos.

AMILETO – Por que mais do que os outros?

COVEIRO 1 – Ora, o ofício lhe curte tão bem a pele que esta o protegerá da água bastante tempo; a água destrói qualquer filho-da-mãe de cadáver. Aqui está uma caveira – está enterrada faz muitos anos.

AMILETO – De quem era?

COVEIRO 1 – De um filho-da-mãe louco, de quem julgas que tenha sido?

AMILETO – Não sei. Mas como cheira mal. Irra!... (Depõe a caveira) Aonde podemos chegar, Horácio! Uma pessoa, por mais importante que tenha sido, acaba virando pó e a gente pode bem dar com ela servindo de enchimento numa choça de taipa.

HORÁCIO – Não estás exagerando?

AMILETO – Não, nem um pouco. Segue o meu raciocínio: - Fulano morreu, Fulano virou pó, o pó é terra, da terra faze-

mos o enchimento; e por que com essa massa de enchimento, na qual ele se converteu, não podiam rebocar uma choça de taipa? Finado e feito argila, o imperador Pedro II pode vedar alguma fresta contra o vento. Um homem coroadado, que mandou tanto tempo, agora está tampando paredes contra a chuva do inverno! Mas quieto, olha quem vem lá! Minha mãe, meu tio, um bocado de gente.

Entra o cortejo conduzindo Ofélia num caixão aberto e, acompanhando-o, Laertes, Cláudio, Raimunda e um padre.

AMILETO – De quem é o enterro? Só pode ser de gente conhecida. Vamos evitar que nos vejam.

Retiram-se e sentam-se ao lado, meio escondidos.

O cortejo chega junto à cova. O padre faz a encomendação de praxe.

LAERTES – Baixem-na à terra. E que dessa carne pura nasçam violetas! (O caixão é colocado na sepultura) Ouçam o que eu digo: quando estiverem no inferno, minha irmã será um anjo auxiliador.

AMILETO – Como? Ofélia!...

LAERTES – Maldição para aquele que te privou do juízo! Esperem, não a cubram de terra até que a estreite mais uma vez nos braços! (Salta na cova) Joguem agora a terra sobre o vivo e a morta até converter o chão num monte.

AMILETO – (Adianta-se) Quem é esse homem que lança maldições sem saber das razões mais profundas da alma?

LAERTES – (Pula da cova e se agarra com Amileto) Que o diabo leve tua alma!

AMILETO – Tu não rezas direito. Tira esses dedos do meu pescoço, peço-te, pois, se não sou irrefletido nem colé-

rico, tenho contudo em mim algo de perigoso que deve ser receado pelo teu juízo. Retira a mão.

CLÁUDIO – Desatracuem os dois.

RAIMUNDA – Amileto! Amileto!

TODOS – Separem, separem!

HORÁCIO – Calma, Amileto, calma!

(São separados)

AMILETO – Ora, quanto a este assunto eu lutarei com ele até que as minhas pálpebras não mais se movam.

RAIMUNDA – Que assunto, meu filho?

AMILETO – Eu amava Ofélia: 40 mil irmãos, somando o seu amor, não chegariam nunca ao meu total. Que é que farás por ela?

CLÁUDIO – Ele está maluco, Laertes.

RAIMUNDA – Pelo amor de Deus, deixem ele em paz.

AMILETO – Pelas chagas de Cristo, dize o que farás. Carpir? Lutar? Ficar em jejum? Dilacerar-te? Beber vinagre? Devorar um jacaré? Eu farei tudo isso. Vieste aqui para chorar? Para me desafiar, pulando em sua cova? Ordena que te enterrem vivo junto dela e eu agirei igual. Se falas de montes, deixa que atirem sobre nós milhões de alqueires. Não, se o que queres é papaguear alto, eu gritarei ainda mais, seguindo o teu exemplo.

RAIMUNDA – Isso é loucura; tenham paciência que logo o acesso passa e ele sossegará.

AMILETO – Ouve, por que me tratas assim? Sempre fui teu amigo, mas isso pouco importa: por maior que seja a força, o gato há de miar e o cão terá seu dia.

CLÁUDIO – Por favor, vai com ele Horácio.

Saem Horácio e Amileto.

CLÁUDIO - (À parte para Laertes) - Reforça tua paciência com a fala que tivemos ontem à noite, vamos dar ao combinado pronta execução. Logo veremos a hora, mas enquanto isso, paciência, paciência...

## **ATO IV**

### **CENA 15**

---

Caminho da aguada: Amileto, Horácio, Marcelo, Bernardo e outros numa roda.

AMILETO - Vamos ao caso. Lembram como saí daqui na boca da noite, fugido, mais o Rosemiro e o Gaudêncio? Pois bem, caminhamos a noite toda e mais o dia, e resolvemos pousar na entrada da segunda noite. Armamos as redes e o cansaço nos empurrava para o sono. Os dois logo ressonavam, mas uma espécie de luta em meu coração não me deixava dormir. Eu me sentia pior que um condenado. Alguma coisa me incomodava. Por que o Cláudio entregara a Rosemiro e não a mim a carta para o seu compadre Argileu?

HORÁCIO - É verdade! Por que?

AMILETO - Resolvi tirar tudo a limpo. A insensatez às vezes nos vale quando falham os melhores planos. Levantei sem fazer bulha, apalpando de leve as roupas, encontrei o envelope. Conseguí descolar na fumaça da fogueira. Fui pra trás de umas moitas e com a lanterna ajudando, li o bilhete. Sabem o que dizia? Que o Argileu, pelos antigos motivos que ligavam ele e meu tio, e pelo fato de eu ser um matador e um demo, deveria logo que lesse a carta, sem mais demora, preparar uma tocaia e acabar comigo.

HORÁCIO – Será possível?

AMILETO - Aqui está a carta. Queres ler o que diz ou queres escutar o modo como agi?

HORÁCIO - Conta, conta.

AMILETO - Correndo o perigo da armadilha, nem mesmo havia pensado no que estava escrito e já a cabeça começava a preparar o salvamento. Eu me assentei e fiz outra carta, caprichando a letra. Fiz como Cláudio, lembrando as dívidas e as contas do Argileu, e também as amizades e os futuros favores. Por isso tudo, mal lesse o escrito que seguia, sem discutir nem um pouco nem bastante caso, mandasse seus cabras dar morte imediata aos portadores, sem mesmo dar-lhes tempo de confessar-se. E que mandasse o resultado pelo sobrinho Amileto, que seguira com os dois por motivo de ser de confiança.

HORÁCIO – E aí?

AMILETO – Dobrei tudo do jeito da outra, botei no envelope e consegui colar novamente, botei tudo no lugar onde estava. Andar de gato não acorda sono pesado. Voltei pra rede e de manhã seguimos viagem.

HORÁCIO – Desse jeito Gaudêncio e Rosemiro caminharam para a morte feito gado?

AMILETO – Pois se eles casaram com esse ofício, homem! Não, não me pesam na consciência; a perdição vem deles terem, eles próprios, se insinuado. É perigoso alguém, de condição mais baixa, colocar-se entre o bote e as pontas dos facões de adversários fortes.

BERNARDO – É verdade. Isso acontece com quem é pau-mandado e pistoleiro de fazendeiro e grileiro. Os dois já tinham um bocado de mortes e malvadezas nas costas.

Tinham sido bate-paus em São Domingos antes de seu Cláudio trazer os dois pra cá. Foi bem pregado.

AMILETO – Pensem bem no que é capaz esse meu tio. Nem parece que foi irmão de meu pai. Que nem Caim, matou o irmão e prostituiu minha mãe, tomou tudo que por direito era meu e ainda quis apanhar no anzol a minha própria vida. Não é de todo justo pegar-lhe com este braço? Não é ser um excomungado deixar que esse verme continue a praticar seus crimes?

BERNARDO – Nesse mundo tem gente que não vale o que come. E são os que mais comem. Não pense vosmicê que é o primeiro a sofrer o engano desse homem. O causo do seu Amileto dói mais em vosmicê porque é a própria carne. E os causos nossos doem mais porque é a nossa carne e é também o nosso viver. Como é que a gente pode continuar vivendo se tiram de nós os meios com que a gente se sustém: a terra e a água?

HORÁCIO – Não pode!

BERNARDO – Pois é. Mas porém seu Cláudio e seu Fortimbrás, cada um mais ganancioso que o outro, tão fazendo de tudo pra expulsar a gente das terras. É certo que eles também andam se matando e se roubando, mas até nessa briga os que sofrem mais somos nós. Vosmicê sabe bem. Nós não temos escrituras, mas as deles também não têm cadeia, são falsas. E nós tamos aqui desde quando o velho Amileto se assentou. As leis do usucapião valem nada mais não? Os direitos são nossos e por isso a gente está arresistindo, apela pras autoridades, conversa. Quando é preciso, bota bate-pau pra correr. Nós não queremos violência, mas se a gente tem que morrer de fome é melhor morrer brigando. Agora tão

querendo fechar a aguada pra modo de os moradores não terem onde apanhar água. Nós não vamos deixar não senhor.

AMILETO – Mas isso é verdade mesmo?

MARCELO – É de gente que ouviu a trama dos dois. Quando é contra a gente eles esquecem a diferença e se juntam. Mas tomara que não seja verdade.

AMILETO – É, tomara. De qualquer modo vou dar um jeito no meu tio. Esse caso é meu e quero que esse segredo não saia dessa roda.

Todos concordam com gestos diversos.

AMILETO – Amanhã inaugura o circo, vocês já sabem? Pois é, na sessão eu vou dar um modo de fazer que todo mundo saiba que Cláudio matou meu pai. Vocês não precisam se meter, deixem por minha conta. Se depois eu não conseguir fugir, não faz mal: minha promessa estará cumprida.

BERNARDO – É, tamos sabendo. Mas vosmicê tome cuidado pro seu Cláudio não lhe acabar primeiro. Ele anda de muita conversica com aquela bisca do Laertes, que é tão bom como o velho Apolinário...

MARCELO – Bom pras profundas...

BERNARDO – É, é isso mesmo. E vamos indo, minha gente, que já é tarde. Inté amanhã.

Todos levantam-se e despedem-se.

Amileto e Horácio continuam juntos e caminham para a casa de Cláudio. No caminho encontram Eurico, um comerciante e fazendeiro amigo de Cláudio.

EURICO – Boas, Amileto!

AMILETO – Boas. (Para Horácio) Conheces este mosquito?

HORÁCIO – Mal e mal.

AMILETO – Maior é a tua felicidade, pois é um pecado conhecê-lo. Possui terras, muitas e férteis; se um burro for dono de gado, a mesa de meu tio há de ser seu cocho. É um papagaio, mas como digo, um asno que meu tio gosta de ter à mesa.

EURICO – Cheguei hoje e já estive com seu tio. Ele havia me pedido pra conversar com o juiz da comarca sobre o seu caso pra ver se podia ser alegada legítima defesa. Já dei a resposta pra ele: o juiz disse que pode e que vai ser um caso fácil.

AMILETO – E se eu responder que não é.

EURICO – Se você disser, não será. Mas não vejo como...

AMILETO – Como o que me parece. Não é assim que se faz?

EURICO – Bem, mas eu estava dizendo...

AMILETO – Que está frio, o vento vem do sul.

EURICO – É, é certo. Está frio.

AMILETO – Mas pro meu gosto está abafado.

EURICO – É, é, muito abafado. Mas como eu ia dizendo, seu tio quer ver você pra falar sobre o caso do juiz. Por sorte lhe encontro.

AMILETO – Quem, o juiz?

EURICO - Não, não, o juiz eu encontrei antes; depois, encontrei seu tio; e agora você. Bem, bem, o pedido foi bem feito; agora é só providenciar. Vou andando que ainda tenho alguns negócios para acertar antes de seguir viagem.

HORÁCIO – Lá vai o chopim.

AMILETO – Antes de mamar ele já fazia rapapés ao

peito que o aleitava. Assim, esse indivíduo e muitos outros da mesma ninhada que, bem sei, a nossa idade sem juízo aprecia, apenas apanharam o palavreado da moda e as exterioridades sociais. Isso é uma espécie de cobertura espumosa que os torna aceitáveis mesmo para as pessoas de julgamento sensato. Mas, se soprarmos esses indivíduos para experimentá-los, as bolhas rebentam. Esse é um deles. Comercia com Cláudio e Fortimbrás e, se puder, faz com que os dois se matem dependendo do lucro que possa ter. E é capaz de derramar as lágrimas mais sentidas pelo acontecido. Se meu tio o colocou na trama é porque boa coisa não estão pensando.

Seguem para a casa de Cláudio.

ATO IV

CENA 16

Casa de Cláudio: Cláudio, Laertes, Amileto e Horácio.

CLÁUDIO – Oi, Amileto. Espero que estejas melhor. Gostaria que esquecêssemos o que passou e não guardasses rancor de Laertes. Ele é um bom rapaz e também estava perturbado. Vamos, apertem-se as mãos.

AMILETO – Desculpa, Laertes. Bem sabes que não ando muito bem da saúde e isso às vezes me atrapalha o juízo.

LAERTES – Está certo, eu me dou por satisfeito. O que aconteceu, aconteceu, já sei que não foi de propósito. Melhor continuarmos amigos.

CLÁUDIO – Isso mesmo. E para selar o trato, vamos todos juntos amanhã ao circo, na inauguração. Concordas, Amileto?

AMILETO – Tudo bem, não há por que recusar.

CLÁUDIO – Ótimo! Bom, vou ter que sair para acertar uns negócios.

LAERTES – Eu também, até logo.

Saem Cláudio e Laertes.

HORÁCIO – Tramam alguma coisa.

AMILETO – Eu sei, e é para amanhã. Não podes calcular a angústia que me oprime o coração – pouco importa, porém.

HORÁCIO – Nesse caso...

AMILETO – É uma bobagem; mas uma espécie de sentimento que talvez fosse mais comum de perturbar mulher.

HORÁCIO – Por que não arranjas um jeito de não ir?

AMILETO – De modo algum! Não devemos desdenhar o presságio. Há uma providência evidente na queda de um pardal. Se for este o momento, não está para vir; se não está para vir é este o momento; se não é este o momento, há de vir todavia – estar pronto é tudo. Já que ninguém sabe, por coisa alguma do mundo, o momento exato de morrer, por que nos preocupamos? Além do mais, se eles tramam alguma coisa, eu também tramo. Ficam elas por elas.

Saem.

## **ATO V**

### **CENA 17**

---

No circo, ainda vazio, Amileto conversa com os atores.

AMILETO – Rogo que vocês digam o trecho como lhes mostrei. Mas não gesticulem demais, serrotando o ar com a mão. Fica ridículo um ator dilacerar uma paixão até a pôr em trapos, em verdadeiros molambos e rachar os ouvidos

das pessoas da plateia, que na maior parte são incapazes de apreciar coisa diversa de confusas pantomimas e barulheira.

ATOR - Tem razão. Mas nossos recursos são pobres e temos que fazer do que gostam, senão ficamos vazios.

AMILETO - Eu sei. Mas não custa tentar ajustar o gesto à palavra, a palavra ao gesto, com o cuidado de não ultrapassar a natural moderação. O exagero foge ao propósito do drama: o objetivo deste, a princípio e agora, nas capitais e no interior, foi e é oferecer como que um espelho à natureza, mostrar à virtude os seus próprios traços, à zombaria a sua própria figura, à sociedade a sua verdadeira forma e imagem. Ora, o exagero ou a deficiência, embora façam rir o pouco experiente, desgosta o judicioso.

ATOR - Mas o exagero e a deficiência também existem na vida. E o judicioso só chega a tanto depois de ganhar experiência.

AMILETO - Eu sei, eu sei. Mas nem por isso os atores devem gritar e mugir tanto que nos levem a pensar que os homens tenham sido feitos por aprendizes da natureza. Não se pode imitar a humanidade de forma tão desumana.

ATOR - Fazemos força. Bem, com licença, que vamos nos preparar. (Sai por trás da cortina)

Chegam diversas pessoas, inclusive Horácio.

HORÁCIO - Oi, Amileto. Já tão cedo?

AMILETO - Oi, Horácio. Vim conversar com os artistas, viajamos juntos. Mas escuta amigo Horácio: tu és um amigo de verdade; és um daqueles nos quais tão bem se ajustam as paixões e o tino. E são bem-aventurados porque para a Sorte eles não são o gado que obedece conforme o jeito que

ela toca o búzio. Dá-me o homem que não seja escravo da paixão e eu porei no fundo do meu coração, no coração do coração, onde eu guardo a tua amizade. Mas basta. Cláudio virá ver o drama: uma cena aproxima-se de como meu pai foi morto. Quando chegar o trecho peço que prestes atenção no meu tio: se a culpa que ele esconde não sair da furna, então as visagens que vi não passaram de alucinações e minhas suspeitas nada valem. Observa-o com atenção que cravarei o meu olhar no rosto dele. Confrontando depois nossas impressões, chegaremos a uma conclusão certa.

HORÁCIO – Certo. Hoje o circo vai lotar.

AMILETO – Estão chegando. Vamos nos sentar.

Entram Cláudio, Raimunda, Laertes e outros.

O circo vai se enchendo.

CLÁUDIO – Eh, Amileto, ficamos esperando por ti pra irmos juntos. Não foi o que combinamos?

AMILETO – Aqui pelo menos a casa é minha, já que é de todos. E eu posso cevar o capão que quiser.

CLÁUDIO – Não sei o que queres dizer. Tuas palavras não me dizem respeito.

AMILETO – Não, nem a mim que as soltei.

AMILETO (Para Laertes) - É verdade que fazias teatro na escola?

LAERTES – É. Representei algumas vezes e até que bem.

AMILETO – E que papéis fizeste?

LAERTES – O último que fiz foi o do imperador Júlio César. Era assassinado pelo próprio afilhado Bruto.

AMILETO – Ato de Bruto abater um tolo tão importante. Oh, vai começar.

Entra o Mestre de Cerimônias: apresenta os números de forma empolada, sotaque estrangeirado.

Palhaços, contorcionistas, etc. revezam-se.

Afinal o Mestre de Cerimônias apresenta o grande espetáculo da noite.

MESTRE – E agora, estimado e grandioso público, temos a honra de apresentar-vos o grande drama “A rainha que esqueceu seu amor”.

Sai.

Aparecem dois atores: um rei e uma rainha.

ATOR–REI – Já tanto tempo faz que neste solo

Muitas colheitas passaram e em teu colo

Veze sem conta adormeci; belos noturnos

Já completaram doze vezes trinta turnos

Desde que nos ligou, amor, o coração

Em mútua e sacrossanta união.

ATRIZ-RAINHA – Outras tantas jornadas dêem-nos  
Sol e Lua

E nesse prazo nosso amor não se destrua!

Mas, infeliz de mim! Andas tão doente agora,

Tão longe da alegria e bem-estar de outrora,

Que me aflijo por ti. Percebo-me agoniada,

Mas tal não deve preocupar-te em nada,

Pois na mulher receio e amor andam a par.

Ou ela não os sente, ou sente a faltar.

Tu já tiveste prova desse meu amor,

E se ele é forte, também o é o meu temor:

Se o amor é grande, é medo a mínima apreensão;

Onde um receio medra, aí medra a paixão.

ATOR-REI – É certo, amor, tenho de em breve te deixar;

Minhas forças vitais já cessam de operar.

Querida e honrosa ficarás neste famoso mundo:

Talvez quem sirva, meigo, para esposo

Encontres e...

ATRIZ-RAINHA – Não prossigas a este respeito!

Seria um outro amor traição neste meu peito!

Valha-me um novo enlace como se fora um castigo,

Só tem marido novo quem matou o antigo.

As razões que conduzem a segundas bodas

Não são de amor: lucro, eis o que impele a todas.

Mato de novo o meu esposo falecido

Ao me beijar no leito o meu atual marido.

ATOR-REI – O que disseste – penso – é o que achas  
realmente,

Mas quebrantamos decisões frequentemente

De escravo da memória o intento não nos passa.

Forte ao nascer, possui vitalidade escassa;

No galho, como um fruto verde, ei-lo seguro,

Mas cairá espontaneamente de maduro.

De todo em todo é inevitável que esqueçamos

De nos pagar o que a nós mesmo nos devemos,

E o que intentamos no calor de uma paixão,

Mal finda esta, esquece-a a nossa decisão.

A força da alegria ou o bem das aflições

Destrói consigo mesma as suas intenções,

E onde a alegria folga, a dor põe seu lamento,

Se à toa ri a dor, chora o contentamento.  
Fugaz é o mundo: não é, pois, de se estranhar  
Que o próprio amor varie acompanhando o azar  
Pois esta é uma questão que permanece em tela:  
A sorte guia o amor, ou este guia àquela?  
Se o grande cai, vão-se os favoritos;  
Se o mendigo sobe ao poder, seu inimigo vira amigo.  
O amor é escravo da fortuna, e de tal guisa,  
Que já não perde amigos o que não precisa.  
E se na adversidade se prova o amigo falso,  
Amadurece um inimigo em tal percalço.  
Mas, onde comecei, aí vou terminar:  
Correm-nos tão contrários à vontade e o azar,  
Que irá sempre o que tivermos planejado:  
O pensamento é nosso, não o resultado.  
Pensas que não terás segundo casamento,  
Porém eu morto, morrerá tal pensamento.

ATRIZ-RAINHA – Negue-me pão a terra, luz o firmamento,

Descanso a noite, o dia todo entretenimento,  
Mudem-se fé e esperança em desesperação;  
Oh! Que eu aspire ao banco e à cela do ermitão!  
O contrário ante o qual o gozo empalidece  
Combata e arrase tudo quanto me apetece,  
Que a provação eterna venha me acossar  
Aqui e no além, se novamente eu me casar!  
AMILETO – E se ela quebrasse o voto?  
ATOR-REI – Solene jura! Deixa-me um instante

Meu ânimo entorpece, e o dia entediante

Quero iludir com o sono.

Deita e adormece.

ATRIZ-RAINHA – Que te embale a dormência,

E nunca nos separe amarga contingência!

Sai.

AMILETO – Mãe, que está te parecendo a peça?

RAIMUNDA – A dama faz promessa demais, penso eu.

AMILETO – Mas manterá a palavra.

CLÁUDIO – Escutaste o argumento? Não contém nenhuma ofensa?

AMILETO – Não, não, tudo não passa de brincadeira, veneno de brincadeira, não existe nenhuma ofensa.

Entra outro ator, segurando um frasco. Caminha em direção ao rei adormecido, ameaçador.

ATOR – Negro o desígnio, exata a droga e pronta a mão.

Ninguém! Justo o tempo e aliada a ocasião,

Ervas que à meia-noite fostes apanhadas

E da peçonha da surucucu infectadas;

Oh, roube-lhe, veneno, a vida neste instante

Com teu poder natural, mágico e horripilante.

Derrama o veneno no ouvido do rei adormecido. Cláudio empalidece e parece passar mal.

ATOR - E agora, com esta pedra fora do caminho,

Tudo livre para fazer um novo ninho

Com a viúva nova e rica; e com as terras

Um novo império, de campos e serras

Antes que rei invasor, de seu fortim,

Me tome tudo, tim-tim por tim-tim.

Começa a dançar em roda.

AMILETO – (Olhando para Cláudio, comenta com Horácio) Viste, amigo Horácio, o pálido no rosto de Cláudio?

HORÁCIO – Sim, observei muito bem.

A plateia toda cochicha entre si.

SARGENTO DA POLÍCIA – Esse drama está parecendo com a história do velho Amileto e do seu Cláudio. Hum, isso não está cheirando bem, vai acabar dando em confusão.

CLÁUDIO – (Para Laertes) O bandido fazendo vez de doido, bestando por aí; deve ter arranjado esse drama com os artistas pra ver o que eu fazia...

LAERTES – O que tem isso a ver com você?

CLÁUDIO – Deixa pra lá. Vai te preparando que vou armar uma confusão e é hora de colocar nosso plano pra funcionar. Não vai...

Chega um soldado da polícia e fala em voz-alta para o sargento.

SOLDADO – Tá a maior confusão no caminho da aguada. O gerente e os peões do seu Dr. Fortimbrás querem cercar o caminho e tem um monte de posseiros que não quer deixar. É bom o senhor ir lá.

Murmúrios generalizados. Todos se levantam e saem.

TODOS – Vamos, vamos lá.

## **ATO V**

### **CENA 18**

---

De um lado do caminho, os posseiros, destacando-se

Bernardo, Horácio, Francisco, Marcelo.

Do outro lado, o gerente e jagunços; meio à parte, peões.

Chega o pessoal que estava no circo: uma grande parte se junta aos posseiros, outra fica à parte junto com os peões.

Cláudio e Laertes juntam-se ao gerente... Amileto vacila, mas acaba ficando com os posseiros.

O sargento e os soldados interpõem-se entre os posseiros e os jagunços, mas de frente para os posseiros.

CLÁUDIO - O bandido não defende nem o que é dele. Além de assassino, fica do lado dos baderneiros.

AMILETO - Assassino é quem mata o próprio irmão para lhe roubar os bens e a mulher. Se há alguém que deve ser preso é ele.

SARGENTO - Calma, calma, isso agora não vem ao caso. Assunto de família não se mistura com isso...Vamos se espalhar e deixar quem tem de trabalhar fazer o seu serviço.

BERNARDO - Cumé que é isso, seu sargento? Quer dizer que o sr. tá aqui pra garantir que cerquem a aguada e deixem o povo todo sem ter onde apanhar água pro de cumer e de beber?

SARGENTO - A terra é dos homens e eles tem direito de cercar o que é seu. O jeito é cada um furar seu poço.

MARCELO - A aguada é de serventia pública e não pode ser cercada. Além do mais, aqui as terras são todas devolutas e é dono quem chegar primeiro. E dê os primeiros que o caminho e a aguada são de serventia geral.

CLÁUDIO - O primeiro aqui fui eu e quem está cercando sou eu de comum acordo com o Dr. Fortimbrás.

AMILETO - Esse meu tio mente como ladrão de cavalo.

Os primeiros foram meu pai e outros posseiros que sempre respeitaram a aguada. E meu pai nunca expulsou ninguém das terras nem queimou casas, nem mandou matar ninguém como faz essa jagunçada.

GERENTE – Essa conversa já tá demais da conta. Vamos acabar logo com isso que os peões têm de trabalhar. É só dar as ordens, sargento.

SARGENTO – Calma, calma, muita calma. Aqui cada um tem as suas razões e as minhas ordens são para evitar atritos.

FRANCISCO – Olha, seu sargento. Aqui todo mundo era pobre, mas vivia; quando chegou esse seu Dr. Fortimbrás e o seu Cláudio tomou o que era do irmão, chegou a fome e a desgraça. Nunca mais a gente teve jeito de colher uma roça sossegado. Quem não aceita trabalhar de peão e não vai simhora, ele manda queimar tudo: a casa, as roças e a gente mesmo, que bala de carabina também queima. Tá todo mundo aí de prova pra provar que o que tou dizendo é verdade. E o campo santo tá cheio de cruzeiros pra gente contar a história de cada morto direitinho. Se cada uma cruz desse 3 anos de cadeia pros mandantes, seu Dr. Fortimbrás e seu Cláudio nunca mais viam o sol nascer redondo.

BERNARDO – Paguei um preço muito caro pra ter minha terrinha aqui. Morreu 3 filhos e a mulher nesse chão bruto. O sangue deles táí. Eu não comprei a terra, mas eu amansei ela. E todos que tão aqui fizeram do mesmo jeitim. Agora não deixam a gente trabalhar, que é a maior capacidade que Deus deu pra gente. Vivem implicando, fazendo tudo que é malvadeza pra tocar a gente daqui. Até a água, que é coisa que cristão nenhum deve negar aos outros, querem

tirar de nós. Mas já tamos cansados de tanta mudança. Já mudamos demais da conta, sempre deixando nosso suor e nosso sangue pra trás, na terra que valorizamos com o nosso trabalho. E a gente sempre sai com quase nada, mais pobre do que chegou. Por isso é que, enquanto tiver um apelo e um morador em redor, a gente fica. E não vamos deixar botarem cerca nessa serventia. Se a gente deixar é o mesmo que deixar botarem a canga no nosso pescoço.

Há um movimento no grupo dos peões. A maioria deles passa para o lado dos posseiros.

UM PEÃO – E já é tempo também, seu sargento, das autoridades saberem os horrores que a peãozada passa na mão desse gerente. A gente vive que nem escravo. Eles sempre dão um jeito da gente não receber nada: vendem tudo muito caro no armazém e tamos sempre devendo. E com dívida não deixam ninguém sair. A jagunçada tá aí mesmo pra garantir essas ordem. Desse jeito a gente nunca consegue pagar a dívida, sempre fica devendo mais, vira cativo deles. E quem tenta fugir desse cativo é morto, não tem apelação. Não foi poucas vezes que a gente encontrou sepultura com mais de um corpo quando tava roçando e derrubando mato. Tudo corpo de pião morrido de doença e de morte matada. Mas qual é a diferença entre morrer de doença sem receber socorro e morrer de tiro de um jagunço?

OUTRO PEÃO – Não tem nenhuma, mas se vosmicê for contar tudo que é corpo encontrado vai ver que são emparelhadas as mortes de tiro e de doença. E quem comanda tudo é esse gerente aí. Agora com tanta testemunha o seu sargento tem que garantir a nossa vida pra gente ir simhora. Porque o boato que corre entre os peões é que a polícia, quando

pega peão fugido, prende ele, dá o maior pau e devolve pra fazenda. E peão fugido devolvido é peão morto.

SARGENTO – A polícia existe para garantir a ordem. Os peões fugidos prendemos é porque havia queixa de roubo contra eles.

PEÕES – Tudo mentira. Ninguém é ladrão, não. Inté a roupa os que fugiam deixavam. Come que pode ser ladrão?

GERENTE – O senhor tá dando muita conversa pra esses vagabundos e ladrões. Vamos logo acabar com isso, sargento, que a gente tem que fazer a cerca.

AMILETO – Ninguém vai fazer cerca nenhuma.

CLÁUDIO – Cala boca, seu intruso. Não se meta nesses assuntos.

CLÁUDIO PARA LAERTES: Se prepare que vai sair confusão e é hora de botar nosso plano em ação.

GERENTE – (Para peões e jagunços) Vamos, pessoal, vamos logo enterrar as estacas e esticar o arame.

POSSEIROS – Vai não!

Arma-se grande confusão.

Ouvem-se imprecacões e, em dado momento, tiros.

Após os tiros, todos saem, exceto Amileto, Cláudio, Laertes, 1 posseiro, o gerente, 1 jagunço e 1 soldado – mortos – e mais alguns feridos, gemendo pelos cantos.

## **ATO V**

### **CENA 19**

---

Os mortos espalhados conforme caíram.

Retornam Horácio, o Sargento e 3 soldados de polícia e

examinam os corpos.

Afastados pelos cantos, grupos cochicham.

HORÁCIO – Que desgraça!

SARGENTO – (Para um soldado) Vai na casa do enfermeiro e fala pra ele vir aqui. Só pra descarrego e pra atender os feridos. Depois avisa o Toinho pra preparar o jipe: tem que ir na comarca buscar o doutor pra fazer o exame antes de enterrar e também precisa passar de lá um rádio pro delegado regional.

SARGENTO – (Falando alto) Diacho! O demo quando não vem manda sempre um portador. Eu bem que disse pro gerente que era preciso tomar tenência com o serviço pra não ter merma.

SARGENTO - (Dirige-se ao soldado anterior) Vai, vai fazer a tua parte enquanto eu preparo os dizeres do rádio.

Sargento e soldados se retiram.

HORÁCIO – Que desgraça!

Chega Bernardo.

BERNARDO – A ignorância é danada pra provocar tudo que é tragédia, seu Horácio. Quem diria que ia acabar dando nessa mortandade.

HORÁCIO – É, o que vai ter de polícia aqui amanhã... O melhor é recolher o seu povo e se preparar para o que der. Enquanto os espíritos estiverem desnorteados, mais desgraças podem ocorrer.

BERNARDO – Lá isso é verdade. Pode ser que com essa desgraça a justiça de Deus, que tarda mas não falha, venha chegando e os casos de terra fiquem em paz por uns tempos. Mas porém pode ser também que o seu Dr.

Fortimbrás, que agora está sozinho, resolve aproveitar pra querer tomar tudo de uma vez. E, nesse caso, eu não sei o que vai ser. Eu só sei, Horácio, que essa terra tem visgo e nós já cansamos de rodar de um canto pro outro e sofrer como cachorro danado. Mas de tanto sofrer a gente já aprendeu o jeito e ganhou coragem. E ter coragem é saber sofrer. A coragem dos fracos é maior que as injustiças dos homens porque seu sofrimento também é maior. Pobre nunca tem alegria a não ser depois de muita dor e, se Deus marcou a hora, não há bicho ou cristão que se salve. É por isso que dessa vez a gente não arreda o pé das posses. Que Deus livre a gente do pior. Inté mais, Horácio.

Bernardo sai.

HORÁCIO – Se eu pudesse, viajaria com o vento. Mas não, eu devo ficar. Só assim poderei contar ao mundo, que não sabe como estes fatos sucederam, tudo que aconteceu e que ainda pode acontecer. E o que pretendo contar são ações carnais, mortes fortuitas e desgraças; execuções ditadas pela manha e na coerção e no remate, intenções mal consumadas que acabaram recaindo sobre aqueles que as tramaram. Afinal, quem em muitas pedras bole, uma lhe cai na cabeça. Mas não só isso. Pretendo contar a vida desse povo errante e retirante, que desde muitos séculos vem sendo tocado feito rebanho para abrir as novas frentes agrícolas e nunca é deixado trabalhar em paz. Povo que às vezes perde a fé e a esperança, (pois se o mundo fosse bom o dono morava nele) mas que logo depois ergue de novo a cabeça para esse mesmo Deus que o abandona e em seu nome suporta os maiores sofrimentos e no mais das vezes morre na desgraça vendo a fartura ao seu redor. Porque esse

povo, cuja melhor qualidade é a simplicidade e cuja maior infelicidade é a submissão, apesar de tudo, consegue suportar as humilhações sem cair no servilismo e se endurece sem perder a ternura, quase nunca.

Vós e o mundo, que nem de longe imaginam como a fome é tirana, nem que a coragem do dia-a-dia dessa gente vem do seu aprendizado

com o sofrimento, bem poderiam acordar com as mortes deste drama, e com as verdadeiras que todo dia são noticiadas. E também endurecer o coração sem nunca perder a ternura, já que se a terra deve ser de todos porque é de Deus, um dia isso terá que ocorrer por bem ou por mal. Continuar retirante quando não houver para onde ir é que não será possível.

Chega o sargento, todos se aproximam dos cadáveres, levantam-nos e os carregam.

**Fim**

## Relatório Preliminar

### **Advertência**

Esta história é baseada em fatos verdadeiros. Assim, qualquer semelhança não será mera coincidência. Como cada personagem representa, em geral, várias pessoas, seus nomes são inventados, como inventados são os nomes dos lugares, embora a descrição das paisagens e dos cenários procure expressar a realidade.

Os diálogos, assim como os acontecimentos que lhes deram origem, também estão muito próximos do que realmente aconteceu e foi comentado. Então, quem quiser tomá-los como uma lição de vida pode fazê-lo sem medo de errar. E, quem quiser encará-los como ficção, que os considere uma possibilidade na vida de uma parte de nosso povo sofrido.

### **Lembranças**

São Loganso ainda era uma lembrança viva. Mas somente uma lembrança, nada mais. Em 1971, Valdir tivera que se afastar de lá, meio corrido, e nunca mais fizera contato com o pessoal do lugar. Era, então, um perseguido político, vivendo na clandestinidade. Ninguém sabia seu nome verdadeiro, nem seu passado. Era apenas mais um, entre vários, que trabalhava com os lavradores da cooperativa lá existente. O segredo sobre sua condição mantinha-se com

a solidariedade muda dos membros das equipes religiosas com quem atuava.

Mas havia linhas cujas pontas não controlava. Pessoas que sabia onde ele estava e que atuavam em outras regiões. Um descuido delas poderia ser fatal para ele. Tinha, então, que viver sempre alerta, procurando certificar-se de que sua pista continuava desconhecida. No final de 1971 uma dessas linhas balançou forte, dando indícios de que a polícia política poderia localizá-lo. Seu senso de vigilância não lhe permitiu vacilar: inventou um grave problema de saúde, uma sinusite aguda, juntou as roupas, e desceu o talhado da serra em plena noite.

Ainda teve que voltar lá uma vez, às escondidas, dias depois, para colocar em ordem os livros de contabilidade da cooperativa. Subiu de jipe, junto com o bispo e com as irmãs Siena e Maria, para ficar numa choupana meio abandonada. Mas o local estava meia légua depois da vila, no caminho da América, e Valdir não podia chegar com eles e, muito menos, ser visto.

Teria que atravessar, quisesse ou não, a praça principal do povoado. Aventaram que deveria passar de madrugada, mas isto talvez fosse mais perigoso e levantasse mais suspeitas do que seguir à luz do dia ou das luzes da noite. Bastava que alguém o visse passar. Pediu, então, que o deixassem quase um quilometro antes. Já tinha pensado um meio de varar o lugarejo sem ser reconhecido, desde que seria difícil não ser notado.

Ficou no meio da noite. Noite sem lua, céu enevoadado e frio, o clarão mais forte vinha das luzes fracas dos candeeiros e lampiões do casario, que atravessavam as janelas aber-

tas e, ao sabor do vento, transformavam as mangueiras em sombras dançantes. Valdir conhecia bem o lugar. O caminho mais curto cruzava pela frente da casa paroquial, cortava o quadrado da praça pela transversal, depois tangenciava a revenda, a casa de farinha e o mercado e pegava a estrada para a América. Mas era também o que o deixaria mais em foco. Era o mais fortemente iluminado e, com a chegada do bispo, muita gente deveria estar papeando por ali. O melhor seria ir por trás da casa paroquial, pegar a rua de baixo, dobrar a revenda e sair na casa de farinha. Era mais comprido, mas também mais sombreado.

De nada lhe adiantaria, porém, seguir esse caminho se não se disfarçasse. A maioria das pessoas o conheciam de longe. Vestiu a calça e o casaco velhos e esfarrapados que trouxera num saco, enfiou na cabeça alguma coisa parecida, no passado, a um gorro de lã, e não esqueceu de amarrar nos pés as sandálias de couro surradas. Saco às costas, desceu devagar a estrada até perto das primeiras casas. Daí em diante mudou a batida. Transformou-se num coxo torto e cabisbaixo, mas de andar rápido. Ao cruzar com as pessoas, dava um "b'as noites" engrolado e ia adiante, sem olhar para os lados ou para trás.

Seguiu assim até ter certeza de que já estava distante das vistas. Em menos de meia hora chegou à choupana. Encontrou a chave no lugar combinado. A rede, os cobertores, a cabaça com água, estava tudo nos conformes. Certificou-se da posição de cada coisa e apagou logo a lanterna. Ninguém deveria desconfiar nem mesmo da presença de alguma alma assombrada por ali. Deitou-se, enroscou-se, e dormiu, apesar do frio com que jamais se acostumara.

Passou dois dias acordando e dormindo com as galinhas. Durante o dia, preparou os livros de contabilidade entregues pelo Chico da Inácia, que também andou miúdo para levar-lhe a comida e não deixar o segredo ser descoberto. Na terceira noite foi apanhado pelo jipe cerca das 11 horas, na volta da visita do bispo a uma comunidade mais distante, e desceu com os demais direto para Iperá.

As pessoas haviam comentado a passagem do coxo estranho no rumo da América. Estranho porque ninguém o viu riscar o Olho D'Água, a meio caminho, como seria de esperar. O coxo havia se evaporado na “neve” que encobria as madrugadas.

Desde então, Valdir se deslocara por outras veredas. As lembranças dos momentos que passara em São Loganço foram ficando distantes, mais distantes ainda devido a exacerbação da perseguição política e da clandestinidade. Somente após a Anistia de 1979 retomou algum contato, mesmo assim de longe, até ser convidado a pesquisar os resultados daquela experiência sui-generis, 15 anos após ter começado.

Tomou o ônibus na capital. A estrada rumava direto para oeste e não demorou muito a surgir a velha e conhecida caatinga. O período era novamente de seca. Embora não tão forte quanto a de 70, mesmo assim era devastadora para os pequenos plantadores, para as plantas e os animais. A vegetação retorcida, quase fossilizada, tornou-se ainda mais emaranhada depois que a estrada dobrou para o sul, contrastando seu cinza com o verde da montanha que se erguia, paralela. Nada parecia haver mudado a natureza, a não ser o risco negro do asfalto substituindo o batedor de

poeira de antigamente.

O pequeno relatório de trabalho da equipe que, em 1971, permaneceu atuando junto aos lavradores de São Loganso já havia se perdido no tempo. O próprio autor, empurrado para um lado e para outro, pelas contingências da vida, não possuía cópia alguma. Porém, revolvendo velhos guardados, uma pessoa que recebera o texto achou que sua publicação poderia ser útil para o momento atual. E me enviou cópia, com sugestões devidas.

Pensei em fazer modificações. Poderia ampliá-lo e situá-lo mais em correspondência com a atualidade. E poderia deixá-lo como originalmente preparado. Esta última prevaleceu.

Apesar dos nove anos passados, muitos camponeses vivem, ainda hoje, experiências idênticas. As propostas finais do relatório podem estar desatualizadas, ou não terem sido aplicadas, mas eram as propostas que a equipe tinha na ocasião. Para que retocar a história?

Espero, então que sua leitura possa ser útil para todos aqueles que atuam junto aos camponeses e entre o povo em geral. Se o texto servir, pelo menos, para suscitar a discussão sobre o método empregado pela equipe, ele terá cumprido um bom papel. Afinal, a utilização de métodos corretos para elevar o nível de consciência de nosso povo é uma das questões que dividem muitos educadores populares.

O método da equipe de São Loganso procurava partir da situação real da população, de seu nível concreto de consciência, de organização e aspirações. Apreendendo tal situação real e com certo instrumental teórico em seu poder, a equipe procurou sistematizar diversos aspectos

dessa situação e utilizar sua sistematização para estimular a população local a descobrir e tentar soluções.

Ao mesmo tempo, conhecendo a situação geral do país, a equipe procurou fazer com que os participantes da experiência tomassem consciência da relação que existia entre sua situação particular e a situação mais geral do país.

Por outro lado, sem dar resposta pronta aos problemas, ou mesmo dirigir os rumos do trabalho, a equipe procurou não ficar de fora, como simples instrumento questionador ou estimulador. Quisesse ou não, ela era parte do processo e seria utópico ignorar esse lado da realidade. Ela se envolveu em todos os acontecimentos com a preocupação maior de não substituir os principais envolvidos.

Esse método choca-se, sem dúvida, com os métodos voluntaristas que procuram empurrar a população ou puxá-la pelo exemplo. Isto é, contra os métodos que querem fazer com que o povo compreenda e lute pela solução dos problemas mais gerais do país, sem passar pela experiência concreta de compreender seus problemas reais, específicos, e lutar pela solução de tais problemas.

Mas choca-se, também, com métodos que, sob o pretexto de não substituir a população, evitam levantar os problemas mais gerais. Isto é, métodos que nada fazem no sentido de que o povo compreenda a relação que existe entre seus problemas específicos, particulares, locais, e os problemas mais gerais do conjunto do povo brasileiro.

A vida das classes oprimidas tem comprovado o quanto os métodos voluntaristas são errados. Mas, muitos, ainda, não se convenceram disso. Em contrapartida, outros caem no extremo oposto. A falta de uma discussão mais ampla e

aberta sobre o assunto tem contribuído para tal situação. Espero que este “estudo de caso” possa colaborar de alguma forma, para superar essa lacuna.

Um último aviso: não adianta procurar no mapa as localidades citadas. São “nomes de guerra”. Afinal, quando o relatório foi escrito, experiências como as narradas eram consideradas “subversivas”. Agora nem tanto. Mas mudar para o nome verdadeiro tiraria o que de misterioso pode levar o leitor a se interessar mais pelo assunto.

O pequeno relatório de trabalho da equipe que, em 1971, permaneceu atuando junto aos lavradores de São Loganso já havia se perdido no tempo. O próprio autor, empurrado para um lado e para outro, pelas contingências da vida, não possuía cópia alguma. Porém, revolvendo velhos guardados, uma pessoa que recebera o texto achou que sua publicação poderia ser útil para o momento atual. E me enviou cópia, com sugestões devidas.

Pensei em fazer modificações. Poderia ampliá-lo e situá-lo mais em correspondência com a atualidade. E poderia deixá-lo como originalmente preparado. Esta última prevaleceu.

Apesar dos nove anos passados, muitos camponeses vivem, ainda hoje, experiências idênticas. As propostas finais do relatório podem estar desatualizadas, ou não terem sido aplicadas, mas eram as propostas que a equipe tinha na ocasião. Para que retocar a história?

Espero, então que sua leitura possa ser útil para todos aqueles que atuam junto aos camponeses e entre o povo em geral. Se o texto servir, pelo menos, para suscitar a discussão sobre o método empregado pela equipe, ele terá cumpri-

do um bom papel. Afinal, a utilização de métodos corretos para elevar o nível de consciência de nosso povo é uma das questões que dividem muitos educadores populares.

O método da equipe de São Loganso procurava partir da situação real da população, de seu nível concreto de consciência, de organização e aspirações. Apreendendo tal situação real e com certo instrumental teórico em seu poder, a equipe procurou sistematizar diversos aspectos dessa situação e utilizar sua sistematização para estimular a população local a descobrir e tentar soluções. Ao mesmo tempo, conhecendo a situação geral do país, a equipe procurou fazer com que os participantes da experiência tomassem consciência da relação que existia entre sua situação particular e a situação mais geral do país.

Por outro lado, sem dar resposta pronta aos problemas, ou mesmo dirigir os rumos do trabalho, a equipe procurou não ficar de fora, como simples instrumento questionar ou estimular. Quisesse ou não, ela era parte do processo e seria utópico ignorar esse lado da realidade. Ela se envolveu em todos os acontecimentos com a preocupação maior de não substituir os principais envolvidos.

Esse método choca-se, sem dúvida, com os métodos voluntaristas que procuram empurrar a população ou puxá-la pelo exemplo. Isto é, contra os métodos que querem fazer com que o povo compreenda e lute pela solução dos problemas mais gerais do país, sem passar pela experiência concreta de compreender seus problemas reais, específicos, e lutar pela solução de tais problemas.

Mas choca-se, também, com métodos que, sob o pretexto de não substituir a população, evitam levantar os problemas

mais gerais. Isto é, métodos que nada fazem no sentido de que o povo compreenda a relação que existe entre seus problemas específicos, particulares, locais, e os problemas mais gerais do conjunto do povo brasileiro.

A vida das classes oprimidas tem comprovado o quanto os métodos voluntaristas são errados. Mas, muitos, ainda, não se convenceram disso. Em contrapartida, outros caem no extremo oposto. A falta de uma discussão mais ampla e aberta sobre o assunto tem contribuído para tal situação. Espero que este “estudo de caso” possa colaborar de alguma forma, para superar essa lacuna.

Um último aviso: não adianta procurar no mapa as localidades citadas. São “nomes de guerra”. Afinal, quando o relatório foi escrito, experiências como as narradas eram consideradas “subversivas”. Agora nem tanto. Mas mudar para o nome verdadeiro tiraria o que de mistério que pode levar o leitor a se interessar mais pelo assunto.

### **Um povoado antigo**

São Losango é um distrito de Eira, abrangendo uma área superior a 5 mil hectares. Nele habitam umas 250 famílias, a maior parte vivendo no lugarejo chamado Matariz. Trata-se de um distrito serrano, situado numa chapada de aproximadamente 650 metros de altitude.

Quem sobe da vasta planície sertaneja, encontra como que um paredão, apresentando em alguns lugares lajes escarpadas e lisas e, em outros, babaçuais verdes e compactos. A estrada de rodagem, que vai do pé da serra até Mariz, é um zigzague constante, com trechos de ladeiras bem acentuadas.

O outro caminho, mais curto, para animais ou “de pés”, é uma verdadeira trilha de cabras no trecho em que escala a serra.

Ao chegar em cima, há claros na mata que permitem enxergar a vasta planície sertaneja. Vista do alto ela parece um só plano, pontilhada aqui e acolá de pequenas manchas azuladas, os açudes. Enquanto no verão a vegetação tem uma cor cinza pardacenta, no inverno transmuda-se em verde esmaecido.

Escalado o paredão – na realidade são verdadeiros “sacos” que transformam a face aparentemente lisa da serra em inúmeras dobras e rugas – entra-se num tabuleiro levemente ondulado, numa chapada de matas, capoeiras, babaçuais, campos naturais da planície sertaneja e, fluindo ou jorrando para cortar a serra, bastante fontes d’água e córregos. Muitos deles despencam do paredão em longas e finas cachoeiras e corredeiras, beneficiando também o pé da serra.

O clima da serra é frio e úmido, dessa umidade que penetra nos ossos, em especial, no período de junho a agosto. As terras são variadas. Há manchas de terra fértil – mas sapê preto ou roxo – e manchas mais fracas. Encontram-se também verdadeiros areais. A percentagem de areia é sempre alta e, mesmo no solo de maior fertilidade, ela tende a predominar.

Por incrível que possa parecer, por estar no alto da serra, São Loganso é uma área de colonização antiga, uma das primeiras do Estado. A igreja de Matariz data da segunda década de 1700, quando aí se localizava a sede de um feudo que deixou histórias e estórias. Os antigos proprietários

constituíam um clã que deu origem a muitas famílias de latifundiários não só serranos, mas também em ambos os Estados vizinhos. Sua brutalidade e ferocidade eram de tal ordem que um de seus patriarcas foi extraditado para Portugal, onde morreu ainda preso.

No século 19, as diversas famílias originárias do tronco inicial digladiaram-se em lutas sangrentas, á maneira medieval, pela terra e pela honra, eliminando-se mutualmente. Uniram-se, provisoriamente, para liquidar, a ferro e fogo, os balaíos, durante a insurreição (1838) que se alastrou pelo Maranhão, Piauí e fronteiras do Ceará. Mas, depois disso, voltaram a se matar até ficarem quase completamente arruinados.

### **São Losango passa à Igreja**

Nas primeiras décadas do século 20, um descendente do antigo clã, que ficara com as terras que incluem São Loganso, doou alguns dos diversos “sítios” que as compunham a esse “Santo”. Era um costume da época, que ajudava a ampliar os bens da igreja. Alguns desses “nobres” ainda permaneciam como latifundiários enquanto outros, empobrecidos em maior ou menor grau, ficaram por lá, ou emigraram para as cidades ou outras regiões.

Até hoje pesam nas relações familiares os nomes e brasões dos ancestrais, mesmo entre os descendentes pobres. “Primos” longínquos, há muitos Bicudos e Canários que não se dão. Vez por outra, ainda surgem rixas de família, até com mortes, sob a moldura das tradições históricas e familiares. Desde que São Loganso se tornou propriedade do “Santo”, sob a administração da Igreja, a terra passou a ser explorada

por alguns poucos rendeiros, que se obrigavam a pagar uma renda anual à Diocese. Esses rendeiros, no entanto, não trabalhavam a terra. Subarrendavam-na aos trabalhadores rurais, cobrando-lhes a meia ou a terça do que plantavam.

Não usavam o sistema de percentagem sobre o produzido; utilizavam o sistema de percentagem sobre a produção que a quantidade plantada deveria produzir. Se um trabalhador plantava um litro de feijão, e era de consenso geral que um litro deveria produzir cinco sacos, ficava automaticamente estabelecido que a renda a pagar seria de dois sacos e meio, independente dos problemas que causassem uma queda na produção. Os rendeiros-exploradores asseguravam-se, assim, contra o decréscimo da fertilidade do solo e a incerteza da lavoura. Ao mesmo tempo, submetiam os camponeses a um endividamento crescente, a uma abjeta escravidão branca.

Umás oito famílias de rendeiros eram sustentadas, desse modo, por perto de 250 famílias de parceiros. Mesmo sem haver, por parte dos exploradores, a propriedade direta do solo, o sistema de latifúndio vigorava com todas as suas mazelas. Os rendeiros monopolizavam as soltas de gado e se um dos seus animais rompia o cercado de uma lavoura e comia mandioca ou mamona, morrendo, era o parceiro que, além de perder a roça ou roçado, ainda tinha que pagar o prejuízo do animal morto.

Na década de 1950, a industrialização do Centro-Sul do país abriu uma válvula de escape para os camponeses tentarem se libertar daquele jugo. Os jovens e os chefes de família dirigiam-se para São Paulo, Rio e, depois, Brasília, com o fito de trabalhar, juntar dinheiro, pagar as dívidas e libertar-se

do cativoiro juntamente com a família. Esta continuava na terra, cuidando da roça e da lavoura e servindo de garantia para o pagamento das dívidas ao rendeiro.

Alguns dos arrendantes dos rendeiros conseguiram comprar a “carta de alforria”, carregando a família para outros lugares. Muitos retrucaram. Por isso é comum encontrar entre os camponeses aqueles que já têm uma noção do “mundo”, por haverem trabalhado nos grandes centros.

### **Regime Cooperativista**

Na década de 1960, o novo bispo diocesano, alentado pelo ecumenismo e pelo novo sentido social da doutrina da Igreja, resolveu realizar a reforma agrária nas terras do “Santo”, acabando com o sistema dos rendeiros e libertando as terras para usufruto dos camponeses em regime cooperativista. Sua ideia era fundar uma cooperativa dos camponeses, de modo que o sentido social do trabalho ficasse bem acentuado.

Com ajuda financeira obtida no exterior, contratou uma equipe de técnicos para realizar uma pesquisa local, tanto econômica (possibilidade de aproveitamento das terras, mercado, etc), quanto social (situação das famílias, nível de consciência dos próprios problemas, etc) e, de acordo com os resultados obtidos, elaborar um projeto viável de implantação da cooperativa.

Não se pode negar que a equipe estava imbuída de espírito saudável e carregada de boas intenções. Seus membros preocuparam-se em estudar o solo, em conhecer as necessidades das famílias camponesas e seus problemas, e motivá-las para os projetos que tinham em mente. De certo

modo, compreenderam que os camponeses não poderiam libertar-se do jugo dos latifundiários-rendeiros (ou rendeiros-latifundiários) só com a liberdade de acesso à terra. Os pobres tinham necessidade de financiamento em novas bases (substituindo o “fornecimento” feito pelo rendeiro), assim como de ajuda técnica e de apoio em diversos outros problemas da vida em Mariz.

Porém, em virtude das concepções heterogêneas da equipe a respeito da questão agrária e do problema camponês, ela não foi capaz de fazer com que os próprios camponeses tomassem em suas mãos a solução dos problemas. O que por si só, não era nada fácil.

Além disso, nenhum dos membros da equipe conseguiu se integrar, verdadeiramente, com os camponeses. Alguns conseguiram fazer boas amizades e granjear simpatias, mas nunca conseguiu transpor a ponte que separa o homem urbano do homem rural. Os camponeses não chegaram a considerá-los como “seus”.

Isto se deveu tanto aos métodos, quanto ao estilo de vida e trabalho dos membros da equipe. Necessidade de jipe, gastos elevados, e diversos outros itens foram empecilhos para uma completa integração, ao mesmo tempo que fortaleceram os inimigos da experiência. Para completar e aumentar tais obstáculos, a elaboração de um projeto grandioso e a demora na obtenção de fundos para implantá-lo conduziu à descrença e a uma série de crises no desenvolvimento da experiência. Várias equipes diocesanas se revezaram na tentativa de manter e levar à prática um projeto inviável. As consequências dessa frustração foram diversas.

## **Insucesso**

A Cooperativa, que mal ou bem fora fundada, debatia-se em dificuldades financeiras e administrativas e não tinha chances de auxiliar os camponeses na produção e comercialização das safras. Aos poucos, mesmo sem cobrar a renda, os primitivos rendeiros retomavam o antigo domínio sobre os camponeses: faziam “financiamento”, cobrando-lhes juros extorsivos; compravam sua produção “na folha”, a preços irrisórios; assalariavam o trabalho dos camponeses para suas lavouras, pagando-lhes diárias insignificantes; mantinham o domínio das terras mais férteis e suas roças e lavouras eram as mais extensas e as que se expandiam sempre.

É verdade que vez ou outra as equipes obtinham algum auxílio externo para a cooperativa, o que possibilitava aliviar a pressão sobre os camponeses. Porém, isso era esporádico. Em certo sentido, a experiência de reforma agrária de São Loganso chegara a uma encruzilhada. A cooperativa se esvaziava e desgastava aqueles ativistas diocesanos nela empenhados, que também se desgastavam ao não achar solução para os problemas.

A Serra virara sinônimo de “abacaxi” ou “coroa de espinhos” para a Diocese. Um trabalho sibilino e corrosivo, levado a cabo pelos antigos rendeiros e seus defensores ia minando a experiência, preparando terreno para uma solução contrária aos interesses dos camponeses.

Apesar de tudo não houvera capitulação. Novo auxílio externo fora obtido e, com isso, a Diocese projetou nova tentativa. Formou outra equipe e a enviou para lá. Sem outros objetivos a não ser o de esforçar-se para salvar a ex-

periência. Como realizar tal missão, era coisa que a própria equipe deveria pesquisar e definir.

Não foi difícil à nova equipe perceber os problemas. Eles saltavam à vista. Os relatórios e descrições dos membros das antigas equipes traçavam um quadro de contornos nítidos. Nas reuniões realizadas com os camponeses destacavam-se sempre os mesmos problemas: “como deixar de trabalhar na diária e fazer roça ou roçado, se não há com que comprar o de comer?”. “Como deixar de vender na folha, se não há com que pagar as dívidas, os remédios e tudo mais?”. “Plantar o quê?”. E assim por diante.

Para piorar a situação, havia o bubão (peste bubônica) o lecho (leishmaniose), as “febres” que matavam repentinamente. A paisagem de miséria e doenças era pungente.

Que fazer? Continuar preso ao projeto? Adotar medidas paliativas – como até então – aguardando a aprovação do projeto por algum organismo internacional de auxílio, e assistir, apesar dos esforços, ao deterioramento da situação? Ou adotar uma nova linha de ação, mesmo que ela não estivesse em concordância plena com o projeto? Afinal, o que valia mais: o projeto ou o objetivo de levar os camponeses a tomar em suas mãos o caminho se sua própria libertação?

### **Um novo caminho**

A realização de intensas e constantes trocas de ideias entre os camponeses e a equipe e entre esta e diversos ativistas da Diocese, em especial com o bispo, contribuiu para a escolha de um caminho relativamente novo.

Com base em certas experiências anteriores, de pequenos grupos de 3 a 4 elementos, partiu-se para tentar uma

produção que permitiria aos camponeses ter sua parte e ainda os deixaria “livres” para outras atividades. Ainda havia, porém, a questão do capital para financiamento (fornecimento), sem contar o pessimismo generalizado e a consequente falta de motivação.

Acertou-se, então, aproveitar de duas maneiras o auxílio externo recebido: primeiro, realizar um empréstimo individual a todos os cooperados, sem exceção. Mesmo pequeno, ele permitiria que preparassem a terra para as roças e realizassem o plantio. Afora isso, em segundo lugar, acertou-se separar uma parte do dinheiro para emprestar aos grupos – que passaram a chamar-se “mutirões” – formados para realizar em comum a preparação do terreno, plantio e limpas das roças.

Tais empréstimos deveriam retornar à Cooperativa por ocasião da safra de farinha, acrescidas de um juro insignificante, que na verdade não correspondia sequer a desvalorização do dinheiro.

Ao mesmo tempo, dos debates foram amadurecendo outras ideias. Era preferível aproveitar a disposição de fornecimento de pequenos empréstimos e auxílios demonstrado pelos organismos internacionais de ajuda para a implantação de pequenos (mini) projetos agropecuários (criação de pequeno lote de vacas leiteiras, diversificação agrícola com plantio de hortaliças, soja, mamona, etc).

Mas isto dependeria do êxito na formação e no trabalho dos grupos mutirões, de modo que tias projetos beneficiassem a maior parte dos cooperados e não só uma minoria.

A luta pela organização dos mutirões foi relativamente árdua. De certa forma, a porcentagem dos que estavam

motivados para a ideia era pequena e formar apenas um ou dois pequenos grupos não criava condições para modificar a situação. Seriam precisos uns 5 grupos de 7 a 10 elementos cada, para começar a atenuar o estado de penúria dos camponeses e para inverter o processo de dominação dos antigos rendeiros, cuja resistência aos projetos e à cooperativa crescia.

Estávamos sentindo vivamente como miséria em demasia leva a um conformismo fatalista, prejudicial a qualquer movimento de libertação. Com isso, centramos os nossos esforços na realização de uma campanha de esclarecimento e motivação dos mutirões junto aos mais interessados, de modo que eles tomassem a si a tarefa de organizar os grupos. Demos especial atenção a um grupo de mulheres que dia a dia se tornava mais interessado nos projetos.

### **As mulheres lutam**

As mulheres dos camponeses da área têm algumas características interessantes. Elas não só participam, junto com os maridos, do trabalho produtivo, como, durante os períodos em que eles se deslocam para trabalhar no Sul, assumem toda a responsabilidade e carga das dívidas, da produção, da criação dos filhos, etc. Isso lhes dá considerável autonomia e autoridade nas decisões familiares. Encontramos muitas mulheres dotadas de consciência dos próprios problemas superior a dos maridos, e com disposição de luta inigualável.

Tais características contribuíram, sem dúvida, para organizar mais facilmente os mutirões de mulheres, que, ao mesmo tempo, ajudariam na formação dos mutirões mas-

culinos. Não seria mau jogar com o brio masculino ferido.

Afinal, conseguiu-se formar 6 grupos, sendo 2 de mulheres, abrangendo uns 40 cooperados. Não era um início ruim. Houve sucessivas reuniões com cada grupo para resolver o problema da broca (no caso mulheres, teria que ser empreitada com os homens), do sistema de leiras, do regimento do trabalho. À medida que tais assuntos eram debatidos livremente com a equipe e esta fazia empenho em levar em consideração as opiniões dos participantes do grupo e expunha francamente suas próprias ideias, começou a haver maior integração e confiança entre a equipe e os camponeses, pelo menos com aqueles que faziam parte dos grupos mutirões.

A equipe conseguiu ganhar os integrantes dos grupos para a introdução de pequenas melhorias técnicas no sistema de plantio (leiras conforme as curvas de nível, intercalação de leguminosas, etc) e procurou aprender a experiência dos camponeses sobre o melhor espaçamento, a melhor época de plantio e outros métodos comprovados.

Os regimentos de trabalho foram elaborados pelos próprios trabalhadores e diferiam em alguns detalhes de grupo para grupo. Tratavam da utilização e montante do empréstimo, do número de horas e dias de trabalho em grupo, de problemas de doenças, etc. Tiveram grande importância por regularem, de comum acordo, as relações dentro dos grupos.

O primeiro choque com os antigos rendeiros surgiu, logo após a formação dos grupos, em torno da utilização das terras mais férteis. Os ex-rendeiros afirmavam, á boca pequena, que não abririam mão dos terrenos que vinham

utilizando, em especial das baixas. Os camponeses, principalmente os dos mutirões, consideravam que as baixas, por serem mais férteis, deveriam franquear-se ao uso comum. Este princípio, aliás, havia sido estabelecido numa das mais importantes assembleias da cooperativa. Era uma lei, lei que os rendeiros estavam quebrando e desejavam revogar definitivamente.

### **A primeira batalha**

O choque inicial girou em torno da Baixa do João. As mulheres desejavam utilizá-la para a sua roça, enquanto seu João, um dos ex-rendeiros, pretendia replantar cana. A própria denominação – Baixa do João – lhe dava um pseudodireito de posse, que ele habilmente propagava.

Diversos camponeses e a equipe compreendem que a lição não era só entre o direito de uso comum das baixas e o domínio dos ex-rendeiros. Não se restringia aos dois pretensos e aparentes contendores.

Por isso partimos para a realização de inúmeras reuniões, com o fito de debater a lei da cooperativa. Fazíamos questão de levar os ex-rendeiros, e mesmo, fazer reuniões em suas casas, de modo a comprometê-los diante de todos os camponeses.

A grande maioria foi de que seu João estava contra a lei da cooperativa, usurpando aquilo que não lhe pertencia. Alguns, devido a laços de família ou subordinação extra-econômica, ficaram neutros ou mesmo declaradamente ao lado do seu João.

De qualquer modo, as mulheres do mutirão nº1 foram para o trabalho com um bom respaldo moral. Esperava-se

que o ex-rendeiro, depois de toda essa movimentação aceitasse a decisão da maioria e da diretoria da cooperativa. Mas isso não aconteceu.

Seu João apareceu na baixa prometendo dar de pau nas mulheres se estas mexessem no “seu” terreno. Foi um rebuliço. A indignação tomou conta das mulheres. Seu João não queria acordo. Os debates foram acalorados o dia todo, os outros mutirões na expectativa.

A reunião do grupo das mulheres foi “quente”: ou elas fariam a roça na baixa, ou nada feito. Era claro que a lei estava do lado delas. “Se o seu João esta querendo brigar de pau, nada melhor do que ir de facão para cortar o pau” – sugeriu um dos membros da equipe, como quem não está propondo nada.

Afinal, decidiu-se que o mutirão voltaria à baixa no dia seguinte para iniciar as leiras e que a equipe e a diretoria teriam nova conversa com seu João. Não se falou mais em facão...

Seu João manteve-se recalcitrante. Foi preciso dizer a ele que a decisão de fazer a roça do mutirão nº1 na Baixa estava tomada e que ele assumisse a responsabilidade pelas consequências de sua atitude.

No dia seguinte as mulheres foram trabalhar no horário de costume. Mas passaram em fila pela praça da Igreja, chapelão de palha amarrado na cabeça, cabaça de água á tiracolo, enxada no ombro e...facão na cintura. Fisionomias decididas.

Foi como se um raio tivesse caído sobre a vila. Grupinhos se formaram; cochichos e disse-me disse por todo o canto. Seu João, em sua venda, normalmente sorridente,

ria amarelo.

### **Tomada de consciência**

A equipe e os ativistas mais decididos resolveram esperar para ver. As mulheres almoçaram na roça, e a tarde voltaram do mesmo jeito que tinham ido.

Estavam sujas, terrosas, mas, em lugar dos lábios contraídos, um largo sorriso. Sorriso que era bonito, até nas desdentadas.

Era o sorriso da vitória: a primeira batalha havia sido ganha.

A atividade dessa primeira fase dos mutirões proporcionou muitos ensinamentos. Os empréstimos para a produção, mesmo reduzidos, possibilitaram aos camponeses um nível mínimo de subsistência por algum tempo. A produção seria deles e, em geral, esperava-se que haveria uma sobra após pagar o empréstimo da cooperativa. Não era grande coisa – uma base de 100 cruzeiros em 1970, divididos em duas parcelas.

Sua importância pode ser avaliada por um casal de velhos camponeses que, emocionados, ao saber que poderiam retirar o empréstimo, choraram afirmando que há muito não tinham com que comprar café e preparar uma pequena roça para si. E também pelo fato de que os ex-rendeiros eram obrigados a oferecer diárias maiores para conseguir quem trabalhasse em suas roças e roçados.

Os empréstimos aos mutirões eram maiores – 500 a 800 cruzeiros, mas havia maior rendimento. Era mais fácil discutir a introdução de melhorias técnicas e o controle mútuo aumentava a disciplina do trabalho.

Nas horas de descanso para almoço, cada mutirão aproveitava seu tempo para debater seus problemas e os problemas gerais que lhes dizem respeito. Com o tempo, os mutirões começaram a ter influência sobre toda a comunidade. Os camponeses que estavam de fora iam ver como eles trabalhavam, como faziam as curvas de nível e, muitas vezes, participavam das conversas dos grupos. Na comunidade, cada elemento de mutirão era um propagador dos debates e ideias surgidos nos grupos.

É lógico que nem tudo eram rosas. Surgiam problemas de todo tipo nos grupos e fora deles. Muitos desses problemas eram insuflados pelos ex-rendeiros e seus partidários.

Numa área de extrema tradição religiosa como aquela, bastava a menção da palavra “comunismo” para que as pessoas se benzessem. E começaram a espalhar que os grupos mutirões seriam “grupos comunistas” para “acabar com as famílias e com a Igreja”. Alguns mais atrasados chegaram a acreditar nisso e se afastaram. Foi preciso certo esforço para desfazer a calúnia, embora a maioria não tivesse se deixado influenciar.

Apesar dos contratempos desse tipo e de outros, os camponeses iam se dando conta, aos poucos, de que possuíam uma série de direitos, direitos consagrados em lei, mas não na prática. Teriam que conquistar a aplicação da prática desses direitos. O trabalho organizado ia lhes mostrando como era importante a organização e ajuda mútua.

Voltou à baila a necessidade do sindicato, que havia sido erroneamente substituído pela cooperativa.

## **Novas atividades**

Os mais ativos e a equipe também se davam conta de que era indispensável manter e ampliar a atividade produtiva, sem a qual poderia haver novo retrocesso. Decidiu-se apressar os microprojetos e, ao mesmo tempo, tentar um financiamento do Banco do Brasil para a comercialização da safra.

Dois dos microprojetos foram logo aprovados: o de gado leiteiro e um hortigranjeiro. A implantação do segundo não demandava muitos problemas, pois um dos mutirões já vinha trabalhando nesse rumo (mais tarde tivemos dificuldades nesse grupo em virtude de tendências dominadoras de um de seus membros).

Mas a implantação do primeiro não seria tão simples: onde ter os pastos e os currais? Como aproveitar algum pasto nativo para adquirir logo as vacas e iniciar a produção e, ainda, preparar pastagens artificiais? Qual dos mutirões se encarregaria da produção? Quais as relações a estabelecer para o caso? O gado seria propriedade do mutirão ou da cooperativa? Etc, etc, etc.

Todos esses problemas deveriam ser resolvidos enquanto se tocava a implantação do projeto. De comum acordo, aceitou-se que o nº1 (das mulheres) deveria ser o responsável pelo projeto. Os homens empreitariam os serviços pesados (corte de estacas e moirões, construção de cerca e do curral, etc). Como nenhuma das mulheres tinha experiência de ordenha, admitiu-se temporariamente no grupo um rapaz que sabia esse mister.

Porém, na hora de resolver a questão do pasto, voltou a surgir o problema do domínio dos ex-rendeiros. O melhor

local, mais perto da vila, e com certa postagem natural e bebedouro, era a baixa dos Alpes. Os Alpes eram uma das mais antigas famílias da área e alguns de seus membros tinham fama de valentes e truculentos. Arrotavam arrogância. O patriarca, mais político, não alterava a voz, mas era perseverante no que pretendia.

A decisão de tomarem a baixa onde pastavam seus animais não lhes agradaria e eram de se esperar resistências maiores que as enfrentadas no caso da Baixa do João.

Mesmo contando com obstáculos certos a enfrentar, a decisão foi de implantar o projeto do gado na Baixa dos Alpes.

A partir de então, à medida que o corte de estacas e madeiras avançava, a boataria também crescia. Os Alpes repetiam que ninguém tomaria a baixa e que se tentassem haveria tiro. Um deles, em especial, começou a andar ostensivamente armado e a fazer provocações aos membros dos mutirões.

Os vacilantes acomodaram-se numa expectativa nervosa. Mesmo alguns dos mais ativos e decididos mostravam-se receosos.

As mulheres permaneceram firmes. Pela primeira vez na vida poderiam dar leite aos filhos e melhorar sua renda de forma permanente. Elas tinham aprendido que, unidas poderiam superar os obstáculos e estavam dispostas a enfrentar mais esse.

### **Vitória**

Todavia, não bastava a determinação do mutirão das mulheres e de parte dos demais mutirões para vencer a resistência dos Alpes. Estes tinham de sentir que a maioria

dos membros da cooperativa estava do lado das mulheres e da lei da cooperativa. Deveriam sentir também que bravatas não amedrontavam ninguém.

Assim, ao lado de um amplo esclarecimento sobre o projeto do gado leiteiro junto a todos os cooperados, decidiu-se realizar um trabalho de esclarecimento particular com os Alpes, de modo intenso e concentrado. Este trabalho deu como resultado a capitulação do patriarca e da maioria da família. Os demais ex-rendeiros acabaram sendo neutralizados á medida que a coesão dos camponeses crescia.

Somente uns poucos membros da família acirraram sua resistência e continuaram prometendo sangue.

O início da construção da cerca estava próximo e as dúvidas sobre a reação dos Alpes mais radicais era preocupante. Nas circunstâncias existentes, um choque violento teria mais repercussões negativas que positivas. Poderia dar ensejo á intervenção de forças externas reacionárias interessadas no fim da experiência, e o nível de consciência dos camponeses ainda não estava á altura de enfrentar uma ação desse tipo.

Por outro lado, recuar da decisão diante da oposição de uma minoria também traria prejuízos incalculáveis. Dois dias antes de iniciar a demarcação e construção da cerca, decidiu-se realizar uma demonstração de força e, ao mesmo tempo, aumentar a pressão persuasiva.

Grupos de camponeses revezavam-se nas conversas com os renitentes, enquanto se espalhava a notícia de que alguns grupos e os membros da equipe estavam armados. Alguns o fizeram ostensivamente, por uns momentos, para que a veracidade da notícia fosse comprovada.

A coisa deu certo. O ânimo belicoso dos renitentes foi

decaindo e, apesar da cara feia, a construção da cerca teve início sem incidentes. A maior parte dos grupos se deslocou para assistir a demarcação – e o que pudesse ocorrer – e a vila toda ficou na expectativa. Todavia, o balão prestes a explodir esvaziou-se naturalmente.

É difícil prever o que aconteceria se os Alpes renitentes tivessem tentado a prometida resistência. Foi, de qualquer forma, um golpe sério no domínio dos ex-rendeiros. Serviu para tomar os camponeses mais coesos e para elevar sua consciência.

### **Dissabores e fracassos**

É evidente que também houve fracassos variados.

À proporção que os pequenos problemas de produção iam sendo resolvidos, aumentavam as aspirações e necessidades dos camponeses e surgiam à sua frente maiores obstáculos.

Tal era o processo educativo inevitável, que levaria os camponeses de São Loganso a compreender que não será possível resolver seus problemas básicos sem resolver o problema da estrutura agrária e os problemas básicos dos camponeses de todo o país.

Esse problema educativo é complexo: ao mesmo tempo que se terá de continuar tentando levar os camponeses a compreender esse fato, ter-se-á que ajudá-los a resolver os problemas concretos existentes, a obter melhoria no padrão de vida local e assim por diante.

Tentativas como a de obter financiamento bancário são enervantes e causam enorme desgaste, mas se fazem indispensáveis para mostrar a quem servem os organismos

financeiros.

Toda essa luta diária e constante para resolver os probleminhas constitui um emaranhado absorvente, cheio de pequenas e grandes armadilhas, as quais dão origem á maioria dos fracassos, erros e defeitos cometidos pela equipe de trabalho.

Seria enfadonho enumerar as dores de cabeça e os vãos enfrentados nesse terreno. Basta indicar os dois perigos principais: por um lado, deixar-se envolver completamente por esses problemas e considerar que sua solução bastaria para alcançar a libertação econômica e social dos camponeses cooperados; por outro lado, enfadar-se desses problemas e, compreendendo que só é possível libertar os camponeses de todo país, deixá-los de lado ou dar-lhes pouca atenção.

Tais perigos eram o cerne dos problemas da equipe, tanto em seu relacionamento interno como com os cooperados. A maioria dos fracassos e dissabores no correr da experiência – desde o seu início – se devem, sem dúvida, a um enfoque não muito acertado da relação entre aqueles dois tipos de questões. Talvez a equipe participante dos fatos aqui narrados tenha errado menos, porque se beneficiou da experiência das demais.

Apesar disso, ela não conseguiu se libertar do peso enorme que representavam as exigências burocráticas da cooperativa; não conseguiu resolver a questão da utilização das terras da cooperativa pelos cooperados (divisão por lotes familiares e glebas de ação dos mutirões). mesmo tendo equacionado o problema, nem sempre conseguiu neutralizar a ação dos ex-rendeiros e de seus agentes; e não conseguiu formar um núcleo mais sólido de ativistas locais, capazes de

dar continuidade a experiência.

Houve, sem dúvida, um certo avanço que foi a tônica predominante naquele período. O trabalho proporcionou lições, mesmo levando em conta que alguns já estavam ultrapassados. Talvez ainda sirvam para outras experiências e com as limitações necessárias.

### **Propostas finais**

1. Seria melhor substituir a atual cooperativa por outro tipo de cooperação e ajuda mútua, mais simples, sem implicações burocráticas e sem qualquer vínculo institucional. No atual estágio da sociedade brasileira, qualquer cooperativa de camponeses pobres ou remediados acabará engolfado pelo sistema econômico dominante, vendo-se a braços com inúmeros problemas de ordem creditício, fiscal, financeira e outras.

Acabará falindo ou sendo dominada por grupos econômicos. Uma cooperativa do tipo da que foi tentada na serra só terá possibilidade de sobrevivência caso o governo do país tenha a intenção real de dar-lhe um suporte financeiro, técnico e institucional, o que sem dúvida depende de uma política global desse mesmo governo. Uma opção para a situação de São Loganso seria:

1.1 - Dividir as terras em lotes e cedê-las em usufruto aos camponeses cooperados. Não seria doação, nem os lotes passariam a propriedade dos camponeses. Estes assinariam um contrato de usufruto, com cláusulas que garantissem a boa utilização dos lotes por um prazo determinado (5,10 anos?). A boa utilização permitiria a renovação futura do contrato. Esta boa forma de uso da terra resguardaria as terras contra

alienações, colocando travas ao predomínio dos ex-rendeiros ou de grupos econômicos de fora.

1.2 - Nessa divisão das terras para usufruto seriam garantidos lotes maiores para utilização de projetos comunitários (mutirões) em caráter permanente ou temporário. O desenvolvimento e o exemplo dos mutirões poderiam, com o tempo, demonstrar a superioridade do trabalho em cooperação e, aos poucos, se estender a todas as terras.

Só então seria o caso de pensar na organização de uma cooperativa nos moldes atuais. A equipe já havia elaborado alguns esboços referentes aos itens dessa divisão e aproveitamento do solo.

1.3 - É indispensável manter um órgão de coordenação que substitua a direção da cooperativa no atendimento de problemas que digam respeito à comunidade. Talvez um conselho comunitário, representativo da comunidade e incluindo os membros da equipe diocesana, seja o mais apropriado. Excetuando o controle contábil, o conselho deveria evitar as cargas burocráticas.

2. Permanecerão os problemas relativos ao financiamento da produção e comercialização e os esforços para alcançar uma certa poupança. Alcançar o autofinanciamento, consequência de uma poupança acumulada, demanda um grande período, mesmo no caso dos camponeses não serem obrigados a pagar qualquer tipo de rendas ou juros.

Nas condições atuais, continuam a existir várias bombas de sucção destinadas a drenar os recursos dos camponeses: comércio, farmácia, impostos, miragens da sociedade de consumo, preços baixos dos produtos agrícolas na safra, etc. Desse modo, se desejar continuar com a experiência de

São Loganso é indispensável obter recursos, onde houver e o juros baixos, para financiar os mutirões e os camponeses individualmente.

2.1-O método dos microprojetos deu bons resultados e poderia continuar sendo aproveitado.

3-Qualquer que seja a opção para a continuidade da experiência da serra, será preciso ter bem claro que haverá um limite além do qual não se conseguira ir sem que a estrutura agrária do país sofra uma alteração profunda em benefício dos trabalhadores rurais.

A agricultura predominante no resto do país (posse e uso da terra) é oposta à agricultura que está se procurando implantar em São Loganso. Toda a estrutura econômica, social e política do país caminha em sentido contrário à experiência de São Loganso.

Este é o limite da experiência e sua principal ameaça. Se os camponeses não tiverem consciência dessa situação, chegará o momento em que não terão saída para as dificuldades e esmorecerão.

Para evitar isso, torna-se necessário empreender um trabalho educativo em profundidade que leve os camponeses a compreender que sua completa libertação depende da libertação dos demais camponeses de todo o país.

Portanto é seu dever, para manter e ampliar o que já conquistaram em São Loganso, e ajudar seus irmãos de outras regiões a participar da luta geral pela reforma agrária e a libertação de todos os camponeses.

***Outubro de 1980***

***Ventura Torres***



## Um sertão serrano

### **Advertência**

Esta história é baseada em fatos verdadeiros. Assim, qualquer semelhança não será mera coincidência. Como cada personagem representa, em geral, várias pessoas, seus nomes são inventados, como inventados são os nomes dos lugares, embora a descrição das paisagens e dos cenários procure expressar a realidade.

Os diálogos, assim como os acontecimentos que lhes deram origem, também estão muito próximos do que realmente aconteceu e foi comentado. Então, quem quiser tomá-los como uma lição de vida pode fazê-lo sem medo de errar. E, quem quiser encará-los como ficção, que os considere uma possibilidade na vida de uma parte de nosso povo sofrido.

### **Lembranças**

São Loganso ainda era uma lembrança viva. Mas somente uma lembrança, nada mais. Em 1971, Valdir tivera que se afastar de lá, meio corrido, e nunca mais fizera contato com o pessoal do lugar. Era, então, um perseguido político, vivendo na clandestinidade. Ninguém sabia seu nome verdadeiro, nem seu passado. Era apenas mais um, entre vários, que trabalhava com os lavradores da cooperativa lá

existente. O segredo sobre sua condição mantinha-se com a solidariedade muda dos membros das equipes religiosas com quem atuava.

Mas havia linhas cujas pontas não controlava. Pessoas que sabiam onde ele estava e que atuavam em outras regiões. Um descuido delas poderia ser fatal para ele. Tinha, então, que viver sempre alerta, procurando certificar-se de que sua pista continuava desconhecida. No final de 1971 uma dessas linhas balançou forte, dando indícios de que a polícia política poderia localizá-lo. Seu senso de vigilância não lhe permitiu vacilar: inventou um grave problema de saúde, uma sinusite aguda, juntou as roupas, e desceu o talhado da serra em plena noite.

Ainda teve que voltar lá uma vez, às escondidas, dias depois, para colocar em ordem os livros de contabilidade da cooperativa. Subiu de jipe, junto com o bispo e com as irmãs Siena e Maria, para ficar numa choupana meio abandonada. Mas o local estava meia légua depois da vila, no caminho da América, e Valdir não podia chegar com eles e, muito menos, ser visto. Teria que atravessar, quisesse ou não, a praça principal do povoado.

Aventaram que deveria passar de madrugada, mas isto talvez fosse mais perigoso e levantasse mais suspeitas do que seguir à luz do dia ou das luzes da noite. Bastava que alguém o visse passar. Pediu, então, que o deixassem quase um quilometro antes. Já tinha pensado um meio de varar o lugarejo sem ser reconhecido, desde que seria difícil não ser notado.

Ficou no meio da noite. Noite sem lua, céu enevoadado e frio, o clarão mais forte vindo das luzes fracas dos candeei-

ros e lampiões do casario, que atravessavam as janelas abertas e, ao sabor do vento, transformavam as mangueiras em sombras dançantes. Valdir conhecia bem o lugar. O caminho mais curto cruzava pela frente da casa paroquial, cortava o quadrado da praça pela transversal, depois tangenciava a revenda, a casa de farinha e o mercado, e pegava a estrada para a América. Mas era também o que o deixaria mais em foco. Era o mais fortemente iluminado e, com a chegada do bispo, muita gente deveria estar papeando por ali. O melhor seria ir por trás da casa paroquial, pegar a rua de baixo, dobrar a revenda e sair na casa de farinha. Era mais comprido, mas também mais sombreado.

De nada lhe adiantaria, porém, seguir esse caminho se não se disfarçasse. A maioria das pessoas o conheciam de longe. Vestiu, então, a calça e o casaco velhos e esfarrapados que trouxera num saco, enfiou na cabeça alguma coisa parecida, no passado, a um gorro de lã, e não esqueceu de amarrar nos pés as sandálias de couro surradas.

Saco às costas, desceu devagar a estrada até perto das primeiras casas. Daí em diante mudou a batida. Transformou-se num coxo torto e cabisbaixo, mas de andar rápido. Ao cruzar com as pessoas, dava um "b'as noites" engrolado e ia adiante, sem olhar para os lados ou para trás. Seguiu assim até ter certeza de que já estava distante das vistas.

Em menos de meia hora chegou à choupana. Encontrou a chave no lugar combinado. A rede, os cobertores, a cabana com água, estava tudo nos conformes. Certificou-se da posição de cada coisa e apagou logo a lanterna. Ninguém deveria desconfiar nem mesmo da presença de alguma alma assombrada por ali. Deitou-se, enroscou-se, e dormiu,

apesar do frio com que jamais se acostumara.

Passou dois dias acordando e dormindo com as galinhas. Durante o dia, preparou os livros de contabilidade entregues pelo Chico da Inácia, que também andou miúdo para levar-lhe a comida e não deixar o segredo ser descoberto. Na terceira noite foi apanhado pelo jipe cerca das 11 horas, na volta da visita do bispo a uma comunidade mais distante, e desceu com os demais direto para Iperá.

As pessoas haviam comentado a passagem do coxo estranho no rumo da América. Estranho porque ninguém o viu riscar o Olho D'Água, a meio caminho, como seria de esperar. O coxo havia se evaporado na "neve" que encobria as madrugadas.

Desde então, Valdir se deslocara por outras veredas. As lembranças dos momentos que passara em São Loganso foram ficando distantes, mais distantes ainda devido a exacerbação da perseguição política e da clandestinidade. Somente após a Anistia de 1979 retomou algum contato, mesmo assim de longe, até ser convidado a pesquisar os resultados daquela experiência sui-generis, 15 anos após ter começado.

Tomou o ônibus na capital. A estrada rumava direto para oeste e não demorou muito a surgir a velha e conhecida caatinga. O período era novamente de seca. Embora não tão forte quanto a de 70, mesmo assim era devastadora para os pequenos plantadores, para as plantas e os animais. A vegetação retorcida, quase fossilizada, tornou-se ainda mais emaranhada depois que a estrada dobrou para o sul, contrastando seu cinza com o verde da montanha que se erguia, paralela. Nada parecia haver mudado a natureza, a

não ser o risco negro do asfalto substituindo o batedor de poeira de antigamente.

### **A Serra**

Quem sobe da vasta depressão sertaneja para a Ibipeba pode pegar uma estrada de rodagem, que sai de Iperá, segue pelo pé-da-serra, e galga o paredão da serra para chegar a Matariz, serpenteando em ziguezagues, por ladeiras acentuadas e pirambeiras profundas. De Matariz segue para outras localidades, como Nova Fátima, América, Areias e São Pedro.

Mas Valdir saltou em Iperá decidido a seguir o caminho que tantas vezes fizera entre o pé-da-serra e Matariz. É mais curto, mas só serve para animais ou para pessoas “a-pés”, às vezes parecendo mais uma trilha de cabras. Subindo-o, têm-se uma visão melhor, tanto da escarpa, quanto da planície.

O paredão da serra não passa de uma ilusão de quem olha a Ibipeba de baixo. A face do talhado, aparentemente lisa, é fendida às vezes em lajes escarpadas e lisas, às vezes em grotões com babaçuais e carnaubais verdes e compactos. São inúmeras dobras e rugas, que o povo local chama de sacos, por onde são abertas trilhas que sobem a montanha. Alguns deles são extensos o suficiente para a construção de casas e o plantio de feijão e outras plantas.

Ao atingir os sacos, os claros da mata permitem enxergar lá embaixo a planura da caatinga, pontilhada aqui e acolá de pequenas manchas azuladas, os açudes. No verão, época de pouca ou nenhuma chuva na região, a vegetação se torna cinza pardacenta e o brilho dos açudes diminui ou some. Só se destacam as copas dos juazeiros, como se a caatinga estivesse com sarampo de pontos verdes, e os

oásis verdejantes dos sítios das fazendas, a demonstrar que a terra é fera, apenas lhe faltando um pouco de água.

No inverno, quando a chuva não falha, com a primeira água o verde explode por toda parte, de um dia para o outro. Aqueles paus mumificados transformam-se, repentinamente, em vida brotando. Ganham galhos novos e folhas brilhantes, tornando irreconhecíveis as antigas trilhas secas. Visto do alto da serra, o renovado manto verde da caatinga fica esmaecido pela névoa ou, como dia o povo local, pela “neve” constante que cobre grande parte da montanha pela manhã.

Deixando para trás a escalada, entra-se num tabuleiro levemente ondulado, uma chapada de matas, capoeiras, babaçuais, carnaubais, campos naturais e várzeas. Ao contrário da planície sertaneja, tropeça-se a cada momento com fontes de água e córregos. Muitos deles despencam pelos sacos, em longas e finas cachoeiras e corredeiras que vão umedecer o pé-da-serra.

Ao olhá-las mais uma vez, Valdir tremeu ao lembrar-se do clima, frio e úmido, que no período de junho a agosto, de temperatura mais baixa, atravessava a calça grossa, as meias e o pulôver com que se vestia, além dos dois cobertores em que se enrolava, penetrando em sua carne e judiando de seus ossos.

Voltou à sua mente o corpo encarquilhado e malformado da maior parte da população local, típico de quem sofre frio durante muito tempo. Para esquentar as choupanas e os próprios corpos, as famílias pobres acendiam fogueiras cercadas de pedras, no chão da sala das choupanas, e se deitavam em volta, enroladas nos poucos trapos que possuíam. Como se fora por castigo, sofriam ainda com o bubão

ou febre bubônica, o lecho ou a ferida da leishmaniose, e outras febres que matavam repentinamente. A paisagem de miséria e doenças contrastava com a natureza aparentemente pródiga, embora não fosse tão fácil ouvir o canto mavioso de alguma ave.

Sua atenção mudou ao chegar às hortas do Matias, uma várzea de massapê roxo quase no final da subida, antes de entrar no tabuleiro. Várzeas como a dele tinham os solos mais férteis da região, mas eram também simples manchas dispersas pelo tabuleiro. O solo do resto das terras era muito variado, com os seus areais estendendo-se por todos os lados e infiltrando-se até nos solos de maior fertilidade.

Valdir espantou-se com o que viu. As hortas do Matias nem de longe se pareciam com as que ajudara a preparar mais de dez anos atrás. Agora ocupavam o saco todo, utilizando-se das águas para irrigar os canteiros de hortaliças e legumes, antes de se precipitarem serra abaixo. A antiga casa de palhoça desaparecera e, em seu lugar, fora erguida uma outra de tijolos e telhas. Da frente saía um caminho carroçável que devia dar acesso à estrada que vinha de Ipirá.

Matias não era serrano. Viera do sertão, flagelado por uma das secas dos anos 60, e fincara pé por ali como parceiro. Como ele, havia outros imigrantes. Mas a maioria dos habitantes de Matariz descendia dos velhos colonizadores da serra. A igreja, construída no centro do vilarejo, data dos primeiros anos de 1700 e simboliza a força e o poder daqueles primeiros habitantes brancos, responsáveis pela expulsão e extermínio dos indígenas e pela organização de um sistema de vida que deitou raízes profundas.

O clã português inicial deu origem a muitas famílias

de senhores de terras e de gentes que se espalharam pela serra e também pela planície sertaneja. Sua brutalidade e ferocidade eram conhecidas e levou um dos patriarcas, sob a acusação de assassinato, a ser extraditado para Portugal, por ordem da Coroa, onde morreu preso.

Nos séculos passados, até meados deste, as famílias originárias do tronco-mãe digladiaram-se pela terra e pela honra. A literatura sobre a mútua eliminação é variada. Só por um momento, em meados do século 19, essas famílias uniram-se para derrotar a revolta dos balaios a ferro e fogo, como era seu costume. Iniciada no Maranhão, a insurreição dos escravos e brancos pobres espalhou-se, atravessou o Piauí e molhou as faldas de Ibipeba. Colocados em polvorosa, os senhores do sertão e da serra, os Bicudos, Canários e Curiós, parentes por descendência, transformaram-se em coronéis, majores e capitães da guarda-nacional, à frente de seus agregados e escravos. Foram comandados pelo então sargento-mor Simpaio, natural do pé-de-serra, que fez carreira e tornou-se, logo depois, um dos comandantes do exército na guerra do Paraguai.

Mas aquela união foi passageira. Voltaram a matar-se, até ficarem quase completamente arruinados. Sua força econômica despencou, tornando-se dispersa e diminuta. Muitos, empobrecidos, ficaram por lá como lavradores, ou migraram para as cidades ou outras regiões. Alguns ainda conservaram latifúndios, o que lhes permitia pagar a promessa aos santos.

Foi o que aconteceu com as terras em cujo centro está Matariz, nas primeiras décadas do século 20. Seu proprietário, um dos descendentes do antigo clã, doou ao santo padro-

eiro do lugar, São Loganso, diversos sítios de seu latifúndio, muitas braças somando, em termos modernos, mais de três mil hectares. Como administradora do santo, a Paróquia de Iperá arrendava os sítios a famílias com condições de lhe pagar uma renda anual, ou foro, pela utilização da terra.

As famílias rendeiras ou foreiras, no entanto, não trabalhavam o solo com seu próprio esforço. Elas o subarrendavam a trabalhadores rurais sem-terra, cobrando deles a metade (a meia), ou um terço (a terça) do que a terra devia produzir numa boia safra. Portanto, não usavam o sistema de parceria e participação sobre o realmente produzido, que isso não era garantido. Utilizavam o sistema de partilha sobre a produção que a quantidade plantada deveria produzir na melhor das hipóteses.

Se um produtor plantava um litro de feijão, e era de consenso que um litro dessa fava deveria produzir cinco sacos, ficava estabelecido que a renda a pagar ao foreiro seria de dois sacos e meio, independentemente de ocorrerem problemas e haver queda na produção. Os foreiros cercavam-se de cuidados contra as incertezas das lavouras, do tempo e das pragas. O máximo que poderia acontecer era aumentar o endividamento de seus parceiros.

Aliás, era difícil um parceiro não estar devendo, mesmo que a lavoura fosse boa. O fornecimento de café, açúcar e outros mantimentos, assim como das ferramentas para o trabalho, era feito pelos rendeiros, que dominavam o comércio. E a conta a pagar pelos lavradores era de valor sempre maior do que a parte da safra que lhes cabia. Além disso, os rendeiros monopolizavam para seu próprio usufruto as várzeas e as soltas de gado.

Nas várzeas, empreitavam trabalhadores para plantarem cana se açúcar, capim de pasto e fruteiras, ao mesmo tempo que proibiam aos lavradores semear esses bens de raiz nas terras em parceria. Não queriam qualquer pendência sobre posse. E se um dos seus animais rompia o cercado de uma lavoura e comia mandioca brava ou manona, morrendo, era o parceiro que, além de perder a roça ou roçado, tinha que pagar o prejuízo do animal morto.

Doze famílias de rendeiros eram sustentadas, desse modo, por perto de 160 famílias de parceiros. Os rendeiros não eram os proprietários de direito do solo, mas o sistema de latifúndio vigorava como se fossem. Somente na década de 50 os lavradores encontraram, na industrialização do centro-sul, uma válvula de escape para fugir desse jugo.

Os jovens e os chefes de prole dirigiram-se para São Paulo, Rio e, depois, Brasília, para trabalhar, juntar dinheiro, pagar as dívidas e libertar-se do cativoiro juntamente com a família. Essa havia continuado a viver na terra, cuidando da roça e da lavoura, e servindo de garantia para o pagamento das dívidas com o rendeiro.

Alguns conseguiram comprar sua carta de alforria, carregando as famílias para outros lugares. Muitos retornaram, pensando já ter uma noção do mundo por haver vivido e trabalhado no que supunham ser a civilização.

Valdir pensava nisso tudo quando entrou no tabuleiro e avistou a palha e as telhas que cobriam as casas de adobe em volta do mercado. Espantou-se novamente com a quantidade de moradias que havia nos arruados que partiam dali. Da última vez que olhara para lá não havia mais do que cinco ou seis casas desalinhas. Agora, no caminho que seguia,

havia palhoças e casas de um lado e do outro, o mesmo acontecendo na rua que saía do outro canto do mercado. Perto deste havia bodegas de que não se lembrava.

Mas o quadrado da praça principal de Matariz continuava o mesmo descampado de sempre, com as casas cercando o nada. No lado de cima, a velha igreja ladeada por algumas casas, além das duas grandes mangueiras que cresceram aonde quiseram, sem serem perturbadas. Olhando da quina de baixo, as casas de alvenaria grossa que se alinham na calçada esquerda estavam do mesmo jeito, algumas pintadas com cores vivas e outras esmaecidas pela umidade do tempo.

Do outro lado, a casa paroquial se mantinha inalterada e isolada. Na calçada de baixo as casas pareciam encolher-se embaixo do renque da mangueira, com medo que os galhos quebrassem as telhas.

O descampado era o escoadouro e ponto de partida dos vários arruados e caminhos que iam de Matariz para os sítios e outros pontos de São Loganso. Do canto direito de cima saía a estrada para Iperá e uma rua de moradias, onde se ergue a caixa d'água, tendo ao lado a casa das bombas do poço artesiano. Não é uma água gostosa, mas pelo menos é mais sadia do que a que corre nos banhados.

Do canto direito de baixo o arruado termina, tendo como continuação a estrada que vai para o sítio da Donana, onde dizem vagar as almas penadas dos escravos enforcados nas mangueiras ou açoitados nos troncos.

Pelo canto esquerdo de baixo vai-se para o pé da serra ou, ao contrário, chega-se de lá de-a-pés, ou segue-se para o Olho D'Água e para o sítio do Monsenhor. Pelo arruado

que sai do canto esquerdo de cima chega-se à antiga casa e pasto dos Alpes.

Valdir olhava para aquele quadrado dos ventos quando se deu conta que se tornara centro da atenção e dos olhares dos moradores que, àquela hora, perambulavam por ali. Não reconhecia ninguém. Melhor! Talvez fosse bom conversar primeiro com a irmã Joana, agora a única voluntária diocesana a permanecer em Matariz. Ouviu alguém a seu lado:

– Pro mal que lhe pregunte, vosmicê é padre?

Não se perturbou. O mesmo tratamento de vosmicê e a mesma desconfiança de sempre a mostrar a alma do lugar. Ali ainda era possível ouvir expressões do português antigo, misturadas a termos recentes, aprendidos do rádio ou nas viagens. E ninguém dará uma informação a um desconhecido sem antes saber quem ele é e sem ter certeza de que não traz consigo algum malefício escondido. Até porque, mesmo entre os descendentes pobres do lugar, pesa a moldura das tradições, das relações familiares, dos nomes e brasões dos ancestrais, impedindo-os de dar fim às querelas e rixas que, às vezes, os levam à morte de forma sorrateira e inesperada.

– Não, não sou padre, mas vim procurar a irmã Joana a pedido do bispo. Faz tempo eu morei aqui a trabalho da diocese e agora estou visitando Matariz, respondeu Valdir, sem estar seguro de que isso resolveria o problema.

– Qual é a sua graça?

O interrogatório prosseguia. Há quanto tempo não ouvia alguém perguntar por “sua graça”? Como se chamaria? Valdir, o verdadeiro, ou Zé Alves, como foi conhecido ali dez anos atrás?

– Naquele então todo mundo aqui me conhecia como

Zé Alves. Mas agora não sei se tem muita gente que ainda se lembra de mim...

Foi interrompido:

– Zé Alves... Já ouvi falar. Vosmicê não foi gerente da cooperativa?

– É isso mesmo!

– Vosmicê veio pra resolver o causo das terras?

– Causo das terras? Não, não estou sabendo. Só vim pra rever o pessoal daqui e conversar com as pessoas, saber o que está havendo. Quem vai resolver o causo das terras deve ser a diocese e o INCRA. Mas antes eu preciso saber onde fica a irmã Joana.

– Vou levar vosmicê lá. Eu sou o Juvêncio, filho do Boanerges. Vosmicê lembra dele?

Juvêncio tinha uns 20 anos. Era baixo e magro, a pele morena, o rosto lembrando mais traços indígenas do que negros. Claro que Valdir se lembrava do Boanerges, com seu jeito manso de tratar as pessoas e as coisas.

Deram a volta pelo mercado e seguiram pela rua paralela ao caminho que vai para o Olho d'Água.

– É essa aqui, disse Juvêncio ao mesmo tempo que batia palmas.

A porta, como quase todas do lugar, tinha duas bandas, a de cima sempre aberta, enquanto a de baixo permanecia fechada para impedir a entrada de animais. Irmã Joana assomou com ar tranquilo.

– Oi Juvêncio, o que foi?

– Seu Zé Alves aqui quer lhe falar.

Joana olhou Valdir entre espantada e surpresa.

– Você é o Zé Alves? Mas o bispo ficou de me avisar para ir lhe esperar em Iperá.

– É, mas eu resolvi vir direto!

– E você conseguiu condução fácil?

– Bem fácil. Eu vim a pé.

– Vosmicê veio de-a-pés? Vamos entrar.

A sala era de terra batida, mas varrida e limpa, com alguns bancos espalhados perto das paredes. Uma pequena mesa retangular, coberta com uma renda, completava o mobiliário. Um crucifixo de madeira e alguns quadros com ilustrações adornavam as paredes. Uma passagem dava para a cozinha e uma porta encostada parecia dar acesso ao único quarto existente.

Valdir, ou Zé Alves, colocou a sacola no chão e se sentou num dos bancos. Juvêncio também não esperou convite. Abancou-se em frente e parecia uma coruja atenta a tudo.

– O café é novo e ainda está quente, disse Joana. E, sem esperar resposta, dirigiu-se à cozinha e voltou logo a seguir, com as canecas e o bule.

Deixado na chapa do fogão à lenha, o bule e o café conservavam-se quentes, mas a bebida vai curtindo e se tornando mais amarga do que o natural. Mas aquele estava realmente novo e foi bebido com gosto.

– O bispo pediu pra arrumar a casa paroquial para você pousar lá. A Maria do Pedro Baio já deve estar lá limpando e arrumando.

– Não tem pressa, acalmou Valdir. Passei primeiro aqui para conversar com você e me informar das coisas. O Dom me disse que você tem uma visão geral de como está São

Loganso e isso é importante para orientar a pesquisa.

Joana desviou a vista para o Juvêncio.

– Oh Juvêncio, como vosmicê tá de trabalho? Dá pra acompanhar o Zé Alves nas andanças por aqui?

– Eu só tenho a limpa do roçado, mas isso eu tô fazendo bem cedo. No resto do dia posso ir adjunto.

– Então tá bom, essa parte está resolvida. Mas antes de lhe contar o que eu sei sobre como as coisas estão andando por aqui, eu bem que queria saber o que aconteceu antes. O Dom me falou que você trabalhou aqui no início dos setenta e ninguém sabe me contar direito o que aconteceu nesse tempo. Já ouvi umas três ou quatro histórias, e várias estórias partidas, e nenhuma explica por que chegamos ao ponto em que estamos.

– Há quanto tempo você está em Matariz? perguntou Valdir.

– Faz seis anos. E parece que nunca houve qualquer trabalho de conscientização e organização por aqui. A cooperativa foi fechada, mas parece que ainda está aí, com um monte de problemas difíceis de resolver. A gente sabe que houve alguma coisa, que foi feito muito trabalho. Mas, o quê? Eu não sei!

Tudo isso foi dito por Joana sem emoção, sem altear a voz um tom sequer, mas com convicção. Valdir entendeu que já estava a trabalho.

– Você tem tempo?

Joana assentiu com a cabeça. Juvêncio não se mexeu, mas suas pálpebras se abriram um pouco mais e seus olhos negros pareciam retesados.

– Então vamos lá. Você pelo menos sabe como era Matariz quando as terras foram doadas para São Loganso, como era o sistema de domínio, e o que o Dom e a equipe diocesana decidiram fazer aqui, não é verdade?

Joana voltou a assentir com um leve gesto da cabeça.

### **A Cooperativa**

Valdir tentou ser sintético:

– Na metade dos anos 60, quando a diocese antiga foi desmembrada, o Dom veio pra cá com as ideias do ecumenismo e do novo sentido social da doutrina da Igreja. Ele conhecia bem a situação dos lavradores, principalmente dos pobres, e não se conformava com as formas de exploração e domínio praticadas nos sistemas de agregação, arrendamento e parceria, no fundo tudo igual.

– Até hoje não se conforma, atalhou Joana.

– Agora, você imagine ele descobrir que a diocese administrava terras de santo em que funcionavam os mesmos sistemas que ele abominava. E não era só aqui em São Loganso não!

– O que é abominava? perguntou Juvêncio.

Valdir sorriu. Por um momento havia esquecido daquele assistente atento.

– Tinha nojo, desprezava, era contra, continuou Valdir. Viu então a possibilidade de realizar um velho sonho: fazer uma reforma agrária experimental nas terras da Igreja, para dar o exemplo. Agora tinha as terras do santo, podia acabar com o sistema dos rendeiros e libertar as terras para usufruto dos camponeses. Melhor ainda que pudesse ser em regime comunitário. Sua ideia era fundar uma cooperativa

dos camponeses, de modo que o sentido social do trabalho ficasse bem acentuado.

– Mas os camponeses nem sabiam o que era cooperativa, e acho que até hoje não sabem direito, retrucou Joana. Parecia um negócio bem de cima para baixo.

– Em parte você tem razão. Mas, se não houvesse algum impulso de cima para baixo, até hoje os antigos rendeiros talvez estivessem fazendo como sempre fizeram. O fato é que o Dom conseguiu alguma ajuda financeira no exterior para iniciar uma experiência de desenvolvimento comunitário. Com a ajuda do Movimento de Educação de Base, o MEB, foram realizadas várias campanhas educativas, principalmente sobre cooperativismo. Em 1966, quando a primeira equipe chegou aqui para visitar as casas, tinha gente que fugia com medo.

– Devia de ser tudo bugre naquele então, comentou Juvêncio.

– Olha só quem fala, devolveu Joana prontamente.

Juvêncio riu. Já estava acostumado com os comentários da freira e não se importou. Valdir continuou:

– Ainda em 1966, a diocese doou 3.500 hectares das terras do santo para uma experiência de desenvolvimento comunitário. Era um projeto em que o povo que participasse dele deveria se tornar, progressivamente, conforme dizia o Dom, autor e sujeito de seu crescimento integral. Ele tinha a esperança de ver, ainda, nascer experiências semelhantes em terras próximas. E sonhava encontrar concidadãos que amassem seus irmãos a ponto de buscar a democratização das oportunidades. Para ele, a experiência de Matariz deveria ser um testemunho de que sua diocese queria ser uma

igreja servidora e pobre.

– Então a cooperativa foi fundada em 1966? quis saber Joana.

– Não! Foi fundada em 1967, com 97 sócios e um capital de 1.370 cruzeiros. Cada sócio fundador deve ter pago a taxa mínima de dez cruzeiros. O objetivo era melhorar a subsistência, reunir os sócios em grupos comunitários de produção e estimular a iniciativa familiar. Cada família poderia trabalhar num pedaço de terra.

– Mas teve uma equipe de fora? perguntou Joana.

– Teve, continuou Valdir. Nesse mesmo ano veio uma equipe da capital, por causa de um convênio com a Universidade Federal. A diocese tinha conseguido 30 mil dólares de uma entidade francesa, o Comitê Católico contra a Fome, para elaborar um projeto de desenvolvimento comunitário. Vieram, então, economistas, agrônomos, assistentes sociais, e passaram um tempo aqui.

– Tudo gente graúda, atalhou Juvêncio.

Valdir riu, mas continuou:

– Eles pesquisaram a situação econômica, estudaram a possibilidade de aproveitamento das terras e assuntaram onde poderia ser vendida a produção por melhores preços. Pesquisaram também a situação das famílias, como elas enxergavam os próprios problemas e a solução deles. Organizaram escola para adultos e procuraram motivar as pessoas para a cooperativa.

– Em que ano foi mesmo isso, seu Zé, perguntou Juvêncio.

– Eles começaram em 1967. Escreveram um bocado. Se

vocês lerem o trabalho deles, vocês vão ver que a equipe estava motivada e cheia de boas intenções. O estudo é muito interessante. Mostrava que o solo daqui é fraco, mas bem manejado podia alimentar as famílias com outras variedades de plantas, além da mandioca, da cana e do feijão fradim.

– Meu pai diz que naquela época só se podia plantar maniva e toco de cana, agregou Juvêncio.

Joana sorria ao ver a atenção do rapaz.

Valdir continuou:

– É verdade! Talvez por isso a equipe tenha chegado à conclusão de que o desconhecimento de outros tipos de plantio se devia a uma proibição que vinha de longe. Com a cobiça de manterem a terra só para si, os rendeiros, além de não permitirem o livre acesso a ela, os impediam de plantar bens de raiz.

– Mas a gente sabe que só isso não adiantava, alertou Joana.

– A equipe também sabia, devolveu Valdir. Os parceiros, pobres como eram, precisavam de financiamento que substituísse o fornecimento dos rendeiros. Isso pra não falar da precisão de ajuda técnica e outros tipos de assistência. Todas essas informações e necessidades foram trabalhadas e transformadas pela equipe num senhor projeto, de 200 páginas, o Projeto de Desenvolvimento Comunitário do Núcleo Rural de Matariz, que só ficou pronto em 1970. Foi tudo muito bem detalhado. Só que, lendo o projeto e conhecendo São Loganso, principalmente naquela época, você via logo que as coisas não combinavam.

– Como assim? questionou Joana.

– Vejam bem, retomou Valdir. O projeto era bem es-

truturado. Tratava dos objetivos econômicos e sociais, e dos aspectos administrativos. Detalhava os aspectos econômicos, apontava o programa de produção anual, as condições do mercado e da comercialização, dizia quais produtos pecuários e agrícolas seriam obtidos, quais as inversões necessárias e qual a estrutura de custos, e definia os aspectos financeiros, como a rentabilidade, a capacidade de pagamentos, a amortização do financiamento e o ponto de nivelamento...

– Não entendi quase nada, atalhou Juvêncio. E que ponto é esse aí?

Valdir sorriu. Quase diz que essa falta de entendimento pelos lavradores de São Loganso talvez fosse o problema. Mas ficou apenas na questão de Juvêncio.

– É o ponto em que a cooperativa alcançaria a capacidade de se auto-sustentar. Pelo projeto, a cooperativa levaria quatro anos para implantar o projeto e dez anos para ser autofinanciável. Para chegar a isso deveria realizar a exploração racional da bovinocultura, suinocultura e avicultura. Em outras palavras, a cooperativa deveria criar gado, porcos e aves com um alto padrão técnico, formando pastagens de capim especial e produzindo grãos para transformar em ração. A partir do quarto ano, a produção anual das criações deveria render quase 400 mil cruzeiros e a produção de algodão, feijão, mamona, mandioca e outros produtos deveria render perto de 300 mil cruzeiros. Pra fazer tudo isso seria necessário um investimento de cerca de dois milhões de cruzeiros, uns 340 mil dólares, durante esses quatro anos.

Joana e Juvêncio estavam de olhos arregalados e falaram quase ao mesmo tempo:

– 340 mil dólares!!!

– É isso aí, 340 mil dólares! confirmou Valdir. Mas, se vocês pensarem bem, não era lá muita coisa. Seriam pouco mais de dois mil dólares para cada uma das 160 famílias de parceiros de São Loganso. Trezentos e quarenta mil dólares, em quatro anos, para tirar da carência cada uma das mil pessoas, mais ou menos, que viviam nessas terras. Mesmo assim, para as entidades financiadoras era uma dinheirama. Mas esse não era o porém mais complicado. O mais complicado é que os lavradores daqui não tinham qualquer ideia do projeto, nem de como tocá-lo. Eles não tinham experiência de criação intensiva de gado, aves e porcos, como o projeto exigia. Além disso, os 3.500 hectares do santo estavam dispersos por 16 sítios, sendo 7 deles distantes 3 a 7 léguas de Matariz, o que tornava difícil adotar práticas agrícolas da alta produtividade em todos. O projeto parecia preparado para outra realidade.

– Só se tivesse técnico de fora o tempo todo, sugeri Juvêncio.

– É, continuou Valdir, o projeto previa a permanência aqui de técnicos e trabalhadores especializados para administrar o projeto, orientar os lavradores e educá-los para assumirem a direção da cooperativa. Por isso previa, também, muita despesa com trabalho assalariado que não poderia ser feito por gente daqui.

Juvêncio interveio:

– Meu pai dizia que, por causa disso, o pessoal achava que a cooperativa era coisa de comunista. Diz que foi até preciso o bispo vir aqui para explicar que não era nada disso.

– Esse era um complicador a mais, acrescentou Valdir.

O pessoal de São Loganso não só não tinha ideia do que era uma cooperativa, como acreditou na boataria, espalhada pelos rendeiros, de que a cooperativa era uma criação comunista para tirar a religião do povo e dominar todo mundo. O pessoal de fora seria tudo comunista. E não adiantava os membros da equipe desmentirem, já que eles eram o próprio alvo da boataria. A coisa realmente só melhorou depois que o Dom passou uns dias aqui explicando o que era uma cooperativa, para que ela servia, e qual era a missão das equipes.

– Mas por que isso não foi explicado e discutido antes com a população? perguntou Joana, parecendo inconformada com essa falha.

– Não sei, respondeu Valdir. Talvez porque ninguém tenha se dado conta de como os lavradores daqui pensavam realmente a respeito dessas coisas, nem do grau de influência das tradições e dos antigos rendeiros, assim como do medo ao comunismo ou a qualquer coisa parecida com ele, e do respeito quase religioso à autoridade e à lei. Sei lá! Havia um dito de que quem amansasse o terreno teria o direito de plantar dez anos. E muita gente não entendia por que as terras haviam sido doadas. E tinha medo de plantar nas terras da cooperativa porque nunca tinham visto alguém dar terra de graça, preferindo pagar arrendo de quatro por um. Desse jeito, o boato grudou e, mesmo após o desmentido do Dom, muita gente continuou acreditando que a cooperativa era comunista. Para complicar, alguns rendeiros também processaram a diocese por haver rompido os contratos de aforamento com eles. Todos os contratos haviam findado em 1965. Assim, era só não renová-los para evitar problemas legais. Mas, não sei por que cargas d'água, o pároco de Iperá

os renovou em 1967, dando chance aos processos. Apesar de tudo isso, seguiu-se adiante. O projeto foi enviado para a Europa e, na certeza de que seria aprovado, começaram a implantá-lo com o dinheiro que ainda havia restado.

– E era muita coisa? atalhou a curiosidade de Juvêncio.

Valdir parecia pensar no que responder, mas Joana veio em seu auxílio.

– O Dom me falou uma vez que não. A Misereor havia doado 30 mil dólares para a elaboração e início da implantação do projeto. Assim, enquanto esperava sua aprovação a Diocese conseguiu várias pequenas ajudas para o andamento dos trabalhos. Mas isso não era suficiente para sustentar a cooperativa por muito tempo.

– Parece que a coisa foi desse jeito, acrescentou Valdir. Em 1970 entraram uns 15 mil cruzeiros de doações. Eu não estava aqui nessa época, mas soube que a equipe se desgastou com muita rapidez. Talvez confiante de que o dinheiro viria, seus membros adotaram um estilo meio complicado de trabalho, como se estivessem numa cooperativa rica. Só andavam de jipe e formavam um grupo meio fechado aos olhos do povo daqui. Alguns até conseguiram fazer boas amizades e granjear simpatias, mas nunca atravessaram a ponte que separa o homem urbano do homem rural. Os posseiros não chegaram a considerá-los como “gente sua”.

Valdir espiou de esguelha a aprovação disfarçada de Joana e Juvêncio, e continuou:

– Para piorar, a demora na aprovação do projeto e no envio de fundos gerou descrença e desconfiança entre os lavradores. A equipe que nos antecedeu também teve que ir embora, mais uma vez por falta de recursos financeiros,

como havia acontecido com as equipes que trabalharam aqui em 1967, 68 e 69.

Valdir fez nova pausa, por um momento parecendo absorto, procurando lembrar-se melhor do que acontecera:

– Não conheço em detalhes a história de cada uma das equipes que antecederam a nossa. Mas sei que todas elas enfrentaram mais ou menos os mesmos problemas. A cooperativa debatia-se em dificuldades financeiras e, como consequência, vivia às voltas com questões administrativas e piorava suas relações com os associados. Se vocês olharem os documentos da cooperativa vão encontrar um monte de advertências da diretoria a associados sobre débitos de anuidade de empréstimos e sobre o uso não autorizado de lotes de terra por familiares, principalmente filhos. Em resumo, os problemas aumentavam e a cooperativa não tinha como auxiliar na produção e na comercialização das safras. Aí acontecia o pior: mesmo sem cobrar a renda, pouco a pouco os antigos rendeiros iam refazendo seu domínio. Eles adiantavam o fornecimento para os lavradores, cobrando juros muito grandes. Com isso, amarravam a compra da produção na folha, a preço de nadica, quando os mantimentos acabavam antes da safra e quando o pessoal tinha que vender o que tinha pra dar de comer aos filhos.

– Ainda hoje isso acontece, completou Joana. Vosmicê não sabe como esse pessoal sofre e faz força pra não vender a safra na folha, mas a dor no bucho é maior. O pior é que o alívio é por pouco tempo. O dinheiro acaba logo e eles ainda têm que trabalhar de alugado na colheita da lavoura que venderam. Já vi muitos chorarem quando fazem as contas da safra em comparação com o preço que conseguiram...

Juvêncio não se conteve e cortou a fala de Joana:

– Eu mesmo quase morri de raiva quando tive que vender o meu roçado no ano retrasado por duzentos cruzeiros pra prepotência do João da Venda e depois vi que ele ganhou dois mil cruzeiros, limpos-limpos, com o que colheu.

– Pois é, era desse jeito que os ex-rendeiros mantinham seu domínio, continuou Valdir. Não tinham a meia nem a terça, mas estavam livres para usar outros mecanismos de exploração. E, ainda por cima, diziam estar comprando a lavoura na folha, ou alugando trabalhador por salário, de pura bondade, pra mode de ajudar aos necessitados. Além disso, continuavam ocupando as terras mais férteis e suas roças e lavouras eram as mais extensas e as que se expandiam sempre.

– Mas a Diocese de vez em quando obtinha algum novo auxílio, acrescentou Joana.

– É verdade, concordou Valdir. Esses novos auxílios permitiam financiar o plantio, a colheita ou a comercialização, aliviando a pressão sobre os lavradores pobres. Porém, isso era esporádico. Desse jeito, a cooperativa se esvaziava, e os associados que estavam na diretoria, assim como as equipes da Diocese que vinham trabalhar em São Loganso, eram considerados culpados do que estava ocorrendo pelos outros lavradores. Nessas condições, a serra e São Loganso se tornaram um abacaxi azedo e uma coroa de espinhos. As equipes que eram enviadas para cá se sentiam como se viessem pagar penitência por pecados que não haviam cometido.

– Já chegavam derrotados e, depois, saíam estropiados, acrescentou Joana.

– Parece que sim, concordou Valdir. De qualquer modo,

pouco conseguiram fazer para contrapor-se aos antigos rendeiros. Estes aí realizavam um trabalho corrosivo, minando a simpatia dos lavradores pela Diocese e pela cooperativa. Estimulavam a desesperança, ao mesmo tempo que entravam na Justiça para obter o domínio legal das terras do santo por usucapião, com aquela história de haverem amansado o terreno. Faziam como cobra encantando passarinho: queriam que os lavradores ficassem parados que nem pedra. Foi desse jeito que eu encontrei São Loganso em 1971, depois de haver passado pela grande seca de 1970.

– Vosmicê veio sozinho? perguntou Joana.

– Não! Nós éramos uma equipe de três. Havia uma enfermeira, a Marlene, e um ex-seminarista italiano, o Mário da Tereza, que já estava há muito tempo no Brasil e na Diocese.

– Mas, por que vocês vieram para cá, acrescentou Joana. A outra equipe queria ir embora?

– A outra equipe já havia ido embora, explicou Valdir. Não havia mais ninguém aqui. O dinheiro acabara e não havia como sustentá-la, além dos problemas críticos que atacavam todas as equipes que vinham para cá. Assim, quando foi obtido novo auxílio externo, a Diocese projetou nova tentativa e procurou gente para formar outra equipe. Só o Mário era da Diocese e já participara de uma das equipes anteriores aqui na serra. A Marlene era da capital e foi selecionada entre vários candidatos. Eu andava pelo sertão naquela ocasião e, como precisavam de um técnico agrícola para a equipe, fui indicado como candidato. Tive antes que passar pela sabatina do agrônomo da Ancar.

– Ancar? interrompeu Juvêncio.

– É, hoje é a Emater. Tive que ser aprovado por ele. As-

sim, era uma equipe técnica variada: uma enfermeira, um quase-padre e um meio-técnico agrícola. Eu deveria assumir a gerência da cooperativa. Não sei se era a melhor equipe necessária para salvar a experiência de reforma agrária de São Loganso. Como realizar tal missão, era coisa que a própria equipe deveria pesquisar e definir, conforme o próprio Dom nos falou na primeira reunião que tivemos com ele.

– Não deixava de ser desafiante, brincou Joana.

– É..., é verdade, anuiu Valdir. Mas era também temerário, como se estivéssemos na beira do abismo, à noite, sem fífo, e nos avisassem que não sabiam se a pirambeira estava à frente, ao lado, ou atrás.

Juvêncio achou exagerada a comparação.

– Não era bem assim. Meu pai falou que todo mundo sabia das dificuldades. Era sempre os mesmo pontos: deixar de trabalhar na diária para os reдеiros e fazer roça ou roçado, mas como? Se não havia com que comprá o de comê, deixar de vender na folha, mas ninguém sabia como, se não havia com que pagar as dívidas, os remédios e tudo mais. E plantar, mas com que? Então, o caso era arrumar dinheiro.

Valdir sorriu.

– É verdade, é verdade. Vosmicê tá por dentro da história. Todo mundo sabia os problemas que afligiam a cooperativa. Não era difícil percebê-los e descobri-los. Eles saltavam à vista. Havia também os relatórios e descrições dos membros das antigas equipes que traçavam um quadro muito nítido das dificuldades enfrentadas. Mas, mesmo que houvesse dinheiro, não era tão simples decidir o que fazer. Deveríamos continuar presos ao projeto? Continuar adotando meias-medidas, como até então, aguardando sua

aprovação por algum organismo internacional de auxílio e assistir, apesar dos esforços, ao deterioramento da situação? Ou adotar uma nova linha de ação, mas que contribuísse para mudar a situação dos lavradores?

Juvêncio se animou:

– Meu disse que quando vosmicês chegaram pra cá, viviam em reunião com todo mundo. Que passaram um bom tempo sem fazer outra coisa.

– É isso aí, concordou Valdir. Foram dias e dias de trocas de ideias entre a equipe e os lavradores mais ativos, e também entre a equipe e outros ativistas diocesanos, e entre a equipe e o bispo. No final decidiu-se escolher um novo caminho. Acertou-se aproveitar de duas maneiras o auxílio externo recebido. A primeira, realizar um empréstimo individual de 50 cruzeiros a todos os associados, sem exceção. Era pequeno, mas ia ajudar o povo a preparar a terra para as roças e realizar o plantio. A segunda, separar uma parte do dinheiro para emprestar a pequenos grupos comunitários, de três ou mais pessoas, que realizariam em comum a preparação do terreno, o plantio e a limpa das roças. Esses grupos, que foram chamados mutirão, partiam das experiências anteriores de trabalho comunitário, realizadas desde 1967. Os empréstimos deveriam retornar à cooperativa por ocasião da safra de farinha, com um juro insignificante, que na verdade não correspondia sequer à desvalorização do dinheiro. Porém, a gente tinha claro que dificilmente o pessoal ia ter condições de pagar o empréstimo, em vista da carência em que vivia. Em vez de dever para os fornecedores, passariam a dever para a cooperativa. Com a vantagem de que a cooperativa não ia exigir deles trabalho na diária

para o desconto da dívida. Os que participassem nos mutirões teriam vantagem sobre os demais: eles trabalhariam uma parte do dia na área comum do mutirão e outra parte em seus próprios lotes.

– Então, por que todos não participavam do mutirão? inquiriu Juvêncio.

– Uns não acreditavam no trabalho conjunto, outros não gostavam. Havia também as desavenças pessoais: me lembro de um que queria ir para algum grupo mutirão, mas acabou não indo porque em cada um dos grupos formados havia um desafeto. A maioria ficou de fora dos primeiros grupos, mesmo porque o dinheiro para financiamento era limitado.

### **Os mutirões**

Valdir fez uma pausa. Lembrou-se que o mutirão não era uma tradição naquela região. Era mais comum a troca de serviço, mas em pequena escala. Foi a equipe de 1966 que introduziu o trabalho comunitário, que deu alguns bons resultados e serviu de base para a retomada em 1971, com o nome de mutirão.

– Resolvemos elaborar vários pequenos projetos, mais fáceis de serem financiados por organismos internacionais de ajuda, e reforçar o trabalho dos mutirões. No total acho que preparamos uns 16 microprojetos, a partir das propostas dos próprios associados. Elaboramos alguns para a diversificação agrícola com plantio de legumes e hortaliças, soja, modubim, mamona e fruteiras. Para a criação de pequenos lotes de vacas leiteiras, fizemos dois projetos como etapas de um projeto maior. O da primeira fase objetivava

implantar uma pequena criação com quatro vacas, como experiência piloto. O da segunda fase já previa a ampliação da cerca, curral, estábulo, capineira e mais cinco vacas. Também preparamos alguns miniprojetos para o financiamento do custeio da produção e comercialização da mandioca e para a perfuração de poços artesianos.

– De quanto era cada um desses projetos? quis saber Joana.

– Coisa de uns mil a mil e quinhentos dólares, uns seis a sete mil cruzeiros na época. É verdade que o projeto das vacas e o de hortaliças era composto de vários miniprojetos que chegavam a uns quatro mil dólares. Realizados através de grupos mutirões teriam uma eficiência maior. Na época nos achávamos que poderíamos conquistar todos para o trabalho nos grupos, mostrando-lhes as suas vantagens. Se isso acontecesse, todos seriam beneficiados igualmente.

Joana riu.

– No fundo, no fundo, vocês também eram uns sonhadores.

– Sem sonho não se véve, como diz o povo do sertão, devolveu Valdir. E se você pensar bem, a formação de mutirões era até um sonho modesto para quem tinha em vista implantar um projeto de reforma agrária numa ilha cercada de latifúndio por todos os lados. O maior trunfo nosso era o dinheiro para o financiamento do trabalho. A conversa e o convencimento das vantagens do trabalho em grupo ajudavam, mas não eram a atração principal. A gente pelo menos tinha consciência disso.

– E quando o dinheiro chegou, quis saber Joana.

– Foi rápida a aprovação dos miniprojetos. E logo que

o dinheiro chegou a gente passou logo a organizar os mutirões. Os recursos davam para uns 5 grupos de 7 a 10 lavradores cada. Na prática, cada família teria alguém trabalhando nos mutirões, o que reforçava o trabalho das roças e roçados familiares. Nessas condições, podíamos inverter o processo de dominação dos antigos rendeiros, vencer sua resistência aos projetos e à cooperativa e, principalmente, atenuar o estado de penúria dos camponeses.

– Miséria em demasia leva a um conformismo fatalista, acrescentou Joana. Ninguém se liberta se cair nesse estado.

– É isso mesmo, concordou Valdir. Por isso concentramos nossos esforços em esclarecer e motivar os mais favoráveis aos mutirões, de modo que eles tomassem a si a tarefa de organizar os grupos. Demos especial atenção a um grupo de mulheres que, dia a dia, se tornava mais interessado nos projetos. O Dom esteve em visita a São Loganso e palestrou para o povo, dando muita força para os projetos comunitários.

– O que ele falou? quis saber Juvêncio. Meu pai falou disso, mas não lembro.

Valdir também não se lembrava de tudo, mas não se deu de rogado:

– Ele disse mais ou menos o seguinte: que era preciso ir adiante com os projetos comunitários. O futuro era dos conjuntos, devendo-se fazer de modo que o trabalho individual e o trabalho em grupo fossem repartidos e se desse atenção aos dois. Mas o que poderia mesmo fazer a situação melhorar era o trabalho de grupo. Por isso se deveria manter o grupo em pé e unido. Ele também incentivou os grupos a praticarem a ajuda mútua. Cada um do grupo ajudar ao

outro, o grupo todo ajudar ao que está precisando mais, um grupo ajudar outro grupo. E lembrou que todos faziam parte de uma mesma grande comunidade, a comunidade dos pobres, que só poderia libertar-se como grupo e como indivíduo quando toda a comunidade se libertasse. Por isso, estimulou o grupo a não se fechar em si mesmo, mas agir junto a todas as comunidades.

Joana e Juvêncio não tiravam os olhos de Valdir, que se sentiu meio vexado e achou melhor explicar-se:

– Eu estou só traduzindo, com minhas palavras, o que ele falou naquela ocasião. Mas vocês sabem a forma como ele apresenta as palavras e podem fazer uma ideia melhor do que ele disse.

– É engraçado, ponderou Joana, como as coisas que você está contando são desconhecidas ou foram esquecidas pelo pessoal daqui. Só alguns lembram dos mutirões, mesmo assim como um banho rápido de cachoeira.

– Dez anos não são pouco tempo, atalhou Valdir. Os mutirões tiveram uma vida ativa de um ano, se muito. De qualquer modo, vocês vão se espantar ainda mais com os acontecimentos de implantação dos projetos pelos mutirões. E, se eles foram esquecidos, o mistério será ainda maior. Mesmo porque eu não estou lhes contando coisa de ouvir dizer. Eu estou lhes contando coisas que vi e participei. Não foram sonhos nem pesadelos, foram vida real.

Antes que Valdir pudesse continuar, Joana pediu licença e levantou-se:

– Deixa eu ver como está o feijão. Daqui a pouco é bom almoçar, que barriga vazia não rima com conversa boa e trabalho.

Valdir também se levantou para beber água. Juvêncio continuou pregado no banco, os olhos parecendo fixos no horizonte estreito da janela.

– Tudo bem, retornou Joana. Ainda tem bastante água e o fradinho não é fácil de amolecer e fazer caldo. Ainda dá pra gente avançar na prosa.

Tornando a sentar, Valdir retomou o fio da conversa.

– Pois é, como eu ia dizendo, a organização dos mutirões passou a tomar todo o nosso tempo. Pode ser que agora ninguém se lembre mais, mas naquela época era assunto para tudo que era roda de gente.

A dianteira foi tomada pelo grupo do Jorge e do Adriano, que eram duas lideranças antigas do lugar. O Jorge, inclusive, vivera no Rio de Janeiro e tinha até experiência de sindicato. Eles conseguiram juntar um grupo de dez ou doze lavradores, não me lembro bem ao certo, para tocar uma roça grande de mandioca lá perto do sítio da Donana. O Matias também começou a organizar um grupo para plantar hortaliças lá no saco onde ele morava. Os companheiros dele eram quase todos imigrantes, com alguma experiência em roçado no sertão. Seja por isso, seja porque eles se propunham a fazer uma coisa que nunca havia sido feita aqui na serra, todo mundo achava que eles eram malucos e quase ninguém queria que o mutirão deles fosse financiado.

Juvêncio não se aguentou:

– E hoje o Matias é um dos mais ricos do lugar. Malucos eram os outros.

– Sei lá, continuou Valdir... O fato é que os grupos começaram a tomar corpo. Aí aconteceu uma coisa meio inesperada: a das Dores e a Quitéria pediram uma reunião

com a equipe. Elas vieram tão solenes e formais que eu quase ri quando elas fizeram o pedido. Ai, sentamos os três da equipe, mais elas duas e outras cinco ou seis mulheres, não me recordo bem...A reunião chamou a atenção e, como era de hábito, chegaram-se mais algumas pessoas. Mas, com a mesma solenidade que haviam solicitado a reunião, elas avisaram que era um particular com a equipe e fizeram todos os demais saírem.

– Quer dizer que esse jeito delas vem de longe, observou Joana. Desde que eu cheguei, venho reparando que as mulheres daqui são muito independentes e com autoridade nas famílias. Talvez seja porque, quando os maridos vão trabalhar no Sul, elas assumam toda a responsabilidade e a carga das dívidas, da produção, do cuidado com os filhos. Têm muitas que sabem mais do que os maridos o que aflige suas famílias e o que deve ser feito. E quando elas precisam enfrentar alguma dificuldade, elas em geral não fogem.

– É isso aí, concordou Valdir. Elas queriam a reunião justamente para dizer que iam se organizar em um ou dois mutirões só de mulheres e que um dos grupos pretendia trabalhar na Baixa do João da Venda. Elas não vieram pedir permissão, e nem era para pedir, mas para comunicar de um modo até autoritário. Na verdade, a gente até nem se incomodou com isso. Pelo conhecimento que nós já tínhamos do lugar, essa atitude ia mexer com os brios masculinos e ia contribuir para organizar mais facilmente os mutirões. No final, conseguiu-se organizar seis grupos, sendo dois de mulheres, com uns quarenta cooperados. Não era um início ruim. As reuniões com cada grupo sucederam-se para resolver os problemas da broca, do sistema de leiras, e do

regimento de trabalho. No caso das mulheres, a broca teria que ser empreitada com os homens.

– Isso deve de ter dado um bocado de mangação com as mulheres, lembrou Juvêncio.

– Deu mesmo, concordou Valdir. Os homens diziam que as mulheres queriam trabalhar sozinhas, mas na hora do trabalho duro tinham que chamar quem podia. Mas elas não estavam nem aí para a mangação. Elas foram as primeiras a aceitar a introdução do sistema leiras conforme as curvas de nível, para diminuir a erosão e permitir o maior crescimento das manivas, e a intercalação de alguns tipos de feijão entre as plantas para aumentar a fertilidade do solo. A elaboração dos regimentos de trabalho pelos próprios lavradores foi um aprendizado. Eles definiam como o empréstimo deveria ser utilizado pelo grupo, estipulavam o número de horas e dias de trabalho em grupo, diziam que o lavrador deveria fazer em caso de doença e de como deveria repor os dias que não trabalhara, e tratavam de outros assuntos que regulavam, de comum acordo, as relações dentro dos grupos.

– O pai disse que foi uma trabalhadeira danada, comentou Juvêncio.

– Eles mesmos conseguiram fazer isso? E a equipe, o que apitava? perguntou Joana.

– Pelo jeito não apitava nada, completou Juvêncio.

Valdir riu. Lembrou-se rapidamente de que foi justamente o jeito meio solto da equipe, deixando que os assuntos fossem debatidos livremente pelos grupos e empenhando-se em levar em conta as opiniões dos membros dos mutirões, que permitiu uma maior integração sua com os lavradores,

ou pelo menos com aqueles que faziam parte dos grupos. E acrescentou:

– A equipe realmente não apitava naquilo que os mutirões sabiam fazer melhor do que ela. Algumas melhorias técnicas ocorreram graças ao nosso trabalho. Mas a gente sabia que o melhor espaçamento, a melhor época de plantio e outros métodos comprovados não deveriam ser mudados, a não ser após muita experimentação. Nesses casos, quem dava a ordem eram os próprios lavradores. No caso do valor ou montante dos empréstimos, a equipe travou verdadeiras batalhas de convencimento com cada mutirão. Eles utilizavam critérios diferentes entre si para determinar o valor de certos trabalhos, em função do tipo de solo, de terreno, de aguada e assim por diante. Isso nos obrigava a colocar todos os grupos na discussão dos valores, de modo a não haver privilégios ou injustiças. Além, é claro, de termos uma quantia total que não podia ser esticada, por mais que quiséssemos. Por isso, embora houvesse uma discussão franca e aberta, a palavra final sobre o total que cada mutirão ia receber de empréstimo cabia à equipe. E os termos do contrato entre a Cooperativa e os grupos tinham que ser muito claros também na definição do local de trabalho, da finalidade, isto é, da quantidade de quadras de milho, mamona, mandioca ou outras plantações, da quantidade de dias de trabalho para brocas, plantio e limpas e do valor da diária...

– Naquela época, qual era o valor da diária? interveio Joana.

– Quatro cruzeiros, respondeu Valdir. Além disso, era preciso haver visibilidade em relação à produção, aos nomes dos participantes e, principalmente, de como seria distribu-

ída a renda bruta obtida pela produção do grupo.

– Então era um contrato brabo! brincou Juvêncio.

– Tinha que ser sério, confirmou Valdir. A gente estava lidando com o dinheiro da Cooperativa e tinha que prestar contas dele. A renda bruta obtida na produção tinha que retornar em parte para a Cooperativa, em parte beneficiar os membros do mutirão e, em parte, estimular a continuidade do trabalho comunitário. Tinha gente que queria dividir tudo entre os membros do grupo. Alguns aceitavam pagar o empréstimo da Cooperativa e nada mais. Depois de muita conversa, a gente conseguiu desatar esse nó, ficando acertada a divisão da renda bruta em dez partes: quatro partes seriam divididas entre os membros do grupo, três partes iriam para um fundo de custeio do próprio grupo, duas partes iriam para um fundo de reserva da Cooperativa e uma parte para um fundo de reserva do grupo.

– Assim o mutirão ficava com quase tudo, lembrou Juvêncio.

– É verdade, concordou Valdir, mas você pode notar que a parte que ia ser ganha e gasta pelos membros do grupo eram do mesmo tamanho da parte que ia voltar para a produção da outra safra. Se todo mundo cumprisse o acordado ia haver uma poupança para autofinanciar o trabalho. Assinados os contratos e adiantado o dinheiro, cinco dos mutirões iniciaram logo o trabalho de broca e limpeza das roças. Mas um dos grupos de mulheres, justamente o mutirão de Das Dores, encontrou forte resistência contra a pretensão de plantar a roça na Baixa do João. Já adivinhando o que poderia acontecer com suas plantações se o mutirão de mulheres fosse atendido, todos os arrenda-

tários afirmavam que não abririam mão dos terrenos que vinham utilizando, em especial das baixas. Criou-se um rebuliço brabo. O pessoal, principalmente o dos mutirões, considerava que as baixas, por serem mais férteis, deveriam franquear-se ao uso comum.

### **A lei da Cooperativa**

Valdir lembrou que a equipe sugeriu que a pendência fosse levada para uma assembleia da Cooperativa. Se ela decidisse que as baixas deveriam continuar sendo de uso comum, os reдеiros deveriam submeter-se e entregar as baixas. Se ocorresse o contrário, os camponeses desistiriam dos terrenos mais férteis e se contentariam com o resto.

– Vosmicês fizeram isso? perguntou Joana, admirada. Foi um risco danado. E se a assembleia ripostasse a favor dos reдеiros e o mutirão das mulheres perdesse?

– Foi um risco calculado, retomou Valdir. Nós conhecíamos as opiniões dos membros dos mutirões e sabíamos que tínhamos perto de quarenta a favor do direito de uso comum das baixas. Junto com eles procuramos saber como estava a opinião dos demais cooperados. Foi um trabalho de pesquisa e também de convencimento. Nós fomos para a assembleia sabendo, quase na certeza, a contagem que ia dar a favor dos mutirões. Convencemos os reдеiros a participarem da assembleia e se defenderem sem constrangimento. Eles supunham que o poder de seu domínio ia prevalecer e foram. Não se deram conta de que a Cooperativa, com um pouco de recurso, mudara a relação de poder e dera força aos lavradores. A votação a favor do mutirão da Das Dores foi esmagadora.

– Aí tudo ficou mais fácil, né! comentou Juvêncio.

– Eu não acredito nisso, emendou Joana. Pelas histórias que eu ouvi deles, não seria uma votação que ia fazer aquele povo entregar tudo de mão beijada. Nem você dizendo que sim.

– Não, não ficou nada fácil, replicou Valdir. O seu João da Venda saiu dizendo que a votação não servia para ele porque o nome da baixa – Baixa do João – lhe garantia a posse. Então, ele ia replantar cana e pronto. Pelo outro lado, a assembleia da Cooperativa acordou muita gente para o fato de que a lição não era só entre o mutirão das mulheres e o seu João. Nas conversas aparecia a ideia de que o que estava em disputa era o direito de uso comum das baixas e o domínio dos ex-rendeiros. Por tudo isso, a gente não se contentou com o resultado da assembleia.

– E? perguntou Joana.

– A equipe e vários membros dos mutirões multiplicaram as reuniões com os cooperados para debater o que chamávamos de Lei da Cooperativa, uma Regulamentação sobre o Uso das Terras Patrimoniais, que existia desde 1967. O artigo primeiro mandava fornecer aos grupos comunitários 30 quadras de 50 braças, ou 30 hectares, na Lagoinha, Baixa Verdejante, Córrego, Arraial de Cima, Baixa da Mafalda e Baixa dos Alpes. Ora, a baixa do João da Venda era justamente a Baixa da Mafalda. Os sócios posseiros tinham direito a nove quadras de 50 braças, ou nove hectares, para lavouras e roças, por contrato de três anos. Então, com essa lei na mão, nós fazíamos questão, mesmo contra a opinião de vários lavradores, de levar os ex-rendeiros a essas reuniões. Chegamos até mesmo a fazer encontros nas

casas deles. Eu não acreditava que ia convencer algum, mas pensava que isso os comprometeria. Não teria como dizer que as coisas haviam sido feitas sem que tivessem o direito de se defenderem.

– Quer dizer que nenhum deles mudou de ideia? interessou-se Joana.

– Que eu me lembre, não, ripostou Valdir. Teve, isso sim, gente posseira que, devido a laços de família ou algum outro tipo de relação com eles, fixou do lado do seu João. Mas a grande maioria disse que seu João estava contra a lei da Cooperativa. A ideia de que ele usurpava o que não lhe pertencia tocou muita gente. Foi nesse ambiente que as mulheres resolveram que era chegado o momento de ir para o trabalho na baixa. Estavam com um bom respaldo moral. E esperava-se que o ex-rendeiro, depois de toda a movimentação, aceitasse a decisão da maioria e da diretoria da Cooperativa. Mas isso não aconteceu.

– Não? inquiriu Joana.

– Seu João apareceu na baixa prometendo dar de pau nas mulheres se elas mexessem no seu terreno, continuou Valdir. Foi um charivari. A indignação tomou conta delas. O bate-boca foi acalorado o dia todo, mas os outros mutirões ficaram só na expectativa, sem se intrometer diretamente, esperando uma decisão das mulheres. À noite, elas se reuniram: ou faziam a roça na baixa, ou nada feito. Repetiam a todo momento que a lei da Cooperativa estava do lado delas e que tinham que fazer alguma coisa para cumpri-la. Alguém, que não me lembro mais quem foi, sugeriu, como quem não está propondo nada, que “se o seu João está querendo brigar de pau, nada melhor do que ir de facão para cortar o pau”.

As mulheres não deram muita atenção e continuaram ainda um bom tempo discutindo o que fazer. Afinal decidiram que a equipe e a diretoria teriam nova conversa com o seu João e que o mutirão voltaria à baixa no dia seguinte para iniciar as leiras.

Joana levantou-se de repente:

– O feijão está cheirando. Já deve estar grudando no fundo do tacho!

E voou para a cozinha.

– No melhor do forró ela lembra de sentir cheiro do feijão, comentou Juvêncio. Podia ter colocado mais água.

– Vosmicê vai ficar sem almoçar se continuar ranzinzando. A comida está pronta pra comer. Então vamos se chegar. Cada um serve o seu que aqui não tem aleijado, ordenou a dona da casa.

Juvêncio não se convenceu:

– Não era melhor terminar esse tico da história? Falta muito para completar esse pedaço da baixa das mulheres?

– Não deve faltar não, manteve-se firme Joana, mas enquanto a gente come a conversa pode continuar, não é mesmo? Comida fria não faz bem pra ninguém!

Foi a ordem derradeira. Juvêncio avançou rápido para as panelas. Mas Valdir foi até a sentina, do lado de fora da traseira da casa. Na volta, viu que Joana colocara água na bacia de lavar as mãos e deixara uma toalha limpa, pendurada ao lado. Agradeceu e dirigiu-se também até o fogão. O arroz era o comum da região, miúdo e com uma tendência inevitável de virar papa. O feijão, o fradinho, continuava sem engrossar o caldo, passasse o tempo que passasse no fogo.

Abobrinha, inhame e uns pedaços de frango completavam a mistura.

– Como é que você teve tempo de fazer o banquete de frango? perguntou Valdir, intrigado porque não vira Joana permanecer tempo suficiente na cozinha para preparar tudo aquilo.

– Não fui eu não, respondeu ela. Eu mesmo só cuidei do feijão. O resto foi dona Maria do Belarmino quem fez e colocou aqui sem precisar ser notada. Mas vamos sentar, comer e continuar ouvindo vosmicê, senão o Juvêncio morre de curiosidade.

– Vosmicê agora tá de marcação comigo, reclamou Juvêncio.

– Tô não. É só pra lhe lembrar que tudo tem seu tempo. Vamos adiante seu Zé! exclamou Joana.

Valdir já havia esquecido do Zé, mas não se fez de rogado:

– Onde mesmo que a gente parou?

Fez uma pequena pausa, mas logo engrenou novamente:

– Ah, sim, no acerto das mulheres para nova conversa com o seu João e para voltarem à baixa no dia seguinte. Alguns achavam que naquela noite não dava mais para conversar com o ex-rendeiro. A casa dele estava toda fechada e às escuras. Mas o Jorge, que era seu vizinho, disse que havia luz na parte detrás da casa. Batemos um bocado na porta antes que viessem atender. A conversa foi longa e difícil. Ele se manteve recalcitrante e não cedeu uma unha sequer. No final, dissemos para ele que as mulheres tinham resolvido fazer a roça na baixa de qualquer jeito e que ele assumisse a responsabilidade pelas consequências de sua atitude.

Ele deu de ombros. Nós continuamos acordados ainda um pedaço, pensando em alternativas, sem chegar a conclusão alguma. Tudo ia depender das mulheres.

– Enfiaram a viola no saco, sentenciou Juvêncio. Mulher só tem papo, mas na hora do vamos ver não acontece nada!

Valdir fez uma pausa para mastigar alguma coisa. Joana é que não se conteve:

– É nesses momentos que a gente fica conhecendo as pessoas. Na primeira reunião da comunidade eu quero ver vosmicê ter a coragem de falar essas besteiras das mulheres.

O sangue subiu no rosto do rapaz e ele quase engasgou com a colher de comida que levava à boca. Ainda conseguiu balbuciar:

– Não tem precisão. Era só pra deixar o seu Zé Alves comer antes que a comida esfriasse.

– Ainda bem, concordou Joana, fazendo o jogo dele.

– Ainda bem mesmo, seguiu Valdir, porque as coisas saíram de um jeito que ninguém esperava. No dia seguinte, as mulheres se juntaram na escada da Cooperativa bem cedo e desceram em fila pelo descampado da praça da igreja. Todas estavam com chapelão de palha amarrado na cabeça, cabaça de água a tiracolo, enxada no ombro e... facão na cintura, bem à mostra. Pode até ser que elas não tivessem feito de propósito, mas foi como se um raio houvesse caído sobre a vila. Formaram-se grupinhos por todo lado, cochichos e disse-me-disse por todo canto, não sei se pelos facões ou pelo fato mesmo delas se dirigirem para a baixa. Seu João, em sua venda, normalmente sorridente, ria amarelo. As mulheres tomaram a baixa.

– Tomaram a baixa? Como tomaram a baixa, meu Deus,

exclamou Joana.

– De ter chegado, aberto a tranqueira e começado a roça. Mas só se não tinha capanga nenhum por lá, acrescentou Juvêncio.

– É isso mesmo, confirmou Valdir. Não tinha ninguém pra defender a baixa de seu João. Ele ameaçou, ameaçou, mas na hora do vamos ver deve ter ficado com medo do que poderia acontecer. Aliás, ninguém se mexeu. Todo mundo resolveu esperar para ver. As mulheres almoçaram na roça e, à tarde, voltaram do mesmo jeito que tinham ido. Estavam sujas, terrosas. Mas os lábios contraídos na manhã tinham sido substituídos por um sorriso largo. Até nas desdentadas o sorriso da vitória parecia bonito. A primeira batalha havia sido ganha. Mesmo porque tinha sido uma batalha que não aconteceu.

– Deus do céu, mas desde que eu estou aqui ninguém nunca falou disso, exclamou Joana, permanecendo incrédula.

– Mas o meu pai sempre disse que as mulheres haviam trabalhado na baixa do João, advertiu Juvêncio. Quando os mutirões acabaram é que o Jorge se apossou dessa baixa.

– Bem, eu não sei por que agora não se conta esse acontecido, ou por que ele foi esquecido, acrescentou Valdir. Mas eu não estou vendendo o peixe como me contaram. Eu vi o peixe ser pescado. E eu não sou pescador pra aumentar o causo. O fato é que esse acontecimento deu uma tranquilidade para a atividade dos mutirões. Os ex-rendeiros engoliram a derrota e ficaram quietos. E os mutirões tinham que cuidar da preparação dos terrenos, do plantio e do cuidado com a lavoura. O resto dos associados também. Os empréstimos

individuais para a produção, mesmo reduzidos, possibilitavam um nível mínimo de subsistência por algum tempo e quase todos os associados puderam fazer pequenos roçados de milho e feijão e roças de mandioca. Todo mundo tinha esperança de que haveria uma pequena sobra após pagar o empréstimo da Cooperativa.

– Cinquenta mirréis dava pra alguma coisa? perguntou Juvêncio.

– Acho que não dava pra muita coisa não, mas era o que se podia emprestar, ponderou Valdir. De qualquer maneira, esse empréstimo de quase nada deve ter sido muito importante para muitos lavradores. Lembro de um casal de velhos que choraram ao saber que poderiam retirar o empréstimo. Disseram que fazia tempo que não tinham com que comprar café e preparar uma pequena roça. De outro lado, o empréstimo era uma espécie de reserva contra a cobiça do ex-rendeiros. Para conseguir quem trabalhasse para eles em suas plantações tinham que oferecer diárias maiores. O pessoal tinha como regatear e não precisava aceitar qualquer mixaria para ter o de comer no dia seguinte ou no mesmo dia.

Joana não se conteve:

– Eu jamais havia imaginado uma coisa dessas. Como é que uma coisa que parece mixaria pode bulir com o preço das diárias.

– A gente também só se deu conta disso depois, acrescentou Valdir. Eu nem sei se os camponeses chegaram a ter consciência dessa relação, mas o fato é que a praticavam espontaneamente. Os empréstimos aos mutirões eram maiores – 500 a 800 cruzeiros. Se vocês fizerem a conta,

talvez desse uma quantia menor por cabeça. Mas o trabalho nos mutirões rendia mais e ainda permitia que cada um pudesse trabalhar em sua plantação individual. Os membros dos mutirões, se me lembro bem, não precisavam trabalhar na diária para os ex-rendeiros. É verdade que ganharam um dinheiro extra nas empreitas de broca para os mutirões das mulheres, mas foi só. No final, até os ex-rendeiros que tinham comércio em São Loganso começaram a gostar do que estava acontecendo. Estavam vendendo muito mais do que nos anos anteriores.

– Quem chia é jiboia com fome, interrompeu Juvêncio.

Joana só olhou de lado, mas Valdir riu e continuou:

– É por aí. Mas os mutirões também serviram para mexer com a vida da comunidade. Nas horas de descanso para almoço, cada grupo aproveitava o tempo para debater seus problemas. Os camponeses que estavam de fora iam ver como eles trabalhavam, como preparavam as curvas de nível e, muitas vezes, participavam das conversas da hora do almoço. Nas comunidades, cada elemento do mutirão era um propagador dos debates e ideias surgidas nos grupos. É lógico que nem tudo eram flores. Surgiam problemas de todo tipo, dentro e fora dos grupos, muitos deles insuflados pelos ex-rendeiros e seus partidários. Tudo parecia sossegado quando eles voltaram a sacudir o espantalho do comunismo, espalhando que os grupos mutirões eram grupos comunistas, para acabar com as famílias e a Igreja. A coisa foi tão séria que alguns membros de mutirões chegaram a acreditar nisso e se afastaram. Embora a maioria não tivesse se deixado influenciar, foi preciso um esforço danado para desfazer a boataria.

– Eu não entendo como uma coisa dessas pega como praga, comentou Joana. As pessoas estavam tendo melhoria, estavam participando do trabalho, estavam tendo a oportunidade de discutir e, mesmo assim, acreditaram numa falsidade que não tinha nada a ver com o que elas estavam vivendo. Como é que pode?

– É, como é que pode, reiterou Juvêncio.

– Pode ter muitas explicações, ponderou Valdir. Este talvez seja o risco que a gente corre quando faz uma mudança de cima para baixo, por mais justa e benéfica que ela seja. Os mutirões não eram uma conquista da luta dos camponeses de São Loganso, embora eles tenham participado de sua organização. Mas eles só se tornaram realidade devido a uma dívida financeira que veio da Oropa, como dizia o pessoal daqui, sem saber direito onde ficava essa terra das abelhas. Os lavradores não haviam se conscientizado sobre o que estava acontecendo. Sua união não era fruto da luta para livrar-se dos ex-rendeiros. Mesmo as mulheres que tomaram a baixa só devem ter feito isso porque contavam com o respaldo financeiro do empréstimo, o que não diminui o feito delas. Assim, quando os mutirões começaram a discutir tudo abertamente, inclusive assuntos que pareciam tabus, como a reorganização do sindicato dos trabalhadores rurais e, alguns mais arrojados, chegaram mesmo a fazer críticas ao governo, os ex-rendeiros devem ter achado que era um bom momento para retomar o medo do comunismo e, através disso, sabotar o trabalho.

Joana parecia não concordar inteiramente com a explicação. Em seu semblante transparecia o ar da dúvida. Mesmo assim, Valdir continuou:

– Seja essa ou não a melhor explicação, o fato é que esse contratempo exigiu muito trabalho. No final, a gente pode até dizer que foi bom porque serviu para discutir com os associados os direitos de lei deles. Sindicato, por exemplo, tido coisa de comunismo, era um direito de lei do governo, e muita gente não sabia disso. O direito de criticar o governo e ser contra seus atos também era um direito de lei, mas muito pouca gente o usava. Nós no esforçamos, sobretudo, para mostrar que esses direitos, apesar de serem de lei, na prática não eram aplicados e, na maioria das vezes, precisavam ser conquistados. Discutíamos que o direito de organização para a ajuda mútua, como os mutirões e as cooperativas, ou para a defesa dos próprios direitos, como o sindicato, estavam na lei mas dependiam das próprias pessoas para se tornarem reais. Mesmo porque sempre havia algumas pessoas que eram contra porque iam perder seu domínio sobre os outros e inventavam o comunismo para impedir que a lei fosse cumprida.

– O pior é que até hoje essas coisas não mudaram muito, atalhou Joana. O nível de consciência ainda continua nesse mesmo pé.

– O processo educativo é muito complicado, prosseguiu Valdir. Eu sentia que nós tínhamos que fazer aquilo para desmentir a ação dos ex-rendeiros, sem o que o trabalho dos mutirões e da própria Cooperativa poderia se perder. Mas sentia também que aquilo tudo só levemente dizia respeito à vida deles, ao tipo de luta que eles levavam. O grande mestre da consciência é a luta, a experiência prática de luta, e a luta dos camponeses de São Loganso não tinha nem sequer chegado a se voltar contra os antigos rendeiros quando a

experiência da Cooperativa começou. Um poder externo, maior, benfazejo é verdade, impôs a eles um processo para o qual ainda não haviam amadurecido. Assim, eles só acordavam para alguns problemas à medida que estes podiam atrapalhar sua possibilidade de uma sobrevivência melhor. Qualquer politização dessa prática tinha dificuldade em encontrar uma base sólida para tornar-se consciência. Até o sindicato era uma passada muito grande para eles. Mesmo assim, como resultado de todo o debate desse período, voltou à baila a idéia de organizar o sindicato separado da Cooperativa, embora a maioria achasse que eram a mesma coisa. Mas...

– Vosmicê quer dizer que não se devia fazer nada até a gente acordar pelo sofrimento da vida cativa? inquiriu Juvêncio, repentinamente.

– Talvez tivesse sido melhor, respondeu Joana. É bem provável que hoje a gente não estaria aqui com todas as quizilas que existem.

Valdir ficou mudo por uns momentos, olhando ora para um, ora para o outro. Por fim, emendou:

– Como saber o que teria sido melhor? O que está feito está feito, e a vida é desse jeito mesmo. Eu não sei exatamente como estão as coisas agora, mas não dá pra comparar uma coisa que aconteceu com outra que não aconteceu. A gente sempre se culpa muito por fazer coisas de cima para baixo, mesmo com boas intenções, mas se esquece que as coisas que o povo fez sozinho na história também causaram muito sofrimento e, em geral, foram derrotadas. E, afinal, tudo que os fortes e dominadores fazem é de cima para baixo, com a diferença que é sempre com más intenções, até mesmo

quando trazem algum benefício aos pobres. Então, não adianta muito a gente estar se culpando ou achando que não se deveria ter feito nada até o povo daqui acordar. Ou seja, o que eu quero dizer é que é preciso procurar os porquês das dificuldades dos associados entenderem o que estava se passando, inclusive para saber se isso tem influência no que está acontecendo agora.

– Tá! Isso vai ser conversa pra gente ter depois da sua pesquisa, ponderou Joana, sem parecer muito convencida da explicação de Valdir. Mas eu sei, completou, que a sua história da Cooperativa não acaba aí. Até hoje a gente está enrolada com o caso do gado, e ele é da sua época, não é verdade?

– É, na verdade é uma continuidade do projeto dos mutirões. A gente tinha bem claro que a atividade produtiva era o mais importante pra não haver um novo retrocesso. Os mutirões e as roças individuais davam um alento, mas a gente não tinha ilusão de que iam garantir renda extra para os trabalhos da safra seguinte. Não tínhamos nem certeza, como já disse, que conseguiríamos ter o pagamento dos empréstimos. Diante disso, em conversas e reuniões com o pessoal da diretoria e os lavradores mais ativos decidiu-se apressar a preparação de outros microprojetos e, ao mesmo tempo, tentar um financiamento no Banco do Brasil para a comercialização da safra. Essa tentativa de trabalhar com esse banco deu uma trabalhadeira danada. Ele não fazia qualquer distinção entre uma cooperativa de lavradores pobres e uma de fazendeiros. Fizeram tantas exigências, papel disso, papel daquilo, pra no final dos meses de idas e vindas, dizerem que a Cooperativa de São Loganso não

tinha competência para ter crédito bancário. Em outras palavras, só cooperativa de fazendeiros ricos, com dinheiro, podia arrancar empréstimo do banco. Além disso, o Banco do Brasil naquela ocasião, só estava financiando o plantio de algodão e a engorda de gado. Não podia emprestar dinheiro pra mandioca, modubim, hortaliças ou produção artesanal de leite.

– É a história de emprestar pra quem já tem e não pra quem precisa, acrescentou Juvêncio.

– É por aí, concordou Valdir. Desse jeito, a Cooperativa ficou sem muita condição pra comprar a produção de farinha, milho e feijão a preços melhores, na safra, pra vender depois. Não era muita coisa, mas foi a maior safra dos últimos anos. Uns dois mil alqueires de milho, quatrocentos de feijão e três mil de farinha, fora os legumes, hortaliças e criação miúda. O jeito que o pessoal teve foi vender a produção em Iperá, a preço rebaixado. Vender na safra dá nisso: quanto mais se produz, menos preço se tem. Mas pelo menos pudemos dizer que ninguém precisou vender a produção na folha. E nesse meio tempo soubemos que os microprojetos do gado leiteiro e hortifrutigranjeiro haviam sido aprovados. A implantação das hortas não teria muitos problemas. O mutirão do Matias já vinha trabalhando nisso e estava dando resultados.

– Então, por que o grupo dele se desmanchou? perguntaram Joana e Juvêncio quase ao mesmo tempo.

Valdir só faltou dar uma boa risada. Esperava por essa questão e respondeu sem titubear:

– Vocês conhecem o Matias. Primeiro, foi ele quem organizou o mutirão das hortas com pessoal que tinha vindo do sertão fugido da seca. Depois, ele fez de jeito que as hortas

se concentrassem todas nos terrenos onde ele morava. A gente bem que alertou o grupo para que fizesse um regimento que assegurasse o direito de todos, mas acho que isso não foi feito direito. O pior é que a gente não tinha muitos argumentos contra o lugar porque ele era mesmo ideal para hortaliças, tanto pela terra quanto pelas aguadas. De outro lado, o Matias era o mais trabalhador de todos e o que mais entendia do riscado. Ele tinha recebido treinamento para o uso de técnicas de plantio, alimentação de gado, criação de animais domésticos e administração de fazendas no Centro de Treinamento da Ancar e aproveitou bem o que aprendeu. Sempre que podia, comprava manuais de instrução sobre plantio de hortaliças e outras práticas agrícolas, e estudava pra valer. Quando eu fui embora, ele já estava com um grupo bem menor porque havia comprado o trabalho dos que se foram. As coisas avançavam de um modo que a gente podia ter argumentos morais, mas não econômicos ou legais contra o que ele estava fazendo.

– Como assim, perguntou Juvêncio. Se ele estaca acabando com o mutirão e ficando dono sozinho do projeto, isso não ia contra a lei da Cooperativa?

– Em parte ia, em parte não, repostou Valdir. Primeiro ele não forçava ninguém a sair do mutirão dele. Eles simplesmente estavam tendo juma renda maior do que todo mundo e o Matias a maior de todos. Ele então começou a oferecer dinheiro para os outros venderem a sua parte para ele e poderem voltar para o sertão. A seca havia terminado e, com algum dinheiro na mão, eles poderiam retomar suas lavouras sertanejas. Era uma oferta difícil de recusar. O pessoal foi então saindo por livre e espontânea vontade, com

dinheiro no bolso, e o Matias foi ficando dono do projeto, sem que a gente pudesse fazer muita coisa para impedir isso.

– Isso também parece que aconteceu nos outros grupos e com outros associados, lembrou Joana. Alguns mais espertos foram comprando os serviços de outros e hoje são os posseiros ricos do lugar.

– Na época em que estive aqui, retomou Valdir, só o Matias avançava nesse caminho. Mas já era visível que alguns lavradores, como o Jorge, o Adriano e o Natanael, estavam tendo melhores resultados que os outros. Bom, mas esse não é o caso pra tratar agora. O fato é que o projeto das hortas foi tocado com facilidade, aumentando o trabalho do mutirão do Matias, que já existia. Mas tocar o projeto do gado leiteiro não era tão simples: onde ter os pastos e os currais? Como aproveitar algum pasto nativo para adquirir logo as vacas e iniciar a produção e, ainda, preparar pastagens artificiais? Qual dos mutirões se encarregaria da produção? Quais as relações a estabelecer para o caso? O gado seria propriedade do mutirão ou da Cooperativa? Essas dúvidas estavam na cabeça de todo mundo e passaram a ser discutidas nos mutirões e em reuniões da Cooperativa.

– Mas as mulheres foram logo escolhidas pra tocar o gado, atalhou Juvêncio.

– Todos os cooperados estavam de acordo com isso, respondeu Valdir. A sugestão do projeto leiteiro havia sido delas. Elas também haviam demonstrado capacidade de organização e trabalho no mutirão da Baixa do João, conseguindo uma boa safra. Mesmo alguns que gostariam de tocar o projeto ficaram sem jeito para argumentar contra o direito do mutirão das mulheres ficar responsável pelo

gado. Também fixou acertado que os homens dos demais mutirões empreitariam os serviços pesados, como o corte das estacas e moirões e a construção das cercas e do curral. E, como nenhuma das mulheres tinha experiência em ordenha, admitiu-se temporariamente no grupo um rapaz que sabia tirar leite.

– E por que a coisa empacou na hora de resolver a questão do pasto? Foi meu pai que me disse, acrescentou Juvêncio.

– Aposto que aí voltou o problema do domínio dos ex-rendeiros, explicitou Joana.

– Aconteceu, retornou Valdir, que o melhor local, mais perto da vila, com alguma pastagem natural e bebedouro, era a Baixa dos Alpes. Os Alpes eram uma das famílias mais antigas do lugar e alguns de seus membros tinham fama de valentes e truculentos. Arrotavam arrogância e prepotência. O patriarca, mais político, não alterava a voz, mas era perseverante no que pretendia. A decisão de tomarem a baixa onde pastavam seus animais não lhes agradaria e era de se esperar resistências maiores do que as enfrentadas no caso da Baixa do João.

– Era encrenca e estrupício na certa, comentou Joana.

– Era! admitiu Valdir. Mas mesmo assim, a decisão foi implantar o projeto de gado na Baixa dos Alpes. E, pra ser franco, foi uma decisão mais na base da emoção. As mulheres, depois do caso da Baixa do João, começaram a sentir-se com forças para qualquer coisa. É verdade que não havia outras opções tão boas. Porém, mesmo que houvessem, acho que elas queriam demonstrar que eram capazes de vencer esse novo desafio. Então, ficou difícil discutir outras alter-

nativas. Decisão tomada, mãos à obra! O corte das estacas e das madeiras foi empreitado e, à medida que avançava, a boataria também crescia. Os Alpes repetiam que ninguém tomaria a baixa deles e que, se tentassem, haveria tiro. O Zé Alpes, sestroso como ninguém, começou a andar armado e a fazer provocações aos membros dos mutirões.

– Dá pra sentir o cheiro de tição queimado, brincou Juvêncio.

– Vosmicê não brinque com coisa séria, arreliou Joana.

– Tô brincando não, retornou Juvêncio. O caso deve de ter sido tão sério que nem meu pai comenta muito o que aconteceu. Quando a gente pergunta como começou o negócio do gado, ele desconversa e diz que não se lembra.

– Também não foi tão sério assim, devolveu Valdir. Entre mortos e feridos, todos estão vivos. É verdade que a tensão foi grande. Teve muita gente que vacilou e se encolheu em casa, numa expectativa nervosa. Até gente que era ativa e decidida ficou receosa. Mas as mulheres permaneciam firmes. Diziam que pela primeira vez na vida poderiam dar leite para os filhos. Ninguém mais ia se apertar por meio litro de leite. Então, estavam dispostas a enfrentar mais esse confronto.

– Tudo parecendo galo de briga, voltou a arreliar Juvêncio.

– Mesmo assim, a gente sabia que não bastava a vontade para vencer a resistência dos Alpes. Eles tinham que sentir que a maioria estava do lado das mulheres e da lei da Cooperativa. Deveriam sentir, também, que ameaças e bravatas não amedrontavam ninguém. Por isso, ao mesmo tempo que procuramos esclarecer todo mundo sobre as vantagens do

projeto do gado leiteiro, resolvemos realizar também um trabalho de esclarecimento particular dos Alpes.

– Quer dizer que vocês foram na toca da própria onça, brincou Joana dessa vez.

– Mais ou menos isso, continuou Valdir. A gente começou a conversar com cada um dos membros da família, dando atenção particular ao patriarca, ao velho Raimundo. Sabíamos que, se ele concordasse, o resto da família deveria baixar as armas. Todos os argumentos possíveis foram usados: a lei da Cooperativa, a vantagem do leite para todos, os benefícios que o aumento da renda poderia trazer para o comércio dele. Dissemos que ele havia perdido a renda da terra, mas poderia compensar isso com o aumento da renda do comércio se o poder de compra dos lavradores e criadores aumentasse. Nós dizíamos tudo isso convencidos de que estávamos realmente oferecendo um acordo razoável. Mas como a gente não tinha certeza de que as coisas se resolveriam por aí, também nos esforçamos para ter o apoio da maioria dos cooperados, como no caso da Baixa do João. Acho que nossas conversas com os Alpes tiveram influência em melhorar a disposição dos demais associados a favor das mulheres. O velho acabou concordando, a maioria da família aceitou a decisão dele, os demais ex-rendeiros acharam melhor ficar aquietados, e a situação parecia resolvida, não fossem alguns dos Alpes brigarem com o patriarca, acirrarem a resistência e continuarem prometendo sangue.

Joana levantou-se bruscamente e reclamou:

– Como é que a gente nunca soube nada disso?

Olhou para Juvêncio como se ele soubesse de tudo e nunca houvesse dito nada, e acrescentou com um sorriso

maroto:

– Mas deixa pra lá... depois a gente vê se descobre. Agora vamos fazer uma pausa e tomar um café, que o bico do seu Zé Alves do lado dos cooperados deve estar seco.

– De novo, irmã Joana? Vosmicê resolve interromper sempre no melhor da festa, reclamou Juvêncio.

– Que festa que nada! Vosmicê adora encrenca e fica todo animado com essas armações. Inté parece urubu esperando carniça, voltou a admoestar Joana.

– Ela tá sempre de marcação comigo, amansou Juvêncio dirigindo-se a Valdir.

Foram todos para a cozinha. Como tinha sempre brasa acesa e água na quentura, o café veio rápido e forte. O diabo era aquela mania de adocicar além da conta, fazendo a bebida parecer garapa. Se estivesse mais fria, seria intragável. Apesar disso, enquanto bebiam, iam conversando sobre assuntos diversos, principalmente notícias sobre o Sul, um foco constante de curiosidade. Mas a conversa precisava ser retomada e retornaram às cadeiras da sala.

– Estava tudo pronto para a construção da cerca, retomou Valdir, mas andava todo mundo preocupado com a reação dos Alpes mais radicais. Um choque com eles não ia ser bom para a experiência: os lavradores não estavam preparados para uma ação desse tipo e havia gente de Iperá torcendo para o circo pegar fogo e entrar com a polícia para parar com tudo. A gente tinha que evitar isso, mas não sabia se eles estavam só de papo, como o seu João. Por outro lado, também não se podia mais recuar de fazer a cerca e tocar o projeto, ainda mais diante de um grupinho pequeno como eram os Alpes. Dois dias antes do início da demarcação e

construção da cerca reunimos com todos os mutirões para discutir o caso. Tinha proposta de todo tipo, embora a gente desconfiasse que algumas sugestões de confronto fossem encomendadas.

– Pro mal que lhe pergunte, encomendada por quem? quis saber Juvêncio.

– Tinham alguns que eram amigos do seu João, explicou Valdir. Talvez eles quisessem que o pessoal desistisse e voltasse atrás se o caminho parecesse muito difícil. Mas, no final, foi decidido que se deveria aumentar a pressão sobre os Alpes e, ao mesmo tempo, realizar uma demonstração de força.

– Como é que é isso? interrompeu Juvêncio outra vez.

– Não carece se apressar, retomou Valdir. Era simples: diversos grupos se revezavam conversando com os mais brabos, tentando convencê-lo de que o melhor era deixar as coisas serem feitas como havia sido acertado com o seu Raimundo. Enquanto isso, outros espalhavam o boato de que membros da equipe e alguns grupos da Cooperativa estavam armados. Houve mesmo alguns que andaram armados de verdade, por uns momentos, para que o boato pegasse pra valer, embora fosse uma lorota. Se o lado de lá resolvesse entesar, acho que nós íamos ter que recuar e isso ia ser muito ruim para a continuidade do trabalho. Mas eu acho que o santo estava mesmo do lado das mulheres e a coisa deu certo. O ânimo belicoso dos renitentes foi decaindo e, apesar da cara feia, a cerca teve início sem incidentes. A maior parte dos grupos se deslocou para assistir a demarcação – e o que pudesse ocorrer – e a vila toda ficou de orelha em pé. Mas o balão que ia explodir nem chegou a

ser enchido. Ninguém estrebuchou.

– E se os Alpes tivessem resistido mesmo, o que teria acontecido? inquiriu Joana.

– É difícil dizer, retrucou Valdir. Na vida as coisas às vezes acontecem desse modo. A gente é obrigado a ir para a briga sem ter certeza da vitória. Às vezes, a gente até sabe que vai perder, mas entra na liça porque precisa manter a dignidade e a honra. De qualquer modo, parece que eles também estavam com o gogó maior do que a vontade. Mas a gente só soube disso na hora. Com a cerca no pasto dos Alpes e o início da criação do gado leiteiro, deu-se o golpe mais sério no domínio dos ex-rendeiros.

### **Pensando no futuro**

– Daí em diante, continuou Valdir, as coisas poderiam até entrar por outras trilhas, diferentes das que a gente tinha aberto, mas seria muito difícil que voltassem ao que eram antes da Cooperativa. Foi por isso que a equipe resolveu fazer uma avaliação mais serena do que havia acontecido e estava acontecendo e ver se descobria o que fazer pra frente.

– Se estava tudo bem, pro que vosmicês acharam que era chegado o momento de fazer uma avaliação? perguntou Juvêncio. Não havia o perigo de rebolar tudo longe?

– Bem, mesmo que estivesse tudo bem, sempre é bom avaliar o trabalho, replicou Joana. Quando a gente está muito envolvida, nem sempre enxerga as coisas por todos os lados e pode haver algum ponto fraco.

– É isso aí, concordou Valdir. E, em nosso caso, sabíamos que nem tudo estava bem. Havia descontentamentos porque

as pessoas viam que o pessoal dos mutirões estava melhor de vida. E os mutirões queriam mais ainda. Nós também não sabíamos onde conseguir dinheiro para manter a Cooperativa financiando os lavradores, principalmente aqueles que não ainda tinham podido poupar nada. Não sabíamos até que ponto era possível continuar conseguindo dinheiro no exterior e sabíamos que empréstimo bancário era quase impensável. O trabalho burocrático da Cooperativa também era um peso enorme para um rendimento relativamente pequeno. As exigências burocráticas das autoridades públicas eram de um tamanho que a gente se convenceu que cooperativa legalizada e bonitinha só pra lavrador abastado. Ou para um movimento muito mais forte. Havia ainda a questão da utilização das terras pelos associados: vimos que era indispensável refazer a divisão das terras por lotes familiares e por glebas de uso dos mutirões, mas não tínhamos tido tempo de discutir isso com os lavradores e tomar uma decisão em assembleia. Então, já começava a haver briga de um querendo entrar no lote do outro e até alguns vendendo seus serviços para quem tinha dinheiro. Os filhos queriam trabalhar nas terras e não havia tanto terreno para todos.

– Então essa quizila já existia naquela época? inquiriu Joana.

– Estava no começo, mas já dava para ver bem que era um problema, respondeu Valdir. A gente já tinha começado a tentar com a diretoria a regulamentação dessas coisas. Já tinham sido aprovadas as normas para o financiamento das safras e de seu controle, indicando as parcelas em dinheiro e em gêneros, o prazo de vencimento e o depósito da produção

na Revenda. A Revenda também tinha normas de controle das compras e dos estoques. Já estava pronta uma nova proposta de regulamentação do uso das terras, que não era muito diferente da de 1967, mas definia o uso das áreas de trabalho comunitário. Mucujê, Baixa Verdejante, Córrego, Baixa da Mafalda e Arraial de Cima seriam aproveitados para lavouras comunitárias e campos experimentais. O Arraial ou Baixa dos Alpes seria utilizado para criação de gado. Cada associado passava a ter direito a 10 quadras de 50 braças – 10 hectares – para usufruto, de modo a atender ao aumento da família. A derrubada de madeira, babaçu e carnaúba era permitida, mas só com o compromisso de replantio acertado com a Comissão de Terras.

– Só que ninguém nunca conseguiu controlar isso, observou Juvêncio.

– Porque não basta criar regulamento, contrapôs Valdir. As pessoas precisam estar convencidas e, mesmo assim, a necessidade às vezes é mais forte. De qualquer modo, era preciso ter as normas e discutir com todos. Nós também começamos a preparar uma regulamentação de uso dos bens duráveis da Cooperativa, como pastos, cercas, currais, instalações, casas de farinha, animais, fruteiras, culturas perenes, imóveis e obras de irrigação. Já havia uma confusão danada entre o que era da Cooperativa e o que era dos posseiros.

– Depois piorou, acrescentou Joana.

– Foi nesse momento que eu tive que ir embora, frisou Valdir. Antes de sair da Diocese eu ainda fiz um relatório para o Dom propondo algumas coisas que havíamos discutido na equipe, mas não decidido. Sugeríamos que seria

melhor substituir a Cooperativa por algum outro tipo de cooperação e ajuda mútua, mais simples, sem atrapalhões burocráticas. Achávamos que do jeito que estava o Brasil, qualquer cooperativa de camponeses pobres ou remediados acabaria engolida pelos mais fortes, vendo-se a braços com inúmeros problemas de crédito, impostos, financeiros e outros. Se não tivesse um apoio em dinheiro e técnico muito forte, acabaria falindo ou sendo dominada por grupos econômicos.

– Mas, se o governo ajudasse os lavradores, era bem capaz da Cooperativa dar certo, acrescentou Juvêncio.

– Era bem capaz, acrescentou Valdir. Mas, naquela época, nem agora, o governo ajudava os lavradores de poucos recursos. Por isso sugerimos, ainda, que as terras fossem divididas em lotes e cedidas em usufruto aos cooperados. Não seria doação, nem os lotes passariam à propriedade dos camponeses. Eles assinariam um contrato de usufruto, com cláusulas que garantissem a boa utilização do solo por um prazo de 5 a 10 anos. A boa utilização permitiria a renovação futura do contrato. Nós tínhamos a ilusão de que um bom uso da terra evitaria que ela fosse vendida a ex-rendeiros ou a grupos econômicos de fora.

– Quer dizer que vocês sugeriram essa divisão há dez anos, quis saber Joana.

– Também sugerimos que, nessa divisão das terras para usufruto, deveriam ser garantidos lotes maiores para a utilização por projetos mutirões, em caráter permanente ou temporário. O crescimento e o exemplo dos mutirões poderiam, com o tempo, demonstrar a superioridade do trabalho em cooperação. E, aos poucos, se estender a todas

as outras terras. Aí, então, seria o caso de pensar na organização de uma Cooperativa nos moldes existentes. A equipe já havia elaborado alguns esboços referentes aos itens dessa divisão e aproveitamento do solo.

– Mas, quis saber Juvêncio, como isso funcionava sem ter alguma coisa para coordenar os trabalhos. Se, com a Cooperativa, cada um queria só cuidar de si, sem ela ia ser tiro com espingarda para matar veado na curva.

– O que tem a ver a espingarda com a cooperativa? quis saber Joana.

– É que tem muita gente que pensa que espingarda para matar veado na curva tem que ter cano curvo, replicou Juvêncio. E espingarda de cano curvo não tem pontaria e arrebeta na cara de quem atira. Eu comparo com a falta de cooperativa porque ia ser igualmente: não ia ter ninguém pra dizer o que era bobagem e o que não era, e tudo ia ficar ainda pior do que estava.

– A gente também achava que deveria ter um órgão de coordenação no lugar da Cooperativa, para atender aos problemas da comunidade, acrescentou Valdir. Talvez um conselho comunitário, com representantes dos sítios e grupos, incluindo os membros da equipe diocesana. O conselho poderia se encarregar do controle da contabilidade, mas deveria evitar as cargas burocráticas. Isso porque iam continuar os problemas relativos ao financiamento da produção e da comercialização, e alguém teria que intermediar isso.

– Mas pra mode de que isso precisava ser feito por um conselho, perguntou Joana. Por que cada um não cuidava de seu financiamento e das vendas do que produzisse

– Porque, acrescentou Valdir, continuava a existir um

bocado de gente sugando os recursos dos camponeses: os atacadistas pagavam preços baixos na safra e o comércio revendia a preço alto na entressafra; a farmácia botava cento por cento nos preços dos remédios que já chegavam altos; havia os impostos; havia esses artigos bonitos que encham os olhos de qualquer um e convidam a gente a gastar. A maioria começava o plantio devendo. Quando era com a Cooperativa, a garfada não era grande. Mas, quando era com o comerciante, era certo que ia terminar a safra devendo ainda mais.

– Lá isso é verdade, acrescentou Juvêncio.

– Desse jeito, para manter a experiência de São Loganso sem a Cooperativa seria preciso continuar tratando de obter recursos onde houvesse, e a juros baixos, para financiar os mutirões e os lavradores individualmente, continuou Valdir. E, ao mesmo tempo, realizar um trabalho educativo para o pessoal aprender a poupar e alcançar o autofinanciamento. Pra isso era preciso tempo, em geral bastante tempo, mesmo no caso dos camponeses não serem obrigados a pagar qualquer tipo de renda ou juros. O conselho comunitário poderia trabalhar nesse sentido, aproveitando as experiências dos microprojetos, que deu bons resultados e ainda poderia dar mais.

– Mas já na sua época tinha alguns dos mutirões que enricavam, enquanto outros continuavam pobres, atalhou Joana.

– O Matias, o Jorge, o Osvaldo, se fizeram, complementou Juvêncio.

– Não duvido, respondeu Valdir. Não sei se haveria outro caminho. Vocês precisam levar em conta que a expe-

riência comunitária tinha um limite no mar de latifúndio e capitalismo que existia – e ainda existe. Toda a estrutura econômica, social e política do país caminhava em sentido contrário à experiência de São Loganso. Este era o limite da experiência e o que mais a ameaçava.

– Quer dizer que não tinha saída, perguntou Juvêncio.

– Eu não enxergava muitas saídas, voltou a frisar Valdir. Uma, a mais difícil, era termos mais experiências parecidas, espalhadas pelo estado e pelo país, que ajudassem umas às outras. Isso poderia ser um contrapeso às pressões, tanto dos latifundiários, quanto da nova agricultura comercial que botava mel de mamangava no bico dos lavradores: doce no começo, mas amarga depois. Aí o trabalho comunitário poderia aguentar melhor o tranco da jagunçada e ser mais rendoso para o grupo do que o trabalho só. Outra saída era ajudar os lavradores a superar a carência total em que viviam e deixar que alguns melhorassem mais rápidos do que os outros. Isso foi o que começou a acontecer aqui, na falta de condições de dar mais apoio para o trabalho mutirão.

– Quer dizer que vosmicê acha que um trabalho de conscientização mais vagaroso não ajudaria melhor o povo a encontrar sua solução, inquiriu Joana.

– Pelo que eu conheço, não, respondeu Valdir. Esse trabalho de conscientização só pode ter resultados se fizer parte de um movimento maior, o que não acontecia. Os posseiros de São Loganso até podiam ter consciência dos perigos que os ameaçavam, mas sem recursos para resolver os problemas da produção e, portanto, da sua subsistência, chegaria o momento em que não teriam saída para as dificuldades e esmoreceriam.

– Mas há avaliações de que o trabalho com interferências de grupos diferentes e externos à comunidade provocou uma grande desordem mental na população daqui, ponderou Joana. Parece que alguns dos grupos se preocuparam em educar no sentido de formar uma nova mentalidade, lentamente, a fim de chegar a agir conscientemente. Outros se preocuparam em levar a agir, pouco se importando com a conscientização. Por isso, tem gente do povo daqui que acha que a Cooperativa o tirou do cativo, enquanto há outros que acham que a terra doada trouxe muitas melhoras, mas só para os que entendem. Os que não entendem ficaram sempre atrás das equipes, procurando ajuda. Quem não foi atrás das equipes arrumou-se sozinho e está melhor.

Valdir prestava atenção, mas seu pensamento se perdeu por instantes no passado. Tentou lembrar quem se arrumou sozinho, sem ter ido atrás das equipes. Matias? Jorge? Adriano? Osvaldo? Quem mais? Mas voltou ao que dizia Joana e, tão logo ela parou, engrenou seu raciocínio:

– Talvez a gente tenha que estudar a realidade e a interpretação que o pessoal faz dela. Eu não conheço ninguém que tenha melhorado de vida, pelo menos dos que vocês citaram, que não tenha estado junto com as equipes. Mas deve haver muitos que andaram atrás das equipes e não melhoraram, ou pelo menos não melhoraram no ritmo dos outros. E tem muita gente que não se chegou às equipes e melhorou pouco ou nada. O desafio do meu trabalho aqui vai ser descobrir um pouco disso, diferenciando o que é interpretação e realidade, e o que mudou na realidade. Aí a gente até pode discutir melhor essas ideias sobre conscientização e ação.

– Acho que vai ser muito bom pra quilariar as coisas, concordou Joana.

– Mas, pra começar, carece que vosmicê, que tem z'olhos e ouvidos para tudo, me acrescente o que eu não sei de 1972 para cá, pra mode de que eu tenha as informações de melhor desfrute e possa perguntar pro povo o que deve ser perguntado.

Valdir brincava, procurando expressar-se do jeito local, enquanto Joana e Juvêncio riam.

– Vosmicê ainda não esqueceu de tudo daqui, não é mesmo? comentou Joana, logo depois seguida por Juvêncio.

– Eu quero é ver vosmicê entendendo aquele povo que fala mais depressa do que galheiro na corrida.

– Aí, você e sua espingarda de cano curvo vão estar comigo para resolver os causos, respondeu Valdir.

Joana aprumou:

– O que eu sei do restante dos anos 70 é de ouvir contar e de ler os documentos da Cooperativa. Depois que você foi embora, a equipe ficou com dois. Mais tarde, a Marlene também se foi e só restou o Mário da Tereza. Mas em 1972 entrou bastante dinheiro de doações para os microprojetos, uns 137 mil cruzeiros. Então, foi possível continuar com os financiamentos. Mas os grupos mutirão começaram a desfalecer. A melhora da situação econômica dos associados fez retornar o individualismo e cada família só tratava de si.

– Quer dizer que já havia uma melhora na situação econômica? quis saber Valdir.

Joana não se fez de rogada:

– Já! Não todos, mas até os piorezinhos já comiam com

regularidade. Tinha uns que estavam enricando e avançando sobre a posse dos outros, comprando os serviços e aumentando o patrimônio. Principalmente os líderes dos mutirões, como o Matias, o Jorge e outros. Apesar disso, ninguém devolvia os financiamentos.

– Os empréstimos ajudaram a melhorar e enricar, acrescentou Juvêncio.

– É verdade! concordou Joana. Por volta de 1973, umas 50 famílias já estavam com a terra regulamentada e plantios permanentes. Mas nesse ano os financiamentos foram suspensos e a Cooperativa deixou de comercializar a safra. Foi aí que deu pra ver melhor quem havia enricado e quem só se sustentava com os empréstimos da Cooperativa. Todos haviam aumentado a produção, mas a maioria ainda estava longe do mínimo para se auto-sustentar. Aí, muita gente voltou a vender na folha e as queixas aumentaram. O que restava de grupo comunitário era o gado, que já estava com 30 cabeças, solta cercada e capineira de colômbio e elefante, e outros com alguns sítios com café, laranja, banana e abacaxi, e uma pocilga. Os cafezais tinham uns oito mil pés, os laranjais uns 800 pés, havia três mil bananeiras e uns 600 pés de abacaxis. A pocilga tinha oito matrizes. A Cooperativa tinha uma farmácia, seis silos para armazenar grãos, animais de carga e um arado. A casa de farinha continuava funcionando, mas arrendada para um associado. Em 1974 foi construído o estábulo para a criação de gado e chegou uma nova equipe de quatro pessoas. Vieram uma educadora, um agrônomo, uma enfermeira e um contador. Como os financiamentos tinham cessado, a equipe podia ter mais contato com os associados porque não precisava gastar

tempo com a burocracia dos financiamentos.

– Em compensação, atalhou Juvêncio, tinha que ouvir mais queixas por causa do serviço na folha, e teve que se meter nos causos de roubos e de animais soltos estropiando os roçados.

– Vosmicê lembrou bem, seu Juvêncio, continuou Joana com uma ponta de ironia. Em 1974 os atritos na Cooperativa e dos associados com a nova equipe cresceram muito. Tem um relatório da diretoria dando conta que as mulheres haviam abandonado o gado e que, pelo voto de 23 associados contra 2, a Cooperativa decidiu entregar o cuidado do gado a um só homem. O governo também começou a apertar o movimento cooperativista com normas rígidas, multas e outras penalidades, fazendo com que a diretoria se sentisse incapaz de assumir todas as exigências burocráticas. Tudo isso fez retornar com força aqueles assuntos que a sua equipe de 1971, seu Zé, já havia apresentado: devia-se continuar com a estrutura da Cooperativa, com toda a burocracia, sistema de comercialização, necessidade de capital, gerente de fora, sem lugar para os sócios? Ou era preferível adotar uma linha de desenvolvimento integral mais lento, que não faz deste povo um grupo privilegiado e artificial, e que, portanto, não pode resolver os problemas urgentes, como a venda da safra na folha?

Valdir olhava atento para Joana e observou:

– Essa opção foi mais cruel que a nossa. Eu não sei como se pode realizar desenvolvimento integral, mesmo mais lento, sem tratar dos problemas urgentes, como a venda na folha, financiamentos, comercialização e outros problemas materiais que fazem parte do desenvolvimento integral.

Vosmicê mesmo disse que miséria demais é a pior coisa. Como pode haver desenvolvimento integral se não se cuida dos problemas que conduzem a tal miséria?

Juvêncio dessa vez não se mexeu. E Joana pareceu ab-sorta, mas logo retomou sua fala:

– É, vosmicê coloca coisas que merecem reflexão. Acho que a gente vai ter bastante tempo pra conversar sobre tudo isso. Mas, agora, vamos completar o fio da meada pra saber como estão as coisas neste momento. O fato é que os atritos foram crescendo e, em 1975, o Conselho de Administração da Cooperativa votou uma censura à equipe técnica por interferência nas atribuições da diretoria. A equipe havia autorizado a venda de um boi sem ouvir a diretoria. Acho que essa foi a gota d'água, embora não o assunto mais importante, para decidirem fechar a Cooperativa, em agosto daquele ano. Então, hoje o que existe são as posses familiares e muita reclamação daqueles que eram crianças, cresceram, e não encontram terra para trabalhar. Culpam a diocese por causa disso.

– Têm uns que falam que se São Loganso não botar este lugar pra frente, o bando de buchos d'água daqui não botarão, acrescentou Juvêncio.

– E eu não sei como resolver, retomou Joana. A Diocese solicitou ao INCRA que faça a divisão dos lotes, mas a quantidade de terra é insuficiente para a população que existe. E as pessoas querem trabalhar aqui porque ficou provado que, sem a avareza dos antigos rendeiros, é possível produzir muita coisa. Eu falei dos cafezais, laranjais, bananais e dos abacaxis. Têm também as roças de mandioca e os roçados de milho, feijão, mamona e uns algodãozinhos aqui e ali. As

mães agora reclamam do preço do leite, mas a criação do gado continua. Só de hortas, seguindo a passada do Matias, têm umas quinze, com a vantagem de que o pessoal perdeu aquele preconceito de que verdura era capim e de que eles não eram coelhos pra comer isso. Algumas mulheres plantam pro gasto da casa, para verem as crianças coradas, mas há outras que plantam pro gasto e pra vender. Vosmicê, seu Zé, vai andar de novo por aí e vai ver que tudo ainda é muito pobre, mas não é mais aquele miserê geral que havia quando esteve aqui dez anos atrás.

Joana fala com emoção:

– Ainda tem o bubão, o lecho e outras doenças esquisitas que ninguém sabe dar o nome, mas já não se morre tanto como antes. O que continua forte e difícil de tirar é a ignorância e a falta de conscientização. O serrano é muito passivo e individualizado, ao contrário do sertanejo, e sua conscientização é muito mais lenta. Mas isso, como a gente combinou, é conversa pra depois, mesmo porque hoje a gente só fez conversê e está na hora de cada um se recolher.

### **A falação e a romaria**

Valdir dormiu na antiga casa paroquial, que também fora sede da Cooperativa. Desta vez não precisou dormir em rede. Arrumaram-lhe uma cama, os lençóis estavam limpos e, mais importante do que tudo, havia bons cobertores. Mesmo sendo janeiro, as noites em São Loganso são sempre frias.

Pela manhã, acordou quando o dia começou a quilariar. Depois de lavar o rosto e se vestir com um bom agasalho, saiu para a calçada e ficou apreciando o movimento. Já havia

muita gente se mexendo. Uns dirigiam-se para as roças, carregando instrumentos de trabalho. Outros iam certamente para o mercado comprar alguma carne ou mantimento para a comida do dia. Se o volteio não era muito comprido, vinham até perto para verificar quem era o estranho plantado na frente da casa paroquial. Davam “bom dia” e seguiam adiante.

Não eram sete horas quando a Maria se chegou para fazer o café da manhã. Nenhum galo ainda se atrevera a cantar, embora o sol já penetrasse por entre a neblina, ou a “neve”, como dizia o povo do lugar. O frio permanecia inalterado. Valdir entrou e sentou-se à mesa para esperar o desjejum. Tirou da sacola alguns papéis e entreteu-se com eles. Releu, mais uma vez, a carta do Dom sobre o Incra:

“Fizemos uma grande assembleia. Esta colocou as condições conforme as quais aceitaria que o Incra fizesse a medição topográfica, o projeto de parcelamento, e a titulação cartorial de cada um. O Incra acolheu as condições. Brasília está de acordo. O coordenador regional do Incra acaba de telefonar dizendo que vai mandar as escrituras para que eu assine, doando as terras ao mesmo Incra com a cláusula essencial de que realize o projeto dentro daquelas condições. Uma delas é que o Incra, após a realização do projeto de parcelamento, se retire, deixando a turma totalmente autônoma. Nos casos em que o Incra desapropriou e comprou as terras, costuma transformar os parceleiros em colonos, com uma longa e limitante dependência”.

A preocupação do Dom com a libertação dos camponeses continuava presente, embora os caminhos para ela tenham se mostrado mais difíceis do que o desejo sincero,

raciocinou Valdir. Mais uma vez a sorte fôra lançada. O que sobraria da antiga experiência? O que se poderia aproveitar dela?

O bispo acertara com Valdir uma pesquisa para conhecer a memória da motivação e da pedagogia utilizadas em São Loganso e avaliar a situação presente. Com base nelas, queria vislumbrar as perspectivas e os horizontes futuros. Seria preciso fazer entrevistas com as famílias dos antigos associados e moradores do lugar, estimulá-los a dizer sinceramente o que pensavam a respeito da Cooperativa e de tudo o que se passou desde que ela foi fundada.

Daria certo? O pessoal falaria? A conversa com Joana havia sido preocupante. O que acontecera em 1971 havia sido tão efêmero que se perdera na memória do tempo ou os que haviam participado estavam escondendo, por algum motivo que ignorava?

Valdir afastou a preocupação e voltou sua atenção para uma outra folha, com anotações do resumo cronológico da Cooperativa:

“1966: encerrados os contratos de arrendamento; 1967: terras postas à disposição da Experiência de Desenvolvimento Comunitário; chegada da primeira equipe técnica, com Francisco Lapa (agrônomo), Betina (assistente social) e Mariliza (educadora); fundação da Cooperativa Agropecuária de Matariz, com 98 sócios (19 de novembro); 1968: chegada da segunda equipe técnica, com Ronaldo Mercado (agrônomo) e Celeste Silva (assistente social), que permaneceram até julho; inscrição da Cooperativa no INDA (Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrícola); 1969: Escritura de Doação, em domínio pleno, das terras para a

Cooperativa; cláusula importantes: em caso de extinção da Cooperativa, as terras retornariam à doadora para aplicar em finalidade semelhante; em caso de desvio das finalidades da Cooperativa, a doadora poderia reaver judicialmente a posse para aplicar em finalidades semelhantes; 1974: 259 associados; 1975 (09/11): assembleia geral extraordinária decide o fechamento da entidade; liquidante: Osvaldo Curió; contador: Otávio Martírio; 1977: assembleia com 77 sócios nomeia como diretores Boanerges Oliveira, Osvaldo Curió, Manolo Silva e Paulo Ramos para preservar o patrimônio da Cooperativa; 1980: INCRA e BNCC declaram definitivamente liquidada a Cooperativa; as terras retornam à Diocese;

1981: assembleia geral com 154 votantes decide que as terras serão doadas aos antigos associados, tendo a Diocese a intenção de passar escritura pública de tantos módulos de 30 hectares quantos a terra permitir, dentro dos critérios de prioridade previstos nessa assembleia;

1982: topógrafos do projeto Sertanejo começam a medição da roda Externa da área que pertenceu ao Santo.; a Diocese recorre ao ITERCE, diante das dificuldades, para intermediar um projeto mais racional de parcelamento”.

Valdir não tem tempo de raciocinar muito sobre o que acabara de ler. O cheiro do café, trazido por Maria, é mais forte. Mas a boca lhe parece amarga com tudo que lera. Nada de novo. Já havia lido as anotações várias vezes durante a viagem e sempre lhe vinha à mente o tempo que se esperou pela deterioração da Cooperativa e pelo uso das terras. Foi interrompido na repetição dos pensamentos pela chegada do Juvêncio:

– Dormiu bem?

– Bom dia, retorquiu. Dormi! E você, está pronto pra andar comigo? Senta aí e toma um café!

– Cadê?

– Maria! O Juvêncio chegou e já está reclamando que não tem caneca pra ele!

Maria trouxe o bule fumegante, mais mandioca cozida e uns bolinhos de polvilho:

– Pronto, podem matar a fome!

– Isso aqui não é mandioca brava, é? perguntou Juvêncio.

– Se for, você vai sentir logo, seu enxerido, respondeu Maria rindo.

Enquanto comiam, Valdir combinou começarem as visitas na Baixa Verdejante, pelo Nonato. De lá iriam se chegando de volta pra Matariz, até chegar na rua.

Saíram e, no caminho, foram cruzando com moradores que desviavam apressados ao vê-los, ou que passaram a segui-los de longe, como quem não quer nada e segue no mesmo rumo por acaso.

– Parece que vai ter assembleia, comentou Juvêncio.

– Você acha que todo mundo por aqui vai se achegar pra conversar, perguntou Valdir.

– E pra mode de quê eles estão indo na mesma trilha? ripostou Juvêncio.

Chegaram a uma casa de taipa, meio grande, coberta de palha de babaçu. Foi um rebuliço entre a criançada da casa. Rodearam os recém-chegados como se fossem animais jamais vistos naquelas paragens. Juvêncio perdera a condição de conhecido para tornar-se, como Valdir, um estranho.

Todos já sabiam que havia alguém mandado pelo bispo – o telegrafo rural funciona com uma surpreendente eficiência e rapidez – mas não esperavam ser visitados por ele.

– Cadê seu pai, foi perguntando Juvêncio para um dos meninos.

– Tá lá dentro!

Seu Nonato assomou à porta sem que fosse preciso chamá-lo.

– Bom dia seu Nonato, cumprimentou Juvêncio. Esse aqui é o Zé Alves, que trabalhou na Cooperativa na época em que vosmicê estava pro Sul.

– É, não lembro dele, mas já ouvi falar.

Valdir tomou a iniciativa da conversa:

– Seu Nonato, a gente tá aqui a pedido do bispo pra conversar com as pessoas sobre a Cooperativa. Agora que ela terminou, ele quer saber como foi toda a história...

– Mas vamo entrá, que não carece de conversar de pés. A casa é pobre, mas é de vosmicês também. Vamos se abancar.

A sala era de chão batido e tinha quatro janelas. Bancos de madeira lavrada distribuía-se rentes às paredes. Várias redes de dormir estavam enroladas e penduradas nos esteios, enquanto uma delas ainda se encontrava estirada. Internamente, meias paredes faziam a divisão dos cômodos, a sala dando diretamente para uma cozinha ampla, onde um fogão a lenha produzia uma fumaça clara, que saía, parte pela chaminé, parte pelas janelas, inundando a casa com um pouco de calor e, também, com um ar irrespirável.

Seu Nonato não esperou novo incentivo para começar:

– Olhe, seu moço, em 1967 foi formado um conselho

comunitário e o presidente desse conselho durou muito pouco. Naquele tempo tinha a Mariliza, a Betina e o Vilson, que viviam aí em contato com o povo. Eu morava mais de um quilometro pras bandas do Tororó. Então, eu nunca pensei que morando lá eles ia nomear o meu nome pra presidência da Cooperativa...

– Quem? quis saber Juvêncio.

– O pessoal que trabalhava aí na equipe.

– Não, seu Nonato, eu quero saber nomeassem quem, replicou Juvêncio.

– Eu, pra presidente, reiterou Nonato. Com cinco ou seis dias, ou dez, sei lá, aí alguém achou que eu era comerciante... Daí, quando foi no dia tal, também não sei, veio a nomeação pra Cooperativa. Fiquei um pouco desconfiado. No trabalho eu nem tinha participado de nada. Aí alguém falou: não, o capacitado é o Nonato. Fui votado e fui bem cotado. Aí eu assumi e estava até despreparado, sem dinheiro, sem nada, mas tive que viajar para a capital para assinar os papéis da Cooperativa. Eu não conhecia a capital, só tinha noções de índio na cabeça, nada mais.

– Então, o senhor foi nomeado para presidente da Cooperativa ou foi escolhido pela assembleia dos sócios? perguntou Valdir.

– As duas coisas, que tudo é igual, reiterou Nonato. Quando voltei da capital, assumi a responsabilidade na Cooperativa, no Conselho Fiscal, no Conselho da diretoria. E aí funcionou. Funcionou até um ano e meio, funcionou bem. Tinha várias pessoas pra dar ajuda. A Paula Ester trabalhava pra fundar o sindicato em Iperá. Ela tinha trazido dezesseis mil dólares do exterior, era muito dinheiro naquela época,

que foi gasto para a Cooperativa funcionar. Mas aí o dinheiro acabou. Por falta de dinheiro o Zezé agrônomo foi embora. Aí vem o compadre Mercado pra ficar comigo, mas não chegou a dois meses. Também pifou porque todos os contratos com o exterior pifaram. Então, nós resolvemos cobrar a renda pelo uso das terras, na base de três por um, pra funcionar a Cooperativa.

– Resolveram cobrar renda novamente? quis saber Valdir.

– É! Mas teve quem falou que o bispo doou as terras e que não tinha nada que pagar renda. Em 1969 foi a doação, com documento em cartório. Como presidente, eu tinha que assinar o documento. Aí o procurador perguntou se eu ia só assinar sem entender, ou queria entender pra assinar. Eu disse que queria entender. Então, tinha uma última parte que dizia que se a terra, se a Cooperativa, falir e as terras voltarem para as mãos da Diocese, novamente para ficar em plano semelhante, ou da mesma natureza, então eu resolvi renunciar.

– Vosmicê renunciou por causa disso? perguntou Ju-  
vêncio.

– Foi! Visto que eu não estava servindo, o meu trabalho era de roça, e não de assistência a ela. Nesse mesmo ano eu fui pro Rio e só voltei em 1971, no fim de 1971. Quando cheguei de volta, a Cooperativa já tinha era uma empresa, não era mais Cooperativa. Era uma empresa, o quarto da sede estava cheio de milho, farinha e outras coisas. Eu trouxe uns trocados e comprei milho, feijão, o que tinha no depósito. Ai gastei nas terras bravas, sem parar, até que piorei de vez. Estou na pior. As equipes fizeram muitas coisas boas, mas

o povo daqui é que não quiseram nada.

– Mas não teve aqui na Baixa Verdejante os grupos de mulheres trabalhando? voltou a inquirir Juvêncio.

– Eu só sei de ouvir contar, retrucou Nonato. Diz que quando a Salomé, a Damiana e as outras mulheres foram plantar aqui nessa baixa, que era da Donana, essa mesma resistiu. Um velho que morava com ela corria atrás das mulheres do mutirão. Mas depois a Donana acabou se convencendo e as mulheres puderam plantar.

– Mas o senhor diz que agora está na pior. Quer dizer que a Cooperativa deixou o senhor pior? perguntou Valdir.

– Quando cheguei em São Loganso, em 1934, vivia sob cativo. Trabalhava numa sujeição medonha. Trabalhava nas terras do patrão, tinha que pagar renda, não podia pegar lenha e ainda o patrão, às vezes, soltava o gado na plantação. Quando fundaram a Cooperativa, as terras ficaram libertas, todos ficaram livres e entraram nas terras. A Cooperativa começou muito bem, para ser uma grande Cooperativa, mas aconteceu o seguinte..., os chefes dos mutirão cativava os outros com o financiamento, porque ele pegava o financiamento na Cooperativa e só dava aquela raçãozinha para os outros, porque cada um dos sócios da Cooperativa era como se fosse um sócio único... Assim, muitos saíam com o burro grande, outro com o burro pequeno...

Juvêncio cutucou Valdir, que estava absorto no que seu Nonato falava e controlava o gravador. Assim, só então se deu conta de que a sala estava apinhada de gente ouvindo a conversa, além dos que se encontravam do lado de fora, tentando ouvir pela porta e pelas janelas.

– É tudo gente daqui da Baixa? perguntou a seu Nonato.

– Tem muitos da Baixa, mas tem outros de Matariz e tem uns que aí que são de mais longe. Novidade aqui em cima, seu moço, corre com a neve carregada pelo vento.

– É, estou vendo, devolveu Valdir. Assim, a gente aproveita e conversa logo com mais gente, se o senhor concordar.

– A casa é de vosmicê... retrucou seu Nonato.

A frase foi dita de tal modo que Valdir ficou na dúvida se ele concordava ou não. Por isso, continuou se dirigindo somente a ele.

– Sua família é muito grande, seu Nonato?

– A mulher teve 16 filhos. Cinco morreram. Tem uns cinco casados. O resto ainda está solteiro e véve aqui. Alguns já tão bem taludos, mas tem outros que nem criaram buço: ainda estão naquela idade em que nenhuma novidade pode ser perdida. Dos casados, uns vévem do comércio do côco, outros de alugado. Aqui, a gente faz como todo mundo: pegamo madeira na mata, mas não plantamo árvore nova. Hoje tem pouca mata...

Bastou uma pequena pausa para que alguns dos presentes começassem a dar seu “testemunho”.

– Muitas pessoas trabalham de alugado, disse um. Mais ou menos... 50 pessoas... a maioria casados, filhos de sócio... Muitos trabalham de alugado por não terem terra... outros têm, mas não têm condições de tocarem a terra... Depois da Cooperativa eu pude plantar fruteiras... Tenho oito filhos... mas só dois trabalham... um deixou os estudos para trabalhar.

Os “testemunhos” eram aos arrancos, entrecortados, talvez com receio de não falar o essencial. Antes que Valdir pudesse localizar quem falara, uma mulher já madura, rosto

encarquilhado, os cabelos escondidos sob um lenço de cor indefinida, tomou a palavra:

– Não tem emprego para as mulheres. Só na roça. Depois que acabou o projeto do gado, tem muita criança passando fome. Muitas crianças morrem de fome, ou crescem com a cara inchada de comer só pirão com açúcar, porque não tem leite. Hoje só tem três vaquinhas em toda a região, que dão pouco leite...

Boanerges, pai do Juvêncio, chegou nesse momento. Os que estavam na porta deram-lhe passagem com uma certa reverência. Seu Nonato levantou-se para recebê-lo e mandou, com uma ordem seca, que um dos jovens abandonados lhe cedesse o lugar. Antes de sentar-se, Boanerges cumprimentou Valdir:

– Vosmicê bem que podia ter aparecido lá em casa...

– Não quis dar trabalho, amaciou Valdir ao entender a crítica. E o Dom havia pedido pra gente começar a pesquisa pela Baixa e, só depois, ir para Matariz. Aí, então, a gente vai passar por sua casa. O Juvêncio sabe disso.

Não era completamente verdadeiro, mas era uma forma de mitigar o ciúme inevitável de muitos por não haverem sido os primeiros a serem ouvidos.

– Mas já que o Boanerges está aqui, dando a honra de sua presença, ele também podia dar o testemunho dele, voltou a falar seu Nonato, naquele jeito só dele, sem que se soubesse se ele estava mesmo querendo aquilo ou dando uma pinicada no outro.

– É muito bom, concordou Valdir.

Boanerges não se fez de rogado:

– Antes da Cooperativa eu era meeiro. Pagava metade da cana. Outros pagavam três por um, sem direito ao baçaú, que era de quem arrendava, que colhia tudo e depois vendia. Pra ter direito à lenha a gente tinha que tocar um roçado. Eu fazia a farinha na fábrica do patrão. O trabalho da diária para o patrão não era obrigado e ele pagava o dia. Muita gente estava numa sujeição danada, não tinham o que comer, deviam na folha e trabalhavam para pagar o fornecimento da Dona Mafalda. Não se podia plantar abacate, banana e outras fruteiras. Se plantassem, não tinham direito nas frutas. Agora, no inverno, a gente é que às vezes precisa pagar diária...

Seu Nonato aproveitou a meia parada e acrescentou:

– Em toda parte da serra e do sertão ainda manda o sistema meia e da terça. São Loganso é a única exceção. Quando o inverno é bom, consigo sustentar a família, mas quando o inverno não é muito forte, não consigo. Agora a gente pode pegar madeira para as cercas e para cozinhar. Geralmente, quem trabalha de alugado é o pessoal da encosta, antes de chegar na rua.

– Quer dizer que a situação melhorou, em vez de piorar? perguntou Valdir, supondo haver encontrado uma contradição no que ele dizia.

– Quando foi criada a lei da Cooperativa, acrescentou Nonato, minha situação melhorou muito. Mas se não tiver inverno, a solução é deixar a família e ir pra outro lugar onde possa conseguir dinheiro. Já fui para o Rio três vezes. Este ano não vou. Tenho um pouco de mandioca e o governo deve dar emprego no plano de emergência. Até a Baixa está seca. Plantei banana lá, mas morreu. Então plantei mandioca.

Assim, a situação melhorou, mas também piorou porque não tem segurança todo ano.

– O que dá mais em São Loganso é mandioca, feijão e milho, continuou Boanerges. O arroz só dá nas baixas se tá bem alagadiço de inverno. Nos últimos anos não plantei arroz porque até na Baixa estava seco. Antes da Cooperativa tinha que trabalhar segunda e terça para o rendeiro. A lenha tinha que ser roubada porque, se o rendeiro visse pegar a lenha, era obrigado a pagar. Já trabalhei de diária, mas não trabalho mais. Às vezes pago diária, na época da colheita. O pessoal que trabalha na diária é de Matariz mesmo, geralmente pessoal mais novo.

A conversa se prolongou por mais um bom tempo. Vários outros, além do Nonato, Boanerges e Dona Serafina – a mulher do lenço na cabeça – deram seu “testemunho”, mas nada substancialmente diferente das falas dos três. Quando Valdir e Juvêncio se despediram e caminharam para Matariz, foram acompanhados até a rua da casa paroquial por uma verdadeira romaria.

### **Mais falação**

À tardinha Valdir tinha achado melhor entrevistar o Raimundo Alpes na casa dele. Lá talvez não juntasse muita gente, mas era uma forma de ouvir um dos prejudicados com a Cooperativa. Pedira ao Juvência para consultar o velho rendeiro e ele concordara com a visita.

Quando se aproximaram da casa, toda de alvenaria, mas mostrando evidentes sinais de decadência nas paredes descascadas e nos matos crescendo nos telhados, a figura alquebrada do ancião já os esperava no alpendre.

Valdir foi o primeiro a cumprimentar e a falar:

– Boa tarde, como vai vosmicê, seu Raimundo?

– Rangendo os ossos, seu Zé. Vamos se chegar! Se assemtem, por favor.

O velho continuava falando manso, mas firme. Perdera o cetro, mas mantinha a majestade e não passava a impressão de haver perdido a guerra.

– Seu Raimundo, Valdir foi logo falando, acho que o Juvêncio já lhe falou pra mode de que é a nossa conversa.

– Já, e não carece a gente deitar falação fora. Eu inté gosto de contar os causos daqui de Matariz. Eu tô em São Loganso desde 1931, como foreiro. Pagava a renda pra Igreja, em dinheiro, e os sub-rendeiros pagavam renda pra mim conforme o terreno. Se o terreno fosse bom, pagavam meia. Se não fosse, pagavam três por um. E se o terreno fosse muito ruim, com toco, grama pra arrancar, pagavam alguma coisinha pra não ser de graça. Não sei dizer quantas braças tinha antes da Cooperativa. Quando comprei a terra, ela era brava, cheia de toco e mato.

– O senhor comprou a terra? interrompeu Valdir.

– Comprei porque fiz contrato de foro com a Diocese. Fui eu que amansei o terreno. Plantava feijão, milho e mandioca, mas só para comer. Não dava pra vender, que a terra é muito ruim. A farinha não dava pra vender. Só quando a gente precisava de dinheiro, era obrigado a vender perdendo dinheiro...pra comprar um pedaço de pano, um calçado, um chapéu. Fui casado duas vezes, tive 17 filhos, 11 casados. Com 80 anos me aposentei. Depois que deixaram de pagar a renda minha situação piorou muito, passei necessidade. Não planto legumes porque a terra é fraca. O que melhorou

na plantação é que antes não plantavam banana, abacate e laranja e agora plantam. Quando as terras me pertenciam, eu proibia esse plantio e o corte da madeira, pra evitar acabar com a madeira. Agora estão acabando com a madeira. As terras do Santo eram muito maiores, mas teve uma época que a Diocese, antes do Dom, vendeu uma parte...

O velho parou de repente. Vindo de dentro da casa assomou à porta o vulto de um homem.

– Esse aí é meu filho Antônio, frisou seu Raimundo. Ele pode fazer parte da conversa?

– Pode! Lógico! Quem o senhor achar que pode fazer parte da conversa, pode vir, assentiu Valdir.

– Senta aí, Antonio, ordenou seu Raimundo, ao mesmo tempo que seguiu em sua estória.

– Mas como eu ia lhe dizendo, a terra que eu comprei como foreiro era brava, cheia de toco, e eu amansei, criei os campos, que o Dom tomou conta, libertou tudo. O bispo é o regente, o diretor das terras e, se for vantagem para ele, ele doa. O bispo foi bom pra mim... foi... achando que o povo enxergava... o povo acha que quando tem liberdade... a maior parte do povo é assim. Tem gente que não presta melhorar nada pra eles não. Acho bom dividir as terras e que cada um tenha seu documento de posse, porque nas terras em comum as pessoas não são leais com o serviço de cada um.

– Mas, atravessou Valdir, quando fundaram a Cooperativa houve briga com os foreiros como o senhor?

– Houve não, replicou seu Raimundo. Quando a Cooperativa foi fundada não houve briga com os foreiros. Alguns ficaram sócios da Cooperativa e continuaram lá, mas sem mandar. Outros ficaram sem nada porque não quiseram

fazer acordo com o Dom, como foi o caso da Donana, que não aceitou a indenização de seis mil cruzeiros. Ela queira onze mil e acabou indo para São Paulo.

– Quer dizer que o senhor recebeu uma indenização? quis saber Valdir.

– Foi por caso do contrato. A Dioceses rasgou o contrato de aforamento e teve que pagar. Mas, desde que o Dom veio aqui e fez o discurso eu já sabia que a Cooperativa não teria progresso. Não trabalhei no movimento, mas não fui contra a Cooperativa porque a terra não era minha. Mas eu era proprietário, era foreiro, e tinha direito sobre essa terra. A gente deveria se reunir para debater o passado, a Cooperativa, mas tem gente que não tem coragem de falar, que fica escondendo as faltas dos outros. O gerente da Revenda hoje está rico. Deveria ter gente de fora para fiscalizar.

Antonio fez um leve sinal para o velho, que assentiu com a cabeça.

– A cooperativa acabou por causa dos mutirão. Os empregados dos mutirão pegavam e dinheiro da Cooperativa e não pagavam. Eu melhorei sempre um pouco porque eu não sou trabalhador, eu sou preservador do que eu ganho. Mas aquilo que eu faço eu não sei estragar com besteira. Aplico no que vejo com vantagem. Meu caso é esse. Mas não sou preguiça também não: planto milho, feijão e mandioca e não trabalho de alugado.

Antonio falava mais rápido do que o pai, mas no mesmo tom baixo e incisivo. Valdir aproveitou um breve intervalo para perguntar:

– E você também acha que a divisão das terras vai melhorar?

– Meu pai que me perdoe, mas esse negócio de dividir as terras vai ficar ruim. Onde é que esse pessoal vai trabalhar? Hoje, do jeito que está essa terra toda, um ano eu broco o roçado aqui, outro na Baixa Verdejante, no outro ainda broco o roçado no Mucugê. Repartindo as terras, trabalho um ano, no outro cadê? Até pra gente tratar de uma cabra, de um jumentinho, que é o que mais a pessoa precisa, vai ser difícil. Aqui, a pobreza é tão pobre que nem um burro não tem quem possa possuir, que é mais caro, possui um jumentinho que é mais barato, e só.

– Tem uns que não estão de acordo com a divisão porque estão em terreno bom e podem perder um pedaço dele em troca de outro pedaço ruim, emendou seu Raimundo. A maioria acha que devem ser doados dois pedaços: um na baixa, outro no alto. Mas, mesmo assim, tem baixa boa e morro bom e morro ruim. Se o camarada pegar um morro que só tem lajeado, como vai ser? Pega uma baixa maior? Se for desse jeito, pode ficar ruim a divisão.

O velho, sem se desdizer, fez um recuo para não ir contra o filho. Mas não deixava de ser interessante que, sobre uma questão tão decisiva, eles estivessem com opiniões opostas. A conversa continuou ainda por algum tempo, sem acrescentar muita coisa mais ao que já haviam dito. O café-garapa foi servido com certa cerimônia e Valdir teve que rispostar a gentiliza elogiando a bebida.

A noite já havia caído quando se despediram e apressaram o passo em direção à casa paroquial. Maria já deveria estar com a mesa posta para o jantar e não era certo fazê-la esperar, comentou Valdir.

Juvêncio riu:

– Inda mais que a gente está com fome, não é mesmo?

– É, mas antes eu vou me banhar. Se você estiver tão faminto quanto parece, pode comer logo, avisou Valdir.

– Não, vou lhe esperar porque a essa hora já deve ter é gente lá, esperando pra conversar, avisou Juvêncio.

Chegaram às mangueiras da praça da Igreja, cujas copas escureciam ainda mais a rua. Os lampiões das casas já estavam acesos e o tempo morno permitia que muitas janelas fossem deixadas abertas antes do frio descer. Na calçada da casa paroquial dava pra vislumbrar um grupo conversando, embora não fosse possível divisar quem era quem. Só quando se aproximaram mais Valdir reconheceu o Matias, o Jorge e o Osvaldo. Havia outros três dos quais não se lembrava.

– Boa noite para todos!

– Boa noite! Ô Zé Alves, a gente também quer conversar com você, falou Matias por todos.

– Vocês já jantaram? perguntou a eles.

– Você sabe que a gente aqui come cedo, respondeu Jorge.

– Então vocês só vão me dar licença pra tomar um banho e engolir o de-comer preparado pela Maria, tá bom? perguntou Valdir.

– A gente espera, responderam os três, quase ao mesmo tempo.

Valdir entrou pela porta do lado, diretamente na copa. Maria estava entretida no fogão, quase levou um susto, mas perguntou:

– Vosmicê já quer que ponha a comida na mesa?

– Daqui a pouco, Maria. Só vou tomar um banho. Mas acho que o Juvêncio já quer comer.

– A água quente já está pronta. Ô Juvêncio, coloca o panelão lá no banheiro pro Zé Alves.

Depois do banho e do jantar Valdir convidou o grupo para entrar e se abancar na copa. Havia mais uns quatro além dos que encontrara ao chegar da conversa com o Raimundo Alpes. Maria serviu café para todos.

– Então, faz um tempão que a gente não se via, começou Valdir. O Matias até parece que encompridou um pouco mais.

Todos riram. Matias era um tipo de sertanejo alto e esguio, completamente diferente do padrão comum naquela região, de população majoritariamente baixa.

Matias não se fez de rogado e acrescentou:

– É o trabalho que me faz encompridar!

– Então, pra não encompridar muito a conversa, retomou Valdir, vocês sabem pra mode de que eu estou aqui, não é mesmo?

– A gente tá sabendo que você está ouvindo as pessoas sobre a Cooperativa. Mas, o que é mesmo que você está fazendo? Conversa ruim pra nós? provocou Matias.

– Tô gostando, replicou Valdir. Você continua direto e franco como sempre, hein Matias? Se a conversa é fiada e se ela é ruim pra vocês, só depois é que vocês vão poder saber. Como saber antes de acontecer? Aqui na serra tem gente que tem os braços compridos pra puxar tudo que é bom para si, mas os braços curtos pra tirar do seu e ajudar aos outros. Mas nem todo mundo é assim. Agora, que não tem

mais Cooperativa e as terras vão ser divididas, o Dom quer saber como vocês pensam que vai ficar São Loganso depois disso e se a Cooperativa serviu para alguma coisa de bom. Vocês dizem o que pensam, se quiserem, e eu relato tudo para o Dom. Ninguém é obrigado a nada.

– Quer dizer que vosmicê não veio aqui pra comprar as terras? perguntou um dos que Valdir não conhecia.

– Comprar as terras? Valdir se espantou com a pergunta.

– É, assegurou Matias. O boato que corre aqui é esse.

– E vosmicê, o que acha? Valdir utilizou o tratamento formal para se distanciar um pouco do Matias. Tinha a desconfiança de que ele era um dos boateiros.

– Como vou saber? ripostou Matias.

– Vosmicê sabe, falou Valdir olhando diretamente para ele, que os boatos daqui são como a “neve”: aparecem primeiro no talhado, depois cobrem a serra toda e parecem que vão ficar de verdade. Mas basta o sol da verdade esquentar um pouquinho pra eles se desfazerem e sumirem.

Matias não respondeu. Sabia que Valdir (ou Zé Alves) estava se referindo a ele, mas não quis passar recibo para os demais.

– Agora que vocês sabem que esse negócio de comprar as terras de São Loganso é boato, se vocês quiserem falar o que pensam sobre a Cooperativa, sou todo ouvidos. Por que vosmicê não começa? completou Valdir, dirigindo-se a Matias.

– Eu acho que a Cooperativa não deu certo porque as equipes vinham aqui, faziam um levantamento e depois iam embora e confiavam no pessoal daqui. Ninguém pensava em

formar uma Cooperativa. Os planos eram só plantar para comer. Como tinha dinheiro no negócio da Cooperativa, ela foi fundada de cima para baixo. O rico vive da riqueza dele e não vê necessidade dos pobres.

– Mas vosmicê melhorou, ou não? inquiriu Valdir.

– As pessoas melhoraram de vida por causa da libertação. Liberdade é ter mais oportunidade pra trabalhar, é não precisar pagar renda, é ter terreno para trabalhar. Quem tiver capacidade de subir, sobe. Foi o que aconteceu na Cooperativa: muitos subiram na sua administração.

– Eu também tive oportunidade, mas não pensei no futuro, atalhou um caboclo baixo e magro, que Valdir reconheceu sem lembrar o nome. Muitas pessoas acham que o Mário da Tereza e o bispo são culpados pelo fim da Cooperativa, mas a culpa é do povo.

– É verdade, continuou Matias. A Cooperativa não deu certo porque os sócios de desinteressaram, pronto abandonaram. As pessoas não tinham interesse: faziam empréstimos e não pagavam. O povo só queria destruir. As pessoas de São Loganso não dão certo pra administrar a Cooperativa. Elas não entendem nada disso.

Um dos outros da roda, que se apresentou como Galdino, entrou na conversa:

– Dói na consciência trabalhar de alugado na terra do Santo. Quem trabalha com a cabeça, como o Matias, é inteligente e não sofre tanto. Mas quem não trabalha com a cabeça, sofre. O terreno que eu tenho não dá pra sustentar a família, por isso também trabalho de alugado. Nós somos mais fracos, então temos que trabalhar para os mais fortes. Não trabalho todo dia de alugado, mas acharia bom se fosse

todo dia, como no sul. Já trabalhei em hotel, fábrica e construção civil. A situação com a seca está muito ruim e se não chover vamos ter que sair pra não deixar os filhos morrerem de fome. O que ainda salva são os cocos.

– E as mangas, acrescentou Juvêncio. Na serra é bom demais... quem não almoça, rói manga verde.

Galdino não parou para responder à intervenção:

– Na época da seca muitos vão para o sul, mas se não arrumam emprego a família fica na rua, passando fome. Trabalhei cinco anos pagando renda. Já fui pro sul algumas vezes, passava um tempo lá e a mulher ficava com as crianças, trabalhando. Antes plantava milho, feijão e mandioca. Não plantava frutas. Hoje planto mandioca, milho, feijão, batata e banana nas áreas molhadas. Agora vivo melhor que antes da Cooperativa. Mas na época da Cooperativa era melhor.

Um sarará de nome Filismino pediu para falar:

– Moro na Baixa Verdejante e trabalho em sociedade com mais dois. Não gosto de ir para o sul porque lá a vida é muito ruim. Um dia estava fazendo compra num supermercado e entraram cinco assaltantes de metralhadora. Na Baixa tem mais de cem pés de manga, mas as crianças não deixam amadurecer.

– Num falei? interrompeu Juvêncio.

– Nos terrenos fora de São Loganso a gente paga renda e é obrigado a trabalhar dois, três dias para o patrão, contou Filismino. O patrão paga uma diária menor, não chega a 250 cruzeiros, sendo que o dia de serviço está a trezentos cruzeiros. Na época da colheita costumo trocar dia de trabalho com os irmãos e amigos. Antes da Cooperativa só tinha roçado para trabalhar quando o foreiro dava. Reclamamos,

mas abaixamos a cabeça porque já estávamos pagando mesmo. Só depois de reclamar novamente com a equipe é que deixamos de pagar. Meu patrão dizia que a Cooperativa não ia pra frente, que era coisa de comunista. Mas eu queria ficar sócio pra ter os direitos. Agora estou na Baixa há dezenove anos e não quero nem saber de terra de patrão.

Das Dores, Damiana, e mais duas mulheres que Valdir não conhecia, entraram porta adentro, deram boa noite, puxaram cadeiras e se sentaram como se houvessem sido convidadas. O caboclo que Valdir não lembrava o nome aproveitou o momento para também falar de si:

– Já viajei por esse mundo de Deus. Estive em São Paulo, Rio, Brasília, Belém, Santa Catarina e Porto Velho. Trabalhei de servente e guarda noturno. Minha vida melhorou depois da Cooperativa. Minha mulher ajuda no trabalho da lavoura. Mas a vida ainda é dura. Estou com filho doente e não levei ao médico porque não tinha dinheiro. Trabalho de alugado pra fazer o sustento dos três filhos não casados. Os outros nove já vivem de seu trabalho. Antes da Cooperativa pagava renda. No alto era três por um, e na baixa a metade. Agora o povo está bem, porque ninguém paga renda. Se melhorar, ave maria, se melhorar mais do que está, ave maria, é bom demais pra nós.

Das Dores não esperou conhecer toda a conversa:

– O povo daqui é o culpado pelo fim da Cooperativa. Pegava o financiamento pra fazer roçado e não se preocupavam em pagar. Houve falhas na administração da Cooperativa porque a diretoria não enxergava as coisas. Quando o Jorge se candidatou a presidente da Cooperativa o Mário da Tereza foi na minha casa e disse que se o Jorge ganhasse ele

cortava todo tipo de experiência da Diocese na Cooperativa. O Jorge ganhou e a Cooperativa acabou...

Damiana não esperou Das Dores completar:

– Quando o mutirão do gado era das mulheres, o gado era bem tratado e aumentou bastante. Mas depois, quando o gado passou para a responsabilidade de um homem, acabou. As pessoas são desunidas, por isso não deu certo criar gado juntos. No ano passado mataram todo o gado do mutirão. Doze homens juntos mataram um boi e dividiram a carne entre eles. A polícia prendeu todos e o seu Osvaldo comprou o resto do gado. O mutirão dos porcos também estavam bem, mas mataram todos os animais.

– Faltou uma boa administração nos mutirões, atalhou Osvaldo. Os chefes pegavam financiamento e davam apenas uma pequena parte para os outros membros. Minha mulher participou das mulheres do gado durante cinco anos. Receberam cinco cabeças e entregaram quarenta e oito. Quando o Jorge assumiu a presidência da Cooperativa, passou o gado para um tio dele. Fizeram três reuniões só com uma das mulheres, não avisaram as outras e prometeram uma vaca pra ela, independente da sorte. A sorte, naquele tempo que tinha um salário de cem cruzeiros, era uma sorte de quatro pra um. Por exemplo, nascia quatro bezerros de uma vaca e de outra três bezerros. Quem cuidava da vaca com quatro bezerros ganhava o quarto. Aí o gado foi passando de uma mão para outra e mingando até cair nas mãos de dona Santana, que não dava conta de cuidar do gado sozinha. Então, o gado invadia as roças e o pessoal começou a matar os bois. Primeiro mataram dois bois, depois um touro e, por último, uma novilha. Quando mataram a novilha o Boanerges re-

cebeu um pedaço da carne. Por isso acham que ele também é responsável porque ladrão não é o que faz, é o que aceita.

Juvêncio fez menção de retrucar em defesa do pai, mas Valdir pediu que ele se calasse. Das Dores retomou o fio:

– Quando a gente formou o projeto do gado, a gente era só três mulheres, né. Era tudo pobre, mas começamo a trabalhar e naquele tempo tinha uma porção de vaca e o pobre comprava aquele leite. Quando esse dito Jorge entrou na Cooperativa, acabou com tudo. Depois que acabou-se o projeto desse gado, muita criança passa fome. Agora a mãe tem dinheiro e não tem leite pra comprar. As crianças aqui costumam morrer de febre e diarreia. Os médicos não explicam qual é a doença. Na época da eleição deram um filtro pros que votaram neles, mas não melhorou nada. Aqui também continua sem escola. Ela só funciona dois dias por semana. A professora é paga pelo município e ganha apenas quatrocentos e cinco cruzeiros. Menos que a gente trabalhando na roça e recebendo diária. A escola de Matariz tem professora do Estado e funciona todos os dias.

– Meu marido está em São Paulo há sete meses e não manda dinheiro nem carta, continuou uma das mulheres desconhecidas para Valdir. Pra sustentar os filhos, passo e lavo roupa e quebro milho. Quando as terras eram dos reideiros, não podíamos apanhar lenha nem tomar banho no corgo. Outro dia, um que foi reideiro foi reclamar comigo porque estava queimando a lenha do seu terreno. Eu disse pra ele que não conhecia ele lá com o terreno. O roçado era meu, eu podia queimar minha lenha, né. Não entendo por que a Cooperativa se desorganizou de repente. Ela é bem melhor do que pagar meia, terça. A Cooperativa estaria

bem até hoje porque a revenda nunca ficava devendo nada.

Um que se apresentou como Domingos entrou na conversa:

– Muitas pessoas melhoraram de vida com a Cooperativa. Hoje estão bem, porque além de terem um pouco de sabedoria, tiram do pobre que não tem recursos. Mas a Cooperativa também melhorou a minha situação porque antes eu morava com o patrão e era obrigado a trabalhar segunda e terça pra ele, recebendo um salário baixo, além de pagar a renda de quatro por um. Os patrões falavam que a Cooperativa era coisa de comunistas e que nós seríamos mandados para a Argentina, Alemanha. Falavam isso porque não queriam que a gente parasse de trabalhar pra eles. Mas a gente tinha amizade com os rendeiros porque era o jeito que tinha. A gente trabalhava nas terras deles e a gente, pra trabalhar, pra arrumar o que comer, o jeito era este. Agora estou fazendo vinte, trinta, quarenta braças, porque tenho liberdade. Antes, só fazia dez braças porque não podia fazer mais nada.

Matias havia se mantido calado e aos poucos fora ficando sem jeito com as observações sobre os espertos. Procurou, então, desviar a rumo da conversa:

– Quando acabou a Cooperativa, formou-se uma diretoria para vender o resto do patrimônio e entregar o dinheiro para a Diocese. Ninguém pode falar do bispo. Ele pode fazer o que quiser com as terras porque só a fineza dele que ele fez já está lá em cima. Mas os rendeiros foram contra porque diziam que ele pegava o terreno deles. Foi ele que teve a ideia de repartir a terra. Mas na reunião que decidiu sobre a divisão das terras o Dom ficou calado, não disse uma palavra.

A decisão foi dos participantes, não do bispo.

– Fiquei sócio da Cooperativa porque toda lei que aparece deve ser obedecida, disse Galdino. Sempre acompanhei as leis. Então, surgiu essa Cooperativa e eu acompanhei. Ela foi muito boa para os espertos. Os que viviam dentro da Cooperativa e sabiam tudo que acontecia conseguiram melhorar de vida. Nunca consegui empréstimo porque, quando ficava sabendo, tinha acabado todo o dinheiro. Trabalhei no mutirão da laranja, mas não deu certo... As pessoas abandonaram, não sei por que... As pessoas reunindo tinham produção...

Matias retrucou:

– Logo que cheguei aqui fiquei sócio da Cooperativa. A vantagem que tive foi trabalhar na terra sem pagar renda. Nunca ofereci nada, nem me ofereci, nem nunca fui atrás. Eu até podia ter, mas lá para aqueles mais mimosos, né. O meu mutirão foi o último a cair, durou de 1971 a 1974. Trabalhei no mutirão até o fim, mas não deu certo porque os outros companheiros do mutirão resolveram voltar pro sertão. Mas no trabalho ia tudo muito bem e o que ficou dá gosto de se ver.

O desconforto de Matias era visível. Mas ninguém fazia referência direta a ele.

– Hoje não existe mais mutirão, retornou Das Dores olhando firme para Matias. Cada um trata do seu interesse. As pessoas deixaram de acreditar nos mutirões porque uns era mais espertos que os outros. Muitas pessoas faltavam no mutirão e quando pagavam um de fora para trabalhar no lugar, o cara não trabalhava. Ganhava o suor dos outros. No tempo das equipes tinha moral. O pessoal respeitavam.

Depois que as equipes saíram é que o pessoal começaram a destruir.

– As equipes ajudaram porque davam dinheiro para o pessoal fazer os mutirões, acrescentou Damiana. Sempre trabalhavam, faziam reuniões, estudavam o solo, ensinavam como trabalhar e o que plantar. Gostei muito do pessoal: tudo matuto, pé duro e muito distinto.

– É, mas teve aí um doutor agrônomo, mas não entendia nada de terra, porque não deu nada, interrompeu Matias. Só tiveram vontade.

– Mas na terra comum é melhor, retomou Damiana, porque a gente pode entrar em qualquer trecho. Se as terras forem divididas, muitos não vão ganhar nada. E as pessoas têm que melhorar e se estão num lugar pagando renda e sabem de um pedaço onde não pagam renda, tem é que correr para lá. Agora só tenho os filhos e a terrinha para trabalhar e, se tirarem a terra, vou pra lua.

Caiu um silêncio sobre a sala. Valdir olhava para um e para outro, e a expressão era idêntica, uma certa perplexidade diante do que estava por vir. Foi Galdino quem cortou a mesmice:

– A diocese também tem sua obrigação porque, como é que pode, nós vive trabalhando... nós não temos obrigação de assumir o compromisso dela de ponta a ponta. O compromisso que temos com ela é de pagar o que o governo exige. É melhor dividir as terras porque assim posso cercar minha plantação de laranja e abacate pras pessoas não invadirem mais e não pegarem frutas antes de amadurecer.

– É bom dividir, mas vai ser difícil todos entrarem de acordo, concordou Felismino. Quem tem um pedaço não vai

querer dar pra outro, não vai querer sair de sua terra e ir pra outro lugar, não vai dar seu plantio para outro.

– Mas o cara tem condições de sair indenizado, provocou Juvêncio.

– Mas, quem tem condições de indenizar uma baixa como a do Osvaldo e do Matias? questionou Damiana, olhando para ambos.

Das Dores respondeu de bate pronto:

– Deve ser feito acordo. A terra tinha sido dividida em partes iguais, mas depois foram vendendo os serviços e agora tem uns que têm três e quatro partes, outros só têm uma ou nenhuma. Era proibido vender a terra, mas a diretoria deixou correr frouxo.

– Mas isso foi feito porque as pessoas podiam vender sua parte e depois ficar por aqui querendo outro pedaço pra trabalhar, explicou Matias, na defensiva.

– Não é bem assim, voltou Das Dores. As pessoas vendem a sua terra, vão embora, não dão certo, aí voltam e pegam outra parte para plantar. Agora, se dividir não vai mais acontecer isso.

– O caso é que o único que recebe a terra é o pai, interveio Domingos. Os filhos vão ter que morar todos juntos com o pai e ainda, se o pai vender, ficam sem nada. E, dividindo ou não, vai chegar um momento que não vai ter lugar pra mais ninguém, né. Eu aceiro qualquer terreno, em qualquer lugar, de qualquer tamanho. O que eu quero é poder ter o meu pedaço pra quando quiser usar não encontrar ninguém lá.

Osvaldo resolveu dizer alguma coisa:

– A divisão vai ter encrenca porque tem uns que plan-

tam banana e abacate na baixa e não vão aceitar a divisão. Sem divisão é melhor porque meus filhos podem plantar em qualquer lugar. Se o Dom der as terras com escritura, muitos vão vender pra gente de fora. O nosso movimento é trabalhar e ter um bocado pra comer. O que acontece aqui nesta terra é trabalhar. Divertimento é trabalhar mesmo, só isso. A herança que o pai pode dar ao filho é o saber dele, e se não der, o filho não deve nada pra ele. Aqui é assim. A maioria são analfabeto, não conhecem a lei, e não tem herança pra passar pros filhos.

A mulher cujo marido estava em São Paulo, Dalgisa, externou suas dúvidas:

– Olha, eu acho bom que se divida as terras, mas eu tô preocupada porque, quando dividir, as mulheres não vão ter onde trabalhar.

Valdir deixou correr solto. Cada um fazia a falação que queria, do jeito que achava melhor, enquanto o gravador ia comendo as fitas. A conversa avançou na noite, enquanto a brisa fria se tornava mais forte. Aí, cada um foi se despedindo e saindo de mansinho, até deixar Juvêncio e Valdir sozinhos na sala.

\*\*\*\*\*

Nos três dias seguintes, Valdir e Juvêncio fizeram inúmeras outras visitas, sempre acompanhados por um séquito de interessados, muitos dos quais haviam participado de conversas anteriores. As falações, contraditórias, dissonantes, repetiram-se com uma regularidade impressionante.

### **Avaliando o avaliado**

Na tarde do quarto dia chegaram de Iperá a irmã Siena

e o padre Paulo, conforme haviam combinado, para reunir-se com Joana e Valdir e fazer uma primeira avaliação do trabalho de pesquisa, além de dar sua própria opinião sobre a experiência de São Loganso.

Tiveram o cuidado de fechar a porta da casa paroquial. Se não o fizessem, era certo que teriam uma variada e atenta assistência.

– Antes da gente começar é bom que todos saibam os boatos que correm lá encima sobre a pesquisa, começou Joana. Um é que o Valdir é gente “grande” mesmo, porque tem um gravador e uma máquina que tira “chapa” de todo mundo, pra identificar os moradores quando ele vier tomar posse da terra que comprou do Dom. A notícia geral é que as terras foram vendidas. Tem outra versão que diz que o Valdir é um comunista que vai mandar as pessoas pra outros lugares de sofrimento, depois que tomar posse dos terrenos.

– Pior do que o diabo, comentou Pablo.

– Mas não fica por aí, continuou Joana. Está uma grande confusão na cabeça das pessoas. No fundo, elas não confiam no Dom, como dizem. Fica sempre a dúvida e a justificativa: afinal, a terra é dele e ele faz o que quiser.

– É engraçado como as coisas se passam, acrescentou Valdir. A gente foi fazer as entrevistas e, de repente, começou a aparecer gente, gente mesmo. Criou-se uma roda ouvindo, participando, dando testemunho. Eram crianças, mulheres, irmão do outro, gente que estava brigada, um em frente do outro, um do lado do outro. A gente mudava de casa, ia toda a gente. E pintavam outros, um monte, uma comitiva. Agora surge essa boataria. Não deixa de ser engraçado... Mas é muito sério também.

– A gente nunca sabe quando a turma se reúne – e reúne muita gente, 100, 120 pessoas – se tá mesmo ali pra dizer o que pensa, tomar uma decisão, se equilibrar, dar seu parecer, ou se fica descobrindo o que a equipe quer que se diga, comentou Siena. Na última assembleia todo mundo diz que o Dom não abriu a boca, só escutou o que a gente decidiu, e eles decidiram pela divisão da terra. Mas tem gente que participou da reunião, aprovou a divisão, mas não abriu a boca e é contra a divisão. Agora, diz que eles, os outros, foram dividindo...

– É isso mesmo, anuiu Joana. O pessoal concordaram com o que o pessoal fala, decide. Depois chega na esquina e fala “ah, mas eu não estava de acordo com ele”. E tem gente que antes tava de acordo com o que foi decidido na reunião, mas quando esse aí fala que não tava de acordo, ele também aprova.

– Não sabemos aí o que é, o que é mesmo pra gente dizer, cês aí não sabem? Falou Pablo, imitando o jeito do pessoal da serra. Em todas as reuniões é sempre um grupo menor que fala mesmo e que depois toma conta da mão. Eles não se reúnem sozinhos. Parece que se acostumaram a baixar a cabeça a tudo e a todos e só se mexem se forem cutucados, mesmo diante das necessidades que são deles. Se a gente não cutuca, como vai ser?

– De qualquer modo eles falaram um bocado, disse Valdir. Se não é bem o que pensam, é o caso da gente conferir. Primeiro, quando perguntados se a Cooperativa melhorou ou não melhorou a situação deles, quase todo mundo fala que “os mais espertos melhoraram mesmo”. Quem são os “espertos”? São os mesmos de sempre: o Matias, o Jorge,

o Osvaldo. Quem mais? Não dizem. Depois, eles sempre se referem que o Dom libertou o povo ao acabar com a renda.

– Pelo menos isso eles parecem reconhecer, interveio Siena. O bispo tem no sangue a paixão pelos camponeses, pela sua causa, quer ver essa turma feliz, donos de suas terras, e participando de tudo, ouvindo com todo esse desejo de aplicar tudo o que ele tinha escutado no Concílio, essa igreja onde o povo começa a ter voz e vez. Chega aqui na Diocese, encontra o povo, e o povo que ta aí é o povo camponês, sem terra, sofrido, massacrado. Chega aqui, encontra a Diocese com essa facilidade, essa terra de patrimônio. Aqui em cima, essa terra boa, favorável... Então, diante dessas artes desejo dele, carregando dentro dele essa paixão pelo homem do campo, querendo ver esse homem feliz, e com esse desejo de ver essa Diocese, que se volte, que dê prioridade a esse homem do campo e, como a Diocese tem terras pra oferecer, é claro que ele teve que fazer as articulações necessárias, com aquilo que ele sonha. Quando ele se apaixona, a coisa vai mesmo...

– Então, isso foi uma paixão do Dom? inquiriu Valdir com ênfase.

Siena parece haver se dado conta de que havia feito um panegírico e tentou consertar:

– Em grande parte teve uma motivação forte aí. A partir daí começa a conversar com outras pessoas, se articular, começam os projetos a sair. Aí, nesses projetos, aí muito sem a participação do povo, e foi pouco a pouco criando uma distância, né? Que piorou com a chegada de dinheiro de fora.

– Piorou? Valdir voltou a questionar.

– A casa da vovó se animou mesmo com a chegada do

dinheiro, continuou Siena. A gente sabe que, do jeito que a turma está, não se começa nada sem um pouco de dinheiro. Mas quando entre o dinheiro, a turma não entende. É uma contradição. A gente sabia que a motivação forte de um trabalho comunitário era a oportunidade que eles tinham de trabalhar em conjunto, se ajudar uns aos outros. Mas depois eles tinham que receber uma diária. A gente fazia reunião, trabalhava, conversava, mas a motivação mesmo era receber o dinheiro. A gente bem que tentou estimular o adjunto, o mutirão, pra gerar a união, mas aí é muito mais difícil. E pro cara que passa muita necessidade, realmente o dinheiro não é coisa demais que ele está vendo...

– Quando aparece, imagine, um dinheiro fácil, que não custou nada, não custou nada do nosso suor, aí não há efeito educativo nenhum, acrescentou Joana. E o Dom passa a ser só uma ótima pessoa, nada mais...

– Nem isso, disse Pablo. Pro pessoal daqui o bispo é como outro patrão qualquer, que está interessado nestas terras, que tá brigando por terra, tá criando confusão, que é capaz de botar o pessoal na justiça.

– O problema de fundo é que nunca foi dada a possibilidade pro pessoal decidir sobre seus próprios rumos, interferiu Siena. Quer dizer, não houve a possibilidade de crescimento. Mesmo algumas lideranças que se destacaram, na época não sei bem se eram mesmo lideranças, elas eram o pessoal mais próximo das equipes, era o pessoal que interferiu mais nas decisões, mas não sei se eram lideranças consagradas, se eram vistas como lideranças pelo pessoal que mora aqui. O resto do pessoal ficou completamente de fora do processo.

– E você acha que se o pessoal tivesse ficado sem interferência nenhuma eles estariam aonde? inquiriu Valdir. Eles nem sabiam que os reideiros eram a causa da sujeição em que viviam. Eles enxergavam que eram cativos, viviam mal, mas era só. Quanto tempo eles levariam para descobrir sozinhos isso? Se não é justo lhes impor um caminho tão alto, é justo deixá-los na completa ignorância? Esse é um negócio complicado. O pessoal passou de um regime de escravidão ou semi-escravidão para uma coisa comunitária que – blum! – mas foi um pulo mesmo. E é o que eles guardam na memória, a grande vitória da comunidade, que eles contam como uma vitória da Cooperativa. Foi isso: “o Dom libertou a gente dos reideiros, da renda”. Pra eles, liberdade é isso. Pra nós é um passinho pequeno. Mas, pra eles, é imenso...

– Eu sinto que esse peso que tinha de uma situação anterior já era grande. A Cooperativa veio talvez para complicar um pouco mais, mas não sei se o peso que a gente tem dado aos erros da Cooperativa, não sei se seria tão “pesados”. Siena mostrava hesitação.

– Eu sinto que foi um chapéu muito grande para uma cabeça muito pequena, ponderou Pablo. Uma queimação total de etapas. Se partiu de um sonho muito alto, muito idealista, sem levar em conta a realidade em que estava o povo. Então, foi um desencontro total. As equipes e tudo o mais colaboraram. Um plano bem lá na frente, em que a turma foi provocada a dar um salto muito alto. As equipes que vieram, por mais dedicadas e generosas, e amor ao povo que tenham tido, não tiveram condições de se integrar na realidade em que o povo vivia. As equipes vinham de fora, vinham poucas vezes e sem conhecimento nenhum da realidade.

– O Matias disse isso, exatamente, atravessou Valdir. Só que ele foi um dos espertos que se aproveitou desse chapéu grandão.

– Mas é verdade! continuou Pablo. Todos sem conhecimento profundo do povo. E, pior, com mais poder que a própria diretoria. E aqui o povo é muito difícil. Quando tentamos compartilhar com ele o poder, no sentido de dividir as mínimas coisas da comunidade, as pequenas intrigas aparecem. Onde tem capela tem capelinha. Quando se quer fazer qualquer coisa, um não quer entrar, assumir esse problema, porque vai desgostar fulano. Fulano é quem está ligado a seu compadre, isso vai trazer um pé de briga, né? Então, nas mínimas coisas da comunidade é difícil assumirem. Quando entra dinheiro... Por isso é que a gente tem certa rejeição a dinheiro vindo de fora.

Joana se aprumou melhor e pediu a palavra pela ordem. A turma riu.

– Eles tão todinhos debaixo do patrão, tão acostumados a ser mandados, e há quem aprendeu a mandar também. Aí, quando a gente olha esse gigante aqui em cima, do povo serrano muito mais lento, não é? A coisa aqui vai muito mais devagar, muito mais frio do que o sertanejo. O povo da serra é muito tradicional. Comunista pra eles é a besta fera, a pior coisa do mundo que se possa imaginar. Então, quando os patrões querem afastar o pessoal, basta dizer que é comunismo... esse padre é comunista, essa freira é comunista... esse agente da pastoral é comunista... É uma maneira de afastar o pessoal. Eles não sabem bem que fantasma é esse, mas sabem que o comunismo tem que arribar. Então, foi uma experiência avançada demais, um desnível muito grande em

relação à realidade do povo, e sem continuidade nenhuma. Eu imagino essas mulheres aí em grupo, descendo para enfrentar o João da Baixa, com essas enxadas... Acho que não tavam nem conscientes do risco que tavam correndo.

– Ninguém falou dessa luta, interrompeu Siena. Ninguém cita, nenhum homem, nenhuma mulher. Nada, ninguém sabe dizer. Eu conheço tudo isso há mais de seis anos. Cada ano a gente vem fazer a festa da padroeira e faz a avaliação. É a mesma coisa: eles têm uma passividade impressionante. Aí, quando a gente ouve do Valdir que aquelas mulheres desfilaram para enfrentar o seu João...

– Com facão na cintura, acrescentou Joana.

– Mas existiu isso? voltou a perguntar Siena.

– É claro que existiu, confirmou Joana. Mas não era assumido.

– Alguns nem lembram disso. E ninguém falou em “luta”... reiterou Siena.

– Se existiu, elas não tinham consciência, sugeriu Pablo.

As opiniões se sucediam, rapidamente.

– E desde quando o povo tem consciência quando entra na luta? Quem é do povo que sabe que está lutando? perguntou Valdir. Muitos poucos. Se fosse todo mundo muito consciente, o povo tinha memória.

– Eu, quando ouvi, falei: meu Deus, eu nunca achei, assegurou Joana.

Todo mundo falava sobre o assunto, mas Valdir esperou a exaltação baixar antes de acrescentar:

– Eu conversei com a dona Maria, que foi uma das mulheres que participou do mutirão em que houve esse negócio

da Baixa do João. Dei todas as dicas pra ela contar o caso – mas o roçado, cês plantaram lá no roçado, o cara não queria, e a terra era do santo, e não sei o quê – mas nada, não falou! Conversei também com a Das Dores, uma das mais combativas: também não abriu a boca. Pode, então, ser as duas coisas: uma, porque, realmente, não foi uma experiência vivida com consciência, ai esqueceram. Ou pode ser que estejam escondendo.

– Não devem de estar escondendo, asseverou Siena. Não é o costume delas. É uma coisa que elas devem ter feito assim entusiasmadas demais, depois visto um pouquinho...

– Que foi perigoso... acrescentou um.

– ... que foi perigoso, então, ó, tapa tudo, né! acrescentou outro.

– ... melhor não comentar, né? Vai ver que é um papo entre elas, assim de não... disse mais um.

– Parece até uma anestesia, sei lá, um entusiasmo que não tinha raiz, não tinha base, opinou Pablo. Então, eles viram que era perigoso, depois ficaram assombradas. Acho que sepultaram aquilo como que “Pelo amor de Deus!”. Quer dizer, é um perigo inglório. “Ave Maria, perigoso mesmo, num digo nem sei”. Quer dizer, é impressionante como é, a gente ouve contar o acontecimento e vem encontrar o quê? Também, depois, com a continuação que eles foram talvez compreendendo melhor as coisas, que vê de longe os feridos, né, as ameaças, todos esses outros casos, essas lutas que tão por aí, o pessoal que morre nessas lutas, eu acho tudo isso mais do que um motivo... agora eu imagino, como quem diz assim, sabe que o risco que correu, ficou doido...

– Até agora ninguém também tocou na luta contra os

rendeiros, ninguém pegou, olha, nem disfarçadamente... disse Valdir.

– Não me pareceu que era medo de contar...ponderou Joana.

– ... de esconder, elas têm essa prática de esconder? questionou Valdir.

– Têm, têm! Os homens também. Se não quiser dizer, não diz, né... Mas já ouvi uns que falaram na luta contra os rendeiros, que pegaram as espingardas e mataram a criação. Acho que não podemos passar assim de liso, plum!

Pablo procurava lembrar-se das conversas que tivera com moradores de São Loganso, e continuou:

– Mas ninguém falou de facão, que é uma luta específica. Falou de outra, que quebrava a cerca do gado, de matar a criação, que teve ameaça de quebrar o pé, a perna, o braço, de bater nas mulheres. E elas enfrentaram, e continuaram matando as criação, até que eles pararam de ameaçar.

– Mas essa é recém. E quem garante que daqui a dez anos elas vão lembrar disso também? perguntou Valdir. E eles têm alguma coisa na história antiga. Essa D. Maria, depois que eu contei toda a história, ela disse: “Ô, Boanerges, lembra daquela vez”. O Boanerges confirmou: “Teve, teve, mas a gente foi e não era a terra, então a gente voltou atrás”, e acabou a história. Eu fiquei meio na dúvida. Num primeiro momento parecia que ela dizia: “Puxa vida, mas teve mesmo, né!”. Depois ela emendou pra outra história: “elas foram, plantaram e desistiram da roça”. Então, pra ela, não teve o negócio de ter a terra. E eu sei que teve, porque vi.

– Mas o incrível é que eles nem falam mal dos rendeiros, acrescentou Pablo. Quando eles querem falar mal de alguém,

vão falar do tempo do cangaço. Ultimamente? Não, de 1940...

Joana interrompeu com um gesto:

– Há duas semanas o Mané da Zica foi tirar lenha na terra do Raimundo Alpes, que nem mais rendeiro é, que agora vive como qualquer outro, e o seu Raimundo falou pra ele: “O senhor deixa esses dois feixes de lenha no chão”. E ele largou os feixes de lenha no chão. Perguntei pra ele por que deixou a lenha lá. Ele não soube explicar. Era tão acostumado a obedecer ao rendeiro que ainda não se acostumou que a coisa mudou, que o outro é igual a ele, não tem mais poder nenhum. Foi embora pra casa, sem nada, depois de ter passado a tarde inteira pegando lenha.

– Eles nunca dizem que tiveram problema com os rendeiros, retomou Pablo. Só dizem que a renda era pesada. No máximo falam que o Alpes era um carrasco. Uma parte mal sabia entender como trabalhar sozinho sem a renda. A partir do momento que viu a terra livre, teve gente que caiu no engodo do vizinho. Esse falou: “eu compro a mandioca”. Aí, quando o cara que comprou a mandioca fez a colheita, o que vendeu pediu: eu quero minha terra de volta, que tava plantada, né. Mas o que comprou ripostou: “não, comprei sua terra junto com a mandioca”. E ele deixou, porque pra ele o que valia era a palavra. Achou que tinha dado a palavra e perdeu a terra.

Alguém bateu à porta e, logo depois, avisou:

– Sou eu, Maria.. Abre aí seu Zé, que eu vou fazer um café pr’ocês

Siena levantou-se e foi abrir. Maria deu “boa noite” para todos e dirigiu-se para o fogão. Siena voltou a sentar-se e tomou a palavra:

– Do ponto de partida tinha uma situação de muita miséria. Então, primeiro tinha que dar condições pra poder haver um passo. Mas parece que as condições vieram muito em cima, sem a participação do pessoal. Também é difícil quando pretendo saber se tem ou não a possibilidade de ter alguma coisa comunitária, procurar saber como é que pode existir uma coisa que possa desabrochar numa comunidade. A experiência parece que rachou todo mundo, não sei se já era rachado antes. A gente pega pelo pessoal da rua, ali, que desce e tá meio a meio. A educação política não poderia avançar, pelo menos aqui tá muito direta a questão do avanço político com o avanço das relações de trabalho, da produção. Eles nunca poderiam entender muito bem uma produção, por exemplo. Acho que não é por acaso que os melhores, os que se saíram melhor, foram os mais expertos na produção da lavoura e da criação. Quer dizer: o Matias; teve outro que aprendeu a explorar o vizinho; teve um que conseguiu vender na feira; outro que conseguiu variar mais a produção, né... Mas, politicamente, não houve como trabalhar com eles. O resto, nem a produtividade não conseguiu resolver. Comparado com a comunidade, o Matias é quase um capitalista, mas a própria técnica dele ainda é atrasada. Então, é complicada a educação política sem fazer aquelas coisas básicas de plantar de leira ou não de leira. Por exemplo, o Matias fala que o pessoal não aceita soja. Teria que ser mandioca, fazer farinha de mandioca. Mas o Matias está plantando uva, é isso mesmo, uva, banana, romã, fruta de conde, pinha, tudo... Aí, o pessoal ia produzindo mandioca, mas teria sido muito mais avançado, e a equipe estava correta, do ponto de vista técnico e econômico, produzir outras

coisas, não a farinha de mandioca. Mas como é que isso vai entrar na cabeça do pessoal? E, se eles não resolvem isso, como é que eles podem avançar politicamente? Em termos de solidariedade, de comunidade e dessas coisas? Acho que não daria para avançar separadamente.

– A impressão que me dá é que a coisa teria que ter sido muito modesta, opinou Joana. Partir caminhando com o povo, do que eles estão vivendo, experimentando, e a partir dessa ação desse tipo é que vai o processo de educação política.

– Outro ponto é o problema do regime de escravidão em que eles viviam, continuou Siena. Passar daí prum regime de Cooperativa, sem passar por uma experiência individual de posse da terra, deve ter dado um nó na cabeça deles. O fracasso dos mutirões foi puramente por falta de disciplina, porque eles tiravam o dinheiro dos dias que trabalhavam e aplicavam nas suas posses. Quer dizer, aqueles mais ativos se aproveitaram disso e passaram a adquirir recursos. Uns levantavam às sete horas, outros às oito, outro às nove, outro que ia lá, passava lá e depois não voltava...

Maria interrompeu novamente, mas desta vez com as canecas fumegantes de café. Siena pegou o seu e continuou com sua voz grave e solene:

– O pessoal pode ter a terra pra vir daí o processo de luta, surgirem as diferenças entre eles, porque uma grande preocupação do pessoal na divisão da terra é que quando essa terra for dividida tem muita gente que não vai trabalhar na terra, que vai vender o seu lote. Então, vai aparecer rico aqui, e aqui é um lugar só de pobre. E, aparecendo rico vai trazer problema pra gente. O Matias já é um rico. Vai

comprando os pedacinhos das outras pessoas. Quem tá no aperreio e quer vender a gleba, ele compra. Ele diz que tem gosto, que tem pena de ver pedaço de terra baixa sem plantar coisa nenhuma e virando pasto de animal. Ele tem gosto e vontade de plantar. Quando ele vende alguma coisa, ele vende formado, já é um sítio com tudo de plantado...

– Também tem o pessoal que não é sócio, atalhou Joana. São os novos, os de 30 anos, que são filhos dos sócios antigos, ou que chegou, e que tá preocupado. Também tem as viúvas, que é uma população grande. Tem muita viúva aqui. Tem as mulheres que os maridos foram para o Sul e não voltaram, que estão sozinhas e não têm onde se encaixar. Então tá uma espécie de grande confusão e cada um só pensando no “e pra mim”. Os agentes diocesanos não conseguiram se colocar, se sentar dentro da situação. Como é que é caminhar junto com o pessoal? Só achando o que pode motivar? Quando você organiza, você sai de perto para ficar de cima, né?

– Eu não tô achando que o trabalho da Cooperativa foi totalmente desastroso, ponderou Pablo. Esse pessoal que melhorou um pouco de vida, eles conseguiram sair fora da meia e da terça. Dizem: “Ah, meu filho, eu entrei pra Cooperativa de precisão. Eu, pra entrar, pra aposentar, falaram que era coisa de comunista, mas eu tô com meu buchinho cheio, tudo. E se comunista é homem, eu não tenho medo não, porque eu só tenho medo de besta-fera”. Mas tem uma parcela que não conseguiu sair disso, não conseguiu nada, é aquela parte mais mole.

– O coração agora tá pagando o preço de triturar... filosofou Joana. Tem uns que dizem ter fé em São Loganso que essa terra não se reparta. Outros que dizem que esses aí

vieram por último pra cá, sabem que não têm direito, então têm fé em São Loganso, né? Assim, faz dois anos que tão tentando dividir... Vêm os técnicos, o pessoal não colabora, eles voltam, não dá certo. Estão enrolando, é uma resistência do jeito deles, mas vai ser outro dismantelo. Os grandes já estão cercando tudo, tão todos de olho. Os pequenos vão se desfazendo do seu pedaço de chão. Então, o que vai acontecer, se não dividir? A terra vai ficar da comunidade, ou dos que compraram todos os serviços aos bocados, como o Matias?

– Quer dizer que é a maior confusão, quis saber Valdir?

– É! confirmou Joana. Têm uns grandes que dizem: “Besteira, pra que dividir? Deixa como está!” Tem os novos que estão chegando, e perguntam: “A terra do Santo é pra todo mundo, não é?” Mas têm outros que tão em melhor situação, que já têm um pedaço de chão arrumado e são pela divisão. O único certo é que, se continuar como está, é ficar baldando em ferro frio. Não há interesse comum de tomar conta do rolo da terra.

A conversa entrou num ponto morto. Começavam a ser repetidas as mesmas histórias e opiniões. Siena olhou para Valdir e indagou:

– E você, o que tem a dizer? Falou pouco, só perguntou, e não disse nada. Não é hora de contar pra gente um pouco do que viu e sentiu?

Valdir assentiu:

– Tem razão. Mas o que eu posso dizer são algumas opiniões, um resumo do que acho das atitudes, opiniões e sentimentos do povo daqui. Não sei se elas são as mais acertadas. Talvez se eu não tivesse vivido aqui, ficado aqui quase o tempo todo, eu talvez pensasse diferente. Mas como eu

vivenciei a experiência, como eu ia pra roça com o pessoal, eu aprendi um pouco sobre o jeito como eles são. Então, eu queria pedir a vocês que levassem em conta isso quando pensassem em ser contra ou a favor do que eu vou dizer.

Olhou para todos, que assentiram com leve gesto de cabeça, e continuou:

– Primeiro, todo mundo tem uma atitude negativa diante dos resultados da experiência. Mesmo os lavradores que admitem haver melhorado, negam sua própria capacidade de fazer algo sério, de comandar sua própria vida. Os que enricaram, como todos os outros, acham que só os de fora teriam condições de levar adiante o trabalho da Cooperativa. Mas também não acreditam nos de fora, embora achem que as equipes fizeram muita coisa boa, enquanto o povo não quis nada. Por outro lado, o bispo teria errado muito com o pessoal, e o bispo, no caso, é representado pelas equipes, porque o pessoal não correspondeu. O erro principal do Dom teria sido acreditar nas pessoas de São Loganso.

Valdir deu uma breve parada, mas como ninguém ameaçou falar, continuou:

– O pessoal das equipes também concorda que a experiência partiu de um sonho, muito alto, muito idealista, sem levar em conta a realidade do povo. Assim, a marca mais evidente é a frustração com a prática da educação e com os resultados do trabalho comunitário. Mas, com exceção dos foreiros antigos, todos, quase todos os lavradores, distinguem o antes e o depois da Cooperativa, fazendo uma avaliação positiva do depois. Foram libertados, acabou a cobrança da renda. Como, então, avaliar a experiência só tomando como base os objetivos estabelecidos? Têm alguns

que acham a experiência um retrocesso, porque houve um descrédito dela, porque ela causou muito desgaste, não avançou na conscientização, politização e organização do pessoal, e caiu numa apatia tão grande quanto antes.

– Mas tudo isso não é verdadeiro? quis saber Joana.

– Pode ser, continuou Valdir. Mas não se pode esquecer as condições de existência dos lavradores e seu grau de consciência quando começou a experiência. Nem se pode desprezar a situação em que vivia o Brasil naquela época. Só tomando isso como referência se pode avaliar as condições atuais de vida deles, em todos os aspectos. Antes da lei da Cooperativa, as condições eram mesmo abjetas. Eram resultado da subordinação dos camponeses aos foreiros. Eram condições espoliativas, que impediam qualquer avanço na agricultura local. As proibições, não plantar isso, não plantar aquilo, eram uma trava à diversificação agrícola, à introdução de técnicas e ao aumento da própria produção. Essas relações de subordinação deformavam o homem, o ser humano. Impediam o pessoal de ter criatividade, de ter vida social. Aqui não se criou qualquer tipo de artesanato que chame a atenção. Aqui não surgiu uma cultura popular. Não há folclore, não há música, não há dança, não há nada cultural que possua alguma tinta local.

– Nem a festa de São Loganso tem tradição musical aqui, ponderou Pablo.

– Mas tem uma longa história de opressão, com lances de selvageria, que criou uma população conformista, desunida por mil e uma querelas e, ao mesmo tempo, amarrada por inúmeros laços de parentesco, compadrio ou favor aos poderosos que a exploravam, reiterou Valdir. Que esforço

sério, na história anterior à Cooperativa, as pessoas daqui fizeram para se associarem e lutarem? É difícil encontrar isso na memória deles. As histórias das lutas que eles contam são sempre de outros lugares, nunca daqui. E se a gente conversa com eles, não é tão difícil descobrir que a maioria continua, ainda hoje, a não ter consciência da exploração que eram submetidos pelos foreiros. E têm muitos, aí, que ainda preferem ajustar-se à dominação, em vez de enfrentá-la, como aqueles que preferiam pagar renda a vir para a Cooperativa.

– Mas há, também, os que dizem que o Dom viu como eles viviam e decidiu libertar as terras e libertá-los da renda, atalhou Siena.

– É verdade! assentiu Valdir. Mas eles não responsabilizam os foreiros, não os atacam. Dizem que a terra era cativa e eles viviam na escravidão da renda. A renda aparece como um ente mitológico, um demônio que aprisiona as pessoas, não uma criação humana. Não vão além disso. Nessas condições, a Cooperativa era uma ideia generosa, mas externa e estranha a eles, longe das necessidades surgidas de sua própria atividade e luta. Eles não entendiam sequer o significado do termo “luta”, e não poderiam entender a Cooperativa, por menor que fosse. Foi uma agressão a todos os parâmetros que até então norteavam suas vidas.

Valdir fez uma pausa e, como ninguém se manifestou, seguiu adiante:

– A obediência e a fé na Igreja, nas leis da Igreja e de Deus, salvou-os de repudiar violentamente a experiência, e conseguiu amainar e suavizar as resistências e desconfianças. Mas não as superou. Ela não foi jamais assimilada e só

conseguiria manter-se se impusesse como um novo dominador, mesmo benigno. Por isso, até hoje persistem as mais diferentes versões e interpretações sobre a Cooperativa e suas motivações. E, também, sobre o Dom e suas motivações.

– E também sobre vosmicê e as compras da terra, brincou Joana.

Todos riram, incluindo Valdir, que prosseguiu:

– É isso aí, virei comprador de terras de Santo e escravizador comunista. Diante disso, o que deveria ter feito a Diocese após constatar a situação dos lavradores explorados pelos foreiros nas terras do Santo? Poderia ter procedido de outro modo? Haveria outras opções dentro do espírito comunitário de que estava imbuída? Todas eram difíceis e só servem agora para especulação. A história está feita. Os resultados propostos não foram alcançados e, em certo sentido, foram frustrantes. A Cooperativa falhou como instrumento de libertação e de educação dos camponeses no espírito comunitário. Não conseguiu se autosustentar, nem foi entendida e sustentada pelos camponeses.

– Então não valeu de nada? perguntou Siena.

– Eu não disse isso, ripostou Valdir. Contraditoriamente, a Cooperativa melhorou a situação dos camponeses, em geral. A pobreza continua ainda hoje, mas não está funda como antes. Houve aqueles que enriqueceram, segundo a maioria, por haverem se aproveitado da Cooperativa, não devolvendo os empréstimos ou se apropriando de bens pertencentes a ela. Na verdade, os que não enriqueceram também não devolveram os empréstimos e alguns deles também se apropriaram de bens da Cooperativa. Então, deve haver mais alguma coisa que contribuiu para a diferenciação entre

eles. O desarranjo da Cooperativa e a indefinição sobre a propriedade e uso da terra criou uma situação complicada. Aumentaram os atritos com o aumento da população, atritos que parecem mais agudos com a ideia de dividir as terras.

– A desconfiança cresceu, acrescentou Joana.

– É verdade, concordou Valdir. A desconfiança dos camponeses entre si e em relação à Diocese aumentou. O trabalho em grupo ficou mais difícil e seu temor quanto a possíveis reviravoltas tornou-se tão agudo que chegou a apagar da memória alguns acontecimentos de que foram participantes, embora deva-se diferenciar o que nós e eles consideram luta. Tudo isso produz uma grande interpretação negativa.

– De novo parece que você quer evidenciar o fracasso, repetiu Siena.

– De novo eu quero evidenciar, retomou Valdir, que é uma contradição que a maioria ache que melhorou de vida, apesar do fracasso da Cooperativa. O fim e o fracasso da Cooperativa são fatos inescapáveis. Mas há inúmeras evidências de melhoria. Por isso, em nossa análise, não basta constatar as evidências, ou as manifestações de melhoria. O importante é descobrir a causa ou as causas dessa melhoria. Eu acredito que foi o fim do processo anterior de exploração, a libertação da meia e da terça, da renda e, em alguns casos, também do dia cativo. Livres dessas cargas, sem obrigação de pagar tributo, os lavradores ficaram em condições de elevar seu padrão de vida. Apesar de não entenderem a profundidade dessa mudança – uma mudança radical nas condições de trabalho e produção – todos a sentem como muito importante em sua libertação.

Valdir olhou o semblante desconfiado da maioria, mas continuou na mesma batida:

– Entretanto, é bom que a gente se alerte que a simples mudança dessas relações não teria causada uma melhoria generalizada se não tivessem havido os projetos e os grupos comunitários. Na verdade, chegou um momento em que, sem condições de tocar sua roça ou roçado, os antigos meeiros e terceiros viam-se na contingência de trabalhar de alugado ou vender sua plantação na folha para os antigos foreiros ou comerciantes, tudo isso nas terras libertas. Assim, sob novas formas, reproduzia-se a mesma situação de dominação e exploração, impedindo que os camponeses aproveitassem as novas relações de trabalho para melhorar de vida. Os projetos, que na ocasião só foram aprovados porque levavam embutida a proposta de trabalho comunitário, serviram, na prática, para capitalizar os cooperados e torná-los capazes de desenvolver de modo autônomo sua produção.

– Quer dizer que você acha que os projetos comunitários deveriam servir para aumentar o individualismo do pessoal? perguntou Pablo.

– O que eu acho, ou deixo de achar, sobre o que deveriam ser os projetos, têm pouca importância. O caso é que, nas condições de São Loganso, qualquer recurso que fosse obtido e canalizado para cá serviria para isso: para capitalizar as famílias e não o trabalho comunitário. Por circunstâncias especiais, históricas, de desenvolvimento da capacidade técnica e produtiva existente, o trabalho comunitário foi apenas instrumento daquela capitalização. Permitiu que os posseiros se vissem livres da opressão dos foreiros, que os mais espertos introduzissem a diversificação das culturas

e de novas práticas e técnicas. Numa experiência cercada de latifúndio, capitalismo e ditadura por todos os lados, dificilmente essas mudanças deixariam de causar uma diferenciação entre os camponeses locais. Isso ocorreria mesmo que a sabedoria, esperteza, má fé ou desonestidade de alguns não houvessem aparecido. Os mais espertos inevitavelmente se aproveitariam melhor das novas condições criadas e realizariam um processo mais rápido de acumulação de riqueza. É lógico que é preciso relativizar essa riqueza. O Matias é rico aqui, mas remediado ou pobre em outros lugares. Mas a operosidade de alguns salta à vista quando se visita seus sítios. Eles possuem fruteiras, plantios diversos, e procuram comerciar sua produção com vantagem. Numa sociedade menos desigual e mais democrática, eles poderiam servir como exemplo para puxar os retardatários. Mas, numa sociedade como a nossa, eles vão comprando os serviços dos vizinhos, ampliando suas posses e riqueza e transformando-se em exploradores.

– Complicado, né! sussurrou Joana.

– Nessas circunstâncias, continuou Valdir, a devolução dos empréstimos seria difícil. Eles mal davam para a subsistência do ano agrícola. Os financiamentos dos mutirões serviram, então, para a sustentação das famílias que tocavam, além dos trabalhos comunitários, sua própria roça. Era uma forma indireta de financiar o trabalho familiar. Os fundos obtidos para os projetos foram a grande alavanca que permitiu aos lavradores da Cooperativa aproveitar as novas relações criadas com o fim da cobrança da renda e seguir um novo caminho autônomo. O que a gente teve aqui foi uma mudança de tipo capitalista democrático. Em certo

sentido, o mesmo caminho que eles seguiriam se as terras houvessem sido distribuídas e eles houvessem se tornado proprietários de pleno direito.

Valdir fez uma meia pausa para conferir o rosto de cada um de seus colegas de reunião antes de concluir:

– Então, o que à primeira vista parece ter sido um fracasso completo, ou um erro, serviu para imprimir um inconsciente e não desejado processo capitalista democrático de evolução, com todas as contradições próprias dele. Comparado com a situação anterior, ou com um processo capitalista comandado pelos antigos foreiros, ele talvez seja menos doloroso e menos bárbaro, embora também tenha algo de selvagem. A população de São Loganso vive, então, uma realidade nova, muito diferente daquela de vinte anos atrás. Surgiram novos hábitos, novas ideias, novos costumes. Até o conformismo e a apatia da atualidade não são os mesmos de antigamente. Essa é a nova realidade de São Loganso. Talvez a gente não queira vê-la porque desejaria enxergar outra. Isto é o que eu penso.

\*\*\*\*\*

O silêncio da noite penetrou na sala, trazido pela brisa das primeiras névoas que costumam envolver a serra.



Página<sup>PT</sup>13  
EDITORA

ISBN 978-856250840-0



9

788562

508400